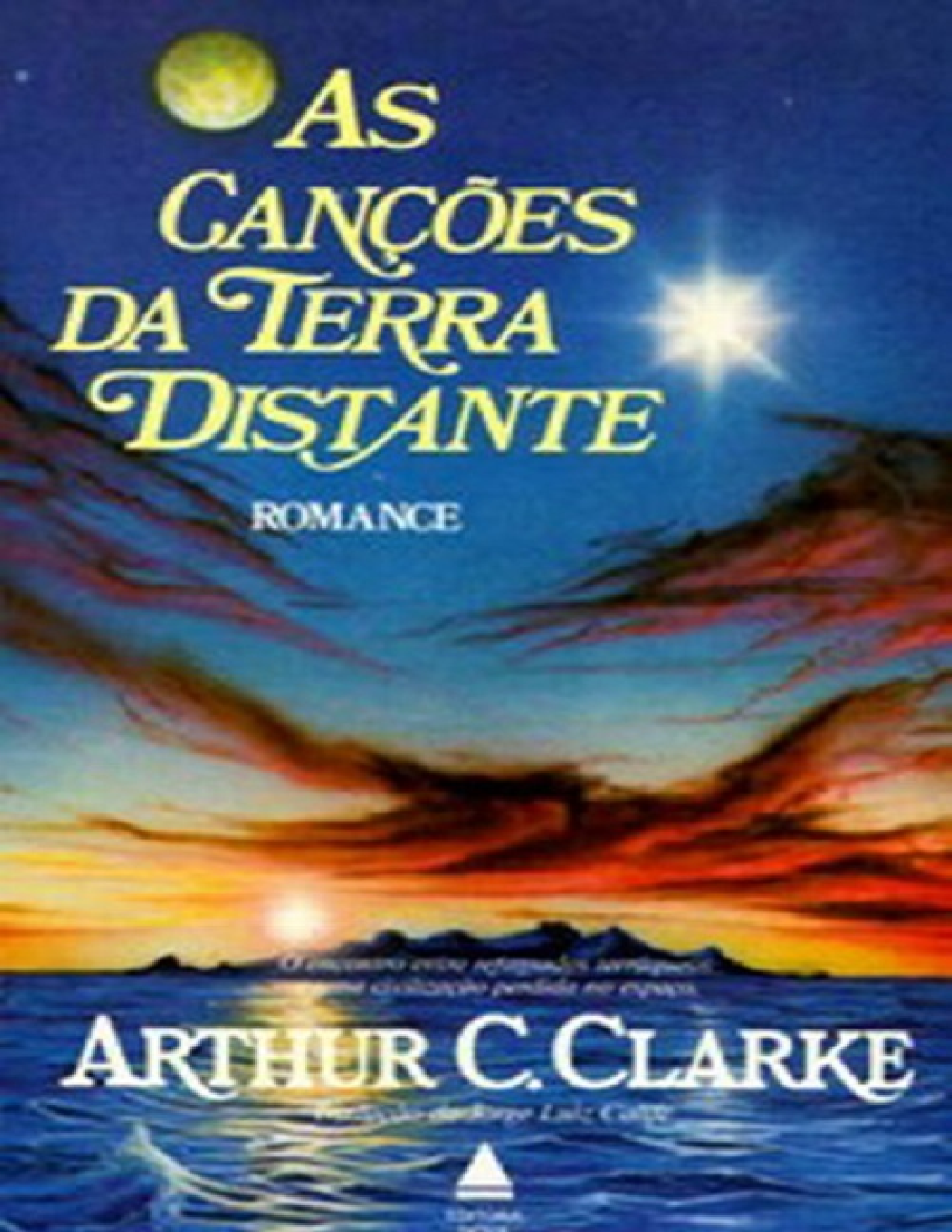




AS CANÇÕES DA TERRA DISTANTE

ROMANCE

*O primeiro livro de ficção científica em português
sobre a civilização perdida no espaço.*

ARTHUR C. CLARKE

Tradução de Jorge Luis Cury



EDICAA
1994



As canções da Terra distante

Existe ou não vida inteligente em outros sistemas planetários? E qual o tipo de contato, violento ou pacífico, que se estabeleceria entre alienígenas e terráqueos? Como e quando será o fim do mundo? Estas perguntas são inquietações Permanentes para todos nós e controvérsias acaloradas para cientistas e autores de ficção científica.

Arthur C. Clarke, um dos mais consagrados autores do gênero, que acumula as duas atividades - Pesquisador científico e escritor - vem reforçar sua contribuição neste campo misto de conhecimento e fazer que é a ficção científica, dando voz e corpo às suas posições através de mais um envolvente romance. Segundo ele, além de caminhar para um cataclismo derradeiro, não estamos sós no universo. Quanto às nossas relações com os "de fora", tudo é possível...

Apenas algumas ilhas espalhadas num planeta selvagem oceânico, Thalassa era um verdadeiro paraíso. Feliz e tranqüilo, o povo de Thalassa deleitava-se em viver bem no seu belo e abastado mundo. Envolvidos pelos encantos e recursos do planeta, aqueles colonos não suspeitavam do colossal evento que repentinamente tomaria lugar sobre seus mares. O idílio de Thalassa seria rompido em breve com o aparecimento de Magalhães em sua órbita.

Protegida por um escudo de gelo que a cercava, Magalhães tinha a aparência fascinante de um enorme cristal esverdeado e resplandecente. Por dentro do iceberg artificial, Magalhães, uma nave espacial de proporções gigantescas, transportava um milhão de refugiados da Terra em estado de hibernação. Eles eram os sobreviventes dos últimos e alucinados dias da civilização humana em seu planeta de origem.

A chegada de Magalhães a Thalassa fatalmente abalaria a calma e segurança dos nativos: a astronave estaria só fazendo uma escala em sua jornada para uma estrela mais distante, como alegou a tripulação, ou a intenção era ficar e estabelecer os passageiros naquele cenário divino?

As canções da Terra distante é o primeiro romance publicado por Arthur C. Clarke depois de 2010: uma odisséia no espaço II. Como em toda a sua vasta obra de ficção, ele orienta sua fantasia com as mais recentes descobertas da física, inclui uma perspectiva sociológica no confronto entre duas culturas tão distantes, arma um enredo emocionante e contagia o leitor com sua paixão pelos mistérios da vida e do universo:

ARTHUR C. CLARKE

**AS CANÇÕES DA
TERRA DISTANTE**

Tradução de Jorge Luiz Calife

Título original: THE SONGS OF DISTANT EARTH

*Para Tamara e Cherene,
Valerie e Hector,
por seu amor e lealdade.*

SUMÁRIO

NOTA DO AUTOR

I - THALASSA

1. A PRAIA EM TARNA
2. O PEQUENO NEUTRO
3. O CONSELHO DA VILA
4. TOCSIN
5. PASSEIO NOTURNO

II - MAGALHÃES

6. QUEDA PLANETÁRIA
7. OS SENHORES DOS ÚLTIMOS DIAS
8. LEMBRANÇA DE UM AMOR PERDIDO
9. A BUSCA DO SUPERESPAÇO

III - ILHA DO SUL

10. PRIMEIRO CONTATO
11. DELEGAÇÃO
12. HERANÇA
13. FORÇA-TAREFA
14. MIRISSA
15. TERRA NOVA
16. JOGOS DE SALÃO
17. CADEIA DE COMANDO
18. KUMAR
19. LINDA POLLY
20. IDÍLIO

IV - KRAKAN

21. ACADEMIA
22. KRAKAN
23. O DIA DO GELO
24. ARQUIVOS
25. SCORP
26. A ASCENSÃO DO FLOCO DE NEVE
27. ESPELHO DO PASSADO
28. A FLORESTA SUBMARINA
29. SABRA
30. O FILHO DE KRAKAN

V - A SINDROME DO BOUNTY

31. PETIÇÃO
32. CLÍNICA
33. MARÉS
34. REDE DA NAVE
35. CONVALESCENÇA
36. KILIMANJARO
37. IN VINO VERITAS
38. DEBATE
39. O LEOPARDO NA NEVE
40. CONFRONTAÇÃO
41. CONVERSA DE TRAVESEIRO
42. SOBREVIVENTE
43. INTERROGATÓRIO

VI - AS FLORESTAS DO MAR

44. BOLA ESPIÃ
45. ISCA
46. O QUE QUER QUE OS DEUSES SEJAM...

VII - ENQUANTO AS CENTELHAS SOBEM

47. ASCENSÃO

48. DECISÃO

49. FOGO NO RECIFE

VIII - AS CANÇÕES DA TERRA DISTANTE

50. ESCUDO DE GELO

51. RELÍQUIA

52. AS CANÇÕES DA TERRA DISTANTE

53. A MÁSCARA DOURADA

54. DESPEDIDA

55. PARTIDA

56. ABAIXO DA INTERFACE

IX SAGAN 2

57. AS VOZES DO TEMPO

CRONOLOGIA (ANOS TERRESTRES)

NOTA BIBLIOGRÁFICA

AGRADECIMENTOS

SOBRE O AUTOR

... E em parte alguma, em todo o espaço ou em mil mundos, haverá homens para compartilhar nossa solidão. Talvez exista sabedoria, talvez existam poderes, em algum lugar deste espaço, grandes instrumentos... talvez olhem em vão para os escombros de nossa nuvem flutuante, seus donos ansiosos como nós. Não obstante, sobre a natureza da vida e os princípios da evolução nós já temos a nossa resposta. Quanto a homens em outra parte, além daqui, não existirá nenhum, nunca...

Loren Eiseley, *A imensa jornada* (1957)

Escrevi um livro imoral, mas me sinto puro como um cordeiro.

Melville para Hawthorne (1851)

NOTA DO AUTOR

Este romance baseia-se numa idéia que desenvolvi há quase trinta anos num conto do mesmo nome (agora incluído na coletânea *O outro lado do céu*). Entretanto, a presente versão foi direta - e *negativamente* - inspirada pelo recente surto de *space-operas*^[1] nas telas de televisão e do cinema. (Pergunta: qual é o oposto de inspiração - expiração?)

Por favor, não me interpretem mal: apreciei enormemente o melhor da série *Jornada nas estrelas* e dos épicos de Spielberg/Lucas, para mencionar apenas os exemplos mais famosos do gênero. Entretanto, estes são trabalhos de fantasia, não de ficção científica no sentido estrito do termo. Atualmente, é quase certo que no universo real nunca venhamos a ultrapassar a velocidade da luz. Assim, mesmo os sistemas estelares mais próximos estarão sempre a décadas ou séculos de distância. Nenhuma Dobra Fator Seis poderá levar-nos de um episódio a outro a tempo do capítulo da próxima semana. O grande Produtor no céu não estruturou a sua programação desse modo.

Na última década aconteceu também uma mudança significativa e um tanto surpreendente na atitude dos cientistas com relação ao problema da Inteligência Extraterrestre. O assunto só se tornou sério (exceto entre personagens duvidosos como autores de ficção científica) a partir da década de 60: a publicação de *A vida inteligente no universo* de Shklovskiy e Sagan (1966) foi um marco.

Mas agora houve um recuo: o fracasso da tentativa de encontrar algum vestígio de vida neste Sistema Solar, ou de captar os sinais de rádio interestelares que nossas grandes antenas deveriam detectar facilmente, levou alguns cientistas a argumentarem que "talvez estejamos *sozinhos* no Universo..." O Dr. Frank Tipler, o mais conhecido defensor desse ponto de vista, irritou (propositadamente, sem dúvida) os saganitas, dando a um de seus trabalhos o título provocador de "Não existem extraterrestres inteligentes". Carl Sagan e outros (e eu concordo com eles) argumentam, por seu lado, que ainda é muito cedo para se chegar a conclusões tão amplas.

Enquanto isso a controvérsia se intensifica, costuma-se dizer que qualquer uma das respostas será espantosa. A questão só pode ser decidida com provas concretas e não pela lógica, por mais plausível que seja. Eu preferiria ver esse debate tolerantemente esquecido por uma década ou duas, enquanto os radioastrônomos, como garimpeiros bateando na beira de um riacho, peneiram com calma as torrentes de ruído que se derramam do céu.

Este romance é, entre outras coisas, minha tentativa de criar uma obra de ficção inteiramente *realista* sobre o tema interestelar. Exatamente como em *Prelúdio para o espaço* (1951), eu usava a tecnologia conhecida ou previsível para descrever a primeira viagem da humanidade além da Terra. Não há nada neste livro que desafie ou negue os princípios conhecidos, a única extrapolação realmente extravagante é a "propulsão quântica" e mesmo esta tem uma origem bastante respeitável (ver "Agradecimentos"). Se ela se revelar uma idéia impraticável, existem várias alternativas possíveis. E se nós, os primitivos do século XX podemos imaginar isso, então a ciência do futuro descobrirá, sem dúvida, alguma coisa muito melhor.

Arthur C. Clarke Colombo, Sri Lanka, 3 de julho de 1985

I - THALASSA

1. A PRAIA EM TARNA

Antes mesmo que o barco passasse entre os recifes, Mirissa podia ver que Brant estava furioso. A postura tensa de seu corpo na roda do leme e o simples fato de não ter deixado a passagem final nas mãos capazes de Kumar mostravam que alguma coisa o havia perturbado.

Ela deixou a sombra das palmeiras e caminhou lentamente descendo a praia, a areia molhada puxando-lhe os pés. Quando chegou à beira da água, Kumar já dobrava a vela. Seu irmão caçula, agora quase tão alto quanto ela e com uma sólida musculatura, acenou alegremente. Muitas vezes ela já desejara que Brant compartilhasse a natureza amável de Kumar, que nenhuma crise parecia capaz de perturbar.

Brant não esperou que o barco atingisse a areia e saltou para a água, que lhe atingiu a cintura, e veio espadanando furioso em direção a ela. Carregava uma massa retorcida de metal, enfeitada com fios partidos que exibiu para sua inspeção.

- Olhe - gritou ele. - Voltaram a fazê-lo! - Com a mão livre apontou na direção norte do horizonte. - Desta vez não vou permitir que escapem impunes! E a prefeita pode dizer o que bem quiser!

Mirissa ficou de lado enquanto o pequeno catamarã, qual fera marinha primitiva fazendo sua primeira incursão em terra firme, subia lentamente para a praia, movendo-se sobre seus cilindros externos de rolamento. Assim que deixaram a linha da água, Kumar desligou o motor e saltou para juntar-se ao comandante, que ainda estava furioso.

- Eu já disse a Brant que deve ter sido um acidente - disse ele. - Talvez uma âncora de arrastão. Afinal, por que os motoristas fariam uma coisa assim, deliberadamente?

- Eu lhe digo por quê - retrucou Brant. - Porque eles são muito preguiçosos para desenvolverem a tecnologia sozinhos. Porque eles têm medo de que nós apanhemos peixe demais. Porque...

Ele percebeu o sorriso do outro e lançou a cama-de-gato de arames partidos girando em sua direção. Kumar a apanhou sem dificuldade.

- De qualquer modo, ainda que *seja* um acidente, eles não deviam estar ancorando aqui. Está área está assinalada claramente no mapa: AFASTE-SE - PROJETO DE PESQUISA. Por isso vou fazer um protesto.

Brant já havia recuperado seu bom humor, mesmo suas iras mais violentas não duravam mais do que alguns minutos. Para mantê-lo no estado de espírito adequado, Mirissa começou a passar os dedos pelas suas costas, falando com ele em sua voz mais tranquilizadora:

- Pegou algum peixe bom?

- É claro que não - respondeu Kumar. - Ele só está interessado em apanhar estatísticas de quilogramas por quilowatts, esse tipo de coisa. Felizmente eu levei minha vara. Assim teremos atum no jantar.

Ele estendeu o braço para dentro do barco e puxou para fora quase um metro de força e beleza

hidrodinâmica, um peixe cujas cores se apagavam rapidamente, os olhos já vidrados pela morte.

- Não se pega um destes com frequência - disse orgulhoso. Eles ainda estavam admirando o peixe quando a História retornou a Thalassa, e o mundo simples, tranquilo, que tinham conhecido durante suas vidas ainda jovens terminou abruptamente.

O sinal de sua passagem escreveu-se no céu, como se uma gigantesca mão tivesse passado um pedaço de giz sobre a cúpula azul do firmamento. Mesmo enquanto observavam, o brilhante rastro de vapor começou a se esfiapar nas bordas, quebrando-se em fiapos de nuvens, até dar a impressão de que uma ponte de neve tinha sido lançada de um horizonte ao outro.

E um trovão distante rolou pela orla do espaço. Um som que Thalassa não ouvia há setecentos anos, mas que qualquer criança poderia reconhecer imediatamente.

A despeito do calor daquela tarde Mirissa tremeu e sua mão procurou a de Brant. Embora seus dedos se fechassem em torno dela, ele parecia nem reparar: tinha os olhos ainda voltados para o céu fendido.

Até mesmo Kumar parecia intimidado, embora fosse o primeiro a falar.

- Uma das colônias deve ter nos descoberto.

Brant sacudiu a cabeça de um lado para outro, sem muita convicção.

- Por que se importariam? Eles devem ter os velhos mapas, sabem que Thalassa é quase toda um oceano. Não faria sentido nenhum vir aqui.

- Curiosidade científica? - sugeriu Mirissa. - Para ver o que aconteceu conosco? Eu sempre disse que devíamos consertar aquele sistema de comunicação...

Era uma antiga controvérsia, sempre retomada a intervalos de algumas décadas. Um dia, acreditava a maioria das pessoas, Thalassa realmente reconstruiria o grande prato da Ilha Ocidental, destruído quando Krakan entrara em erupção há quatrocentos anos. Enquanto isso, havia muita coisa mais importante ou simplesmente mais divertida.

- A construção de uma nave estelar é um projeto *enorme* - disse Brant, reflexivo. - Não acredito que nenhuma colônia o fizesse a menos que fosse obrigada. Como a Terra...

Sua voz ficou em silêncio. Depois de tantos séculos ainda era um nome difícil de pronunciar.

E como se fossem apenas uma pessoa, voltaram-se para o leste, onde a rápida noite equatorial avançava através do mar.

Algumas das estrelas mais brilhantes já emergiam, e acabando de se elevar acima das palmeiras encontrava-se o grupo pequeno e inconfundível do Triângulo. Suas três estrelas eram quase da mesma magnitude mas uma intrusa muito mais brilhante tinha reluzido por algumas semanas próxima à ponta sul da constelação.

Sua carcaça encolhida era ainda visível num telescópio de médio alcance. Mas nenhum instrumento poderia mostrar as cinzas orbitantes que um dia foram o planeta Terra.

2. O PEQUENO NEUTRO

Mais de mil anos depois, um grande historiador chamara o período de 1901 a 2000 de "o século em que tudo aconteceu". E acrescentou que as pessoas da época teriam concordado, mas por motivos totalmente errados.

Elas teriam indicado, freqüentemente com justificado orgulho, as conquistas científicas da época como sendo as do ar, da liberação de energia atômica, da descoberta dos princípios básicos da vida, da revolução da eletrônica e das comunicações, do princípio da inteligência artificial e, o mais espetacular de tudo, da exploração do sistema solar e do primeiro pouso na Lua. Mas, como o historiador mostrou, com precisão, nem uma pessoa em mil teria ouvido falar numa descoberta cuja importância transcenderia a todos esses acontecimentos, ameaçando torná-los inteiramente irrelevantes.

Parecia tão inofensivo e tão distante das questões humanas quanto a primeira chapa fotográfica enevoadada que, do laboratório de Becquerel, levou, em apenas cinquenta anos, à bola de fogo sobre Hiroxima. De fato, tratava-se de um subproduto da mesma pesquisa, iniciado com idêntica inocência.

A natureza é um guarda-livros muito minucioso e sempre equilibra os seus livros. Por isso os físicos ficaram extremamente intrigados quando descobriram certas reações nucleares nas quais, depois que todos os fragmentos eram somados, alguma coisa parecia estar faltando do outro lado da equação.

Como o guarda-livros que repõe rapidamente o dinheiro desviado, para se manter um passo adiante dos auditores, os físicos se viram forçados a inventar uma nova partícula. Para justificar a discrepância encontrada ela teria que ser uma partícula muito peculiar, sem massa ou carga elétrica, e tão fantasticamente penetrante que passaria, sem nenhum inconveniente perceptível, através de uma muralha de chumbo com *bilhões* de quilômetros de espessura.

A este fantasma foi dado o nome de "neutrino", formado pela palavra nêutron e mais *bambino*. Parecia não existir qualquer esperança de algum dia se detectar entidade tão impalpável, mas em 1956, através de feitos heróicos de instrumentação, os físicos captaram os primeiros espécimes. Isso constituiu também um triunfo para os teóricos, que agora viam suas equações, tão inverossímeis, verificadas.

A maior parte do mundo nem soube, nem se importou, todavia, a contagem regressiva para o dia do júízo final tinha começado.

3. O CONSELHO DA VILA

A rede local de comunicações de Tarna nunca operava com mais do que 95% do seu potencial, mas, por outro lado, nunca acontecia menos de 85% dela funcionarem ao mesmo tempo, em qualquer ocasião. Como a maior parte do equipamento em Thalassa, fora projetada por gênios há muito mortos, de modo que colapsos catastróficos fossem virtualmente impossíveis. Mesmo que muitos componentes falhassem, o sistema ainda assim continuaria a funcionar razoavelmente bem, até que alguém se irritasse o suficiente para fazer os consertos.

Os engenheiros chamavam isso de "degradação graciosa", uma expressão que, segundo alguns cétricos, descrevia de modo bastante preciso o estilo de vida lassiano.

De acordo com o computador central, a rede oscilava agora em torno dos seus 90% de

funcionabilidade e a prefeita Waldron teria ficado satisfeita com muito menos. A maior parte do vilarejo lhe havia telefonado durante a última meia hora e pelo menos cinquenta adultos e crianças se aglomeravam na sala do conselho, número muito superior ao que ela fora planejada para alojar em pé, para não falar de assentos. O *quorum* para uma assembléia normal era de doze pessoas, e às vezes eram necessárias medidas draconianas para reunir até mesmo esse número de corpos aquecidos num único lugar. Os outros 548 habitantes de Tarna preferiam observar e votar, quando se sentiam suficientemente interessados, a partir do conforto de suas próprias casas.

Tinha havido também dois telefonemas do governador da província, um do gabinete do presidente e outro do serviço noticioso da Ilha do Norte, todos fazendo o mesmo pedido totalmente desnecessário. Cada um tinha recebido a mesma resposta curta: é claro que nós avisaremos, se acontecer alguma coisa, e obrigado pelo seu interesse.

A prefeita Waldron não gostava da agitação e sua carreira política, moderadamente bem-sucedida, fora baseada na capacidade de evitar isso.

Algumas vezes, é claro, isso era impossível. Seu veto dificilmente teria desviado o furacão do ano 09, que até agora fora o acontecimento mais notável do século.

- Todo mundo quieto! - gritou ela. - Reena, deixe essas conchas aí. Alguém teve um bocado de trabalho para arrumá-las! É hora de vocês irem para a cama, de qualquer maneira! Billy, saia da mesa! Já!

A velocidade surpreendente com que a ordem foi restaurada demonstrou que pelo menos dessa vez os cidadãos estavam ansiosos para ouvir o que a prefeita tinha para dizer. Ela desligou o *bip* insistente de seu fone de pulso direcionando a chamada para o centro de mensagens.

- Francamente, eu não sei mais do que vocês e não é provável que tenhamos outras informações por várias horas ainda. Com certeza aquilo era algum tipo de espaçonave que já tinha reentrado, eu suponho que o correto seria dizer que tinha entrado, em nossa atmosfera, quando passou sobre nós. Suponho que, já que não existe nenhum outro lugar para se descer em Thalassa, ela presumivelmente retornará às Três Ilhas mais cedo ou mais tarde. Isso pode levar horas se ela estiver dando a volta em torno do planeta.

- Alguma tentativa de contactá-los pelo rádio? - perguntou alguém.

- Sim, mas até agora não tivemos sorte.

- Será que não deveríamos tentar? - perguntou uma voz ansiosa.

Um breve silêncio se estabeleceu na assembléia, e o conselheiro Simmons, principal crítico da prefeita, bufou de aborrecimento.

- Isso é ridículo. Não importa o que façamos, eles poderão nos encontrar em dez minutos. De qualquer modo é provável que saibam exatamente onde estamos.

- Concordo inteiramente com o conselheiro - disse a prefeita Waldron, apreciando essa rara oportunidade. - Qualquer nave colônia certamente terá os mapas de Thalassa. Eles podem ter mil anos, mas indicarão o local do Primeiro Pouso.

- Mas suponha, apenas suponha, que se trate de alienígenas.

A prefeita suspirou, julgava que a tese tinha morrido de exaustão há séculos.

- Não existem alienígenas - disse ela com firmeza. - Pelo menos nenhum com inteligência suficiente para viajar pelas estrelas. É claro que nunca poderemos ter cem por cento de certeza, mas a Terra pesquisou durante mil anos com todos os instrumentos concebíveis.

- Existe outra possibilidade - disse Mirissa, que estava de pé junto com Brant e Kumar no fundo da sala. Todas as cabeças se voltaram em direção a ela, o que deixou Brant ligeiramente aborrecido. A despeito de seu amor por Mirissa, havia ocasiões em que desejava que ela não fosse tão

bem informada, e que a família dela não estivesse encarregada dos arquivos pelas últimas cinco gerações.

- Qual é, querida?

Agora era a vez de Mirissa ficar aborrecida, embora ela escondesse muito bem sua irritação. Não gostava de ser tratada de modo condescendente por alguém que não era de fato muito inteligente, embora fosse indubitavelmente astuta, ou talvez a palavra melhor fosse artilosa. O fato de que a prefeita Waldron estivesse sempre olhando para Brant não incomodava Mirissa, que apenas achava graça e chegava a sentir certa simpatia pela mulher mais velha.

- Pode ser outra semeadora robô, como aquela que trouxe os padrões genéticos de nossos ancestrais para Thalassa.

- Mas agora? Tão tarde?

- Por que não? Os primeiros semeadores só podiam atingir uma baixa porcentagem da velocidade da luz. A Terra continuou a aperfeiçoá-los até ser destruída. Como os últimos modelos eram quase dez vezes mais rápidos, os primeiros foram ultrapassados em coisa de um século. Assim muitos deles ainda devem estar a caminho. Não concorda, Brant?

Mirissa tinha sempre o cuidado de incluí-lo em qualquer debate, e se possível fazer com que ele pensasse tê-lo originado. Ela estava bem ciente dos sentimentos de inferioridade dele e não desejava de modo algum aumentá-los.

Às vezes ser a pessoa mais inteligente de Tarna era algo um pouco solitário, embora ela se comunicasse freqüentemente com meia dúzia de seus iguais nas Três Ilhas. Mas raramente desfrutava dos encontros pessoais que mesmo depois de todos estes milênios nenhuma tecnologia de comunicações pudera igualar.

- É uma idéia interessante - disse Brant. - Você pode estar certa. - Embora História não fosse o seu forte, Brant Falconer tinha o conhecimento técnico a respeito da complexa cadeia de eventos que levara à colonização de Thalassa. - E o que devemos fazer? - ele perguntou. - Se for outra nave semeadora e ela tentar nos colonizar novamente? Diremos - muito obrigado, mas hoje não?

Houve alguns risinhos nervosos, então o conselheiro Simmons observou pensativamente:

- Tenho certeza de que saberíamos lidar com uma nave semeadora, se fôssemos obrigados a fazê-lo. E não acham que os robôs seriam suficientemente inteligentes para cancelar o programa ao verem que o trabalho já está feito?

- Talvez, mas eles podem julgar-se capazes de fazer um serviço melhor. De qualquer modo, seja uma relíquia da Terra ou um modelo recente de uma das colônias, deve ser um robô de algum tipo.

Não havia necessidade de entrar em detalhes, todos conheciam a fantástica dificuldade e o custo de um vôo interestelar "tripulado". Mesmo que fosse tecnicamente possível, era de todo inútil. Robôs poderiam fazer o trabalho mil vezes mais barato.

- Robô ou relíquia, o que vamos fazer com ela? - quis saber um dos moradores.

- Pode não ser problema nosso - disse a prefeita. - Parece que todos estão achando que a nave vai se dirigir para o Primeiro Pouso, mas por que deveria? Afinal, a Ilha do Norte é um local muito mais provável.

A prefeita já havia sido desmentida outras vezes, mas nunca tão rapidamente.

O som que cresceu no céu de Tarna não era um trovão distante, ecoando da ionosfera, mas o penetrante assóvio de um jato em vôo baixo. Todos correram para fora da sala do Conselho, numa pressa inconveniente, mas só os primeiros a sair tiveram tempo de ver uma asa delta rombuda eclipsando as estrelas enquanto se dirigia intencionalmente para o local ainda sagrado como o último elo com a Terra.

A prefeita Waldron parou brevemente para entrar em contato com a Central e em seguida se

reuniu aos outros, aglomerados do lado de fora.

- Brant, você pode chegar lá primeiro. Pegue o avião.

O engenheiro mecânico-chefe de Tarna piscou os olhos. Era a primeira vez que recebia uma ordem tão direta da prefeita. Então ele pareceu um tanto envergonhado.

- Um coco furou uma das asas há dois dias e eu não tive tempo de consertar devido ao problema com as armadilhas para peixes. De qualquer forma ele não está equipado para vôo noturno.

A prefeita lançou-lhe um olhar severo.

- Espero que meu carro esteja funcionando - disse sarcasticamente.

- É claro - respondeu Brant com a voz magoada. - Abastecido e pronto para seguir.

Era fora do comum que o carro da prefeita fosse a algum lugar. Era possível caminhar por toda a extensão de Tarna em vinte minutos e todo o transporte local de comida e equipamento podia ser confiado aos pequenos carros de andar na areia. Em setenta anos de serviço oficial o carro tinha rodado menos de cem mil quilômetros e, descontando-se a possibilidade de acidentes, ainda estaria funcionando bem durante pelo menos mais um século.

Os lassanianos tinham experimentado, com bom humor, a maioria dos pecados, mas a obsolescência planejada e o consumismo não estavam entre eles. Ninguém teria imaginado que o veículo fosse mais velho do que qualquer um dos passageiros, quando ele iniciou a mais histórica jornada que jamais faria.

4. TOCSIN

Ninguém ouviu o primeiro toque do sino do funeral da Terra - nem mesmo os cientistas que haviam feito a descoberta fatal no subsolo profundo de uma mina de ouro abandonada no Colorado.

Era uma experiência ousada, totalmente inconcebível antes da segunda metade do século XX. Uma vez detectado o neutrino, era fácil perceber que a humanidade logo teria uma nova janela para o universo. Uma coisa tão penetrante, que passava através de um planeta com a facilidade da luz atravessando uma placa de vidro, podia ser usada para olhar no coração dos sóis.

Especialmente o Sol. Os astrônomos acreditavam compreender as reações que moviam a fornalha solar, da qual toda a vida na Terra dependia, em última análise. Nas enormes pressões e temperaturas que corriam no núcleo do Sol, o hidrogênio se fundia em hélio numa série de reações que liberavam vasta quantidade de energia. E, incidentalmente, neutrinos como subproduto.

Como os trilhões de toneladas de matéria em seu caminho não constituíam maior obstáculo do que um fio de fumaça, estes neutrinos solares fugiam de seu berço à velocidade da luz. Apenas dois segundos depois eles emergiam no espaço e se dispersavam no universo. E por mais planetas ou estrelas que encontrassem, a maioria ainda teria escapado à captura por qualquer fantasma pouco substancial de matéria "sólida", quando o próprio Tempo chegasse ao seu final.

Oito minutos depois de deixarem o Sol, uma minúscula fração da torrente solar atravessou a Terra e uma fração ainda menor foi interceptada pelos cientistas no Colorado. Eles tinham enterrado seu

equipamento a mais de um quilômetro de profundidade, de modo que todas as formas de radiação, com poder inferior de penetração, seriam filtradas e poderiam prender os raros e genuínos mensageiros do interior do Sol. Contando os neutrinos capturados, eles esperavam estudar em detalhes as condições de um local que, como qualquer filósofo teria provado, estava para sempre barrado ao conhecimento ou à observação humana.

O experimento funcionou e os neutrinos solares foram detectados. *Entretanto eles eram muito poucos.* Devia ter havido três ou quatro vezes mais do que a maciça instrumentação conseguiu capturar.

Certamente alguma coisa estava errada e durante a década de 1970 o Caso dos Neutrinos Perdidos chegou às dimensões de um escândalo científico. Equipamentos foram verificados e reverificados, teorias foram reexaminadas e a experiência refeita dúzias de vezes sempre com os mesmos resultados frustrantes.

Por volta do final do século XX, os astrofísicos foram forçados a aceitar uma conclusão perturbadora - embora ninguém percebesse ainda suas verdadeiras implicações.

Não havia nada errado com a teoria ou o equipamento. O problema estava no interior do Sol.

O primeiro encontro secreto na história da União Astronômica Internacional teve lugar em 2008 na localidade de Aspen, no Colorado, não muito distante do cenário da experiência original que, a esta altura, já tinha sido repetida em uma dúzia de países. Uma semana depois, o Boletim Especial da UAI 55/08, levando o título deliberadamente obscuro de "Algumas Notas a Respeito das Reações Solares", encontrava-se nas mãos de todos os governos da Terra.

Poder-se-ia supor que, à medida que a notícia transpirasse lentamente, o anúncio do Fim do Mundo viesse a provocar certo pânico. Na verdade, a reação geral foi de um silêncio espantado seguido de um dar de ombros e uma volta aos negócios banais de todos os dias.

Poucos governos conseguiam ver o futuro além das próximas eleições, poucos indivíduos além do tempo de vida de seus netos. E de qualquer forma os astrônomos poderiam estar enganados.

Mesmo que a humanidade estivesse sob uma sentença de morte, a data da execução ainda se encontrava indefinida. O Sol não iria explodir antes de pelo menos mil anos, e quem iria chorar pela quadragésima geração?

5. PASSEIO NOTURNO

Nenhuma das duas luas tinha se elevado quando o carro partiu ao longo da mais famosa estrada de Tarna levando Brant, a prefeita Waldron, o conselheiro Simmons e dois moradores importantes da vila. Embora dirigisse com sua tranqüilidade normal, Brant ainda estava irritado com a repreensão da prefeita. E o fato de que o braço gordo dela tivesse repousado acidentalmente sobre seus ombros nus não contribuía para melhorar a situação.

Todavia, a beleza pacífica da noite e o ritmo hipnótico das palmeiras passando rapidamente através do leque de luz lançado pelo carro restauraram-lhe rapidamente o bom humor. Como permitir que sentimentos pessoais tão mesquinhos atrapalhassem uma ocasião tão histórica quanto esta?

Em dez minutos eles se encontrariam no Primeiro Pouso, local onde sua história tinha principiado. O que estaria esperando por eles naquele local? Só uma coisa era certa: o visitante se dirigia para o radiofarol, ainda operante, da ancestral nave semeadora. Sabia onde procurar e, portanto, devia pertencer a alguma outra colônia humana neste setor do espaço.

Por outro lado Brant se sentiu subitamente perturbado por um pensamento. Qualquer um, qualquer coisa, podia ter detectado aquele radiofarol sinalizando a todo o universo que a inteligência algum dia passara por este caminho. Lembrou-se então de que anos atrás houvera um movimento em favor do desligamento do farol, sob a alegação de que não servia a nenhum propósito útil, e poderia, concebivelmente, causar danos. A moção fora rejeitada por uma margem estreita de votos, por razões mais sentimentais e emocionais do que lógicas. Thalassa poderia arrepender-se logo de tal decisão, mas agora era certamente muito tarde para fazer qualquer coisa a respeito.

O conselheiro Simmons, inclinando-se contra o assento traseiro, falava baixinho com a prefeita.

- Helga - disse ele (e foi a primeira vez que Brant ouvia-o usar o primeiro nome da prefeita) -, você acha que ainda seremos capazes de nos comunicar? A linguagem dos robôs evoluiu muito rapidamente, você sabe.

A prefeita Waldron não sabia, mas disfarçava muito bem sua ignorância.

- Este é o último dos nossos problemas. Vamos esperar até que ele apareça. Brant, você poderia andar mais devagar? Eu gostaria de chegar lá viva.

Sua atual velocidade era perfeitamente segura naquela estrada familiar, mas Brant obedientemente reduziu para quarenta cliques. Ele se perguntou se a prefeita não estaria tentando adiar a confrontação. Tratava-se de uma responsabilidade espantosa enfrentar a segunda espaçonave vinda de fora que chegava na história deste planeta. Thalassa inteira estaria observando.

- Krakan! - praguejou um dos passageiros no assento de trás. - Alguém trouxe uma câmara?

- Muito tarde para voltar - respondeu o conselheiro Simmons. - De qualquer maneira, haverá muito tempo para fotografias. Eu não creio que eles decolem logo depois de dizer "alô!".

Havia uma certa histeria contida na voz dele, e Brant dificilmente poderia culpá-lo. Quem poderia dizer o que os esperava além da curva da próxima colina?

- Vou chamar assim que houver alguma coisa para relatar, senhor presidente - disse a prefeita Waldron no rádio do carro. Brant nem tinha notado a chamada, perdido demais em seus devaneios. Pela primeira vez em sua vida arrependia-se de não ter estudado um pouco mais de história.

É claro que conhecia bem os dados básicos, toda criança em Thalassa crescia ouvindo-os. Sabia que a medida que os séculos passavam, implacavelmente o diagnóstico dos astrônomos se tornava mais certo, a data da previsão cada vez mais precisa. No ano 3600, com uma margem de erro de 75 anos, o Sol se transformaria numa nova - não muito espetacular, mas suficientemente grande.

Um filósofo antigo observara certa vez que nada acalma mais a mente do homem do que o conhecimento de que vai ser enforcado na manhã seguinte. Alguma coisa desse gênero aconteceu com toda a raça humana durante os primeiros anos do Quarto Milênio. Se houve um momento em que a humanidade enfrentou a verdade com resignação e determinação, foi na meia-noite de dezembro, quando o ano de 2999 passou a 3000. Ninguém que visse o primeiro "3" aparecer se esqueceria de que nunca ia haver um "4".

E, no entanto, mais de meio milênio ainda restava e muito poderia ser feito pelas trinta gerações que ainda viveriam e morreriam na Terra, como seus ancestrais haviam feito. Poderiam no mínimo preservar o conhecimento da raça e as maiores criações da arte humana.

Mesmo na aurora da era espacial, as primeiras sondas-robôs a deixarem o Sistema Solar já carregavam gravações de música, mensagens e imagens para o caso de serem encontradas por outros

exploradores do Cosmos. E embora nenhum indício de civilizações alienígenas tivesse sido detectado na galáxia-pátria, até mesmo os mais pessimistas acreditavam que a inteligência deveria ocorrer *em* algum outro lugar, nos bilhões de universos-ilhas que se estendiam até onde os mais poderosos telescópios podiam enxergar.

Durante séculos, *terabite* sobre *terabite* de cultura e conhecimento humano foram irradiados na direção da galáxia de Andrômeda e de suas vizinhas mais distantes. Ninguém, é claro, nunca viria a saber se os sinais seriam captados e, caso o fossem, se poderiam ser interpretados. Mas a motivação era do tipo que a maioria dos homens poderia compartilhar: era o impulso de deixar alguma última mensagem, algum sinal dizendo "Olhem, eu também já vivi!"

Por volta do ano 3000 os astrônomos acreditavam que seus gigantescos telescópios tinham detectado todos os sistemas planetários num raio de quinhentos anos-luz do Sol. Dúzias de mundos com aproximadamente o tamanho da Terra tinham sido detectados, e alguns dos mais próximos toscamente mapeados. Vários deles tinham atmosferas que exibiam aquela inconfundível assinatura da vida: uma porcentagem de oxigênio anormalmente alta. Havia uma chance razoável de que homens pudessem sobreviver lá, se lá pudessem chegar.

Os homens não podiam, mas o Homem poderia.

As primeiras naves semeadoras eram primitivas, mas ainda assim forçaram a capacidade tecnológica até os seus limites. Com os sistemas propulsores existentes em 2500 elas podiam alcançar os sistemas planetários mais próximos em duzentos anos de viagem, carregando sua preciosa carga de embriões congelados.

Mas esta era a mais simples de suas tarefas. Elas também tinham que transportar o equipamento automático que reviveria e criaria esses humanos em potencial, ensinando a cada um deles como sobreviver num ambiente desconhecido e provavelmente hostil. Teria sido inútil e cruel despejar crianças nuas e ignorantes em mundos tão inamistosos quanto o Saara ou a Antártida. Elas teriam que ser educadas, teriam que receber ferramentas e aprender a localizar e utilizar os recursos naturais. Depois que tivessem pousado e a nave semeadora se transformasse numa nave-mãe, ela teria que cuidar do produto de seu cultivo durante gerações.

E não apenas humanos tinham que ser transportados, mas uma *biota* completa. Plantas (embora ninguém soubesse se haveria solo para elas), animais de criação e uma variedade surpreendente de insetos e microorganismos essenciais no caso dos sistemas de produção de alimentos deteriorarem e se tornar necessária uma reversão das técnicas agrícolas básicas.

Havia uma vantagem neste novo começo. Todas as doenças e parasitas que tinham afligido a humanidade desde o início do tempo seriam deixados para trás, para perecerem no fogo esterilizante da Nova Solis.

Bancos de dados, "sistemas autônomos" capazes de enfrentar qualquer situação concebível, robôs e mecanismos de reparos e apoio, tudo isso tinha que ser projetado e construído. E precisavam funcionar durante uma vida útil tão longa quanto o espaço de tempo que separava a Declaração da Independência Americana do primeiro pouso na Lua.

Embora a tarefa parecesse pouco possível, era tão inspiradora que a humanidade inteira se uniu para realizá-la. Aqui estava um objetivo de longo termo, o último objetivo de longo, prazo capaz de conferir algum significado à vida, mesmo depois que a Terra tivesse sido destruída.

A primeira nave semeadora deixou o Sistema Solar em 2553, dirigida para o sistema quase gêmeo do Sol, de Alfa Centauro A. Embora o clima do planeta Pasadena, do tamanho da Terra, fosse submetido a extremos violentos devido à proximidade de Centauro B, o próximo alvo provável encontrava-se no dobro da distância. O tempo de viagem para Sírius X seria de mais de quatrocentos

anos e quando a semeadora chegasse ao seu destino a Terra poderia não existir mais.

Mas se Pasadena pudesse ser colonizada com sucesso, haveria tempo suficiente para enviar de volta as boas novas. Duzentos anos para a viagem, cinquenta anos para garantir uma cabeça-de-ponte e construir um pequeno transmissor, e uns meros quatro anos para que o sinal chegasse à Terra. Com sorte a notícia seria apregoada nas ruas por volta do ano 2800.

De fato, aconteceu no ano 2786, e Pasadena era melhor do que o previsto. As notícias eram empolgantes, renovando o estímulo ao programa de semeadoras. Por volta dessa época, mais de vinte naves já tinham sido lançadas, cada uma com uma tecnologia mais avançada do que sua antecessora. Os últimos modelos podiam alcançar um vigésimo da velocidade da luz, com mais de cinquenta alvos dentro do seu raio de ação.

E mesmo quando o radiofarol de Pasadena emudeceu, depois de transmitir apenas as notícias do pouso inicial, o desânimo foi apenas momentâneo. O que tinha sido feito uma vez podia ser feito de novo com uma certeza maior de sucesso.

Por volta de 2700 a tosca tecnologia dos embriões congelados foi abandonada. A mensagem genética que a Natureza codificava na estrutura espiral da molécula de DNA podia agora ser guardada de modo mais fácil, mais seguro, e até mesmo mais compacto, nas memórias dos computadores de última geração, de modo que um milhão de genótipos podiam ser transportados por uma nave semeadora não maior do que um avião de passageiros de mil lugares. Assim, toda uma nação ainda por nascer e todo o equipamento necessário para montar uma nova civilização podiam ser colocados dentro de algumas centenas de metros cúbicos e transportados para as estrelas.

Fora isso, Brant sabia com certeza, que acontecera em Thalassa há setecentos anos. Enquanto a estrada subia pelas colinas eles já tinham passado por algumas das cicatrizes deixadas no solo pelas primeiras escavadeiras-robôs, enquanto buscavam a matéria-prima da qual os ancestrais de Brant tinham sido criados. Num momento eles estariam vendo as fábricas processadoras há muito tempo abandonadas e...

- G que é aquilo? - sussurrou o conselheiro Simmons com ansiedade.

- Pare! - ordenou a prefeita. - Desligue o motor, Brant. - Ela estendeu a mão para alcançar o microfone do carro.

- Prefeita Waldron, estamos na marca dos sete quilômetros. Há uma luz à nossa frente, podemos vê-la através das árvores. Até onde posso calcular, está exatamente no Primeiro Pouso. Não podemos ouvir nada mas vamos prosseguir agora.

Brant não esperou pela ordem, empurrando o controle de velocidade suavemente para a frente. Era a segunda maior emoção de sua vida, depois do furacão do ano 09.

Aquilo fora mais do que emocionante e ele teve sorte de escapar com vida. Talvez também houvesse perigo aqui, mas ele não acreditava realmente nisso. Robôs poderiam ser hostis? Certamente não havia nada que qualquer estrangeiro pudesse desejar de Thalassa, exceto conhecimento ou amizade.

- Você sabe - disse o conselheiro Simmons -, eu tive uma boa visão da coisa antes que sumisse atrás das árvores e tenho certeza de que era algum tipo de aeronave. Naves semeadoras nunca possuíram asas e aerodinâmica, é claro. E esta era uma muito pequena.

- O que quer que seja - disse Brant -, nós saberemos em cinco minutos. Olhe para aquela luz, aquilo desceu no Parque Terra, o lugar óbvio. Devemos parar o carro e andar o resto do caminho?

O Parque Terra era um oval de grama, cuidadosamente preservado, no lado ocidental do Primeiro Pouso, encontrando-se agora oculto à visão direta do grupo pela coluna negra da nave-mãe, o monumento mais antigo e mais reverenciado do planeta. Derramando-se em torno das bordas do cilindro ainda não enferrujado havia um foco de luz, vindo, aparentemente, de uma única fonte de luz brilhante.

- Pare o carro antes de chegarmos à nave - ordenou a prefeita. - Então daremos a volta e olharemos. Desliguem as luzes de modo que eles só nos vejam quando quisermos.

- Eles ou aquilo? - perguntou um dos passageiros, um pouco histericamente. Todos o ignoraram. O carro parou na sombra da nave e Brant o fez girar 180 graus.

- Só para podermos fazer uma saída rápida - explicou ele, entre sério e gozador. Ainda não acreditava que pudesse haver algum perigo real. De fato, havia momentos em que se perguntava se aquilo estava realmente acontecendo. Talvez ainda estivesse dormindo e tudo fosse apenas um sonho muito claro.

Saíram silenciosamente do carro e caminharam até a nave, circundando-a até chegarem a um clarão de luz bem definido. Brant abrigou os olhos e olhou além da borda do casco, comprimindo as pálpebras ante o clarão.

O conselheiro Simmons tinha razão. Era algum tipo de aeronave ou aeroespçonave, e muito pequeno. Poderiam ser os Nortistas? Não, isso era absurdo. Não havia nenhuma utilidade concebível para um veículo assim na área limitada das Três Ilhas e teria sido impossível esconder sua construção.

Tinha a forma de uma ponta de flecha rombuda e devia ter pousado verticalmente, já que não deixara marcas na grama à sua volta. A luz vinha de uma única fonte na carenagem dorsal aerodinâmica, e um pequeno farol vermelho acendia e apagava bem acima dela. De fato, tratava-se de uma máquina comum, o que era ao mesmo tempo tranqüilizador e decepcionante. Não teria sido possível viajar naquilo pelos doze anos-luz até a mais próxima das colônias conhecidas.

Subitamente a luz principal se apagou, deixando o pequeno grupo de observadores momentaneamente cego. Quando recuperou sua visão noturna, Brant pôde ver que havia janelas na parte dianteira da máquina, todas brilhando fracamente com uma iluminação interior. Aquilo parecia quase um veículo tripulado, não a aeronave-robô que lhes parecera óbvia.

A prefeita Waldron chegara exatamente à mesma conclusão espantosa.

- Não é um robô, tem gente lá dentro! Não vamos perder mais tempo. Me ilumine com a sua lanterna, Brant, de modo que eles possam nos ver.

- Helga! - protestou o conselheiro Simmons.

- Não seja burro, Charlie. Vamos, Brant.

O que era mesmo que o primeiro homem na Lua tinha dito há quase dois mil anos? "Um pequeno passo..." Eles tinham dado quase vinte quando uma porta se abriu num dos lados do veículo, e uma rampa articulada se desdobrou rapidamente para baixo. Dois humanóides desceram ao encontro deles.

Essa foi a primeira impressão de Brant. Então ele percebeu que fora confundido pela cor da pele ou pelo que dela podia ver através da película transparente e flexível que os cobria da cabeça aos pés.

Eles não eram humanóides, eles eram *humanos*. Se nunca mais se expusesse ao sol, Brant poderia ficar quase tão pálido quanto eles.

A prefeita estava estendendo as mãos no gesto tradicional "Veja, eu não carrego armas!", tão antigo quanto a história.

- Eu não creio que possam me entender - disse ela - mas sejam bem-vindos a Thalassa.

Os visitantes sorriram, e o mais velho dos dois, um homem belo de cabelos grisalhos, no final dos sessenta, estendeu suas mãos em resposta.

- Pelo contrário - ele respondeu, usando uma das vozes mais profundas e lindamente moduladas que Brant jamais ouvira -, nós compreendemos vocês perfeitamente. Estamos felizes em encontrá-los.

Por um momento o comitê de recepção ficou parado, em atônito silêncio. Mas era tolice,

pensou Brant, se surpreender com isso. Afinal eles não tinham a menor dificuldade para entenderem a fala de homens que tinham vivido há dois mil anos. Quando a gravação sonora fora inventada, ela congelara os padrões básicos dos fonemas em todos os idiomas. Os vocabulários podiam se expandir, a sintaxe e a gramática podiam ser modificadas, mas a pronúncia permanecerá estável por milênios.

A prefeita Waldron foi a primeira a se recuperar do choque.

- Bem, isto certamente nos poupa um bocado de trabalho - disse ela num certo tom de desculpa.

- Mas de onde vêm vocês? Eu temo que tenhamos perdido o contato com nossos vizinhos desde que nossa antena de espaço profundo foi destruída.

O homem mais velho olhou para seu colega mais alto e alguma mensagem silenciosa passou entre eles. Então eles se voltaram para a prefeita que aguardava.

Não havia engano na tristeza transmitida por aquela linda voz, enquanto fazia sua afirmativa absurda.

- Pode ser difícil para vocês acreditarem nisso - disse ele -, mas nós não somos de nenhuma das colônias. Viemos diretamente da Terra.

II - MAGALHÃES

6. QUEDA PLANETÁRIA

Mesmo antes de abrir os olhos Loren já sabia exatamente onde se encontrava, achando isto bem surpreendente. Depois de dormir duzentos anos, alguma confusão mental seria compreensível, mas parecia ter sido ontem que tinha feito sua última anotação no diário da nave. E até onde podia se lembrar, não tivera um único sonho. Estava grato por isso.

Ainda mantendo os olhos fechados, ele se concentrou em todos os seus outros canais sensoriais, um de cada vez. Podia ouvir um suave murmúrio de vozes, suavemente tranquilizadoras. Lá estava o sussurro familiar dos renovadores de ar e ele podia sentir uma brisa quase imperceptível lançando agradáveis cheiros de anti-sépticos em seu rosto.

A única sensação que não sentia era seu peso. Ergueu o braço direito, sem esforço: ele permaneceu flutuando no meio do ar, aguardando a próxima ordem.

- Alô, Sr. Lorensen - disse uma voz agradável e atrevida. - Então decidiu se juntar a nós novamente. Como se sente?

Loren finalmente abriu os olhos tentando focalizá-los na figura indistinta flutuando ao lado da cama.

- Alô, doutora. Estou ótimo. E com fome.

- Isto é sempre um bom sinal. Pode se vestir mas não se mova muito rapidamente por uns tempos. E pode decidir depois se quer manter essa barba.

Loren dirigiu a mão que ainda flutuava em direção ao queixo e ficou admirado com a quantidade de pêlos encontrados ali. Como a maioria dos homens ele nunca optara pela erradicação permanente (volumes inteiros de psicologia tinham sido escritos sobre esse assunto). Talvez fosse hora de pensar seriamente em fazer isso, era divertido como tais trivialidades ocupavam sua mente, mesmo numa ocasião como aquela.

- Chegamos em segurança?

- É claro, de outro modo você ainda estaria dormindo. Tudo transcorreu de acordo com o plano. A nave principiou a nos despertar há um mês - agora estamos em órbita acima de Thalassa. As equipes de manutenção já checaram todos os sistemas, agora é a sua vez de realizar algum trabalho. E temos uma pequena surpresa para você.

- Agradável, eu espero.

- Nós também. O comandante Bey fará uma exposição daqui a duas horas na Reunião Geral. Se não quiser se mover ainda, pode olhar daqui.

- Eu irei para a Sala de Reunião. Gostaria de rever todo mundo. Mas posso tomar o meu desjejum primeiro? Faz um bom tempo.

O comandante Sirdar Bey parecia cansado mas feliz, ao dar as boas-vindas para os quinze homens e mulheres que tinham acabado de ser reanimados e os apresentar aos outros trinta, que

formavam as atuais tripulações A e B. De acordo com os regulamentos da nave, a tripulação C devia estar dormindo, mas vários deles se esgueiravam no fundo da Sala de Reunião, fingindo não estar lá.

- Fico feliz que tenham se unido a nós - disse ele aos recém-chegados. - É bom ver alguns rostos novos por aqui. E é melhor ainda ver um planeta e saber que nossa nave realizou os primeiros duzentos anos de seu plano de missão sem nenhuma anomalia séria. Aqui está Thalassa, bem dentro do cronograma.

Todos se voltaram na direção do sistema visual que cobria a maior parte de uma das paredes. Boa parte dele estava reservada aos dados e às informações quanto à condição da nave, mas a seção maior podia ter sido uma janela aberta para o espaço. Estava completamente tomada por uma imagem surpreendentemente bela de um globo azul e branco, quase inteiramente iluminado. Provavelmente todos na sala tinham reparado em sua tocante semelhança com a Terra, tal como vista de um ponto bem acima do Pacífico. Quase toda água, com apenas algumas massas de terra isoladas.

E havia terra aqui, formando um grupo compacto de três ilhas, parcialmente ocultas por um véu de nuvens. Loren pensou no Havaí, que ele nunca tinha visto e que não mais existia. Mas havia uma diferença fundamental entre os dois planetas. O hemisfério oposto da Terra era quase todo tomado por continentes. O hemisfério oposto de Thalassa era *inteiramente* oceano.

- Aí está - disse o comandante orgulhoso. - Exatamente como os planejadores da missão previram. Mas existe um detalhe que eles não esperavam e que certamente afetará nossas operações.

- Vocês se recordam que Thalassa foi semeada por um módulo Mark 3A, de cinquenta mil unidades, que deixou a Terra em 2751 e chegou em 3109. Tudo correu bem e as primeiras transmissões foram recebidas cento e sessenta anos depois. Elas continuaram intermitentemente por quase dois séculos e então pararam subitamente, depois de uma breve mensagem relatando uma grande erupção vulcânica. Nada mais se ouviu e foi presumido que nossa colônia em Thalassa tinha sido destruída ou pelo menos reduzida ao barbarismo, como parece ter acontecido em vários outros casos.

- Em prol dos recém-chegados, permitam-me repetir o que descobrimos. Naturalmente, escutamos todas as frequências quando penetramos neste sistema. Nada, nem mesmo um escape de radiação proveniente de energia.

- Quando chegamos mais perto, percebemos que isto não provava nada. Thalassa tinha uma ionosfera muito densa. Podia haver um bocado de tráfego de rádio em ondas curtas e médias acontecendo debaixo dela e ninguém acima jamais saberia. Microondas poderiam atravessar, é claro, mas talvez eles não precisem delas, ou nós não tivemos a sorte de interceptar um feixe.

- De qualquer modo, existe uma civilização bem desenvolvida lá embaixo. Nós vimos as luzes de suas cidades e vilarejos, assim que tivemos uma boa visão pelo lado noturno. Há um bocado de pequenas indústrias, e uma pequena navegação de cabotagem, nada de navios grandes, e nós até mesmo localizamos um par de aviões movendo-se com uma velocidade de uns quinhentos cliques, o que os leva a qualquer parte do lugar em quinze minutos.

- Obviamente eles não necessitam muito de transporte aéreo numa comunidade tão compacta, possuindo um bom sistema de estradas. Mas ainda não fomos capazes de detectar nenhuma comunicação. E não há satélites também, nem mesmo meteorológicos, de que vocês poderiam pensar que eles necessitassem... embora talvez não precisem, já que seus barcos nunca se afastam demasiadamente da costa. Não existem outras terras para ir, é claro.

- Assim, aqui estamos. É uma situação interessante e uma surpresa muito agradável. Pelo menos espero que seja. Agora, alguma pergunta? Sim, Sr. Lorensen?

- Já tentaram contactá-los, senhor?

- Ainda não, achamos que não seria recomendável até sabermos qual o nível exato de sua

cultura. O que quer que façamos poderia ser um choque considerável para eles.

- Eles sabem que estamos aqui?
- Provavelmente não.
- Mas certamente nossa propulsão... eles devem ter visto aquilo!

Era uma pergunta razoável, já que um ramjato quântico funcionando à plena força constituía um dos espetáculos mais dramáticos já realizados pelo homem. Era tão brilhante quanto uma bomba atômica e durava muito mais, meses em vez de milissegundos.

- Possivelmente, mas eu duvido. Estávamos do outro lado do sol quando realizamos a maior parte de nossa manobra de frenagem. Eles não nos teriam visto dentro do clarão solar. Então alguém fez a pergunta que estava na cabeça de todos.

- Comandante, como isso irá afetar a nossa missão? Sirdar Bey olhou pensativamente para o microfone.

- Neste estágio ainda é impossível dizer. Algumas centenas de milhares de outros humanos, ou seja qual for a população lá embaixo, podem tornar as coisas bem fáceis para nós. Ou pelo menos muito mais agradáveis. Por outro lado, se eles não gostarem de nós...

Ele encolheu os ombros expressivamente.

- Acabo de me lembrar de um conselho que um velho explorador deu a um de seus colegas. Se você presumir que os nativos são amistosos, eles geralmente serão. E vice-versa.

- Assim, até que eles demonstrem o contrário, vamos presumir que eles são amistosos. E se não forem...

A expressão do comandante endureceu, e sua voz se tornou a voz de um comandante que acabou de trazer seu grande navio através de cinquenta anos-luz de espaço.

- Eu nunca afirmei que usar a força seja certo, mas é sempre muito confortador poder dispor dela.

7. OS SENHORES DOS ÚLTIMOS DIAS

Era difícil acreditar que estava verdadeiramente acordado, e que a vida poderia começar de novo.

Loren Lorensen sabia que nunca iria escapar inteiramente à tragédia que lançara sua sombra sobre quarenta gerações e atingira o clímax durante seu próprio tempo de vida. No curso de seu primeiro novo dia, ele sentia um temor constante. Nem mesmo a promessa, o mistério ou a beleza do mundo oceânico suspenso abaixo da *Magalhães* podia afastar aquele pensamento: que sonhos virão quando eu fechar os olhos esta noite, em meu primeiro sono natural pela primeira vez em duzentos anos?

Tinha testemunhado cenas que ninguém mais esqueceria, que assombrariam a humanidade até o fim dos tempos. Através dos telescópios da nave ele tinha assistido à morte do Sistema Solar. Tinha visto com seus próprios olhos os vulcões de Marte entrarem em erupção pela primeira vez em um bilhão de anos, Vênus brevemente nua, sua atmosfera arrancada para o espaço, antes de ser consumida, os gigantes

gasosos explodindo em bolas de fogo. Mas estes tinham sido espetáculos vazios e sem significado quando comparados com a tragédia da Terra.

A esta ele também havia assistido, através das lentes das câmeras que tinham sobrevivido alguns minutos a mais do que os homens dedicados que sacrificaram os últimos instantes de suas vidas para instalá-las. E ele vira...

... a Grande Pirâmide brilhar vermelho-brasa antes de se derreter numa poça de pedra fundida.

... o leito do Oceano Atlântico surgir como uma rocha seca em questão de segundos, antes de ser novamente submerso pela lava que esguichava dos vulcões na fenda meso oceânica.

... a Lua erguendo-se sobre as florestas flamejantes do Brasil, e agora brilhando quase tão forte quanto o Sol, em seu último poente, alguns minutos antes que...

... o continente da Antártida emergisse brevemente de seu longo sepulcro, enquanto os quilômetros de gelo ancestral eram vaporizados...

... e o majestoso vão central da ponte de Gibraltar se fundia e vergava para baixo através do ar em chamas...

Naquele último século, a Terra tinha sido assombrada por fantasmas, não dos mortos, mas de todos aqueles que nunca iriam nascer. Durante quinhentos anos, a taxa de natalidade fora mantida num nível capaz de reduzir a população humana a apenas alguns milhões, quando o fim realmente chegasse. Cidades inteiras e até países tinham sido abandonados e despovoados enquanto a humanidade se reunia para o ato final.

Era um tempo de estranhos paradoxos, de ferozes oscilações entre o desespero e a excitação febril. Muitos, é claro, buscaram o esquecimento através dos caminhos normais das drogas, do sexo e dos esportes perigosos, incluindo aqueles que se tornaram virtualmente guerras em miniatura, cuidadosamente monitoradas e lutadas com armas escolhidas mediante acordos. Igualmente popular foi todo o espectro da catarse eletrônica, desde os *videogames* intermináveis até os dramas interativos e a estimulação direta dos centros de prazer no cérebro.

Como não havia mais motivo para cuidar do futuro deste planeta, os recursos da Terra e as riquezas acumuladas em todas as eras podiam ser gastos com a consciência tranqüila. Em termos de bens materiais, todos os homens se tornaram milionários, ricos além dos sonhos mais loucos de seus ancestrais, de quem herdaram os frutos do trabalho. Eles chamavam a si mesmos, de modo amargo, mas não sem um certo orgulho, de Senhores dos Últimos Dias.

E embora milhares buscassem o esquecimento, um número ainda maior de pessoas encontrava satisfação do modo como alguns homens sempre a tinham achado, trabalhando em objetivos além de seus próprios períodos de vida. Muita pesquisa científica prosseguiu, valendo-se dos imensos recursos então liberados. Se um físico necessitava de cem toneladas de ouro para uma experiência, tratava-se meramente de um problema de logística, não de orçamento.

Três temas dominavam. Primeiro a contínua monitoração do Sol, não que restasse alguma dúvida, e sim para prever o momento da detonação em ano, dia, hora...

Em segundo lugar estava a busca pela inteligência extraterrena, negligenciada após séculos de fracasso e agora retomada com uma urgência desesperada, que até o fim não produziu maiores sucessos do que antes. A todo o questionamento do Homem, o Universo ainda fornecia uma resposta obscura.

O terceiro, é claro, era a semeadura das estrelas mais próximas, na esperança de que a raça humana não perecesse com a morte de seu Sol.

Na alvorada do último século, naves semeadoras, com velocidade e sofisticação cada vez maiores, haviam sido enviadas para mais de cinquenta alvos. A maioria, como se esperava, resultará em fracassos, mas dez tinham irradiado notícias referentes a sucessos pelo menos parciais. Esperanças

maiores ainda foram depositadas nos últimos modelos mais avançados, embora eles não pudessem alcançar seus longínquos objetivos antes da Terra deixar de existir. O último a ser lançado viajaria a um vigésimo da velocidade da luz e faria uma descida planetária dentro de novecentos e cinquenta anos - se tudo corresse bem.

Loren ainda podia lembrar-se da *Excalibur* sendo lançada de seu estaleiro no ponto lagrangiano entre a Terra e a Lua. Embora tivesse apenas cinco anos na ocasião, já era sabido que esta nave semeadora seria a última de seu tipo. Mas por que um programa que durara séculos estava sendo cancelado no instante em que alcançava a maturidade tecnológica, ele ainda era muito jovem para compreender. Nem teria adivinhado como toda a sua vida iria ser mudada pela espantosa descoberta que transformara toda a situação, concedendo à humanidade uma nova esperança, nas últimas décadas da história terrestre.

Embora estudos teóricos incontáveis tivessem sido feitos, ninguém fora capaz de tornar plausível um vôo espacial tripulado ao menos até a estrela mais próxima. Que tal jornada consumisse um século não constituía fator decisivo, já que a hibernação poderia resolver o problema. Um macaco *rhesus* estivera dormindo no hospital-satélite Louis Pasteur durante quase mil anos e ainda mostrava uma atividade cerebral perfeitamente normal. Não havia razão para supor que os seres humanos não pudessem fazer o mesmo, embora o recorde, mantido por um paciente sofrendo uma forma peculiarmente enigmática de câncer, era de menos de dois séculos.

O problema biológico fora resolvido, era o problema de engenharia que parecia insuperável. Uma nave capaz de carregar milhares de passageiros adormecidos e tudo o que eles precisariam para uma nova vida em outro mundo teria que ser tão grande quanto os transatlânticos que haviam, em outra época, dominado os mares da Terra.

Seria fácil construir tal nave além da órbita de Marte e usando os abundantes recursos do cinturão de asteróides. Contudo, seria impossível construir motores que pudessem levá-la às estrelas em qualquer espaço de tempo razoável.

Mesmo viajando-se a um décimo da velocidade da luz, todos os objetivos mais promissores encontravam-se a mais de quinhentos anos de viagem. Tal velocidade podia ser alcançada pelas sondas-robôs, relampejando através dos sistemas estelares mais próximos e irradiando de volta suas observações durante algumas horas febris de trânsito. Todavia, não existia maneira de freá-las para encontros ou pousos e, descontando-se a possibilidade de acidentes, elas continuariam viajando através da galáxia para sempre.

Este era o problema fundamental com os foguetes e ninguém jamais encontrara alguma outra alternativa para a propulsão no espaço profundo. Era tão difícil perder velocidade quanto adquiri-la, e transportar o propelente necessário para a desaceleração não *dobrava* meramente as dificuldades da missão, mas elevava-as ao *quadrado*.

Uma hibernave em grande escala poderia, de fato, ser construída de modo a alcançar um décimo da velocidade da luz. Ela exigiria um milhão de toneladas de elementos um tanto exóticos, como propelentes, algo difícil mas não impossível de se conseguir.

Todavia, para suprimir a velocidade alcançada no final da viagem, a nave deveria partir não com um milhão, mas com a impossível quantidade de um bilhão de toneladas de propelente. Isto, é claro, estava completamente fora de questão, tanto que ninguém pensara seriamente no assunto durante séculos.

E então, por uma das maiores ironias da história, a Humanidade recebeu as chaves para o Universo quando dispunha menos de um século para usá-las.

8. LEMBRANÇA DE UM AMOR PERDIDO

"Como fico feliz", pensou Moisés Kaldor, "por nunca ter sucumbido à tentação daquela isca sedutora que a arte e a tecnologia tinham oferecido à humanidade há mais de mil anos. Se desejasse, eu poderia ter trazido o fantasma eletrônico de Evelyn comigo neste exílio, aprisionado em alguns gigabites de programação. Ela poderia aparecer diante de mim, com qualquer um dos cenários de fundo que ambos amávamos, e estabelecido uma conversação tão convincente que um estranho nunca imaginaria não existir ali ninguém, *nada* realmente."

"Mas eu saberia depois de uns cinco ou dez minutos, a não ser que me iludisse deliberadamente pela força de vontade. E eu nunca o faria, muito embora ainda não soubesse por que os meus instintos se revoltam contra isso. Sempre me recusei a aceitar esse falso consolo do diálogo com os mortos. E agora, não possuo sequer uma simples gravação da voz dela."

"É muito melhor deste modo. Poder observá-la movendo-se em silêncio no pequeno jardim de nosso último lar, sabendo que não é uma ilusão dos produtores de imagens, mas que realmente aconteceu há duzentos anos, lá na Terra."

"E a única voz, lá e aqui, será a minha falando para a memória que ainda resta em meu próprio cérebro humano."

"Gravação Particular Um. Misturador Alfa. Programa de auto-eliminação."

"Você estava certa, Evelyn, e eu, errado. Embora seja o homem mais velho na nave, parece que ainda posso ser útil."

"Quando acordei, o comandante Bey estava ao meu lado. Eu me senti lisonjeado, assim que consegui sentir alguma coisa."

- Bem, comandante - disse eu. - Isso é realmente uma surpresa. Eu estava como que esperando o senhor me lançar no espaço como massa desnecessária.

Ele riu, e respondeu:

- Ainda pode acontecer, Moisés, a viagem não acabou. Mas certamente precisamos de você agora. Os planejadores da Missão foram mais sábios do que pensou que fossem.

- Eles me classificaram no manifesto da nave como: abre aspas embaixador-conselheiro fecha aspas. Em qual capacidade eu sou necessário?

- Provavelmente em ambas. E talvez em seu papel mais conhecido como...

- Não hesite se quer dizer cruzado, embora eu nunca tenha apreciado o termo e nunca tenha me considerado como líder de qualquer movimento. Eu só tentei fazer com que as pessoas pensassem por si mesmas. Eu nunca desejei que alguém me seguisse cegamente. A história já teve líderes demais.

- Sim, mas nem todos foram maus líderes. Considere aquele que lhe deu o nome.

- Muito superestimado, embora eu compreenda que o admire. Afinal o senhor também recebeu a tarefa de liderar tribos sem lar até uma terra prometida. Presumo que surgiu algum leve problema.

O comandante sorriu e respondeu:

- Fico feliz em ver que está bem acordado. Neste estágio, ainda não surgiu sequer um problema, e não há razão para haver. Mas a situação que se criou era inesperada, e você é o nosso diplomata

oficial. Tem uma habilidade que nós julgávamos que nunca ia ser necessária.

"Eu posso lhe dizer, Evelyn, *aquilo* me deu um choque. O comandante Bey deve ter adivinhado o meu pensamento quando viu meu queixo cair."

- Oh - exclamou Bey rapidamente -, nós não encontramos alienígenas! Mas parece que a colônia humana em Thalassa não foi destruída como tínhamos presumido. Na verdade, eles se saíram muito bem.

"Isto, é claro, era outra surpresa, embora muito agradável. Thalassa - O mar, o mar!... - era um mundo que eu nunca esperava ver. Quando acordei, ele deveria estar a anos-luz atrás e séculos no passado."

- Como é o povo? Você já fez contato com eles?

- Ainda não, esse vai ser o seu trabalho, Sabe melhor do que ninguém os erros cometidos no passado. Não queremos repeti-los aqui. Se estiver pronto para vir comigo, agora, até a ponte, eu lhe mostrarei uma vista aérea dos nossos primos perdidos.

"Isso aconteceu há uma semana, Evelyn, e como é agradável poder trabalhar sem a pressão de horários, depois de décadas sob uma limitação de tempo literalmente mortal e inadiável! Agora já sabemos tanto a respeito dos thalassianos quanto podemos desejar sem realmente tê-los visto cara a cara. E isto, nós vamos fazer esta noite."

"Escolhemos um terreno neutro para demonstrar que reconhecemos o nosso parentesco. O local do primeiro pouso é claramente visível e tem sido bem cuidado, mantido como um parque ou talvez um santuário. Este é um bom sinal: eu só espero que o *nosso* pouso não seja considerado como um sacrilégio. Talvez isto confirme que somos deuses, o que tornaria tudo mais fácil para nós. Uma coisa que quero descobrir é se os thalassianos já inventaram deuses."

"Estou começando a viver de novo, minha querida. Sim, é verdade, você foi mais sábia do que eu, o assim chamado filósofo! Nenhum homem tem o direito de escolher a morte enquanto ainda puder ajudar seus companheiros. Foi egoísta de minha parte ter pensado de outro modo... pensar em deitar para sempre ao teu lado, no lugar que tínhamos escolhido, há tanto tempo, e agora tão longe... Agora, posso aceitar o fato de que você se dispersou pelo sistema solar, como tudo o mais que um dia amei na Terra."

"Mas agora há trabalho a ser feito, e enquanto eu falo à sua memória, você ainda está viva."

9. A BUSCA DO SUPERESPAÇO

De todos os impactos psicológicos que os cientistas do século XX tiveram que suportar, talvez o mais devastador e inesperado tenha sido a descoberta de que nada era mais cheio que o assim chamado espaço "vazio".

A velha doutrina aristotélica de que a Natureza detestava o vácuo era perfeitamente verdadeira. Mesmo quando todos os átomos da matéria aparentemente sólida eram removidos de um determinado volume, o que restava era um fervilhante inferno de energias, numa escala e densidade inimagináveis para a mente humana. Em comparação, até mesmo a forma mais condensada de matéria - os cem milhões

de toneladas por centímetro cúbico de uma estrela de nêutrons - constituía um fantasma impalpável, uma perturbação quase imperceptível na estrutura incrivelmente densa e, no entanto, semelhante a uma esponja, do "superespaço".

Que havia muito mais no espaço do que a ingênua intuição sugeria foi revelado pela primeira vez num trabalho clássico de Lamb e Rutherford datado de 1974. Ao estudar o mais simples dos elementos, o átomo de hidrogênio, eles descobriram que alguma coisa muito estranha acontecia quando o elétron solitário orbitava o núcleo. Longe de viajar numa curva perfeita ele se comportava como se estivesse sendo sacudido por ondas incessantes numa escala submicroscópica. Embora fosse difícil compreender tal conceito, existiam flutuações no próprio vácuo.

Desde o tempo dos gregos, os filósofos se dividiam em duas escolas. A daqueles que acreditavam que o funcionamento da Natureza ocorria de modo uniforme e a dos que argumentavam ser isso uma ilusão, e que tudo acontecia, na realidade, sob a forma de discretos pulos ou solavancos, pequenos demais para serem percebidos na vida diária. O estabelecimento da teoria atômica constituiu um triunfo para a segunda escola de pensamento, e quando a Teoria Quântica de Planck demonstrou que mesmo a luz e a energia vinham em pequenos pacotes, e não em fluxos contínuos, a discussão ficou decidida.

Em última análise, o mundo natural era granulado, descontínuo. E mesmo que a olho nu uma cachoeira e a queda de um monte de tijolos parecessem muito diferentes, ambas as situações era idênticas. O pequeninos "tijolos" de H_2O eram muito pequenos para serem vistos sem o auxílio de instrumentos, mas podiam ser facilmente visualizados com as ferramentas dos físicos.

E agora a análise ia mais um passo à frente. O que tornava a estrutura granular do espaço tão difícil de ser percebida não era apenas sua escala submicroscópica, mas a sua total violência.

Ninguém poderia realmente imaginar um milionésimo de centímetro, mas pelo menos o número em si, a ordem de grandeza de um milhão não era algo desconhecido em certas atividades humanas, como estatísticas de população e orçamentos. Dizer que são necessários um milhão de vírus para abranger a distância de um centímetro já transmite algum significado à mente.

Mas um bilionésimo de centímetro, que era comparável ao tamanho do elétron, já constituía alguma coisa muito além da capacidade de compreensão. Podia, talvez, ser percebido com a razão, mas não emocionalmente.

E, no entanto, a escala dos acontecimentos na estrutura do espaço era inacreditavelmente menor do que essa - a tal ponto que, em comparação, uma formiga e um elefante teriam virtualmente o mesmo tamanho. Se alguém a imaginasse como uma massa de espuma borbulhante (algo enganoso, mas um primeiro passo em direção à verdade), então essas bolhas seriam...

... um milésimo de um milionésimo de um milionésimo de um milionésimo de um milionésimo de um milionésimo...

... de um centímetro de diâmetro.

E agora imagine essas bolhas estourando continuamente, com energias comparáveis às das bombas nucleares, e então reabsorvendo essa energia e cuspiendo-a de novo, e assim sucessivamente, por toda a eternidade.

Esta, numa simplificação grosseira, foi a imagem desenvolvida para a estrutura fundamental do espaço por alguns físicos do final do século XX. Que tais energias intrínsecas pudessem um dia ser aproveitadas parecia algo completamente ridículo naquela época.

Havia surgido, algumas gerações antes, a idéia de liberar as forças recém descobertas no núcleo do átomo. No entanto, isso acontecera em menos de meio século. Dominar as "flutuações quânticas" que guardavam as energias do próprio espaço seria uma tarefa mais difícil em muitas ordens

de magnitude, mas o prêmio correspondente seria também muito maior.

Entre outras coisas, ela daria à humanidade a liberdade sobre o universo. Uma espaçonave poderia ser acelerada praticamente para sempre, já que ela não necessitaria mais de qualquer combustível. O único limite prático de velocidade seria, paradoxalmente, aquele enfrentado pelos primeiros aviões, ou seja, a fricção provocada pela atmosfera à sua volta. O espaço entre as estrelas continha quantidades apreciáveis de hidrogênio e outros átomos, o que começaria a criar problemas bem antes de se atingir o limite final representado pela velocidade da luz.

A propulsão quântica poderia ter-se tornado realidade em qualquer data após o ano 2500 e, se assim fosse, a história da raça humana teria sido totalmente diferente. Infelizmente, como acontecera muitas vezes antes no oscilante progresso da ciência, observações erradas e teorias incorretas retardaram o salto final durante quase mil anos.

Os séculos febris dos Últimos Dias produziram muita arte brilhante, embora freqüentemente de natureza decadente, mas muito pouco conhecimento que fosse de fato novo. Além disso, nessa altura o longo registro de fracassos tinha convencido quase todo mundo de que o aproveitamento das energias armazenadas no espaço, assim como o moto-perpétuo, era algo impossível mesmo em teoria, e mais ainda na prática. Entretanto, tal qual o moto-perpétuo, ainda não se provara que era impossível, e até que isso fosse demonstrado sem margem de dúvida, ainda restaria alguma esperança.

Apenas 150 anos antes do fim, um grupo de físicos em Lagrange Um, um satélite de pesquisas em gravidade zero, anunciou que tal prova fora encontrada. Existiam razões fundamentais pelas quais as imensas energias do superespaço, ainda que fossem bem reais, nunca poderiam ser aproveitadas. Ninguém estava absolutamente interessado no esclarecimento desse beco escuro e sem saída da ciência.

Um ano depois, um pigarro de embarço escapou de Lagrange Um: um pequeno erro fora encontrado na prova. Era o tipo de coisa que acontecera com freqüência no passado, embora nunca com implicações tão fantásticas.

Um sinal de menos fora acidentalmente convertido num sinal de mais.

E, instantaneamente, o mundo inteiro havia mudado. A estrada para as estrelas se abria, cinco minutos antes da meia-noite.^[2]

III - ILHA DO SUL

10. PRIMEIRO CONTATO

"Talvez eu devesse ter feito uma abordagem mais suave", pensou Moisés Kaldor, "todos eles pareciam em estado de choque. Todavia isto por si só já era muito revelador. Mesmo que estas pessoas fossem tecnologicamente atrasadas (olhem só aquele carro!), elas devem perceber que somente um milagre de engenharia poderia ter-nos trazido da Terra a Thalassa. Primeiro, eles vão se perguntar como foi que nós conseguimos, e então começarão a se indagar *por quê*."

Esta, de fato, foi a primeira pergunta que ocorreu à prefeita Waldron. Estes dois homens num pequeno veículo eram obviamente apenas a vanguarda. Lá em cima, em órbita, deviam existir milhares. E a população de Thalassa, graças a regulamentos estritos, já se encontrava a 90% do ideal ecológico...

- Meu nome é Moisés Kaldor - disse o mais velho dos dois visitantes. - E este é o Tenente-comandante Loren Lorensen, assistente engenheiro-chefe na nave estelar *Magalhães*. Pedimos desculpas por estes trajes-bolha. Vocês devem compreender que eles se destinam à nossa mútua proteção. Embora estejamos em missão de paz, nossas bactérias podem agredir.

"Que voz linda", pensou a prefeita Waldron com razão. Já tinha sido a voz mais conhecida de um mundo, consolando e às vezes provocando milhões nas décadas antes do Fim.

O olhar inquieto da prefeita não permaneceu, porém, muito tempo em Moisés Kaldor. Ele tinha, obviamente, bem mais de sessenta anos, e era um pouco velho demais para ela. O homem mais jovem lhe agradara muito mais, embora ela duvidasse de que se acostumaria àquela palidez. Loren Lorensen (que nome charmoso!) tinha quase dois metros de altura, e seu cabelo era tão louro que chegava a ser prateado. Ele não era tão robusto quanto Brant, mas era certamente mais belo.

A prefeita Waldron julgava muito bem homens e mulheres e classificou Lorensen imediatamente. Nele havia inteligência e determinação, e até mesmo certa dureza. Ela não gostaria de tê-lo como inimigo, mas estava muito interessada em tê-lo como amigo. Ou coisa melhor...

Ao mesmo tempo, não duvidava que Kaldor fosse uma pessoa muito mais bonita. Em seu rosto e em sua voz, ela já podia discernir sabedoria, compaixão, além de uma tristeza profunda. O que não era de admirar, considerando a sombra lançada sobre a sua vida.

Todos os outros membros do comitê de recepção haviam se aproximado, e foram apresentados um por um. Brant, depois de uma troca de cortesias extremamente breve, foi direto para a aeronave e começou a examiná-la de uma extremidade a outra.

Loren o seguiu. Era capaz de reconhecer um colega engenheiro assim que o via, e podia aprender um bocado sobre as reações dos thalassianos. Ele adivinhou corretamente qual seria a primeira pergunta. Mesmo assim sentiu-se um tanto desconcertado.

- Qual é o sistema de propulsão? Aqueles orifícios de jatos são ridiculamente pequenos, se é que eles são isso.

Tratava-se de uma observação muito sagaz, indicando que estas pessoas não eram os selvagens

tecnológicos que a princípio pareceram. Mas ele nunca demonstraria estar impressionado. Melhor seria contra-atacar com igual força e acertá-lo bem entre os olhos.

- É um ramjato quântico atenuado, adaptado para vôo atmosférico através do uso do ar como fluido de trabalho. Suga as flutuações de Planck, como você sabe, dez para menos trinta e três centímetros. Assim, é claro, possui um alcance infinito, no ar ou no espaço. (Loren sentia-se muito satisfeito com aquele "é claro".)

Uma vez mais ele teve que dar crédito a Brant. O thalassiano nem piscou, e conseguiu mesmo dizer "muito interessante", como se realmente falasse com sinceridade.

- Posso ir lá dentro?

Loren hesitou. Podia ser descortês recusar, e afinal estavam ansiosos por fazer amigos o mais rapidamente possível. Talvez, o que era mais importante ainda, isto mostrasse quem dominava realmente a situação por ali.

- É claro - respondeu -, mas tenha o cuidado de não tocar em nada. - Brant estava por demais interessado para notar a ausência do "por favor".

Loren foi na frente, através da pequenina comporta de ar do espaçoplano. Havia lugar apenas para duas pessoas e foi necessário que Brant vestisse o traje-bolha sobressalente, o que complicou ainda mais as coisas.

- Eu espero que isso não seja necessário por muito tempo - explicou Loren -, mas teremos que esperar até que as checagens microbiológicas estejam terminadas. Feche os olhos até que acabemos de passar pelo: processo de esterilização.

Brant percebeu um pálido brilho violeta, e então houve um breve sopro de ar, após o que a comporta interna se abriu e os dois caminharam para a cabine de controle.

Enquanto se sentavam lado a lado, a película resistente porém quase invisível em torno deles pouco dificultava seus movimentos. Ainda assim os mantinha separados, de tal maneira que era como se estivessem em mundos diversos, o que, em muitos sentidos, era verdade.

Brant aprendia rápido, Loren tinha de admitir. Com mais algumas horas seria capaz de dirigir a máquina, embora jamais viesse a entender a teoria na qual ela se baseava. E neste ponto corria a lenda de que somente um punhado de homens entendera *realmente* a geodinâmica do superespaço, e estes estavam mortos há séculos.

Eles ficaram logo tão absorvidos em discussões técnicas que quase se esqueceram do mundo exterior. De súbito, uma voz levemente aborrecida falou da direção do painel de controle:

- Loren, nave chamando. O que está acontecendo? Faz meia hora que não ouvimos vocês.

Loren estendeu a mão sem pressa para acionar um botão.

- Se vocês estão nos monitorando em seis canais de vídeo e cinco de áudio, isto é um pouco de exagero. - Ele esperava que Brant tivesse entendido a mensagem: nós controlamos inteiramente a situação e não descuidamos de nada. - Deixei a cargo de Moisés, ele está se encarregando das conversações como de costume.

Através das janelas curvas eles podiam ver que Kaldor e a prefeita ainda se encontravam em meio a um animado diálogo, com o conselheiro Simmons participando ocasionalmente. Loren acionou outro controle e suas vozes amplificadas penetraram na cabine, mais alto do que se estivessem lá fora, ao lado deles.

- ... nossa hospitalidade. Mas deve perceber, é claro, que este é um mundo extraordinariamente pequeno no que concerne à área de superfície seca. Quantas pessoas disse que havia a bordo de sua nave?

- Eu não creio que tenha mencionado o número, senhora prefeita. De qualquer modo apenas

alguns de nós chegarão a descer em Thalassa, apesar da beleza do lugar. Entendo perfeitamente a sua... ah... preocupação, mas não há o que temer. Dentro de um ano ou dois, se tudo correr bem, teremos voltado ao nosso curso. Ao mesmo tempo, gostaria de dizer que esta não é uma visita social, pois não esperávamos encontrar ninguém aqui! Mas uma nave estelar não faz uma delta V à metade da velocidade da luz se não tiver razões muito boas. Vocês possuem algo de que necessitamos e nós temos alguma coisa para lhes dar.

- O quê, se me permite perguntar.

- De nossa parte, se quiserem aceitar, oferecemos os séculos finais da arte e da ciência humanas. Mas devo adverti-los para que considerem o que tal dádiva pode trazer à cultura de vocês. Talvez não seja sensato aceitar tudo que temos a oferecer.

- Aprecio sua honestidade e compreensão. Vocês devem possuir tesouros inestimáveis. Que poderíamos oferecer em troca?

Kaldor deu sua risada risonha.

- Felizmente *isto* não é problema. Vocês nem notariam se nós levássemos sem pedir. Tudo que queremos de Thalassa são cem mil toneladas de água. Ou, para ser mais específico, de gelo.

11. DELEGAÇÃO

O presidente de Thalassa encontrava-se no cargo há apenas dois meses e ainda não se acostumara com sua má sorte. Não havia nada que se pudesse fazer quanto a isto, exceto ver o aspecto positivo de um trabalho ruim durante os três anos que iria durar. Certamente não serviria de nada pedir uma recontagem, o programa de seleção, que incluía a geração e a mistura de números de mil dígitos ao acaso, era a coisa mais próxima da sorte que a engenhosidade humana já pudera conceber.

Existiam exatamente cinco maneiras de se evitar o perigo de ser arrastado para o palácio presidencial (com seus vinte aposentos, o suficiente para receber quase cem hóspedes): estar abaixo de trinta ou acima de setenta anos, ter uma doença incurável, ser mentalmente incapaz, ou então ter cometido algum crime grave. A única opção realmente aberta ao presidente Edgar Farradine era esta última, ele chegara mesmo a considerá-la seriamente.

Ainda assim, tinha de admitir que, a despeito dos inconvenientes pessoais que lhe causara, esta era provavelmente a melhor forma de governo que a humanidade já concebera. O planeta materno levava uns dez mil anos para aperfeiçoá-la, através de tentativas e, freqüentemente, de erros terríveis.

Assim que toda a população adulta fosse educada dentro dos limites de sua capacidade intelectual (e algumas vezes, de fato, além desses limites), a verdadeira democracia tornava-se possível. O passo final exigia o desenvolvimento de comunicações pessoais instantâneas, ligadas aos computadores centrais. De acordo com os historiadores, a primeira democracia verdadeira da Terra foi estabelecida no ano (terreno) de 2011, num país chamado Nova Zelândia.

Conseguido isso, a tarefa de selecionar um chefe de estado era relativamente pouco importante. Sendo universalmente aceito que qualquer pessoa que *deliberadamente* desejasse o cargo devia ser

automaticamente desqualificada, qualquer sistema serviria bem, e a loteria seria o meio mais simples de escolha.

- Senhor presidente - disse a secretária do gabinete -, os visitantes estão aguardando na biblioteca.

- Obrigado, Lisa. E sem os seus trajes-bolhas?

- Sim... todo o pessoal médico já concordou que é perfeitamente seguro. Mas é melhor avisá-lo, senhor. Eles... ah... têm cheiro um tanto estranho.

- Krakan! Estranho de que modo?

A secretária sorriu.

- Oh, pelo menos não é desagradável, não acho que seja. Deve ter algo a ver com a alimentação, após mil anos, nossas bioquímicas devem ter divergido. "Aromático" é provavelmente o termo que melhor o descreve.

O presidente não estava certo quanto ao que isto significava, e pensava se devia ou não perguntar, quando lhe ocorreu um pensamento perturbador.

- E como - perguntou -, supõe que seja o nosso cheiro para eles?

Para seu alívio, seus cinco convidados não demonstraram sinais óbvios de desconforto olfativo ao serem apresentados um a um. Mas a secretária Elizabeth Ishinara agira com sabedoria ao adverti-lo. Agora sabia exatamente o que implicava a palavra "aromático". Ela também acertou quando disse que não era desagradável, de fato, lembrava-lhe as especiarias que sua esposa usava quando era a vez dela cozinhar no palácio.

Ao se sentar na curva da mesa de conferências em forma de ferradura, o presidente de Thalassa meditava amargamente sobre o destino e a casualidade. Assuntos que nunca o tinham preocupado muito. Mas o acaso, em sua forma mais pura, o colocara em sua atual posição e o destino o atingira de novo. Como era estranho que logo ele, um fabricante de equipamentos esportivos, sem qualquer ambição, fosse escolhido para presidir este encontro histórico! Entretanto alguém tinha que fazê-lo, e era preciso admitir que estava começando a gostar. Pelo menos ninguém poderia impedir que fizesse seu discurso de boas-vindas.

Era de fato um discurso muito bom, embora talvez um pouco mais comprido do que seria necessário numa ocasião como esta. Perto do final ele percebeu que as expressões polidamente atenciosas de seus ouvintes estavam ficando um pouco sonolentas, e assim cortou algumas das estatísticas de produtividade, bem como toda a parte a respeito da nova rede energética da Ilha do Sul. Quando se sentou novamente estava seguro de ter pintado um painel de uma sociedade vigorosa, progressiva e com alto nível de capacidade técnica. A despeito de opiniões superficiais em contrário, Thalassa não era nem retrógrada nem decadente e ainda mantinha as melhores tradições de seus grandes ancestrais etc. etc.

- Muito obrigado, senhor presidente - disse o comandante Bey na pausa meditativa que se seguiu. - Foi de fato uma agradável surpresa quando descobrimos que Thalassa não era apenas habitada, como também tinha uma sociedade florescente. Isto tornará nossa presença aqui muito mais agradável e esperamos partir de novo com nada mais do que boa vontade de ambos os lados.

- Perdoe-me por ser tão rude, pode ser indelicado fazer esta pergunta quando os hóspedes acabam de chegar, mas quanto tempo esperam passar aqui? Gostaríamos de saber assim que for possível, de modo a poder preparar as necessárias acomodações.

- Eu compreendo perfeitamente, senhor presidente. Não podemos ser específicos neste estágio, porque isso depende em parte da quantidade de assistência que puder nos proporcionar. Suponho que pelo menos um de seus anos, mais provavelmente dois.

Edgar Farrantine, como a maioria dos lassanianos, não era muito hábil em ocultar suas

emoções, e o comandante Bey sentiu-se alarmado pela expressão subitamente entusiástica e até mesmo matreira que surgiu no rosto do executivo-chefe.

- Excelência, isto não criaria nenhum problema? - indagou ansiosamente.

- Pelo contrário - disse o presidente, praticamente esfregando as mãos de contentamento -, vocês podem não ter ouvido falar, mas os nossos ducentésimos jogos olímpicos devem se realizar dentro de dois anos. - Ele pigarreou modestamente. - Eu consegui um bronze nos mil metros quando ainda era jovem, por isso eles me encarregaram dos preparativos. Seria bom contarmos com alguma competição vinda de fora.

- Senhor presidente - disse a secretária do gabinete -, eu não creio que as regras...

- Regras que eu estabeleço - continuou o presidente com firmeza. - Comandante, por favor, considere isto como um convite. Ou um desafio, se preferir.

O comandante da nave estelar *Magalhães* era um homem acostumado a tomar decisões rápidas, mas desta vez fora surpreendido. Antes que pudesse pensar numa resposta adequada, sua oficial médica-chefe interveio:

- É extremamente gentil de sua parte, senhor presidente - disse a cirurgiã-comandante, Mary Newton. - Mas, como médica, devo lembrar que todos nós já passamos dos trinta, estamos completamente destreinados e a gravidade de Thalassa é seis por cento mais forte que a da Terra, o que nos colocaria em séria desvantagem. Assim, a menos que seus jogos olímpicos incluam xadrez ou jogos de cartas...

O presidente pareceu desapontado, mas se recuperou rapidamente.

- Oh, bem, pelo menos o comandante Bey poderia gostar de entregar alguns dos prêmios.

- Eu ficaria encantado - disse o comandante, meio espantado. Sentiu que o encontro estava escapando ao controle e dispôs-se a um retorno à agenda.

- Eu poderia explicar-lhe o que esperamos fazer, senhor presidente?

- É claro - foi a resposta um tanto desinteressada. Parecia que os pensamentos de Sua Excelência ainda estavam em outra parte, talvez revivendo os triunfos de sua juventude. Então, com um esforço óbvio, ele focalizou sua atenção no presente. - Nós ficamos lisonjeados, porém um tanto intrigados com sua visita. Parece haver pouquíssima coisa que nosso mundo possa lhes oferecer. Disseram-me que houve uma conversa a respeito de gelo, foi certamente uma piada.

- Não, senhor presidente, nós falamos com absoluta seriedade. É tudo o que precisamos de Thalassa, muito embora, agora que provamos alguns de seus produtos culinários, possamos aumentar nossa demanda consideravelmente. Pensei especialmente no queijo e no vinho que tivemos no almoço. Mas gelo é essencial, permita-me que explique. Primeira imagem, por favor.

A nave estelar *Magalhães*, com dois metros de comprimento, flutuou diante do presidente. Parecia tão real que ele teve vontade de estender a mão e tocá-la, algo que certamente teria feito se não houvesse espectadores para observar comportamento tão infantil.

- Pode-se ver que a nave é aproximadamente cilíndrica, com quatro quilômetros de comprimento por um de diâmetro. Como nosso sistema propulsor aproveita as energias contidas no próprio espaço, não existe limite teórico de velocidade até a da luz. Mas, na prática, começamos a ter problemas quando atingimos um quinto dessa velocidade, devido à poeira e ao gás interestelares. Tênuo como possa parecer, um objeto que se mova a sessenta mil quilômetros por segundo, ou mais, colide com uma quantidade surpreendente de material e, nesta velocidade, mesmo um único átomo de hidrogênio pode causar danos apreciáveis. Assim, *Magalhães*, como as primeiras espaçonaves primitivas, carrega um escudo ablativo à sua frente. Praticamente qualquer material serviria, desde que possuíssemos uma quantidade suficiente dele. E na temperatura de quase zero, encontrada entre as estrelas, é difícil

encontrar coisa melhor do que o gelo. É barato, fácil de ser trabalhado e surpreendentemente forte! Este cone rombudo é a aparência que tinha o nosso pequeno *iceberg* quando deixamos o Sistema Solar há duzentos anos. E é assim que ele se encontra agora.

A imagem tremulou, depois reapareceu. A nave não mudara, mas o cone flutuando adiante dela tinha encolhido para a forma de um disco fino.

- Isto é o que acontece quando se perfura um buraco de cinquenta anos-luz de comprimento através deste setor um tanto poeirento da galáxia. Fico feliz em dizer que a taxa de desgaste ficou dentro de cinco por cento da estimativa, assim nós nunca corremos nenhum perigo, embora, é claro, exista sempre a possibilidade remota de atingirmos alguma coisa *realmente* grande. Nenhum escudo poderia nos proteger nesta eventualidade, fosse ele feito de gelo ou da melhor chapa de aço para blindagens... Nós estamos em forma para percorrer mais dez anos-luz, mas isto não é suficiente. Nosso destino final é o planeta Sagan 2, ainda a 75 anos-luz de distância. Agora, senhor presidente, o senhor sabe o motivo de nossa parada em Thalassa. Nós gostaríamos de tomar emprestado, ou melhor, pedir, já que dificilmente poderíamos nos comprometer a devolver, umas cem mil ou mais toneladas de água de vocês. Nós precisamos construir outro *iceberg* lá em cima, em órbita, para varrer o caminho à nossa frente enquanto vamos para as estrelas.

- De que modo poderíamos ajudá-los? Tecnicamente vocês estão séculos adiante de nós.

- Duvido muito, exceto no que se refere à propulsão quântica. Talvez o comandante-deputado Malina possa delinear nossos planos. Sujeitos a aprovação, é claro.

- Por favor, prossiga.

- Inicialmente teremos que encontrar um lugar para a usina congeladora. Existem muitas possibilidades, poderia ser em qualquer trecho isolado da costa. Não causará absolutamente nenhum distúrbio ecológico, mas se preferirem nós a colocaremos na Ilha Ocidental e ficaremos torcendo para que Krakan não estoure antes que tenhamos terminado! O projeto da usina encontra-se virtualmente completo, necessitando apenas de pequenas modificações para se adaptar ao local que finalmente escolhermos. A maior parte dos componentes pode entrar em funcionamento agora mesmo. É tudo muito simples, bombas, sistemas de refrigeração, trocadores de calor, guindastes, tudo velha tecnologia do segundo milênio. Se tudo correr bem, nós teremos nosso primeiro gelo em noventa dias. Nós planejamos fazer blocos de tamanho uniforme, cada um pesando seiscentas toneladas, em forma de chapas chatas, hexagonais, que alguém batizou de flocos de neve e o nome parece que pegou. Quando a produção tiver começado, nós ergueremos um floco de neve por dia. Eles serão montados em órbita e unidos para formarem o escudo.. Da primeira elevação até os testes estruturais finais deve levar 250 dias. Então estaremos prontos para partir.

Quando o comandante terminou, o presidente Farradine continuou sentado em silêncio por alguns momentos, com o olhar distante. Então ele disse de modo quase reverente:

- Gelo, eu nunca vi nenhum, exceto no fundo de um copo de bebida.

Quando apertou as mãos, despedindo-se dos visitantes, o presidente Farradine percebeu alguma coisa estranha. O odor aromático deles era agora quase imperceptível.

Já estaria acostumado, ou estaria perdendo o senso de olfato?

Embora ambas as respostas fossem corretas, por volta da meia-noite ele só teria aceito a segunda. Ele despertou com os olhos lacrimejando e o nariz tão entupido que tornava difícil respirar.

- O que foi, querido? - indagou ansiosa a primeira-dama.

- Chame o, *atchim!*, médico - respondeu o executivo-chefe. - O nosso e aquele lá na nave. Eu não creio que exista nada que possam fazer, mas eu quero dar-lhes... *atchim!*... a minha opinião. E espero que você não tenha pego também.

A primeira-dama começou a tranquilizá-lo, mas foi interrompida por um espirro.

Os dois se sentaram na cama, olhando um para o outro com expressões infelizes.

- Acho que leva sete dias para passar - choramingou o presidente -, ou quem sabe a ciência médica tenha avançado nos últimos séculos.

Suas esperanças foram satisfeitas, embora não muito. Através de um esforço heróico e sem nenhuma perda de vidas, a epidemia foi dominada em seis miseráveis dias.

Não era um começo auspicioso para o primeiro contato entre primos separados pelas estrelas por quase mil anos.

12. HERANÇA

"Estamos aqui há duas semanas, Evelyn, embora não pareça tanto. São apenas onze dias de Thalassa. Mais cedo ou mais tarde teremos que abandonar o velho calendário, mas meu coração baterá sempre de acordo com os ritmos ancestrais da Terra."

"Tem sido um período de muito trabalho, e em geral agradável. O único problema verdadeiro foi de natureza médica. A despeito de todas as precauções, nós interrompemos a quarentena muito cedo e uns vinte por cento dos lassanianos pegaram algum tipo de vírus. E para nos fazer sentir ainda mais culpados, nenhum de nós apresentou qualquer sintoma. Felizmente ninguém morreu, embora eu temo que não possamos dar muito crédito aos médicos locais por isso. A ciência médica está definitivamente atrasada por aqui, eles se tornaram tão confiantes nos sistemas automatizados que são incapazes de enfrentar qualquer coisa fora do comum."

"Mas nós fomos perdoados, os lassanianos são um povo afável e condescendente. Eles tiveram uma sorte incrível, talvez demasiada, com seu planeta, que faz o contraste com Sagan 2 parecer ainda mais desolador."

"Sua única desvantagem real é a falta de terra, e eles têm sido bastante sábios para manter a população bem abaixo do máximo de sustentação. Se porventura se sentiram tentados a excedê-lo, receberam os registros das favelas da Terra como uma terrível advertência."

"Como são um povo tão belo e encantador, torna-se uma grande tentação ajudá-los em vez de deixar que desenvolvam sua própria cultura, à sua própria maneira. Em certo sentido são nossos filhos, e todos os pais acham difícil aceitar que algum dia deverão cessar de interferir."

"Até certo ponto, é claro, nós não podemos evitar algum tipo de interferência. Nossa própria presença faz isso. Somos hóspedes inesperados, embora felizmente bem-vindos em seu planeta. E eles nunca podem se esquecer de que a *Magalhães* está orbitando logo além da atmosfera, o último emissário do mundo de seus ancestrais."

"Já visitei o Primeiro Pouso, o lugar de seu nascimento, e passei pelo percurso que cada lassariano faz pelo menos uma vez em sua vida. É uma combinação de museu e santuário, o único lugar em todo o planeta onde a palavra 'sagrado' seria remotamente aplicável. Nada mudou em setecentos anos. A nave semeadora, embora não passe agora de um casco vazio, parece ter acabado de pousar."

Espalhados em volta dela estão os equipamentos de escavação, construção, e as usinas de processamento químico com seus criados-robôs. E, claro, as creches e escolas da Geração Um...

"Quase não existem registros destas primeiras décadas, talvez deliberadamente. A despeito de toda a habilidade e das precauções tomadas pelos planejadores, devem ter ocorrido acidentes biológicos, implacavelmente eliminados pelo programa-mestre. E a época em que aqueles que não tinham pais orgânicos deram a vez aos que tinham deve ter sido repleta de traumas psicológicos."

"Mas as tristezas e tragédias das Décadas do Gênesis encontram-se agora há séculos no passado. Assim como as sepulturas de todo os pioneiros, foram esquecidas pelos construtores da nova sociedade."

"Eu ficaria feliz em passar o resto da minha vida aqui, existe matéria-prima em Thalassa para todo um exército de antropólogos, psicólogos e cientistas sociais. Acima de tudo, como eu gostaria de encontrar alguns de meus colegas mortos há muito e mostrar-lhes de que maneira as nossas discussões intermináveis foram finalmente resolvidas."

"É possível construir uma cultura humana racional completamente livre da ameaça de barreiras sobrenaturais. Embora em princípio eu não aprove a censura, parece que aqueles que foram encarregados de preparar os arquivos da colônia thalassiana tiveram êxito numa tarefa quase impossível. Eles expurgaram a história e a literatura de dez mil anos e o resultado justificou seus esforços. Devemos ser muito cautelosos antes de substituir qualquer coisa que tenha sido perdida, não importa o quão bela ou comovente for enquanto obra de arte."

"Os thalassianos nunca foram envenenados pelos produtos decadentes das religiões mortas, e em setecentos anos de história nenhum profeta surgiu aqui para pregar uma nova fé. A própria palavra 'Deus' quase que desapareceu de sua linguagem, e eles se surpreendem ou se divertem quando a utilizamos casualmente."

"Meus amigos cientistas costumam dizer que uma única amostra produz estatísticas muito pobres, e assim me pergunto se a ausência total de religião nesta sociedade realmente prova alguma coisa. Nós sabemos que os thalassianos também foram selecionados geneticamente com muito cuidado, de modo a eliminar tantas características sociais indesejadas quantas fosse possível. Sim, sim, eu sei que apenas quinze por cento do comportamento humano é determinado pelos genes, mas esta fração é *muito* importante!"

"Os lassanianos parecem extraordinariamente livres de características desagradáveis tais como inveja, intolerância, ciúme ou raiva. Seria isto resultado apenas do condicionamento cultural?"

"Como eu adoraria saber o que aconteceu com as naves semeadoras enviadas por aqueles grupos religiosos do século XXVI! *A Arca da Aliança* enviada pelos mórmons, *A Espada do Profeta* - houve meia dúzia delas. Eu me pergunto se alguma teve sucesso e, nesse caso, qual foi o papel que a religião desempenhou em seu sucesso ou fracasso. Talvez um dia, quando a rede local de comunicações for estabelecida, nós descubramos o que aconteceu com esses primeiros pioneiros."

"Uma das conseqüências do ateísmo total reinante em Thalassa é a séria escassez de imprecações. Quando um lassaniano deixa cair alguma coisa no dedão do pé, fica sem o que dizer. Mesmo as referências normais às funções corpóreas não ajudam muito porque elas são consideradas normais. Na prática, a única expressão para uso geral é 'Krakan!' e mesmo esta já está muito gasta. Mas demonstra bem a impressão causada pelo Monte Krakan quando entrou em erupção há quatrocentos anos. Espero ter uma oportunidade de visitá-lo antes de partirmos."

"Isso ainda demorará muitos meses, mas já o temo. Não pelo perigo, possível, de alguma coisa acontecer com a nave. Eu nem saberia. Mas porque significaria que outro elo com a Terra, e com você, minha querida, foi quebrado."

13. FORÇA-TAREFA

- O presidente não vai gostar - disse a prefeita Waldron com alívio. - Ele estava querendo levá-lo à Ilha do Norte.

- Eu sei - respondeu o comandante-deputado Malina -, e nós sentimos desapontá-lo, a ele que tem sido tão prestativo. Mas a Ilha do Norte é rochosa demais e as únicas áreas costeiras adequadas já foram ocupadas. Entretanto, existe uma baía completamente deserta, a apenas nove quilômetros de Tarna, que será perfeita.

- Parece muito bom para ser verdade. *Por que* está deserta, Brant?

- É o Projeto Manguenzal. Todas as árvores morreram, ainda não sabemos por quê, e ninguém teve coragem de limpar a sujeira. Parece terrível e cheira pior ainda...

- Então já é uma área de desastre ecológico, portanto o senhor é bem-vindo, comandante! Só pode melhorar as coisas.

- Eu lhes asseguro que a nossa usina será muito bonita e não causará o menor dano ao meio ambiente. E é claro que será desmontada quando nós partirmos. A menos que desejem ficar com ela.

- Obrigado, mas duvido que tiremos algum proveito de várias centenas de toneladas de gelo por dia. Enquanto isso, quais são as facilidades que Tarna pode lhes oferecer quanto a acomodações, provisões e transporte? Eu ficaria satisfeito se pudesse fazer algo por vocês. Presumo que vários de vocês descerão para trabalhar aqui, não é mesmo?

- Provavelmente uns cem, e nós agradecemos sua oferta de hospitalidade. Mas temo que sejamos hóspedes terríveis: vamos ter conferências na nave durante todas as horas do dia e da noite. Assim, teremos que ficar juntos e logo que tenhamos constituído nossa pequena vila pré-fabricada, nos mudaremos para ela com todo o nosso equipamento. Sinto muito se pareço indelicado, mas qualquer outra solução simplesmente não seria prática.

- Acho que está com a razão - suspirou a prefeita. Ela estivera imaginando como poderia fugir do protocolo e oferecer a suíte para hóspedes ao espetacular comandante Lorensen, e não ao comandante Malina. O problema, que parecia insolúvel, agora nem se colocaria.

Estava tão decepcionada que chegou a se sentir tentada a telefonar para a Ilha do Norte e convidar seu último marido oficial para voltar para umas férias. Mas o bandido iria rejeitá-la de novo, e ela simplesmente não seria capaz de suportar isso.

14. MIRISSA

Mesmo já muito velha, Mirissa Leônidas ainda podia se lembrar do momento exato em que vira Loren pela primeira vez. Não havia mais ninguém, nem mesmo Brant, que se lembrasse disso.

Não fora exatamente uma novidade: já conhecera vários terráqueos antes de encontrar Loren, e não lhe tinham deixado nenhuma impressão extraordinária. A maioria passaria por lassanianos se fosse deixada alguns dias ao sol.

Mas não Loren, sua pele nunca bronzeava, e aquele cabelo fantástico parecia se tornar ainda mais prateado. Fora certamente isto que tinha chamado a atenção dela em primeiro lugar, enquanto ele saía do escritório da prefeita Waldron com dois de seus colegas, todos trazendo aquela expressão levemente frustrada, resultado normal de mais um contato com a burocracia letárgica e bem arraigada de Tarna.

Seus olhares haviam se encontrado, mas apenas por um momento. Mirissa deu mais alguns passos, depois, sem nenhum pensamento consciente, parou e olhou para trás, por cima dos ombros, e viu que o visitante a fixava com insistência. Ambos já sabiam então que suas vidas haviam sido irrevogavelmente modificadas.

Mais tarde, naquela noite, depois de fazer amor com Brant, ela perguntou:

- Eles lhe disseram quanto tempo vão ficar?

- Você escolhe as piores horas - resmungou ele, sonolento. - Pelo menos um ano. Talvez dois. Boa noite... mais uma vez.

Ela o conhecia o suficiente para não fazer mais perguntas, ainda que se sentisse completamente desperta. Por um longo tempo permaneceu deitada com os olhos abertos, vendo as sombras rápidas da lua interior deslizarem sobre o piso, enquanto o corpo saciado ao lado dela mergulhava suavemente no sono.

Ela conhecera muitos homens antes de Brant, mas desde que estavam juntos sentia-se totalmente indiferente aos outros. Então por que este súbito interesse (e ela ainda fingia que não passava disso) por um homem que tinha apenas vislumbrado e cujo nome nem mesmo sabia (embora esta fosse certamente uma das primeiras coisas a descobrir amanhã)?

Mirissa orgulhava-se de ser uma pessoa honesta e perspicaz. Desprezava os homens e as mulheres que se deixavam governar por suas emoções. Parte da atração, tinha certeza, era o elemento de novidade, o *glamour* de novos e vastos horizontes. Ser capaz de falar com alguém que havia realmente caminhado pelas cidades da Terra, que testemunhara as últimas horas do Sistema Solar e estava agora a caminho de novos sóis. Isto era uma maravilha além da imaginação que a tornava consciente de sua profunda insatisfação com o ritmo plácido da vida thalassiana, a despeito de sua felicidade com Brant.

Ou seria meramente satisfação e não felicidade? O que é que *realmente* queria? Se poderia encontrar o que procurava com esses estrangeiros das estrelas ainda não sabia, mas estava resolvida a tentar antes que eles deixassem Thalassa para sempre.

Naquela mesma manhã, Brant também havia visitado a prefeita Waldron, que o recebera com um calor um pouco menor que o habitual, depois que colocou os restos de sua armadilha de peixes sobre a escrivaninha dela.

- Sei que está ocupada com questões mais importantes - disse ele. - Mas o que me diz *disto*!

A prefeita olhou sem qualquer entusiasmo para o emaranhado de cabos. Era difícil focalizar a atenção na rotina do dia-a-dia depois de toda a vertiginosa excitação da política interestelar...

- O que *você* pensa que aconteceu? - perguntou ela.

- Foi obviamente deliberado. Veja como este fio foi torcido até quebrar. Não apenas a rede foi danificada, mas seções inteiras foram arrancadas. Tenho certeza de que ninguém na Ilha do Sul faria tal

coisa. Que motivo teria? Eu vou descobrir mais cedo ou mais tarde.

A pausa significativa feita por Brant não deixou dúvidas quanto ao que iria acontecer.

- De quem suspeita?

- Desde que comecei a experimentar armadilhas elétricas, tenho lutado não apenas contra os conservadores, mas contra aquela gente maluca que acha que toda a comida deve ser sintética porque é perverso comer criaturas vivas, tais como animais e mesmo plantas.

- Os conservadores pelo menos têm razão num ponto. Se esta sua armadilha for tão eficiente quanto afirma, poderá perturbar o equilíbrio ecológico de que eles tanto falam.

- O censo regular do recife nos diria se isso estivesse acontecendo e nós simplesmente a desligaríamos por algum tempo. De qualquer modo são os pelágicos que eu estou buscando realmente, e meu campo parece atraí-los a mais de três ou quatro quilômetros de distância. E mesmo que todos nas Três Ilhas não comessem outra coisa senão peixe, isso não faria um arranhão na população oceânica.

- Tenho certeza de que está certo no que se refere à população nativa de pseudopeixes. E isso não traz nenhum bem, já que a maioria deles é venenosa demais para compensar o processamento. Tem certeza de que o estoque de espécies terrenas já se estabeleceu em definitivo? Você pode ser a última gota, como diz o velho ditado.

Brant olhou com respeito para a prefeita, ela o surpreendia continuamente com perguntas sagazes como esta. Nunca lhe ocorrera que ela não se teria mantido no cargo por tanto tempo se não fosse muito mais do que aparentava.

- Eu temo que o atum não sobreviva. Serão precisos mais alguns bilhões de anos antes que os oceanos sejam suficientemente salgados para eles. Mas a truta e o salmão estão se saindo muito bem.

- Eles são realmente deliciosos e podem até mesmo dominar os escrúpulos morais dos sinteticistas. Não que eu realmente aceite a sua interessante teoria. Aquela gente pode falar, mas não *fará* nada.

- Eles soltaram todo um rebanho de gado daquela fazenda experimental há alguns anos.

- Você quer dizer que eles *tentaram*, mas as vacas caminhavam direto de volta para casa novamente. Todos riram tanto que eles cancelaram demonstrações posteriores. Eu simplesmente não posso imaginar que se dariam a todo esse trabalho - disse ela, apontando para a rede quebrada.

- Não seria difícil. Um pequeno barco à noite, um par de mergulhadores. A água só tem vinte metros de profundidade.

- Bem, eu vou fazer algumas consultas e enquanto isso você faz duas coisas.

- O quê? - perguntou Brant, tentando, sem conseguir, não parecer desconfiado.

- Conserte a grade. O Armazém Técnico lhe dará tudo que precisar. E pare de fazer mais acusações até ter cem por cento de certeza. Se estiver errado, vai fazer papel de tolo e terá de pedir desculpas. Se estiver, certo, pode afugentar os infratores antes que possamos pegá-los. Entendeu?

O queixo de Brant caiu um pouco. Ele nunca tinha visto a prefeita num estado de espírito tão decidido. Ele pegou a prova número um e fez uma retirada um tanto embaraçada.

Teria ficado ainda mais embaraçado ou talvez apenas se divertisse caso soubesse que a prefeita Waldron não estava mais apaixonada por ele.

O assistente de engenheiro-chefe Loren Lorensen tinha impressionado mais de uma cidadã mulher de Tarna naquela manhã.

15. TERRA NOVA

Tal lembrança da Terra constituía um nome infeliz para o povoado e ninguém admitiu a responsabilidade. Mas foi aceito como um pouco melhor do que "Campo Base".

O complexo de barracas pré-fabricadas brotara com espantosa velocidade, literalmente da noite para o dia. Foi a primeira demonstração que Tarna teve das pessoas da Terra, ou melhor, dos robôs da Terra em ação, e os moradores locais ficaram tremendamente impressionados. Até mesmo Brant, que sempre achara que os robôs atrapalhavam em vez de ajudar, a não ser no caso de trabalho perigoso ou monótono, começou a mudar de opinião. Havia um elegante construtor móvel, para serviços gerais, que operava com uma velocidade tão alucinante que era freqüentemente impossível seguir seus movimentos. Para onde quer que ele fosse, era seguido por uma multidão admirada de pequenos lassanianos. Quando ficavam em seu caminho, ele polidamente parava o que estivesse fazendo até que a costa estivesse livre. Brant achou que este era o tipo de assistente de que necessitava, talvez houvesse algum modo de persuadir os visitantes...

No final da semana Terra Nova era um microcosmo, plenamente operante, da grande nave orbitando além da atmosfera. Havia acomodações simples, mas confortáveis, para cem tripulantes, com todo o sistema de suporte vital de que necessitavam, como biblioteca, ginásio, piscina e teatro. Os lassanianos aprovaram essas instalações e se apressaram em fazer uso pleno delas. Como resultado, a população de Terra Nova era geralmente o dobro dos cem que o projeto devia alojar.

A maioria dos hóspedes, fossem convidados ou não, mostravam-se ansiosos por ajudar e dispostos a deixar os visitantes tão à vontade quanto possível. Tal amizade, embora muito apreciada e bem-vinda, era freqüentemente causa de embaraços. Os lassanianos eram insaciavelmente curiosos e parecia que praticamente ignoravam o conceito de privacidade. O leiteiro "Por favor, não perturbe" era freqüentemente considerado como um desafio pessoal, que levava a complicações interessantes...

- Vocês são todos oficiais graduados e adultos bastante inteligentes - disse o comandante Bey na última reunião de comando a bordo da nave. - Assim, deveria ser desnecessário lhes dizer isso, mas tentem não se envolver em quaisquer... ligações pessoais até que saibamos *exatamente* como os lassanianos vêem essas coisas. Eles parecem ser gente muito à vontade e afável, mas isto pode ser enganoso. Não concorda, Dr. Kaldor?

- Comandante, não posso ter a pretensão de ser uma autoridade em comportamento lassariano depois de um período de estudos tão curto. Mas existem alguns paralelos históricos interessantes com a época em que os antigos navios à vela chegavam ao porto depois de longas viagens marítimas. Espero que muitos de vocês tenham visto aquela clássica relíquia do vídeo, *O motim do Bounty*.^[3]

- Espero, Dr. Kaldor, que não esteja me comparando ao comandante Cook, quero dizer, Bligh.

- Não seria um insulto, o verdadeiro Bligh era um brilhante homem do mar e muito injustamente difamado. Neste estágio, tudo o que precisamos é bom senso, boas maneiras e, como indicou, cautela.

Teria Kaldor olhado em sua direção? - perguntou-se Loren. Certamente não era tão óbvio...

Afinal, suas tarefas oficiais o haviam colocado em contato com Brant Falconer uma dúzia de vezes por dia. Não havia maneira de evitar Mirissa, mesmo que quisesse.

Eles ainda não haviam se encontrado a sós, e não trocaram mais do que algumas palavras de polida conversação. Porém, não havia mais necessidade de dizer coisa alguma.

16. JOGOS DE SALÃO

- Chama-se bebê - disse Mirissa -, e, apesar das aparências, um dia crescerá para se tornar um ser humano perfeitamente normal.

Ela estava sorrindo, e no entanto havia umidade em seus olhos. Nunca lhe ocorrera, até se dar conta de seu fascínio por Loren, de que havia provavelmente mais crianças na pequena vila de Tarna do que em todo o planeta Terra nas últimas décadas, quando a natalidade era virtualmente zero.

- Ele é seu? - perguntou Loren baixinho.

- É o sobrinho de Brant, Lester. Estamos cuidando dele enquanto seus pais estão na Ilha do Norte.

- É lindo. Posso segurá-lo?

Como se esperasse uma deixa, Lester começou a chorar.

- Isto não seria uma boa idéia - riu Mirissa pegando a criança rapidamente e se dirigindo para o banheiro mais próximo. - Eu reconheço os sinais. Deixe que Brant ou Kumar lhe mostrem a casa, enquanto esperamos que os outros convidados cheguem.

Os lassanianos adoravam festas e não perdiam uma oportunidade. A chegada da *Magalhães* era literalmente uma oportunidade sem igual. Se fossem bastante imprudentes para aceitar todos os convites que recebiam, os visitantes não fariam outra coisa senão cambalear de uma recepção oficial ou não-oficial para outra. Logo o comandante emitiu uma de suas instruções pouco freqüentes, mas implacáveis, apelidadas de "trovões de Bey": limitava o comparecimento dos oficiais ao máximo de uma festa a cada cinco dias. Houve quem considerasse isto excesso de generosidade, em vista do tempo necessário para alguém se recuperar da hospitalidade lassaniana.

A residência Leônidas, atualmente ocupada por Mirissa, Kumar e Brant, era um prédio grande, em forma de anel, que vinha sendo propriedade da família há mais de seis gerações. Com apenas um andar (havia poucos prédios com andar superior em Tarna), ela circundava um pátio gramado com trinta metros de diâmetro. No centro havia um pequeno lago, completado com uma minúscula ilha acessível através de uma pontezinha de madeira. E sobre a ilha existia uma solitária palmeira que não parecia muito bem de saúde.

- Eles têm de substituí-la com freqüência - desculpou-se Brant. - Algumas plantas terrenas se dão bem aqui, outras simplesmente morrem, apesar de todos os adubos químicos que lhes damos. Aconteceu a mesma coisa com os peixes que tentamos introduzir. Fazendas de água doce funcionam muito bem, é claro, mas nós não temos muito espaço para elas. É frustrante pensar que existe um milhão de vezes mais espaço no oceano. Se ao menos pudéssemos usá-lo devidamente...

Na opinião pessoal de Loren, Brant Falconer era um chato quando começava a falar a respeito do mar. Ele tinha que admitir, entretanto, que este era um assunto mais seguro para uma conversa do que Mirissa, que havia conseguido se livrar de Lester e estava agora recebendo os convidados que chegavam.

Poderia ter imaginado que iria se encontrar numa situação dessas? - perguntou-se Loren. Já

estivera apaixonado antes, mas as memórias e mesmo os nomes haviam sido misericordiosamente obscurecidos pelo programa de apagamento a que todos se haviam submetido antes de deixar o Sistema Solar. E ele nem mesmo tentaria lembrá-los: por que motivo iria se atormentar com imagens de um passado que fora completamente destruído?

Até mesmo o rosto de Kitani já se tornava indefinido embora ele a tivesse visto no hibernáculo há apenas uma semana. Ela era parte de um futuro que haviam planejado mas que talvez nunca pudessem compartilhar. Mirissa estava aqui, agora, rindo e cheia de vida e não congelada em meio milênio de sono. Ela o fizera se sentir pleno uma vez mais, enchendo-o de alegria com a consciência de que a tensão e o esgotamento dos Últimos Dias não tinham afinal roubado sua juventude.

Sempre que estavam juntos, sentia aquela pressão que lhe dizia que era um homem novamente, e até que essa pressão fosse aliviada ele não teria paz nem seria capaz de realizar seu trabalho com eficiência. Havia ocasiões em que chegava a ver o rosto de Mirissa superposto nas plantas da Baía do Mangue e nos diagramas de fluxo, sendo obrigado a dar ao computador a ordem de PAUSA antes que pudesse continuar com ele sua conversação mental. E tornava-se uma tortura particularmente refinada passar algumas horas a metros de distância dela, sem que pudessem trocar mais do que polidas trivialidades.

Para alívio de Loren, Brant subitamente se desculpou e saiu apressadamente. Ele logo descobriu por quê.

- Comandante Lorenson! - disse a prefeita Waldron -, eu espero que Tarna o esteja tratando bem.

Loren gemeu por dentro. Sabia que era preciso ser gentil com a prefeita, mas as atividades sociais nunca tinham sido o seu forte.

- Muito bem, obrigado. Não creio que já tenha sido apresentada a estes cavalheiros.

Ele chamou, muito mais alto do que era necessário, um grupo de colegas que tinham acabado de chegar no outro lado do pátio. Por um golpe de sorte, eles eram todos tenentes, e, mesmo fora do serviço, a patente conferia privilégios que ele nunca hesitara em usar.

- Prefeita Waldron, este é o tenente Fletcher, é seu primeiro dia em terra, não é mesmo, Owen? Tenente Werner, tenente Ranjit Wilson, tenente Karl Bosley.

"Um clã marciano perfeito", pensou ele, "sempre juntos". Bem, isto fazia deles um esplêndido alvo, além disso, eram um grupo de jovens bem-apegoados. Achou que a prefeita não repararia na sua retirada estratégica.

Doreen Chang teria preferido entrevistar o comandante, mas este tinha feito uma rápida aparição formal, engolido um drinque, pedido desculpas aos anfitriões e partido.

- Por que ele não me deixou entrevistá-lo? - perguntou ela a Kaldor, que não tinha tais inibições e já gravara o equivalente a vários dias de tempo em áudio e vídeo.

- O comandante Sirdar Bey encontra-se numa posição privilegiada - respondeu. - Ao contrário de nós, ele não precisa se explicar ou se desculpar.

- Eu percebo um indício de sarcasmo em sua voz - disse a estrela do jornalismo da Thalassa Broadcasting Corporation (TBC).

- Não foi intencional. Eu admiro muito o comandante e até mesmo aceito sua opinião a meu respeito. Com algumas reservas, é claro. Ah... está gravando?

- Agora não. Muito ruído de fundo.

- Você tem sorte. Eu sou uma pessoa muito confiante, e como não existe nenhum modo de verificar se está ou não...

- De uma vez por todas, Moisés, diga-me, extra-oficialmente: o que ele pensa de vocês?

- Ele gosta de contar com minha experiência e meus pontos de vista, mas não me leva muito a sério. Eu sei exatamente por quê. Ele me disse uma vez: "Moisés, você aprecia o poder mas não a responsabilidade. Eu gosto de ambos." Foi uma observação muito perspicaz, que resume as diferenças entre nós.

- Como você respondeu?

- O que eu poderia dizer? Era verdade mesmo. A única ocasião em que me envolvi com a política não foi bem um desastre, mas nunca cheguei a gostar realmente.

- A Cruzada Kaldor?

- Oh, já sabe a respeito. Este nome tolo me aborrece. E este é outro ponto de discórdia entre mim e o comandante. Ele pensa, estou certo disso, que a Instrução que nos manda evitar *todos* os planetas com potencial de vida não passa de tolice sentimental. Outra citação do comandante: "Lei eu compreendo. Metalei é besteira."

- Isto é fascinante, um dia você tem que me deixar gravar.

- Definitivamente não. O que está acontecendo lá? Doreen Chang era uma dama persistente, mas sabia quando chegava a hora de desistir.

- Oh, aquilo é a escultura gasosa favorita de Mirissa. Certamente vocês também tinham dessas lá na Terra.

- É claro. E já que não estamos gravando, eu não creio que isso seja arte. Mas é divertido.

A iluminação principal tinha sido desligada em um trecho do pátio e uma dúzia de convidados encontrava-se reunida em torno do que parecia uma bolha de sabão muito grande, com quase um metro de diâmetro. Enquanto Chang e Kaldor caminhavam em direção a ela, podiam ver as primeiras ondulações de cor formando-se dentro, como o nascimento de uma nebulosa espiral.

- Chama-se "Vida" - disse Doreen. - E está na família de Mirissa há uns duzentos anos. Mas o gás está começando a vazar, ainda me lembro quando era muito mais brilhante.

Mesmo assim, era ainda impressionante. Uma bateria de lasers e canhões de elétrons na base fora programada por algum artista muito paciente, há muito tempo morto, de modo a gerar uma série de formas geométricas que lentamente evoluíam para estruturas orgânicas. Do centro da esfera, formas ainda mais complexas apareciam, expandindo-se para fora da visão e sendo substituídas por outras. Em uma seqüência inspirada, criaturas unicelulares eram mostradas subindo a escada espiral, reconhecível como uma representação da molécula de ADN. A cada degrau alguma coisa nova era acrescentada, e, numa questão de minutos, a exibição abrangera a odisséia de quatro bilhões de anos desde a ameba até o Homem.

Então o artista tentou ir mais além e Kaldor não conseguiu mais acompanhá-lo. As contorções de gás fluorescente tornaram-se muito complexas e demasiado abstratas. Se alguém visse o espetáculo mais vezes, talvez pudesse captar o sentido.

- O que aconteceu com o som? - perguntou Doreen, quando o redemoinho de cores fervilhando na bolha subitamente se apagou. - Costumava ter uma música muito boa, principalmente no final.

- Eu temia que alguém perguntasse isso - falou Mirissa, com um sorriso de desculpa. - Nós não temos certeza se o problema está no mecanismo de áudio ou no próprio programa.

- Certamente você tem um sobressalente!

- Sim, é claro. Mas o módulo sobressalente está no quarto de Kumar, provavelmente enterrado sob peças de sua canoa. Até que vocês tenham visto o covil dele, não entenderão realmente o significado da entropia.

- Não é uma canoa, é um caiaque - protestou Kumar, que acabara de chegar segurando uma linda menina local em cada um de seus braços. - E o que é entropia?

Um dos jovens marcianos foi suficientemente tolo para tentar uma explicação derramando dois drinques de cores diferentes dentro do mesmo copo. Antes que ele pudesse ir muito longe, sua voz foi abafada por uma descarga de música da escultura gasosa.

- Estão vendo! - gritou Kumar acima do ruído, com um orgulho óbvio -, Brant pode consertar *qualquer coisa!*

"Qualquer coisa", pensou Loren. "Eu me pergunto se..."

17. CADEIA DE COMANDO

Do: comandante Para: toda a tripulação

CRONOLOGIA

Como tem havido muita confusão desnecessária nesta questão, gostaria de fazer as seguintes observações:

1. Todos os registros e programações da nave continuarão a ser feitos no tempo da Terra (corrigido para levar em conta os efeitos relativísticos) até o final da viagem. Todos os relógios e sistemas de cronometragem a bordo da nave continuarão a funcionar no tempo terrestre.

2. Por questão de conveniência, as equipes de solo usarão a hora de Thalassa (HT) quando necessário, mas manterão seus registros no tempo da Terra (TT), com a hora de Thalassa entre parênteses.

3. Lembretes:

A duração do dia solar médio de Thalassa é 29,4325 horas, tempo da Terra.

Existem 313,1561 dias thalassianos no Ano Sideral Thalassiano, o qual se encontra dividido em onze meses de 28 dias. Janeiro é omitido do calendário, enquanto que os cinco dias extras que somam o total de 313 dias seguem-se imediatamente depois do último dia (28) de dezembro. Dias bissextos são intercalados a cada seis anos, mas não haverá nenhum durante a nossa estada.

4. Uma vez que o dia thalassiano é 22% mais longo que o da Terra, o número de dias no ano é 14% menor, a duração real do ano thalassiano é apenas 5% maior que o ano terrestre. Como estão todos cientes, existe uma vantagem prática na questão dos aniversários. Idade cronológica significa praticamente o mesmo na Terra ou em Thalassa. Um thalassiano de 21 anos viveu tanto quanto um terrestre de vinte. O calendário thalassiano começa no Primeiro Pouso, que foi em 3109 TT. O corrente ano é 718 TT, ou seja, 754 anos terrestres depois.

5. Finalmente, e podemos ser todos gratos por isto, em Thalassa só temos um fuso horário com que nos preocupar.

Sirday Bey (comandante)

3863.02.27.21.30 TT

718.00'.02.15.00 HT

- Quem pensaria que algo tão simples fosse tão complicado! - Mirissa riu ao examinar o

impresso do computador pregado no quadro de avisos de Terra Nova. - Eu suponho que este seja um dos famosos "trovões de Bey". Que tipo de homem é o comandante? Eu nunca tive uma chance real de falar com ele.

- Ele não é uma pessoa fácil de se conhecer - respondeu Moisés Kaldor. - Não creio que tenha falado com ele em particular mais do que uma dúzia de vezes. E é o único homem na nave a quem todos chamam de *senhor*, sempre. Exceto talvez o comandante-deputado Malina, quando estão juntos a sós... Mas este aviso não é certamente um genuíno "trovão de Bey". É demasiado técnico. A oficial de ciências Varley e o secretário Leroy devem tê-lo redigido. O comandante Bey tem uma formidável compreensão acerca dos princípios da engenharia, muito superior à minha, mas ele é principalmente um administrador. E ocasionalmente, quando se torna necessário, o comandante-chefe.

- Eu detestaria ter a responsabilidade dele.

- Alguém tem que fazer esse trabalho. Problemas de rotina podem ser enfrentados através de consultas aos oficiais superiores e aos bancos do computador. Mas às vezes torna-se necessária a decisão de um único indivíduo, que possui a autoridade para fazê-la ser cumprida. É para isso que precisamos de um comandante. Você não pode dirigir uma nave através de um comitê, pelo menos não todo o tempo.

- Eu acho que é desse modo que nós dirigimos Thalassa. Pode imaginar o presidente Farradine como comandante de alguma coisa?

- Estes pêssegos são deliciosos - comentou Kaldor taticamente enquanto se servia de outro, muito embora soubesse perfeitamente bem que eles haviam sido destinados a Loren. - Mas vocês tiveram sorte, não tendo que enfrentar nenhuma crise verdadeira durante setecentos anos! Não foi um de vocês que disse uma vez: Thalassa não possui história, apenas estatísticas?

- Gh, mas isso não é verdade! E quanto ao Monte Krakan?

- Foi um desastre natural que dificilmente poderia ser considerado dos grandes. Eu estou me referindo a... bem, a crises políticas: agitação popular, esse tipo de coisas.

- Podemos agradecer à Terra por isso. Vocês nos deram uma Constituição Jefferson Mark 3, que alguém já chamou de Utopia em Dois Megabites, e ela tem funcionado extraordinariamente bem. O programa não é modificado há trezentos anos. - E ainda estamos apenas na Sexta Emenda.

- E que fiquem nela - disse Kaldor fervorosamente. - Eu detestaria pensar que fomos responsáveis pela Sétima.

- Se isso acontecer, será processado primeiro nos bancos de memória dos Arquivos. Quando virá nos visitar de novo? Há tantas coisas que eu gostaria de lhe mostrar.

- Não virei tanto quanto gostaria. Vocês devem ter muita coisa que nos será útil em Sagan 2, mesmo sendo um tipo bem diferente de mundo. - "E bem menos atraente", acrescentou para si mesmo.

Enquanto estavam conversando, Loren chegou sem fazer ruído na área de recepção, obviamente vindo da sala de jogos e seguindo para os chuveiros. Estava usando um short sumário e tinha uma toalha jogada sobre os ombros nus. A visão deixou Mirissa com as pernas moles.

- Suponho que já derrotou todos, como de hábito - disse Kaldor. - Não fica tedioso?

Loren deu um sorriso malicioso.

- Alguns dos jovens lassanianos prometem. Um acaba de fazer três pontos contra mim. É claro que na ocasião eu estava jogando com a mão esquerda.

- É improvável que ele já lhe tenha contado - observou Kaldor para Mirissa. - Mas Loren foi campeão de tênis-de-mesa da Terra.

- Não exagere, Moisés. Eu era apenas o número cinco e os padrões estavam miseravelmente baixos, perto do fim. Qualquer jogador chinês do Terceiro Milênio teria me pulverizado.

- Eu não creio que tenha pensado em ensinar a Brant - disse Kaldor matreiramente. - Seria interessante.

Houve um breve silêncio, e Loren respondeu, de modo presunçoso mas preciso:

- Isso não seria justo.

- Mas acontece - disse Mirissa - que Brant gostaria de *lhe* mostrar alguma coisa.

-É?

- Você disse que nunca esteve num bote.

- É verdade.

- Então está convidado a encontrar Brant e Kumar no Pier Três, amanhã, às oito e meia.

Loren voltou-se para Kaldor.

- Você acha que é seguro ir? - perguntou, com falsa seriedade. - Eu não sei nadar.

- Eu não me preocuparia com isso - respondeu Kaldor solícito. - Se eles estiverem planejando uma viagem só de ida para você, isso não fará a menor diferença.

18. KUMAR

Apenas uma tragédia obscurecera os dezoito anos de vida de Kumar Leônidas. Ele seria sempre dez centímetros mais baixo do que no fundo desejava. Não era surpreendente que seu apelido fosse "O Leãozinho", embora poucos se atrevessem a usá-lo na sua presença.

Para compensar a baixa estatura, ele se empenhava em desenvolver largura e rigidez. Muitas vezes Mirissa lhe dissera, em meio a divertida exasperação:

- Kumar, se você passasse o mesmo tempo que gasta com o corpo desenvolvendo o cérebro, seria o maior gênio de Thalassa.

O que ela nunca lhe dissera, e dificilmente admitia para si mesma, era que o espetáculo daqueles exercícios matinais produzia nela sentimentos incestuosos, bem como certo ciúme de outras admiradoras que se reuniam para olhar e que representavam a maior parte das garotas da faixa etária de Kumar. Embora o boato invejoso de que ele já havia feito amor com todas as garotas e metade dos rapazes de Tarna fosse uma especulação extravagante, continha um certo fundo de verdade.

Mas Kumar, a despeito do abismo intelectual que o separava de sua irmã, não era nenhum idiota musculoso. Se alguma coisa o interessava, não se dava por satisfeito até que a tivesse dominado, não importando quanto tempo isso levasse. Ele era um soberbo navegador, e em dois anos, com a ajuda ocasional de Brant, construíra um soberbo caíque de quatro metros. O casco estava completo, mas ainda não começara a trabalhar no convés.

Um dia, ele jurara, iria lançá-lo ao mar e todos deixariam de rir. Enquanto isso a frase "o caíque de Kumar" passara a ser sinônimo de qualquer trabalho longo e não terminado em Tarna - dos quais, aliás, havia muitos.

À parte a tendência comum dos lassanianos para atrasar os serviços, um dos maiores defeitos de Kumar era seu caráter aventureiro e seu gosto por pregar peças às vezes arriscadas. Isto ainda iria

colocá-lo em sérios apuros, pensavam todos.

Ainda assim era impossível se irritar, mesmo com suas brincadeiras mais infames, porque eram totalmente destituídas de maldade. Kumar era uma pessoa aberta, transparente, e era impossível imaginá-lo dizendo uma mentira. Por isto podia-se perdoá-lo muitas vezes, como quase sempre acontecia.

A chegada dos visitantes havia, é claro, sido o acontecimento mais emocionante de sua vida. Ficava fascinado com o equipamento deles, as gravações sensórias de som e vídeo que haviam trazido, as histórias que contavam, enfim: tudo a respeito deles. Como via mais Loren do que qualquer outro, não era surpreendente que Kumar se ligasse a ele. Isto não agradava muito a Loren. Se havia uma coisa mais indesejável do que uma companhia inconveniente era o tradicional "estraga-prazeres", o irmãozinho pegajoso.

19. LINDA POLLY

- Eu ainda não consigo acreditar, Loren - disse Brant, Falconer. - Você *nunca* esteve antes num barco ou num navio?

- Eu me lembro de ter remado uma balsa de borracha num pequeno lago. Isso foi quando eu tinha cinco anos de idade.

- Então você vai gostar disso aqui. Não há nem mesmo uma onda para incomodar o seu estômago. Talvez possamos convencê-lo a mergulhar conosco.

- Não, obrigado. Uma experiência nova de cada vez. E eu já aprendi a não me colocar no caminho de homens que têm algum trabalho a fazer.

Brant estava com a razão, ele estava *começando* a apreciar a coisa enquanto os hidrojetos impulsionavam o pequeno trimarã, quase silenciosamente, em direção ao recife. E no entanto, assim que subira a bordo e avistara a firme segurança da orla da praia recuar rapidamente, Loren experimentara um princípio de pânico.

Somente o senso do ridículo o impedira de fazer um papelão. Tinha atravessado cinquenta anos-luz, na mais longa jornada já feita por seres humanos, até chegar àquele local.

E agora preocupava-se com algumas centenas de metros que o separavam da terra firme mais próxima.

E, no entanto, não havia maneira pela qual ele pudesse ter recusado o desafio. Enquanto se recostava à vontade na popa, observando Falconer no leme (como teria surgido aquela cicatriz branca sobre os ombros? Oh sim, ele tinha mencionado alguma coisa a respeito de uma queda numa microaeronave, alguns anos atrás...), ele se perguntava o que estaria passando na mente do lassaniano.

Era difícil acreditar que qualquer sociedade humana, mesmo a mais esclarecida ou indolente, pudesse estar inteiramente livre do ciúme, ou de qualquer outra forma de possessividade sexual. Não que houvesse muita coisa - até agora! - capaz de deixar Brant ciumento.

Loren duvidava que houvesse trocado mais do que umas cem palavras com Mirissa, a maioria delas na presença de seu marido. Correção: em Thalassa os termos marido e esposa não eram usados até

o nascimento do primeiro filho. Quando um filho era escolhido, a mãe, geralmente, mas não invariavelmente, passava a usar o nome do pai. Se o primogênito era uma menina, ambas mantinham o nome da mãe, pelo menos até o nascimento do segundo e último filho.

Havia poucas coisas capazes de chocar os lassanianos. Crueldade, principalmente com relação a crianças, era uma delas. E ter uma terceira gravidez, num mundo com apenas vinte mil quilômetros quadrados de terra, era outra.

A mortalidade infantil era tão baixa que dois partos eram suficientes para manter uma população constante. Tinha havido um caso famoso, único em toda a história de Thalassa, em que uma família recebera a bênção, ou a desgraça, de quintuplos nos dois partos seguidos. Embora a pobre mãe dificilmente pudesse ser culpada, sua memória estava agora cercada por aquela aura de gostosa devassidão que certa vez envolvera os nomes de Lucrécia Bórgia, Messalina ou Faustine.

"Eu terei que jogar minhas cartas com muito cuidado", pensou Loren. Que Mirissa o julgava atraente ele já sabia. Podia ver isso na expressão dela e no tom de sua voz. E tivera uma prova ainda maior nos contatos acidentais da mão, em suaves colisões do corpo que tinham durado mais do que o estritamente necessário.

Ambos sabiam que era apenas uma questão de tempo. E Loren tinha certeza de que Brant sabia disso também. No entanto, a despeito da tensão mútua entre eles, ainda permaneciam amigos.

A pulsação dos jatos morreu e o barco deslizou até parar, junto de uma grande bóia de vidro que subia e descia suavemente na água.

- Esta é nossa fonte de energia - disse Brant. - Nós só precisamos de algumas centenas de *watts*, e assim bastam-nos as células solares. Uma vantagem dos mares de água doce, que não funcionaria na Terra. Seus oceanos são muito salgados e engoliriam *quillowatt* sobre *quillowatt*.

- Tem certeza de que não vai mudar de idéia, tio? - sorriu Kumar.

Loren sacudiu a cabeça. Embora houvesse se surpreendido a princípio, agora já estava bem acostumado com a saudação universal empregada pelos jovens lassanianos. Era até um tanto agradável ganhar subitamente dúzias de sobrinhos e sobrinhas.

- Não, obrigado. Eu vou ficar aqui e observar pela janela submarina, se for o caso de vocês serem comidos pelos tubarões.

- Tubarões! - disse Kumar pensativo. - Animais maravilhosos, simplesmente maravilhosos. Eu queria que tivéssemos alguns aqui. Tornariam os mergulhos muito mais excitantes.

Enquanto Brant e Kumar ajustavam seu equipamento, Loren os observou com o interesse típico de um técnico. Comparado com o equipamento que se precisava usar no espaço, este era extraordinariamente simples e o tanque de pressão reduzira-se a uma coisa pequena que caberia facilmente na palma da mão.

- O tanque de oxigênio - disse ele -, não diria que fosse capaz de durar mais que um par de minutos.

Brant e Kumar olharam para ele numa atitude de censura.

- Oxigênio! Isso é um veneno mortal abaixo de vinte metros. Esta garrafa contém ar e é apenas um suprimento de emergência, bom para quinze minutos.

Ele apontou para a estrutura em forma de guelra, na mochila que Kumar estava usando.

- Há todo o oxigênio de que você necessita dissolvido na água do mar, se puder extraí-lo. Mas como isso consome energia, você precisará de uma célula de força para mover as bombas e os filtros. Eu poderia ficar lá embaixo durante uma semana com essa unidade, se realmente quisesse.

Ele bateu com os dedos no mostrador esverdeado do computador em seu pulso esquerdo.

- Isto me dá toda a informação de que preciso - profundidade, condição da célula de força, hora

de subir, paradas para descompressão.

Loren arriscou outra pergunta tola.

- Por que você está usando uma máscara facial e Kumar não?

- Mas eu estou - sorriu Kumar -, olhe cuidadosamente.

- Oh... estou percebendo. Muito hábil.

- No entanto, incomoda - disse Brant. - A menos que você praticamente viva na água, como Kumar. Eu experimentei essas lentes de contato uma vez e achei que feriam os meus olhos. Desde então permaneço fiel à boa e velha máscara. Dá muito menos trabalho. Pronto?

- Pronto, comandante.

Os dois rolaram simultaneamente sobre a borda de estibordo e bombordo do barco, e seus movimentos eram tão bem sincronizados que o trimarã nem balançou. Através do espesso painel de vidro colocado na quilha, Loren observou os dois deslizando sem esforço até o recife lá embaixo. Ficava, ele bem sabia, a mais de vinte metros de profundidade, mas parecia muito perto.

Ferramentas e cabos já tinham sido baixados até lá, e os dois mergulhadores passaram rapidamente ao trabalho, consertando as redes partidas. Ocasionalmente trocavam monossílabos em código, mas na maior parte do tempo agiam em completo silêncio, cada um conhecendo o seu trabalho e seu parceiro tão bem que não havia necessidade de diálogo.

O tempo passou muito rapidamente para Loren, que se sentia olhando para um novo mundo, o que não deixava de ser verdade. Embora já tivesse visto inumeráveis gravações de vídeo, feitas nos oceanos terrestres, quase todas as formas de vida que se moviam agora debaixo dele não lhe eram familiares. Havia discos rodopiantes e geléias pulsantes, tapetes que ondulavam e espirais que giravam como saca-rolhas, mas muito poucas criaturas que, com um esforço de imaginação, pudessem ser consideradas como verdadeiros peixes. Só uma vez, ele captou um vislumbre, bem na extremidade de seu campo de visão, de um rápido torpedo que teve quase certeza de ter reconhecido. Se estava certo, este também era um exilado da Terra.

Julgava que Brant e Kumar já o tinham esquecido quando foi surpreendido por uma mensagem no interfone subaquático.

- Estamos subindo. Estaremos com você em vinte minutos. Tudo O.K.?

- Ótimo - respondeu Loren. - Era um peixe da Terra o que eu vi ainda pouco?

- Eu nem reparei.

- O tio está certo, Brant. Uma truta mutante de vinte quilos passou há vinte minutos. Sua solda de arco a assustou.

Eles agora tinham deixado o leito do mar e subiam lentamente ao longo da graciosa catenária da linha da âncora. Cinco metros antes da superfície, fizeram uma parada.

- Esta é a parte mais chata de qualquer mergulho - disse Brant. - Nós temos que aguardar aqui por quinze minutos. Canal Dois por favor. Obrigado, mas não tão alto.

A "música para descompressão" tinha sido provavelmente escolhida por Kumar e seu ritmo nervoso parecia muito pouco apropriado para a pacífica cena submarina. Loren deu graças a Deus por não estar imerso nela e ficou satisfeito por poder desligar a música assim que os dois mergulhadores começaram a subir novamente.

- Aí está um bom trabalho matinal - disse Brant enquanto subia para o convés. - Corrente e voltagem normais. Podemos ir para casa agora.

A ajuda inexperiente de Loren tentando auxiliá-los a retirar o equipamento foi bem recebida. Os dois homens estavam cansados e gelados, mas se recuperaram rapidamente após várias xícaras do líquido quente e doce que os lassanianos chamavam de "chá", muito embora tivesse pouca semelhança

com qualquer bebida terrestre do mesmo nome.

Kumar ligou o motor e se colocou a caminho, enquanto Brant remexia na mistura confusa de equipamentos no fundo do barco até localizar uma pequena caixa colorida.

- Não, obrigado - disse Loren, enquanto ele lhe oferecia um dos tabletes levemente narcóticos.
- Não quero adquirir nenhum hábito local que seja difícil de quebrar.

Ele lamentou a observação assim que a fez. Aquilo devia ter sido provocado por algum impulso perverso do subconsciente ou talvez por seu próprio sentimento de culpa. Mas Brant obviamente não se importara e deitou-se com as mãos sob a cabeça, olhando para o céu sem nuvens.

- Você pode ver a *Magalhães* durante o dia - disse Loren, ansioso para mudar de assunto -, se souber exatamente para onde olhar. Mas eu nunca fiz isso.

- Mirissa o faz com frequência - revelou Kumar. - E ela me mostrou como. Você só precisa ligar para a Astronet pedindo o tempo de trânsito e então sair em céu aberto e deitar de costas. É como uma estrela brilhante, bem acima da gente, e nem parece estar se movendo. Mas se você olha para longe, ainda que por um segundo, perde-a de vista.

Inesperadamente Kumar diminuiu a velocidade por alguns minutos e então fez uma parada total. Loren olhou à volta para se orientar e ficou surpreso, vendo que ainda se encontravam pelo menos a um quilômetro de Tarna. Havia outra bóia oscilando na água ao lado deles, com uma grande letra "P" e uma bandeira vermelha.

- Por que paramos? - perguntou Loren.

Kumar deu uma risadinha e começou a esvaziar um pequeno balde pela borda do barco. Felizmente o balde estivera tampado até agora, seu conteúdo parecia-se suspeitamente com sangue, mas cheirando muito pior. Loren se afastou tanto quanto possível dos limites restritos do barco.

- Só estou chamando uma velha amiga - disse Brant baixinho. - Sente-se e não faça nenhum ruído. Ela é bem nervosa.

"Ela", pensou Loren. "O que estaria acontecendo?" Nada aconteceu durante pelo menos cinco minutos, Loren não teria acreditado que Kumar pudesse ficar quieto por tanto tempo. Então ele percebeu que uma faixa escura e curva tinha aparecido a alguns metros de distância do barco, logo abaixo da superfície da água. Ele a seguiu com os olhos, notando que formava um anel a circundá-los completamente.

Ele percebeu também, ao mesmo tempo, que Brant e Kumar não estavam observando a coisa e sim observando-o. "Então eles queriam me fazer uma surpresa", disse para si mesmo. "Bem, vamos ver..."

Apesar disso, foi necessário usar toda a sua força de vontade para sufocar seu grito de terror, quando o que parecia um muro de carne rosa-brilhante - ou melhor, putrefata - emergiu do mar. Aquilo se ergueu gotejante até à metade da altura de um homem e formou uma barreira contínua em torno deles. E, num último horror, sua superfície anterior era quase que completamente coberta com serpentes que se contorciam, suas cores azuis e vermelhas muito vividas.

Uma boca enorme, cercada de tentáculos, tinha se erguido das profundezas para engoli-los.

E no entanto não havia perigo, ele podia deduzir isso a partir das expressões de divertimento de seus companheiros.

- O que, em nome de... de Krakan, é isso? - sussurrou, tentando manter a voz controlada.

- Você reagiu muito bem - disse Brant admirado. - Algumas pessoas se escondem no fundo do barco. É Polly, de pólipos. Linda Polly. Colônia de invertebrados, bilhões de células especializadas, todas cooperando. Vocês tinham animais muito semelhantes na Terra, embora não tão grandes, creio eu.

- Estou certo que não eram - respondeu Loren, fervorosamente. - E se não se importa que

pergunte, como sairemos daqui?

Brant fez um gesto com a cabeça para Kumar, que deu aos motores força total. Com uma velocidade espantosa para uma coisa tão grande, a muralha viva em torno deles mergulhou de volta ao mar, nada deixando a não ser uma ondulação oleosa na superfície.

- As vibrações a assustam - explicou Brant. - Olhe pela janela de observação. Agora pode ver o bicho inteiro.

Abaixo deles, alguma coisa parecida com um tronco de árvore com dez metros de espessura estava recuando em direção ao leito do mar. Agora Loren percebia que as "serpentes" que vira se contorcerem na superfície eram tentáculos delgados. De volta ao seu elemento normal eles ondulavam sem peso, vasculhando as águas em busca do que, ou de quem, devorar.

- Que monstro! - suspirou, relaxando pela primeira vez após vários minutos. Um tênue sentimento de orgulho, mesmo de excitação, percorreu-lhe o corpo. Sabia que tinha passado em outro teste, tinha conquistado a aprovação de Brant e de Kumar e aceitara-a com gratidão.

- Mas essa coisa não é perigosa? - perguntou.

- Claro que é. É por isso que temos aquela bóia de aviso.

- Francamente, eu me sentiria tentado a matá-la.

- Por quê? - indagou Brant, chocado. - Que mal ela faz?

- Bem, uma criatura daquele tamanho deve pegar uma quantidade enorme de peixes.

- Sim, mas só as variedades lassanianas, não os peixes que *nós* comemos. E eis uma coisa interessante a respeito dela: por um longo tempo, nos perguntamos como conseguia persuadir os peixes, mesmo os espécimes estúpidos que existem aqui, que nadassem para dentro da sua goela. Por fim descobrimos que ela segrega algum tipo de chamariz químico e isto é o que nos fez pensar em armadilhas elétricas. O que me lembra que...

Brant estendeu a mão para seu comunicador.

- Tarna Três chamando Tarna Autogravador. Aqui Brant. Já consertamos a rede. Tudo funcionando normalmente. Não é preciso responder. Fim de mensagem.

Entretanto, para surpresa de todos, ouviu-se uma resposta imediata de uma voz muito familiar.

- Alô, Brant, Dr. Lorensen. Fico feliz de ouvir isso. E tenho algumas novidades interessantes para vocês. Gostariam de ouvi-las?

- É claro, prefeita - respondeu Brant enquanto os dois homens trocavam olhares de divertimento mútuo. - Prossiga.

- O Arquivo Central descobriu uma coisa surpreendente. Tudo isso já aconteceu antes. Há duzentos e cinquenta anos eles tentaram construir um recife em frente da Ilha do Norte por meio de eletroprecipitação, uma técnica que havia funcionado na Terra. Mas depois de algumas semanas, os cabos subaquáticos foram partidos e alguns deles *roubados*. O mistério nunca foi resolvido, porque a experiência, de qualquer modo, resultou em fracasso total. Não havia minerais suficientes na água para torná-la prática. Assim, você não pode culpar os conservacionistas por isso. Eles não existiam naquele tempo. - O rosto de Brant tinha tamanha expressão de espanto que Loren caiu na gargalhada.

- E você tentou me surpreender! - disse ele. - Bem, certamente conseguiu me provar que existem coisas no mar que eu nunca poderia ter imaginado. Mas agora parece que existem outras coisas que *você* também nunca imaginou.

20. IDÍLIO

Os tarnianos achavam muito divertido e fingiam não acreditar nele.

- Primeiro diz que nunca esteve num barco, e agora diz que não sabe andar de bicicleta!

- Devia se envergonhar - brincou Mirissa, piscando o olho para ele. - O método de transporte mais eficiente já inventado e você nunca tentou!

- Não tem muita utilidade em espaçonaves e é muito perigoso em cidades - retrucou Loren. - De qualquer modo, o que há para aprender?

Ele logo descobriu que havia um bocado. Andar de bicicleta não era tão fácil quanto pensara. Embora fosse necessário um verdadeiro "talento" para sair do baixo centro de gravidade de máquinas de rodas pequenas (ele tinha conseguido várias vezes), suas tentativas iniciais foram frustrantes. Só não desistiu devido à garantia de Mirissa de que este era o melhor meio de se descobrir a ilha, e também porque tinha esperança de que seria a melhor maneira de encontrar Mirissa.

O segredo, percebeu depois de mais algumas quedas, consistia em se ignorar a questão completamente e deixar o assunto por conta dos reflexos do corpo. Era bastante lógico, entretanto. Se uma pessoa tivesse que pensar a respeito de cada passo que dá, uma caminhada seria impossível. Embora Loren aceitasse isto intelectualmente, levou algum tempo antes que pudesse confiar em seus instintos. Uma vez superada esta barreira, o progresso foi rápido. E no final, como ele tinha esperado, Mirissa se ofereceu para mostrar-lhe os cantos remotos da ilha.

Teria sido fácil acreditar que eles fossem as duas únicas pessoas neste mundo, e no entanto estavam a apenas cinco quilômetros do vilarejo. Tinham certamente pedalado bem mais do que isso, já que a estreita ciclo via fora construída ao longo do caminho mais bonito, que por acaso era o mais longo. Embora Loren pudesse achar sua localização a qualquer instante, com o localizador de seu comunicador de pulso, não estava se importando. Era divertido fingir que se perdera.

Mirissa teria ficado mais satisfeita se ele não tivesse trazido o comunicador.

- Por que você tem que carregar essa coisa? - perguntou ela, apontando para o bracelete cravejado de controles em seu antebraço esquerdo. - É bom ficar longe das pessoas às vezes.

- Concordo, mas os regulamentos da nave são muito específicos. Se o comandante Bey precisar de mim com urgência e eu não responder...

- Bem, o que é que ele poderia fazer? Colocá-lo a ferros?

- Eu preferiria isso em vez do sermão que indubitavelmente receberia. De qualquer maneira eu o coloquei em Posição de Sono. Se Navcom insistir diante *disso*, então estará acontecendo uma emergência de verdade, e eu certamente vou querer entrar em contato.

Como a maioria dos terrestres, desde mil anos atrás, Loren ficaria mais à vontade sem as suas roupas do que sem o seu comunicador de pulso. A história da Terra estava repleta de histórias horríveis a respeito de indivíduos distraídos que morreram - em muitos casos, a alguns metros da salvação - por não poderem alcançar o botão vermelho de **EMERGÊNCIA**.

A ciclovía fora construída visando claramente a economia e não o tráfego pesado. Tinha menos de um metro de largura, e, a princípio, o inexperiente Loren sentiu-se pedalando em cima de um arame. Tinha que se concentrar nas costas de Mirissa (o que era uma agradável obrigação) para evitar ficar para trás, mas depois dos primeiros quilômetros ele adquiriu confiança e foi capaz de apreciar os outros

panoramas. Se tivessem encontrado alguém vindo na direção oposta, todos teriam de descer de seus assentos. A idéia de uma colisão a mais de 50 por hora seria uma perspectiva de terrível prognóstico. E seria uma longa caminhada de volta, carregando as bicicletas amassadas.

A maior parte do tempo pedalarão num silêncio total, interrompido apenas quando Mirissa apontava alguma árvore diferente ou uma vista excepcionalmente bela. O silêncio em si já era uma experiência inédita para Loren. Na Terra ele estivera sempre cercado de sons, e a vida a bordo da nave fazia-se sempre acompanhar por toda uma sinfonia de ruídos mecânicos tranquilizadores, com o soar ocasional de um alarme assustador.

Aqui as árvores os envolviam num cobertor isolante, de modo que cada palavra parecia ser sugada pelo silêncio no momento em que era pronunciada. No início, a novidade da sensação a tornava agradável, mas logo Loren começou a ansiar por alguma coisa que preenchesse este vácuo. Sentiu-se tentado a pedir música ambiente ao seu comunicador de pulso, mas tinha certeza de que Mirissa não aprovaria.

Foi portanto uma grande surpresa quando ele ouviu a batida, agora familiar, da música dançante lassaniana vindo das árvores adiante. Como a estreita ciclovía raramente avançava em linha reta por mais do que duzentos ou trezentos metros, ele não pôde ver a fonte do som até virarem uma curva fechada e depararem com um melodioso monstro mecânico, que, ocupando toda a superfície da estrada, avançava em direção a eles num passo bem lento. Parecia uma taturana-robô e, enquanto saltava da bicicleta para deixar a coisa passar, Loren percebeu que se tratava de um reparador automático de estradas. Ele tinha notado alguns trechos ondulados no pavimento e até mesmo buracos, e se perguntara quando o Departamento de Obras da Ilha do Sul iria se dignar a cuidar deles.

- Por que a música? - perguntou a Mirissa. - Esta não parece muito a espécie de máquina que a apreciaria.

Ele tinha acabado de dizer a sua piadinha quando o robô falou-lhe severamente:

- Por favor, não ande sobre a superfície da via a menos de cem metros de mim, ela ainda está endurecendo. Por favor, não ande sobre a superfície da via a menos de cem metros de mim, ela ainda está endurecendo. Obrigado.

Mirissa riu ante a expressão surpresa de Loren.

- Você está certo, é claro que ele não é muito inteligente. A música é um aviso para tráfego se aproximando.

- Algum tipo de buzina não seria mais eficiente?

- Sim, mas seria tão inamistoso.

Eles tiraram as bicicletas do caminho e esperaram enquanto a linha de tanques articulados, unidades controladoras e mecanismos de pavimentação passavam lentamente. Loren não pôde resistir ao impulso de tocar a superfície recém-expelida. Ela era quente e levemente plástica, parecendo úmida, embora ao tato fosse perfeitamente seca. Em segundos, todavia, ela se tornara dura como rocha e Loren notou a fraca impressão digital que havia produzido com seu dedo, pensando ironicamente: - *Deixei minha marca em Thalassa até que o robô passe por aqui novamente...*

Agora a estrada começava a subir as colinas e Loren sentia que os músculos pouco familiares de suas coxas e da barriga da perna começavam a exigir atenção. Um pouquinho de força auxiliar teria ajudado aqui, mas Mirissa tinha esnobado os modelos elétricos como sendo muito frágeis. Ela não diminuía sua velocidade nem um pouco, assim Loren não teve outra alternativa senão respirar fundo e acompanhá-la.

O que seria este fraco rugido adiante? Certamente ninguém poderia estar testando motores de foguete no interior da Ilha do Sul! O som tornou-se cada vez mais alto enquanto prosseguiram e Loren

acabou identificando-o segundos antes de poder ver de onde surgia.

Pelos padrões terrestres, a cachoeira não era muito impressionante: talvez uns cem metros de altura e uns vinte de largura. Uma pequena ponte de metal, brilhando na névoa de gotículas de água, transpunha o lago de espuma fervente no qual vinha dar.

Para alívio de Loren, Mirissa saltou da bicicleta, olhando para ele de modo travesso.

- Percebe alguma coisa... peculiar? - perguntou ela, acenando em direção à cena adiante.

- Como assim? - respondeu Loren, buscando algum indício. Tudo que ele via era um panorama contínuo de árvores e vegetação. Com a estrada serpenteando por dentro, do outro lado da cascata.

- As árvores, as árvores!

- Que há com elas? Eu não sou botânico.

- Nem eu, mas devia ser óbvio, repare só.

Ele olhou, ainda intrigado e daí a pouco compreendeu. Afinal, uma árvore é uma obra da engenharia natural, e ele era engenheiro.

Um projetista diferente estivera agindo do outro lado da cascata. Embora Loren não soubesse o nome de nenhuma das árvores ao seu redor, todas elas eram vagamente familiares, e ele tinha certeza de que tinham vindo da Terra. Sim, ali estava certamente um carvalho e nalgum ponto do trajeto havia visto lindas flores amarelas num arbusto.

Além da ponte havia um mundo diferente. Seriam reais as árvores? Pareciam toscas e inacabadas. Algumas tinham troncos atarracados, dos quais se estendiam alguns ramos espinhentos, outras pareciam imensas samambaias, e havia uma que lembrava gigantescos dedos esqueléticos, com auréolas nas juntas. E não havia flores...

- Agora eu entendo. A vegetação nativa de Thalassa.

- Sim, saiu do mar há apenas alguns milhões de anos. Nós chamamos isto aqui de A Grande Divisória. Mas se parece com a frente de batalha entre dois exércitos, e ninguém sabe ainda qual lado vai vencer. Nenhum, se pudermos intervir! A vegetação da Terra é mais avançada, mas as plantas nativas estão melhor adaptadas à química do solo. De tempos em tempos um invade o outro e nós temos que entrar em ação com as pás, antes que possam se estabelecer definitivamente.

"Como era estranho", pensou Loren enquanto os dois empurravam as bicicletas pela estreita ponte. Pela primeira vez desde que desembarcara em Thalassa sentia-se num mundo alienígena. Estas árvores desajeitadas e estas samambaias toscas poderiam ter sido a matéria-prima das jazidas de carvão que haviam impulsionado a Revolução Industrial, bem a tempo de salvar a raça humana. Ele podia facilmente imaginar um dinossauro saindo em disparada de dentro do mato a qualquer momento. Então se lembrou de que os lagartos terríveis ainda se encontravam uns cem milhões de anos no futuro quando tais plantas floresceram na Terra.

Estavam montando novamente nas bicicletas quando Loren exclamou:

- Krakan! Maldição!

- Que foi?

Loren desabou no que, providencialmente, parecia uma espessa camada de musgo.

- Cãibra - murmurou Com os dedos apertados, segurando os músculos da barriga da perna.

- Deixe-me ver - pediu Mirissa com a voz preocupada mas confiante.

Com suas massagens agradáveis, embora um tanto amadorísticas, os espasmos dele lentamente diminuíram.

- Obrigado - disse Loren depois de algum tempo. - Assim é muito melhor. Por favor não pare.

- Pensou realmente que eu ia parar? - sussurrou ela. E então, entre dois mundos, eles se tornaram um só.

IV - KRAKAN

21. ACADEMIA

O número de integrantes da Academia de Ciências Thalassiana era estritamente limitado a um número binário inteiro 100000000, ou, para aqueles que ainda preferiam contar nos dedos, 256. A oficial de ciências da *Magalhães* aprovara tal exclusividade, já que mantinha elevados os padrões. E a Academia levava muito a sério as suas responsabilidades. O presidente tinha confessado a ela que no momento existiam apenas 241 membros, pois revelou-se ser impossível preencher todos os lugares vagos com pessoal qualificado.

Destes 241, não menos de 105 estavam fisicamente presentes no auditório da Academia e 116 tinham se contactado através de seus comunicadores pessoais. Era uma assistência recorde, e a Dra. Anne Varley sentia-se extremamente lisonjeada, embora não pudesse conter uma breve curiosidade quanto aos vinte que tinham faltado.

Ela se sentiu também um tanto embaraçada ao ser apresentada como um dos principais astrônomos da Terra, muito embora na data da partida da *Magalhães* isto fosse bem verdadeiro. O tempo e o acaso tinham dado à última diretora do extinto Observatório Lunar de Shklovskiy esta única chance de sobrevivência. Ela sabia muito bem ser apenas competente quando comparada a gigantes como Ackerley, Chandrasekhar ou Herschel, para não falar em Galileu, Copérnico ou Ptolomeu.

- Aqui está - começou -, tenho certeza que todos já viram este mapa de Sagan 2, a melhor reconstrução possível a partir das sondagens e radiohologramas. Os detalhes são muito pobres, é claro, dez quilômetros no mínimo, mas é o suficiente para nos fornecer os fatos básicos.

- Diâmetro: quinze mil quilômetros, um pouco maior do que a Terra. Atmosfera densa: quase inteiramente de nitrogênio e nenhum oxigênio, *felizmente*.

Aquele "felizmente" sempre monopolizava a atenção, fazendo a audiência endireitar-se nas cadeiras num movimento súbito.

- Eu compreendo sua surpresa, a maioria dos seres humanos tem preconceito quanto à respiração. Todavia, nas décadas antes do Êxodo, ocorreram muitas coisas que alteraram nossa visão do Universo. A ausência de outras criaturas vivas no Sistema Solar, seja no passado, seja no presente, e o fracasso do programa SETI, a despeito de 16 séculos de esforços, convenceram virtualmente a todos de que a vida deve ser extremamente rara no Universo e, portanto, extremamente preciosa. Daí decorre que todas as formas de vida merecem respeito e devem ser protegidas. Algumas pessoas argumentam que até mesmo vírus patogênicos e transmissores de doenças não deveriam ser exterminados e sim preservados sob estritas regras de segurança. "Reverenciar a Vida" tomou-se uma expressão muito popular durante os Últimos Dias e poucos a aplicavam apenas com relação à vida humana.

"Uma vez aceito o princípio de não-interferência biológica, seguiram-se algumas conseqüências práticas. Há muito que já se aceitava que nenhuma tentativa de colonização deveria ser

feita em planetas abrigando formas de vida inteligente, a raça humana já tinha um registro de comportamento suficientemente ruim em seu próprio planeta. Felizmente - ou infelizmente -, tal situação nunca surgiu.”

“Mas a discussão foi levada ainda mais adiante. Vamos supor que encontrássemos um planeta onde a vida animal tivesse acabado de surgir. Deveríamos nos colocar de fora e deixar a evolução seguir seu curso, contando com a possibilidade de que mega-anos depois a inteligência pudesse surgir?”

“E indo ainda mais longe: suponha que existisse apenas vida vegetal? Ou micróbios unicelulares?”

“Vocês podem achar surpreendente que, estando a própria existência da raça humana em jogo, as pessoas se preocupassem em debater tais questões morais e filosóficas. A morte faz a mente se voltar para as coisas que importam realmente: por que estamos aqui, e o que devemos fazer?”

“O Conceito da "Metalei", que, tenho certeza, já foi ouvido por todos vocês, tornou-se muito popular. Seria possível desenvolver códigos morais e legislativos que fossem aplicáveis a *todas* as criaturas inteligentes e não meramente aos bípedes mamíferos e respiradores de ar que haviam dominado brevemente o planeta Terra? Por acaso o Dr. Kaldor foi um dos líderes do debate. Isto o tornou extremamente impopular entre os que argumentam que como o *H. Sapiens* era a única espécie inteligente conhecida, sua sobrevivência assumia precedência sobre todas as outras considerações. Alguém imaginou um *slogan* muito eficiente: "Entre o Homem e os fungos, escolho o Homem!"”

“Felizmente nunca houve uma confrontação direta, até onde nós sabemos. Pode demorar séculos até recebermos relatórios de todas as naves semeadoras que partiram. E se algumas delas ficarem silenciosas é porque provavelmente os fungos venceram...”

“No ano 3505, durante a sessão final do Parlamento Mundial, certas linhas de orientação - na famosa Diretiva de Genebra - foram estabelecidas com relação à futura colonização planetária. Muitos acharam que elas eram idealistas demais, e não havia modo de garantir que fossem cumpridas. Mas havia uma intenção final, um gesto de boa vontade em relação a um universo que poderia nunca ser capaz de apreciá-la.”

“Somente uma das Diretivas tem relação conosco aqui, mas ela foi a mais comentada e a que suscitou mais controvérsias, já que eliminava alguns dos alvos mais promissores. A presença de mais do que uma pequena porcentagem de oxigênio numa atmosfera planetária é prova definitiva de que a vida existe lá. Este elemento é demasiado reativo para ocorrer em estado livre, a menos que esteja continuamente sendo produzido por plantas ou equivalentes. É claro que a presença de oxigênio não significa necessariamente vida *animal*, mas prepara o terreno para que ela floresça. E mesmo que a vida animal apenas raramente conduza à inteligência, nenhum outro caminho plausível foi teorizado.”

“Assim, de acordo com os princípios da Metalei, planetas contendo oxigênio eram considerados proibidos. Francamente, eu duvido que uma decisão tão drástica tivesse sido tomada se a propulsão quântica não nos proporcionasse poder e alcance essencialmente ilimitados. Agora permitam-me delinear nossos planos de operação quando houvermos alcançado Sagan 2. Como podem ver pelo mapa, mais de 50% da superfície é coberta de gelo, com uma média estimada de profundidade em torno de três quilômetros. Todo o oxigênio de que algum dia necessitaremos!”

“Assim, quando tivermos estabelecido sua órbita final, *Magalhães* usará a propulsão quântica a uma pequena fração de sua força total para agir como uma tocha. Ela queimará o gelo, e ao mesmo tempo separará o vapor em oxigênio e hidrogênio. O hidrogênio escapa rapidamente para o espaço e nós poderemos apressar isso com lasers sintonizados, se for necessário. Em apenas vinte anos, Sagan 2 terá uma atmosfera de dez por cento de O₂ embora ainda por demais saturada de óxidos de nitrogênio e outros venenos para ser respirável. A esta altura, começaremos a despejar bactérias especialmente

desenvolvidas e mesmo plantas para acelerar o processo. Mas o planeta ainda estará muito frio, mesmo levando em conta o calor que teremos bombeado nele, a temperatura ainda será abaixo de zero em toda parte, exceto durante algumas horas, por volta do meio-dia, no Equador.”

“Será aí que usaremos a propulsão quântica, provavelmente pela última vez. *Magalhães*, que passou toda a sua existência no espaço, finalmente descerá até a superfície de um planeta. E então, por quinze minutos em cada dia, na hora apropriada, a propulsão será ligada na força máxima capaz de ser suportada pela estrutura da nave e pelo leito de rocha no qual a nave estiver parada. Nós não sabemos quanto tempo durará a operação até que tenhamos feito os primeiros testes. Talvez seja necessário mover a nave de novo, se o lugar inicial for geologicamente instável. Pelos primeiros cálculos, provavelmente necessitaremos operar a propulsão durante trinta anos para retardar a velocidade do planeta até que ele mergulhe em direção ao Sol o suficiente para nos proporcionar um clima temperado. E teremos que usar a propulsão por mais vinte e cinco anos de modo a tornar a órbita circular. Mas na maior parte do tempo Sagan 2 será inteiramente habitável, embora os invernos sejam violentos até que a órbita final seja conseguida.”

“Nós teremos então um planeta virgem, maior que a Terra, com quarenta por cento de superfície coberta por oceanos e uma temperatura média de 25 graus. A atmosfera terá um conteúdo de oxigênio de setenta por cento do da Terra, porém crescente. Será a hora de despertar os novecentos mil colonizadores ainda em hibernação e apresentar-lhes o novo mundo.”

- Este é o quadro, a menos que descobertas ou desenvolvimentos inesperados nos forcem a modificá-lo. E se acontecer o pior...

A Dra. Varley hesitou, e então sorriu amargamente:

“Não, o que quer que aconteça, vocês não nos verão novamente! Se Sagan 2 se revelar impossível de colonizar, há um outro alvo, trinta anos-luz além, talvez até melhor. Pode ser que venhamos a colonizar os dois, eventualmente. Mas isto fica para ser decidido no futuro.”

O debate levou algum tempo para começar, já que a maioria dos acadêmicos parecia atônita, embora os aplausos fossem certamente sinceros. O presidente, que devido à sua longa experiência sempre tinha algumas perguntas preparadas com antecedência, deu o pontapé inicial.

- Uma questão trivial, Dra. Varley, mas o que ou quem deu o nome a Sagan 2?

- O nome foi dado em homenagem a um autor de romances científicos do III Milênio.

Aquilo quebrou o gelo, como o presidente pretendia.

- A senhora mencionou, doutora, que Sagan 2 possui pelo menos um satélite. O que acontecerá com ele quando vocês mudarem a órbita do planeta?

- Nada, a não ser leves perturbações. Continuará movendo-se junto com seu principal.

- Se a diretiva de... 3500, não é?

- 3505.

- ... tivesse sido ratificada anteriormente, será que nós estaríamos aqui agora? Eu quero dizer, *Thalassa* teria sido proibida!

- É uma pergunta muito boa e nós a debatemos com frequência. A missão semeadora de 2751, que é a sua Nave-mãe na Ilha do Sul, certamente ter-se-ia colocado contra a instrução. Felizmente o problema não se levantou. Uma vez que vocês não têm animais terrestres por aqui, o princípio da não-interferência não foi violado.

- Isto tudo é muito teórico - disse um dos acadêmicos mais jovens, para divertimento óbvio dos mais velhos. - Admitindo-se que oxigênio significa vida, como vocês podem ter certeza de que a proposição inversa seja verdadeira? Pode-se imaginar todo o tipo de criaturas, mesmo criaturas inteligentes, em planetas sem oxigênio e até mesmo sem atmosfera. Se nossos sucessores evolutivos

fossem *máquinas* inteligentes, como muitos filósofos já sugeriram, elas iriam preferir uma atmosfera na qual não enferrujassem. Você tem idéia de qual é a idade de Sagan 2? Ele pode já ter passado pela era biológica do oxigênio, pode haver uma civilização mecânica esperando por vocês lá.

Houve alguns resmungos de discordância na platéia e alguém murmurou "ficção científica" em tom de desprezo. A Dra. Varley esperou que a confusão terminasse e então respondeu, lacônica:

- Nós não nos preocupamos muito com isso. E se encontrássemos uma civilização mecânica, o princípio de não-interferência dificilmente teria valor. Eu me preocuparia muito mais com o que eles fariam *conosco* do que o inverso!

Um homem muito velho, a pessoa mais velha que a Dra. Varley já tinha visto em Thalassa, levantou-se lentamente no fundo da sala. O presidente escreveu uma rápida nota e passou: "Professor Derek Winslade, 115, VM, da ciência de T. e historiador." A Dra. Varley ficou intrigada com o VM por alguns segundos antes que um misterioso clarão de percepção lhe dissesse que as iniciais significavam "Venerável Mestre".

E era típico, pensou, que o decano da ciência lassaniana fosse um historiador. Em todos os seus setecentos anos de história, as três ilhas tinham produzido apenas um punhado de pensadores originais.

Isto, entretanto, não devia motivar críticas. Os lassanianos foram forçados a construir toda a infra-estrutura da civilização desde a estaca zero, e pouca oportunidade ou incentivo tiveram para qualquer pesquisa que não fosse de aplicação direta. Além disso, ocorria o problema mais sério e sutil da população. Em qualquer ocasião, em qualquer disciplina científica, nunca haveria trabalhadores suficientes em Thalassa para se atingir a "massa crítica", ou seja o número mínimo de mentes reagindo para provocar a centelha fundamental da pesquisa num novo campo do conhecimento.

Somente na matemática, assim como na música, tinham ocorrido raras exceções a esta regra. Um gênio solitário, um Ramanujan ou um Mozart, podia surgir em qualquer parte e singrar os estranhos mares do pensamento sozinho.

O exemplo famoso na ciência lassaniana tinha sido Francis Zoltan (214-242) e seu nome ainda era reverenciado quinhentos anos depois, mas a Dra. Varley ainda tinha certas reservas até mesmo quanto às suas indubitáveis habilidades. Ninguém, assim lhe parecera, havia realmente entendido as descobertas de Francis no campo dos números hiper-transfinitos, e menos ainda fora capaz de levá-los adiante, no verdadeiro teste de todas as grandes descobertas. Mesmo agora, sua famosa "Última Hipótese" desafiava qualquer prova ou refutação.

Ela suspeitava, embora fosse muito prudente para mencionar isto aos seus amigos lassanianos, que a morte prematura de Zoltan tinha exagerado sua reputação, enchendo sua lembrança com as esperanças do que ele poderia ter sido. O fato de que desaparecera nadando perto da Ilha do Norte inspirara legiões de mitos e teorias românticas de insucesso no amor, rivais ciumentos, inabilidade em descobrir provas cruciais, terror ante o próprio hiperinfinito - nenhum dos quais possuía o mais leve fundamento. Tudo isso, entretanto, aumentara a imagem popular do maior gênio de Thalassa, desaparecido no ápice de sua carreira.

O que estava mesmo dizendo o velho professor? Oh sim, havia sempre alguém durante as perguntas que levantava uma questão totalmente irrelevante, ou aproveitava a oportunidade para expor a sua teoria favorita. Através de longa prática, a Dra. Varley tornara-se hábil em enfrentar esses casos e podia, geralmente, rir às custas deles. Mas teria que ser cortês com o VM cercado por seus respeitados colegas em seu próprio território.

- Professor... ah... Winsdale. ("Winslade", sussurrou o presidente apressadamente, mas ela achou que qualquer correção só pioraria as coisas.) A pergunta que o senhor fez é muito boa, mas deveria ser assunto de outra palestra. Ou de uma série de palestras, mas ainda assim nem arranharíamos o

assunto. Mas só para responder à sua primeira questão, devo dizer que já ouvimos esta crítica várias vezes e ela simplesmente não tem fundamento. Nós não fizemos nenhuma tentativa para manter o "segredo", como o senhor o chama, da propulsão quântica. A teoria completa encontra-se no computador-arquivo da nave e constitui parte do material que está sendo passado para o seu computador.

!Tendo dito isso, eu não desejaria levantar falsas esperanças. Francamente, não existe ninguém na tripulação ativa da nave que realmente compreenda a propulsão. Nós apenas sabemos como usá-la. Existem três cientistas em hibernação que se supõe serem especialistas no assunto. Se tivermos que despertá-los antes de alcançarmos Sagan 2 estaremos em sérios apuros. Homens já enlouqueceram tentando visualizar a estrutura geométrico-dinâmica do superespaço e se perguntando por que o universo originalmente tinha onze dimensões em vez de um número mais fácil de se trabalhar como dez ou doze. Quando eu fiz o Curso Básico de Propulsão, meu professor disse: "Se vocês pudessem entender a propulsão quântica, não estariam aqui, estariam em cima, em Lagrange, no Instituto de Estudos Avançados." Ele fez uma analogia muito útil que me restaurou a capacidade de dormir quando eu tinha pesadelos tentando imaginar o que significava realmente dez elevado a menos trinta e três centímetros."

"A tripulação da *Magalhães* só tem que saber o que o propulsor *faz* - disse meu professor. - Eles são como engenheiros encarregados de uma rede de distribuição elétrica. Desde que saibam como ativar a força, não precisam saber como ela é gerada. Ela pode vir de alguma coisa simples como um dínamo movido a óleo, um painel solar ou uma turbina movida a água. Eles certamente entenderiam os princípios destes geradores, mas isso não seria necessário para que realizassem bem a sua tarefa. Ou então, a eletricidade pode vir de algo mais complexo como um reator de fissão, um fusor termonuclear, um catalisador de múons, um Nódulo Penrose ou um núcleo Hawking-Schwarzschild, percebe o que eu quero dizer? Nalgum ponto ao longo desta linha evolutiva eles teriam que desistir de qualquer esperança de compreensão, mas ainda seriam engenheiros, perfeitamente competentes, capazes de enviar a energia elétrica a qualquer hora e lugar onde esta fosse necessária."

"Da mesma forma nós podemos enviar a *Magalhães* da Terra para Thalassa e, espero eu, para Sagan 2, sem realmente saber o que estamos fazendo. Mas um dia, talvez daqui a séculos, nós seremos novamente capazes de nos igualarmos aos gênios que produziram a propulsão quântica. E, quem sabe, talvez vocês cheguem lá primeiro. Um novo Francis Zoltan pode nascer em Thalassa. E então talvez vocês venham nos visitar..."

Na realidade ela não acreditava nisto. Mas era um ótimo modo de terminar e produziu uma fantástica ovação.

22. KRAKAN

- Nós podemos fazer isso sem problemas, é claro - disse o comandante Bey, pensativo. - O planejamento está praticamente completo e aquele problema de vibração com os compressores parece resolvido. Os preparativos do local estão bem adiantados. Não há dúvida de que poderemos fornecer os homens e o equipamento, mas será que é uma idéia realmente boa? - Ele olhou para os cinco oficiais

superiores reunidos era torno da mesa oval da sala de conferências em Terra Nova. Como se estivessem de acordo, todos olharam para o Dr. Kaldor, que suspirou e abriu os braços resignado.

- Então não é um problema puramente técnico. Digam-me tudo o que eu preciso saber.

- Esta é a situação - explicou o comandante Malina. As luzes enfraqueceram e as Três Ilhas cobriram a mesa, flutuando uma fração de centímetro acima dela como um modelo lindamente detalhado. Só que este não era nenhum modelo, já que se a escala fosse bem ampliada seria possível ver os lassanianos em seus afazeres diários. - Creio que os lassanianos ainda têm medo do Monte Krakan, embora ele seja um vulcão muito bem-comportado na realidade, afinal, ele nunca *matou* ninguém. Ele constitui a chave para o sistema de comunicações entre as ilhas. O topo fica seis quilômetros acima do nível do mar, obviamente o ponto mais elevado do planeta. Portanto, o lugar ideal para um parque de antenas, com todos os serviços de longa distância direcionados por ali e irradiados de volta para as outras ilhas.

- Sempre me pareceu estranho - disse Kaldor - que após dois mil anos não tenhamos encontrado nada melhor do que o rádio.

- O universo veio equipado apenas com um espectro eletromagnético. Dr. Kaldor, temos que fazer dele o melhor uso que possamos. E os lassanianos têm sorte, já que mesmo os pontos extremos das Ilhas do Norte e do Sul estão separados por apenas trezentos quilômetros. O Monte Krakan pode cobrir ambos. Eles se saem muito bem sem satélites de comunicações.

- O único problema é a acessibilidade e o clima. Uma piada local diz que Krakan é o único lugar do planeta onde isso existe. A cada ano que passa, alguém tem que subir a montanha para consertar algumas antenas, substituir baterias e células solares e remover um bocado de neve. Nenhum problema sério, mas um bocado de trabalho duro.

- O qual - observou a cirurgiã-comandante Newton - eles evitam sempre que podem. Não que eu culpe os lassanianos por pouparem suas energias para coisas mais importantes, como ginástica e esportes.

Ela podia ter acrescentado sexo, mas esse já era um assunto demasiado delicado entre muitas de suas colegas, e a observação podia não ser apreciada.

- Por que eles precisam *subir* a montanha? - indagou Kaldor. - Por que simplesmente não voam até o topo? Eles possuem aeronaves de decolagem vertical.

- Sim, mas o ar é rarefeito, lá em cima, e tende a ser turbulento. Depois de vários acidentes, os lassanianos decidiram fazê-lo do modo mais difícil.

- Compreendo - disse Kaldor pensativamente -, é o velho problema da não-interferência. Por que enfraquecer a autoconfiança deles? Somente num nível trivial, eu diria. E se não atendermos a um pedido tão modesto, vamos provocar ressentimentos. Justificados, aliás, considerando a ajuda que eles estão nos dando com a usina de gelo.

- Penso exatamente do mesmo modo. Alguma objeção? Muito bem. Lorenson, tome as medidas necessárias. Use qualquer espaço-plano que achar adequado, desde que não seja necessário à operação Floco de Neve.

Moisés Kaldor sempre gostara das montanhas, elas o faziam sentir-se mais perto daquele Deus cuja inexistência por vezes lamentava.

Da borda da grande caldeira ele podia olhar para o mar de lava embaixo de si, há muito solidificado, mas ainda emitindo leves baforadas de vapor, através de uma dúzia de fendas. Além, bem na direção do oeste, ambas as ilhas maiores eram visíveis, estendendo-se como nuvens negras no horizonte.

O frio cortante e a necessidade de trabalhar cada inspiração aumentavam o prazer do momento.

Muito tempo atrás, havia encontrado esta frase, em algum antigo livro de viagens ou de aventuras: "O ar é como o vinho." Na ocasião, teve vontade de poder perguntar ao autor quanto vinho ele tinha respirado ultimamente, mas agora, a expressão não . parecia mais tão ridícula.

- Tudo descarregado, Moisés. Estamos prontos para voar de volta.

- Obrigado, Loren. Eu sinto vontade de ficar esperando aqui até que vocês recolham tudo ao cair da tarde, mas pode ser arriscado permanecer muito tempo nesta altitude.

- Os engenheiros trouxeram garrafas de oxigênio, é claro.

- Eu não estava pensando só nisso. Meu homônimo uma vez se meteu numa boa encrenca no alto de uma montanha.

- Desculpe, não estou entendendo.

- Deixe pra lá, foi há muito, muito tempo atrás.

Enquanto o espaço-plano decolava da borda da cratera, a equipe de trabalho acenava alegremente. Agora que todo o equipamento e as ferramentas haviam sido descarregados, eles se empenhavam nas preliminares essenciais a qualquer projeto lassaniano. Alguém estava fazendo chá.

Loren foi cuidadoso em evitar a complexa massa de antenas, com praticamente todos os modelos possíveis, enquanto subia lentamente para o céu. Elas estavam todas apontadas para as duas ilhas, fracamente visíveis no oeste, e se interrompesse seus múltiplos feixes, *gigabites* de informação seriam perdidos e os lassanianos se arrependeriam de algum dia ter pedido sua ajuda.

- Você não está seguindo para Tarna?

- Um minuto, eu quero olhar a montanha primeiro. Ah, lá está!

- O quê? Ah, estou entendendo. Krakan!

A exclamação emprestada era duplamente significativa. Abaixo deles o chão se fendera numa profunda ravina com cem metros de largura aproximada. E no fundo daquela ravina ficava o Inferno.

Os fogos do coração deste mundo jovem ainda queimavam lá, logo abaixo da superfície. Um rio brilhante de cor amarela pintalgada de vermelho movia-se vagarosamente em direção ao mar. - *Como eles podiam ter certeza de que o vulcão realmente se acalmara e não estava apenas dando tempo ao tempo?* - pensou Kaldor.

Mas o rio de lava não era o seu objetivo. Além dele estava uma pequena cratera, com aproximadamente um quilômetro de largura, em cuja borda erguia-se o toco de uma única torre arruinada. Enquanto se aproximavam, ele pôde notar que um dia tinham existido três torres igualmente espaçadas em torno da borda da caldeira, mas das outras duas só tinham restado os alicerces.

O fundo da cratera estava coberto com uma massa de cabos emaranhados e chapas de metal, obviamente os restos do grande refletor de rádio que fora suspenso ali. No centro encontravam-se os destroços do equipamento de transmissão e recepção, parcialmente submerso no pequeno lago formado pelos temporais tão freqüentes na montanha.

Circularam sobre as ruínas do último elo com a Terra, nenhum dos dois desejando interromper os pensamentos do outro. Afinal Loren quebrou o silêncio.

- Está uma confusão, mas não seria difícil de consertar. Sagan 2 fica a apenas doze graus norte mais perto do Equador do que a Terra ficava. Mais fácil de apontar o feixe para lá com uma antena.

- Ótima idéia. Quando terminarmos de construir nosso escudo, poderemos ajudá-los a começar. Não que eles precisem de muita ajuda, já que certamente não há pressa. Afinal, vão se passar quase quatro séculos antes que eles possam nos ouvir de novo, mesmo que começássemos a transmitir assim que chegássemos.

Loren terminou de gravar a cena e preparou-se para voar montanha abaixo antes de retomar o curso para a Ilha do Sul. Ele ainda não tinha descido mil metros quando Kaldor falou com uma voz

intrigada:

- Que fumaça é aquela, lá a nordeste? Parece um sinal.

A meio caminho em direção ao horizonte uma fina coluna branca erguia-se no azul sem nuvens do céu thalassiano. Certamente não estava lá até bem pouco antes.

- Vamos dar uma olhada. Talvez seja um barco com problemas.

- Sabe o que aquilo me lembra? - disse Kaldor.

Loren respondeu encolhendo os ombros silenciosamente.

- O sopro de uma baleia. Era assim que elas respiravam, os grandes cetáceos costumavam soprar uma coluna de vapor d'água. Parece muito com isso.

- Há duas coisas erradas na sua interessante teoria - respondeu Loren. - Aquela coluna está agora com pelo menos um quilômetro de altura. Que baleia!

- Concordo. E uma baleia respira por apenas alguns segundos, aquilo ali é contínuo. Qual a sua segunda objeção?

- De acordo com o mapa, ali não é mar aberto. Assim, adeus teoria do barco.

- Mas isso é ridículo, Thalassa é todo oceano. Oh, estou entendendo. A Grande Pradaria Ocidental. Sim, ali é a borda. Dá até para imaginar que existe terra lá embaixo.

Chegando rapidamente ao encontro deles vinha o continente flutuante de vegetação marinha, o qual cobria muito da superfície dos oceanos de Thalassa, gerando virtualmente todo o oxigênio na atmosfera do planeta. Era uma folha quase contínua, de um verde virulento, que parecia suficientemente sólida para se caminhar em cima. Apenas a completa ausência de colinas ou qualquer outra elevação revelava sua verdadeira natureza.

Porém, em uma região com um quilômetro de largura, a pradaria flutuante não era nem plana, nem contínua. Alguma coisa fervilhava abaixo da superfície, lançando para o alto grandes nuvens de vapor e, ocasionalmente, massas de algas emaranhadas.

- Eu devia ter me lembrado - disse Kaldor -, o "Filho de Krakan."

- É claro - respondeu Loren - Esta é a primeira vez que ele entra em atividade desde que nós chegamos. Então foi assim que as outras ilhas nasceram.

- Exato, o penacho vulcânico está se movendo continuamente para leste. Talvez dentro de mais alguns milhares de anos os lassanianos tenham um novo arquipélago.

Eles circularam por mais alguns minutos e então retornaram na direção da Ilha do Leste. Para a maioria dos espectadores o vulcão submarino teria sido uma visão assustadora.

Mas não para homens que tinham visto a destruição de um sistema solar.

23. O DIA DO GELO

O iate presidencial, aliás Barca de Transporte Interinsular n.º1, nunca parecera tão belo em qualquer estágio anterior de sua carreira de três séculos de duração. Não somente estava enfeitado com bandeiras como tinha recebido uma nova camada de tinta branca. Infelizmente, ou a tinta ou a força de

trabalho tinham esgotado antes que o trabalho estivesse inteiramente terminado, por isso o comandante fora muito cuidadoso ao ancorar, de modo que apenas o lado de estibordo fosse visível da terra.

O presidente Farradine também se vestira para o cerimonial, num traje surpreendente (criado pela primeira-dama) que fazia com que ele parecesse uma mistura de imperador romano com astronauta pioneiro. Ele não parecia nada à vontade naquela coisa, e o comandante Sirdar Bey sentia-se feliz por seu uniforme consistir apenas de short branco, camisa de gola aberta com divisas no ombro e um quepe adornado com galões dourados, que o fazia sentir-se em casa, embora não conseguisse lembrar quando fora a última vez que o vestira.

A despeito da tendência do presidente de tropeçar em sua toga, a excursão oficial tinha corrido muito bem e o lindo modelo da usina congeladora, colocado a bordo, funcionara perfeitamente. Ele produzia um suprimento ilimitado de bolachas hexagonais, do tamanho exato para caberem dentro de um copo de bebida. Mas os visitantes não podiam ser culpados por não entenderem a adequação do nome "Floco de neve". Afinal, poucos em Thalassa já tinham visto neve.

E agora eles deixavam de lado o modelo para inspecionar a coisa real, que cobria vários hectares da linha costeira de Tarna. Fora necessário algum tempo para conduzir o presidente, sua comitiva e todos os convidados, desde o iate até a praia. Agora, à última luz do dia, eles se colocavam respeitosamente na beira de um bloco hexagonal de gelo, com vinte metros de largura e dois de espessura. Não apenas era a maior massa de água gelada que alguém já tinha visto, como provavelmente era a maior do planeta. Mesmo nos pólos, o gelo raramente se formava. Sem grandes continentes para bloquear a circulação, as correntes velozes das regiões equatoriais rapidamente derretiam qualquer banquisa iniciante.

- Mas por que *esta* forma? - perguntou o presidente.

O comandante-deputado Malina suspirou, tinha certeza de já ter explicado isto várias vezes.

- Trata-se do velho problema de se cobrir uma superfície com telhas idênticas - ele disse pacientemente. - Há apenas três escolhas - quadrados, triângulos ou hexágonos. No nosso caso o hexágono é muito mais eficiente e fácil de se lidar. Os blocos, que vão ser mais de duzentos, cada um pesando seiscentas toneladas, serão encaixados uns nos outros para construir o escudo. Será uma espécie de sanduíche de gelo, com três camadas de espessura. Quando nós acelerarmos, todos os blocos se fundirão para formar um único disco de tamanho imenso. Ou um cone rombudo, para ser mais preciso.

- Você me deu uma idéia - disse o presidente, mostrando-se mais animado do que estivera em toda a tarde. - Nós nunca tivemos patinação no gelo aqui em Thalassa. Era um lindo esporte e havia um jogo chamado hóquei sobre o gelo, embora eu não tenha certeza se gostaria de reviver aquilo, levando em conta os vídeos que vi. Mas seria maravilhoso se vocês pudessem construir para nós um ringue de patinação a tempo para as Olimpíadas. Seria possível?

- Eu teria que pensar a respeito - respondeu Malina sem muita ênfase. - É uma idéia interessante. Mas eu precisaria saber de quanto gelo vocês vão precisar.

- Eu ficarei encantado. E vai ser uma maneira excelente para usarmos toda esta fábrica de gelo quando o trabalho estiver terminado.

Uma súbita explosão poupou a Malina a necessidade de responder. Os fogos de artifício tinham começado e nos próximos vinte minutos o céu acima da ilha riscou-se de incandescências multicores.

Os lassanianos adoravam fogos de artifício e os usavam sempre que podiam. A exibição era misturada com imagens criadas com raios *laser*, que eram ainda mais espetaculares e consideravelmente mais seguras, mas não se faziam acompanhar pelo cheiro de pólvora que dava o toque mágico final.

Quando todas as festividades tinham terminado e os convidados importantes voltado ao navio, o comandante Malina comentou, pensativo:

- O presidente é cheio de surpresas, embora tenha uma mente dirigida apenas num sentido. Estou cansado de ouvir falar nessa Olimpíada, mas a idéia do ringue de patinação é excelente e pode criar muita simpatia para conosco.

- Eu ganhei minha aposta - disse o tenente Lorenson.

- E que aposta foi? - perguntou o comandante Bey.

Malina deu uma risada.

- Eu nem acreditaria. Algumas vezes os lassanianos não demonstram qualquer curiosidade. Eles acham tudo natural, embora eu creia que deva ser motivo de orgulho terem tanta fé em nossa tecnologia. Talvez eles acreditem que temos antigravidade!

- Foi idéia de Loren que eu omitisse isto da explicação e ele estava certo. O presidente Farradine nunca se incomodou em me perguntar o que teria sido a primeira pergunta que eu faria: - Como é que vocês vão levantar cento e cinquenta mil toneladas de gelo até a *Magalhães*?

24. ARQUIVOS

Moisés Kaldor sentia-se feliz por poder ficar a sós na calma catedral do Primeiro Pousio. Sentia-se novamente como um jovem estudante, sendo confrontado por toda a arte e conhecimento da humanidade. A experiência era ao mesmo tempo estimulante e depressiva, um universo inteiro sendo colocado ao alcance de seus dedos e todavia a fração que ele poderia explorar no tempo de sua vida era tão insignificante que algumas vezes quase o sufocava de desespero. Era como ser um homem faminto diante de um banquete estendendo-se até onde a vista podia alcançar, um banquete tão fabuloso que destruía completamente o seu apetite.

E no entanto toda essa riqueza de sabedoria e cultura era apenas uma minúscula fração da herança humana, e muito do que Moisés Kaldor conhecera e amara estava faltando aqui, não por acidente, ele bem o sabia, mas intencionalmente.

Mil anos atrás, homens de gênio e boa vontade tinham reescrito a história e percorrido as bibliotecas da Terra, decidindo o que deveria ser salvo e o que deveria ser abandonado às chamas. O critério de escolha era simples, embora freqüentemente difícil de se aplicar.

A condição necessária para que algum trabalho de literatura ou registro histórico fosse inserido na memória das naves semeadoras era que ele pudesse contribuir para a sobrevivência e a estabilidade social dos novos mundos.

A tarefa era, obviamente, tão impossível quanto triste. Com lágrimas nos olhos, as equipes de seleção eliminaram os Vedas, a Bíblia, o Tripitaka, o Corão e todo um imenso corpo de obras de literatura e ficção baseadas neles. Apesar de toda a sabedoria e beleza contidas nesses livros, não se poderia permitir que eles reinfestassem planetas virgens com os ancestrais venenos dos ódios religiosos, da crença no sobrenatural e todo o palavreado crédulo com que incontáveis bilhões de homens e mulheres tinham se confortado outrora, ao custo do embotamento de suas mentes.

Perderam-se também no grande expurgo virtualmente todas as obras dos grandes romancistas,

poetas e dramaturgos que teriam sido, de qualquer forma, ininteligíveis sem sua base cultural e filosófica. De Homero, Shakespeare, Milton, Tolstoi, Melville, Proust (o último grande escritor de ficção antes que a revolução eletrônica dominasse a página impressa), deles restaram apenas algumas centenas de milhares de trechos cuidadosamente selecionados. Foi excluído tudo que se referisse a guerra, crime, violência e paixões destrutivas. Se os reprojitados e melhorados (esperava-se) sucessores do *H. sapiens* redescobrissem tais coisas, eles indubitavelmente iriam criar sua própria literatura em resposta. Não haveria necessidade de oferecer-lhes encorajamento prematuro.

A música, com exceção da ópera, tinha se saído melhor, bem como as artes visuais. Não obstante, o volume de material era tão grande que uma seleção fora obrigatória, embora às vezes arbitrária. Gerações futuras, em muitos mundos, iriam maravilhar-se com as primeiras 38 sinfonias de Mozart, a Segunda e a Quarta de Beethoven, a Terceira até a Sexta de Sibelius.

Moisés Kaldor tinha profunda consciência de sua responsabilidade e de sua inadequação, bem como a de qualquer outro homem, por mais talentoso que fosse, para a tarefa que enfrentava. Lá em cima, a bordo da *Magalhães*, seguramente guardado em seus gigantescos bancos de memória, encontrava-se muito daquilo que o povo de Thalassa nunca conhecera, e certamente muita coisa que eles avidamente aceitariam e apreciariam, mesmo que não pudessem entender completamente. A soberba recriação da *Odisséia* no século 25, os clássicos de guerra a olharem o sofrimento passado na distância segura de meio milênio de paz, as grandes tragédias shakespearianas na miraculosa tradução de Feinberg, para a Língua, a tradução de *Guerra e paz*, por Lee Chow - seriam necessários dias apenas para citar todas as possibilidades.

Por vezes, sentado na biblioteca do Complexo do Primeiro Pouso, Kaldor sentia-se tentado a brincar de Deus com aquele povo razoavelmente feliz e nada inocente. Ele iria comparar as listas dos bancos de memória com as existentes a bordo da nave, verificando o que fora condensado ou expurgado. Muito embora discordasse em princípio de qualquer forma de censura, freqüentemente tinha que admitir a conveniência das eliminações, pelo menos com relação à época da fundação da colônia. Mas agora, que ela se encontrava estabelecida com segurança, talvez uma perturbaçãozinha, uma injeção de criatividade, pudesse ser oportuna.

Algumas vezes ele era perturbado por chamadas da nave ou por grupos de jovens lassanianos em excursões guiadas ao início de sua história. Não se importava com as interrupções e houve uma que recebeu com satisfação.

Em muitas tardes, exceto quando negócios supostamente urgentes a prendiam em Tarna, Mirissa surgia cavalgando, colina acima, em seu lindo cavalo "Bobby". Os visitantes se tinham surpreendido muito ao encontrar cavalos em Thalassa, já que eles nunca tinham visto nenhum vivo na Terra. Mas os lassanianos adoravam animais e tinham recriado muitos, a partir dos arquivos de material genético que haviam herdado. Alguns eram inúteis, ou mesmo constituíam um aborrecimento, como os pequeninos macacos, sempre roubando pequenos objetos dos lares de Tarna.

Mirissa trazia sempre algum petisco, geralmente frutas ou um dos muitos queijos locais que Kaldor aceitava com gratidão. Mas ficava ainda mais grato pela companhia dela. Quem acreditaria que ele, que freqüentemente discursara para cinco milhões de pessoas, mais do que metade da última geração, agora se contentasse com uma audiência de uma...

- Como você descende de uma vasta linhagem de bibliotecários - disse Moisés Kaldor -, só pensa em *megabites*. Mas eu devo lembrar-lhe de que o nome "biblioteca" vem de uma palavra que significa *livro*. Vocês possuem livros em Thalassa?

- Claro que temos - respondeu Mirissa indignada. Ela ainda não aprendera a perceber quando Moisés estava brincando. - Milhões... bem, milhares. Há um homem na Ilha do Norte que imprime dez

por ano, em edições de algumas centenas. Eles são lindos e muito caros e acabam como presentes em ocasiões especiais. Eu ganhei um quando fiz 21 anos, *Alice no país das maravilhas*.

- Eu gostaria de vê-lo um dia desses. Eu sempre adorei os livros e tenho quase uns cem a bordo da nave. Talvez seja por isso que sempre que ouço alguém falando em *bites* eu divido mentalmente por um milhão e penso em um livro. Um *gigabite* igual a mil livros, e assim por diante. É o único modo pelo qual consigo compreender quando as pessoas falam em bancos de dados e transferências de memória. Agora, qual o tamanho da sua biblioteca?

Sem tirar os olhos de Kaldor, Mirissa deixou que seus dedos percorressem o teclado de seu consolo.

- Isso é outra coisa que nunca fui capaz de fazer - disse ele com admiração. - Alguém disse que depois do século XXI a raça humana podia ser dividida em duas espécies - os Verbais e os Digitais. Eu posso usar um teclado quando preciso, mas prefiro falar com meus colegas eletrônicos.

- De acordo com a última checagem feita de hora em hora - disse Mirissa -, seiscentos e quarenta e cinco *terabites*.

- Hum, quase um bilhão de livros. E qual era o tamanho inicial da biblioteca?

- Eu posso lhe dizer isso sem olhar. Seiscentos e quarenta.

- Assim, em setecentos anos...

- De fato, nós conseguimos produzir apenas alguns milhões de livros.

- Não estou criticando, afinal, a qualidade é muito mais importante do que a quantidade. Eu gostaria que me mostrasse aqueles que são considerados os melhores trabalhos de literatura lassaniana, de música também. O grande problema é que temos que decidir o que dar a vocês. A *Magalhães* possui mais de mil megalivros a bordo, no banco de Acesso Geral. Sabe o que isso implica?

- Se eu dissesse "sim", lhe tiraria a chance de me contar. Não sou tão cruel.

- Obrigado, minha cara. Falando sério, este é um problema terrível, que me assombrou durante anos. De vez em quando, eu penso que a Terra foi destruída na hora certa, já que a raça humana estava sendo esmagada pelo peso da informação que havia gerado. No final do segundo milênio, ela produzia apenas - apenas! - o equivalente a um milhão de livros por ano. E eu só estou me referindo à informação que se presumia ser de algum valor permanente, e que por isso era armazenada indefinidamente. Por volta do Terceiro Milênio, este número tinha sido multiplicado pelo menos por cem. Desde que a escrita fora inventada, até o fim da Terra, calcula-se que foram produzidos dez bilhões de livros. E como eu lhe disse, só temos dez por cento disso a bordo. Se nós descarregássemos tudo isso em cima de vocês, mesmo supondo que tivessem a capacidade de armazenagem, vocês seriam sufocados. Não seria bondade alguma, já que iria inibir completamente seu crescimento científico e cultural. E a maior parte do material não iria significar nada para vocês, levariam séculos para separar o joio do trigo.

"Estranho" - pensou Kaldor -, "eu nunca tinha pensado nesta analogia antes. É exatamente este o perigo que aqueles que se opunham ao CIET^[4] viviam citando. Bem, nós nunca nos comunicamos com a inteligência extraterrestre, mas os lassanianos acabam exatamente de fazer isso e os E. T. somos nós."

E no entanto, a despeito de suas culturas inteiramente diferentes, ele e Mirissa tinham muito em comum. A curiosidade e a inteligência dela eram tendências a serem encorajadas. Nem mesmo entre seus companheiros de tripulação havia alguém com quem pudesse ter conversas tão estimulantes. Por vezes, Kaldor tinha que se esforçar para poder responder a ela. Perguntas para as quais a única defesa era o ataque.

- Eu fico muito surpreso - disse ele, depois de um minucioso exame de política solar - que você não tenha seguido os passos de seu pai, assumindo plenamente as funções dele. Este seria o trabalho ideal para você.

- Já me senti tentada. Mas ele passou a vida inteira respondendo às perguntas dos outros e organizando arquivos para os burocratas da Ilha do Norte. Nunca teve tempo de fazer nada para ele mesmo.

- E você?

- Eu gosto de reunir informações, mas também gosto de vê-las usadas. É por isso que eles me fizeram diretora adjunta do Projeto de Desenvolvimento de Tarna.

- Que eu temo tenha sido ligeiramente sabotado pelas nossas operações. Pelo menos foi isso o que o diretor me disse quando o encontrei saindo do escritório da prefeita.

- Você sabe que Brant não falava a sério. É um projeto de longo alcance com datas aproximadas. Se o estádio de patinação olímpica for construído aqui, então o projeto terá que ser modificado para melhor, a maioria de nós pensa assim. É claro que os nortistas o querem para eles, acham que o Primeiro Pouso já é o suficiente para nós.

Kaldor riu, ele sabia tudo a respeito da velha rivalidade entre as duas ilhas.

- E não é mesmo? Especialmente agora que vocês nos têm como atração extra. Vocês não devem querer tudo.

Ambos tinham passado a se conhecer tão bem que podiam brincar em relação a Thalassa ou à *Magalhães* com igual imparcialidade. E não existiam mais segredos entre eles, podiam falar com franqueza a respeito de Loren e Brant, até que, finalmente, Moisés Kaldor se sentiu capaz de falar sobre a Terra.

- ...Oh eu perdi a conta dos meus vários empregos, Mirissa, mas a maioria deles não era muito importante, de qualquer modo. O que durou mais tempo foi o de professor de ciência política em Cambridge, Marte. E você não pode imaginar a confusão que isso fazia, porque havia uma universidade mais antiga em Cambridge, Massachusetts, e outra ainda mais velha em Cambridge, Inglaterra. Mas quando o fim se aproximou, eu e Evelyn nos tornamos mais e mais envolvidos com os problemas sociais imediatos, e no planejamento do Êxodo Final. Parecia que tinha certo talento para a oratória e podia ajudar as pessoas a enfrentarem o futuro que lhes restava. E no entanto nunca pude acreditar *realmente* que o Fim aconteceria em nossa época, e quem poderia? E se alguém me tivesse dito que eu devia deixar a Terra e tudo que amava...

A emoção contraiu-lhe o rosto e Mirissa esperou, num silêncio solidário, até que ele recuperasse a serenidade. Havia tantas perguntas que ela desejava fazer, perguntas que levariam uma vida inteira para serem respondidas. E ela só tinha um ano antes que a *Magalhães* partisse uma vez mais para as estrelas.

- Quando me disseram que eu era necessário, usei todas as minhas habilidades filosóficas e de argumentação para provar que eles estavam errados. Eu estava muito velho, todo o conhecimento que eu tinha encontrava-se armazenado nos bancos de memórias, outros homens poderiam fazer um trabalho melhor... tudo que eu podia imaginar, exceto a *verdadeira* razão. E, no final, Evelyn fez com que eu me decidisse. É verdade, Mirissa, em certas coisas as mulheres são mais fortes que os homens, mas por que eu estou lhe dizendo isso? “Eles precisam de você” - dizia a última mensagem que recebi dela. – “Nós passamos quarenta anos juntos e agora só resta um mês. Vá com o meu amor e não tente me encontrar.” E eu jamais saberei se ela viu o fim da Terra como eu vi, quando estávamos deixando o Sistema Solar.

25. SCORP

Ele já tinha visto Brant despido, quando fizeram aquele memorável passeio de barco, mas nunca percebera o físico formidável que o jovem tinha. Embora Loren sempre cuidasse muito bem de seu corpo, tivera poucas oportunidades para praticar esportes ou exercícios antes de deixar a Terra. Brant, contudo, estivera provavelmente envolvido em atividade física pesada todos os dias de sua vida. Loren não teria absolutamente nenhuma chance contra ele, a menos que pudesse recorrer a uma daquelas famosas artes marciais da velha Terra, nenhuma das quais ele jamais conhecera.

A coisa toda era simplesmente ridícula. Lá estavam os seus colegas oficiais sorrindo com suas estúpidas faces à mostra. Lá estava o comandante Bey segurando um cronômetro. E lá estava Mirissa com uma expressão que só podia ser descrita como afetada...

- ... dois... um... zero... Já! - disse o comandante. Brant moveu-se como uma cobra dando o bote. Loren tentou evitar a arremetida mas descobriu horrorizado que não tinha controle algum sobre seu corpo. O tempo pareceu passar mais devagar... suas pernas não lhe obedeciam, pareciam feitas de chumbo... Ele estava a ponto de perder não apenas Mirissa, mas a sua masculinidade...

Neste ponto, felizmente, ele acordou, mas o sonho ainda o incomodava. Suas origens eram óbvias, mas isto não o tornava menos perturbador. Pensou se deveria ou não contá-lo a Mirissa.

Certamente nunca poderia contá-lo a Brant, que ainda parecia cordial, mas cuja companhia ele achava agora embaraçosa. Hoje, entretanto, ele positivamente desejava tal companhia, porque, se estivesse certo, eles se veriam confrontados com algo muito superior aos seus próprios sentimentos pessoais.

Não agüentava mais esperar para ver a reação dele, quando Brant encontrasse o visitante inesperado que havia chegado durante a noite.

O canal revestido de concreto que trazia a água do mar para a usina congeladora tinha cem metros de comprimento e terminava num tanque circular, contendo água apenas suficiente para formar um floco de neve. Já que o gelo puro era um material indiferente para construção, era necessário reforçá-lo usando longos fios de alga da Grande Pradaria, que criavam um reforço barato e conveniente. O composto congelado tinha o apelido de "gelocreto" e era garantido que não alagaria à maneira dos glaciares, durante as semanas e os meses da aceleração da *Magalhães*.

- Lá está ele - mostrou Loren ao lado de Brant Falconer, indicando a extremidade do tanque e olhando através de uma falha no tapete de vegetação marinha. A criatura comendo as algas tinha a constituição e a forma básicas de uma lagosta terrestre, e no entanto era duas vezes maior que um homem.

- Já viu alguma coisa assim antes?

- Não - respondeu Brant convicto. - E não me arrependo nem um pouco. Que monstro! Como foi que o pegaram?

- Nós não pegamos. Ele nadou, ou se arrastou, desde o mar, ao longo do canal. Então encontrou a alga e resolveu almoçar de graça.

- Não é de admirar que tenha pinças daquele tamanho. Aquelas hastes são realmente duras.

- Bem, pelo menos ele é vegetariano.

- Não sei se gostaria de verificar isso.

- Eu esperava que pudesse nos dizer algo a respeito.

- Não conhecemos nem um centésimo das criaturas que habitam os mares lassanianos. Algum dia construiremos submarinos de pesquisa e desceremos em águas profundas. Mas existem muitas

prioridades e pouca gente interessada.

"Logo vai ter", pensou Lorenson amargamente. "Vamos ver quanto tempo Brant leva para perceber por si mesmo."

- A cientista Varley está verificando os arquivos. Ela me disse que houve alguma coisa muito semelhante na Terra, milhões de anos atrás. E os paleontólogos lhe deram um bom nome. Escorpião do mar. Aqueles oceanos antigos deviam ser lugares excitantes.

- É bem o tipo de coisa que Kumar gostaria de caçar - comentou Brant. - O que vai fazer com ele?

- Estudá-lo e depois deixar que vá embora.

- Vejo que já o marcaram.

"Então Brant reparou nisso", pensou. "Bom para ele..."

- Não, nós não o marcamos. Olhe com mais atenção.

Havia uma expressão intrigada no rosto de Brant enquanto ele se ajoelhava no lado do tanque. O escorpião gigante o ignorou completamente, continuando a arrancar pedaços de alga com suas formidáveis pinças.

Uma daquelas pinças não era como a natureza a tinha projetado. Na articulação da garra direita havia um laço de arame enrolado várias vezes como um tosco bracelete.

Brant reconheceu aquele fio e seu queixo caiu. Por um momento ele ficou sem palavras.

- Então você compreendeu - disse Lorenson. - Agora sabe o que aconteceu à sua armadilha de peixes. Eu acho melhor falarmos com Varley de novo, para não mencionar seus próprios cientistas.

- Eu sou uma astrônoma - protestara Anne Varley, de seu gabinete a bordo da *Magalhães*. - O que vocês precisam é de uma combinação de zoólogo, paleontólogo e etólogo, para não mencionar algumas outras disciplinas. Mas eu fiz o melhor que podia para estabelecer um programa de buscas e vocês vão encontrar o resultado em seu Banco 2, sob a denominação SCORP. Agora, tudo que precisam é pesquisar isso, e desejo-lhes boa sorte.

A despeito de sua afirmação, a Dra. Varley fizera seu trabalho geralmente eficiente de peneirar através do depósito quase infinito de conhecimentos nos bancos de memória principais da nave. Um padrão começava a emergir, enquanto a fonte de toda essa atenção se alimentava pacificamente no tanque, sem reparar no contínuo fluxo de visitantes que chegavam para estudá-lo ou meramente olhar, boquiabertos.

A despeito da aparência aterrorizante daquelas pinças de quase um metro de comprimento, que pareciam capazes de arrancar a cabeça de um homem com um único golpe, a criatura não parecia agressiva. Não fazia nenhum esforço para escapar, talvez por ter encontrado uma fonte tão abundante de comida. Acreditava-se, de modo geral, que algum resíduo químico da água a atraía para lá.

Se era capaz de nadar, não demonstrava inclinação para fazê-lo, contentando-se em se arrastar com suas seis pernas atarracadas. O corpo de quatro metros encontrava-se embalado num exoesqueleto de cor viva, articulado para proporcionar-lhe uma surpreendente flexibilidade.

Outro detalhe extraordinário era a borda de palpos ou pequenos tentáculos circundando a boca em forma de bico. Eles tinham uma semelhança extraordinária, desagradável mesmo, com dedos humanos curtos, e pareciam igualmente hábeis. Embora sua função principal fosse manejar a comida, eram evidentemente capazes de fazer muito mais que isso, e era fascinante observar como o scorp os usava em conjunto com suas garras.

De seus dois pares de olhos, o maior parecia destinado a visão sob luz reduzida, já que durante o dia mantinham-se fechados. O conjunto devia proporcionar-lhe uma visão excelente. A criatura estava, portanto, equipada para observar e manipular seu ambiente, o primeiro requisito para a inteligência.

E no entanto ninguém teria suspeitado da existência de inteligência em uma criatura tão bizarra, não fosse o fio enrolado intencionalmente em torno da garra direita. Isto entretanto não provava nada. Como os registros mostravam, haviam existido animais na Terra capazes de colecionar objetos estranhos, freqüentemente feitos pelo homem e usados de maneira extraordinária.

Se não estivesse completamente documentado, ninguém teria acreditado na mania do pássaro-construtor australiano ou do ratão americano de colecionar objetos coloridos ou brilhantes e até mesmo arrumá-los de maneira artística. A Terra estivera cheia de tais mistérios que agora nunca mais seriam resolvidos. Talvez o scorp thalassiano estivesse seguindo esta mesma tradição irracional, por motivos igualmente inescrutáveis.

Havia várias teorias. A mais popular, porque exigia menos da mentalidade do scorp, era de que o bracelete era meramente um ornamento. Fixá-lo no lugar devia ter exigido uma certa destreza, e houvera muitos debates sobre se a criatura poderia fazê-lo sozinha.

Esta ajuda, é claro, podia ter sido humana. Talvez o scorp fosse o bicho de estimação que fugira de algum cientista excêntrico, mas isto parecia muito improvável. Como em Thalassa todo mundo se conhecia, tal segredo não poderia ser mantido por muito tempo.

E havia outra teoria ainda mais exagerada e que no entanto merecia maiores elucubrações. Talvez o bracelete fosse uma divisa de posto.

26. A ASCENSÃO DO FLOCO DE NEVE

Tratava-se de um trabalho que exigia uma grande habilidade intercalada com longos períodos de tédio, que davam a Owen Fletcher tempo de sobra para pensar. Tempo demais, de fato.

Ele era um pescador de molinete, puxando uma presa de seiscentas toneladas com uma linha de resistência quase inimaginável. Um dia aquela sonda cativa, auto-orientada, iria mergulhar em direção a Thalassa, desenrolando o cabo atrás dela ao longo de uma complexa curva de trinta mil quilômetros. Ela se dirigiria automaticamente até a carga que a esperava, e então, quando todas as verificações estivessem completas, o içamento começaria.

Os momentos críticos seriam a decolagem, quando o floco de neve fosse arrancado da usina de congelamento, e a aproximação final com a *Magalhães*, quando o imenso hexágono de gelo fosse colocado em repouso a apenas um quilômetro da nave. A ascensão começaria à meia-noite, e de Tarna até a órbita estacionária, na qual a *Magalhães* flutuava, levaria apenas seis horas.

Se a *Magalhães* estivesse sob a luz do dia durante o encontro e a montagem, a primeira prioridade seria manter o floco de neve na sombra, para que os raios de sol de Thalassa não evaporassem a preciosa carga no espaço. Uma vez que estivesse seguro atrás do grande escudo de radiação, as garras dos teleoperadores-robôs arrancariam a folha de material isolante que protegera o gelo em sua ascensão para a órbita.

Em seguida o dispositivo de ascensão teria que ser removido e mandado de volta em busca de outra carga. Algumas vezes a imensa chapa de metal, em forma de uma tampa para caçarola hexagonal

projetada por algum cozinheiro excêntrico, prendia-se no gelo e era preciso um pouco de aquecimento cuidadosamente regulado para soltá-la.

E finalmente uma placa de gelo geometricamente perfeita flutuaria imóvel a cem metros da *Magalhães*, e então a parte realmente delicada teria início. A combinação de seiscentas toneladas de massa com zero de peso encontrava-se inteiramente fora do alcance das reações instintivas humanas e apenas os computadores poderiam determinar os empuxos necessários, em que direção e em que momento, para colocar em posição o *iceberg* artificial. Havia sempre a possibilidade de alguma emergência ou problema inesperado, além da capacidade até mesmo do robô mais inteligente, e embora Fletcher ainda não tivesse precisado intervir, ele estaria pronto se a ocasião surgisse.

Dizia para si mesmo que estava ajudando a construir uma gigantesca colméia de gelo. A primeira camada estava quase completa, e ainda faltavam duas. Descontando a possibilidade de acidentes, o escudo estaria terminado dentro de outros cento e cinquenta dias. Seria testado, então, sob baixa aceleração, para comprovar se todos os blocos se tinham fundido adequadamente, e neste momento a *Magalhães* partiria no trecho final de sua jornada para as estrelas.

Fletcher, conscientemente, fazia este trabalho com sua mente, não com o seu coração. Este já estava perdido em *Thalassa*.

Ele tinha nascido em Marte e este mundo possuía tudo que seu planeta desolado não tivera. Ele vira o trabalho de gerações de seus ancestrais dissolver-se em chamas. Por que começar tudo de novo, dentro de séculos, num outro mundo, quando o Paraíso estava ali? E é claro, a moça estava esperando por ele, lá na Ilha do Sul.

Já havia praticamente decidido que, quando surgisse a oportunidade, abandonaria a nave. Os terrestres poderiam seguir sem ele, para lançar sua força e suas habilidades, ou talvez estraçalhar seus corações e corpos contra as rochas teimosas de Sagan 2. Ele lhes desejava boa sorte, mas quando tivesse terminado sua tarefa, ali seria o seu lar.

Trinta mil quilômetros abaixo, Brant Falconer também tinha chegado a uma decisão crucial.

- Eu vou para a Ilha do Norte.

Mirissa ficou em silêncio, e então, depois do que pareceu a Brant um tempo muito longo, ela disse:

- Por quê? - Não havia surpresa nem desapontamento em sua voz, tanta coisa havia mudado. Mas antes que pudesse responder, Mirissa acrescentou: - Você não gosta daqui?

- Talvez seja melhor lá do que aqui, como as coisas estão agora. Este não é mais o meu lar.

- Sempre será o seu lar.

- Não enquanto a *Magalhães* estiver em órbita. Mirissa estendeu a mão no escuro para o estranho ao lado dela. Pelo menos ele não recuou.

- Brant - disse -, eu nunca tencionei fazer isso. E tenho certeza que nem mesmo Loren.

- Isso não ajuda muito, não é? Francamente, eu não sei o que você vê nele.

Mirissa quase sorriu. Quantos homens, ela pensou, já não teriam dito a mesma coisa a tantas mulheres no curso da história humana? E quantas mulheres já não teriam dito: o que você vê *nela*?

Não havia modo de responder, isso era claro, e qualquer tentativa só pioraria as coisas. Mas algumas vezes ela tinha tentado, para sua própria satisfação, descobrir o que a havia unido a Loren desde o primeiro instante em que se viram. A maior parte ficava por conta da misteriosa química do amor, além de qualquer análise racional, inexplicável para qualquer um que não partilhasse da mesma ilusão. Mas havia outros elementos que poderiam ser claramente identificados e explicados em termos lógicos. Era útil saber de que se tratava, afinal, um dia (como estava perto!) tal sabedoria poderia ajudá-la a enfrentar o momento da separação.

Em primeiro lugar havia aquela aura trágica cercando todos os terrestres, ela não subestimava a importância desse fator, mas Loren o compartilhava com todos os seus companheiros. O que é que ele tinha em especial que ela não podia encontrar em Brant?

Como amantes, havia pouco a escolher entre eles. Era possível que Loren fosse mais imaginativo e Brant mais apaixonado, embora talvez se tivesse tornado um pouco mecânico nas últimas semanas. Ela seria perfeitamente feliz com ambos. Não, não era isso.

Talvez estivesse procurando um ingrediente que nem sequer existia. Não havia um elemento único e sim uma constelação de qualidades. Seus instintos, abaixo do nível do pensamento consciente, haviam feito a soma total e Loren saíra com alguns pontos à frente de Brant. Poderia ser tão simples assim?

Mas havia pelo menos um aspecto em que Loren, de longe, eclipsava Brant. Ele tinha ambição, força de vontade, coisas raras em Thalassa. Sem dúvida, fora escolhido por essas qualidades e iria necessitar delas nos séculos do porvir.

Brant não tinha ambição nenhuma, embora fosse um pouco empreendedor. Seu projeto de armadilha para peixes ainda não terminado era prova disso. Tudo que ele pedia do universo era que lhe fornecesse máquinas interessantes para brincar, e Mirissa às vezes pensava que ele a incluía nesta categoria.

Loren, por outro lado, pertencia à estirpe dos grandes exploradores e aventureiros. Ele ajudaria a fazer história, sem se submeter meramente aos imperativos. E no entanto podia, cada vez com mais frequência, ser humano e caloroso. E mesmo enquanto congelava os mares de Thalassa o seu coração começava a derreter.

- O que você vai fazer na Ilha do Norte? - sussurrou Mirissa (de fato, ambos já tratavam a decisão dele como irreversível).

- Eles querem que eu ajude a equipar o *Calypso*. Os nortistas realmente não entendem de mar.

Mirissa sentiu-se aliviada. Brant não estava simplesmente fugindo. Ele tinha trabalho a fazer.

Trabalho que o ajudaria a esquecer, até que, talvez, surgisse a ocasião em que novamente se lembrasse.

27. ESPELHO DO PASSADO

Moisés Kaldor ergueu o módulo diante da luz, olhando dentro dele como se pudesse ler o seu conteúdo.

- Sempre me pareceu um milagre - disse ele - que eu possa segurar um milhão de livros entre meu indicador e meu polegar. Imagino o que Caxton e Gutenberg não teriam pensado.

- Quem? - perguntou Mirissa.

- Os homens que iniciaram a raça humana na leitura. Mas existe um preço que pagamos por nossa engenhosidade. De vez em quando eu tenho um pequeno pesadelo, e imagino que um desses módulos contém algum fragmento de informação absolutamente vital, digamos, a cura de uma epidemia

devastadora, mas o índice foi perdido. É apenas uma daqueles bilhões de páginas, mas nós não sabemos qual. Como é frustrante ter a resposta na palma de sua mão e não ser capaz de encontrá-la!

- Eu não vejo problema algum - disse a secretária do comandante. Como especialista em armazenamento e recuperação de informação, Joan Leroy estivera ajudando com a transferência entre o Arquivo de Thalassa e o da nave. - Você saberia as palavras-chave, tudo que teria a fazer seria disparar um programa de busca. Mesmo um bilhão de páginas podem ser checadas em alguns segundos.

- Você estragou meu pesadelo - suspirou Kaldor. Depois sorriu animado: - Mas freqüentemente você não sabe as palavras-chave. Quantas vezes não topou com alguma coisa que não sabia que iria precisar até que a descobriu?

- Só se você for muito mal organizado - respondeu Leroy.

Os dois apreciavam estas discussões e Mirissa nem sempre tinha certeza se levavam a coisa a sério. Joan e Moisés não tentavam excluí-la deliberadamente de suas conversas, mas freqüentemente seus universos de experiências eram tão diferentes do dela que se sentia como se estivesse ouvindo um diálogo numa língua desconhecida.

- De qualquer forma isto completa o índice Principal. Cada um sabe agora o que outro tem, agora nós meramente, *meramente!*, temos que decidir o que gostaríamos de transferir. Isto pode ser inconveniente, para não dizer dispendioso, quando estivermos a setenta e cinco anos-luz de distância um do outro.

- Isso me lembra alguma coisa - disse Mirissa. - Não sei se devia dizer-lhes, mas estive aqui uma delegação da Ilha do Norte. Vieram na semana passada, o presidente da Academia de Ciências e alguns físicos.

- Deixe-me adivinhar. Eles queriam a propulsão quântica.

- Certo.

- Como reagiram?

- Eles pareciam satisfeitos e surpresos de que estivesse aqui realmente. Eles levaram uma cópia, é claro.

- Boa sorte então. Eles vão precisar dela. E você pode dizer-lhes isto: alguém observou certa vez que o propósito real da PQ não é nada trivial quanto à exploração do universo. Nós precisaremos de sua energia, um dia, para impedir o Cosmos de desmoronar de volta para o buraco negro inicial e começar o próximo ciclo de existência.

Houve um silêncio admirado e então Joan Leroy destruiu o clima, dizendo:

- Não durante o tempo de vida desta administração. Vamos voltar ao trabalho. Ainda temos *megabites* por percorrer antes de poder dormir.

Não havia apenas o trabalho, e em certas ocasiões Moisés Kaldor tinha simplesmente que se afastar da seção da Biblioteca do Primeiro Pouso para poder relaxar. Então ele percorria a galeria de arte, fazendo o passeio guiado por computador através da Nave-mãe (nunca o mesmo percurso se repetia, e tentava ver o máximo possível). Ou então deixava que o museu o levasse de volta no tempo.

Havia sempre uma longa fila de visitantes, principalmente estudantes ou crianças com seus pais, buscando as exposições da Terra. E, às vezes, Moisés se sentia um pouco culpado em usar seu *status* privilegiado e passar à frente da fila. Mas se consolava pensando que os lassanianos tinham uma vida inteira para apreciar estes panoramas de um mundo que nunca haviam conhecido. Ele tinha apenas alguns meses para revisitar seu lar perdido.

Achava muito difícil convencer seus novos amigos de que Moisés Kaldor nunca estivera nas cenas que eles às vezes observavam juntos. Tudo que via estava pelo menos oitocentos anos em seu próprio passado, já que a Nave-mãe tinha deixado a Terra em 2751 e ele nascera em 3541. E no entanto

às vezes acontecia um choque de reconhecimento e alguma memória vinha fluindo de volta com uma força quase insuportável.

A apresentação do "Café no passeio" era a mais estranha e mais evocativa. Ele ficava sentado numa pequena mesa, debaixo de um toldo, bebendo vinho ou café, enquanto a vida de uma cidade fluía à sua volta. Desde que não se levantasse da mesa, não haveria modo pelo qual seus sentidos pudessem distinguir a exibição da realidade.

E neste microcosmo as grandes cidades da Terra retornavam à existência. Roma, Paris, Nova Iorque - no verão ou no inverno, à noite ou durante o dia, ele observava a passagem dos turistas, dos homens de negócios, dos namorados. Frequentemente, percebendo que estavam sendo filmados, eles sorriam através dos séculos e era impossível não responder.

Outros panoramas não mostravam seres humanos, nem obra alguma do homem. E Moisés Kaldor olhava novamente, como tinha feito em sua outra vida, para a fumaça das cataratas de Vitória, para a Lua erguendo-se acima do Grande Canyon, das neves do Himalaia ou dos penhascos de gelo da Antártida. Diferente dos vislumbres das cidades, aqui estavam coisas que não haviam se modificado em mil anos, desde que foram gravadas. E, embora tivessem existido desde bem antes do Homem, não tinham durado além dele.

28. A FLORESTA SUBMARINA

O scorp parecia não ter pressa e levou dez preguiçosos dias para percorrer cinquenta quilômetros, um fato curioso revelado rapidamente pelo emissor de sonar que fora preso, não sem alguma dificuldade, à carapaça do furioso espécime. O caminho que ele traçava ao longo do leito oceânico era perfeitamente retilíneo, como se a criatura soubesse com segurança para onde estava seguindo.

Qualquer que fosse o seu destino, ele pareceu tê-lo encontrado a uma profundidade de 250 metros. Depois disso continuou em movimento, mas dentro de uma região limitada. Isto prolongou-se durante mais dois dias e então os sinais do *bip* ultra-sônico subitamente se detiveram no meio de um pulso.

Que o scorp pudesse ter sido engolido por alguma coisa maior e ainda mais feroz do que ele mesmo parecia uma explicação muito simplista. O *bip* fora colocado dentro de um cilindro de metal rígido, e qualquer espécie concebível de dentes, garras ou tentáculos levaria minutos para demoli-lo. Ele continuaria a funcionar perfeitamente dentro de qualquer criatura que o engolissem inteiro.

Isto deixava apenas duas possibilidades, e a primeira foi negada com indignação pela equipe do Laboratório Submarino da Ilha do Norte.

- Cada componente tem uma redundância - explicou o diretor. - E o que é mais importante, houve um pulso diagnosticador apenas dois segundos antes da interrupção e tudo estava normal. Assim, não pode ter havido falha de equipamento.

Havia apenas uma explicação possível. O *bip* tinha sido desligado e para fazê-lo uma barra de controle tinha que ser removida.

Isto não podia acontecer por acidente, somente por manipulação de um curioso ou intenção deliberada.

O catamarã de vinte metros *Calypso* não era apenas o maior e sim o único barco de pesquisa oceanográfica existente em Thalassa. Ficava normalmente baseado na Ilha do Norte, e Loren se divertiu ouvindo os diálogos bem-humorados entre sua tripulação de cientistas e os passageiros tarnianos, a quem eles fingiam tratar como pescadores ignorantes. De sua parte, os ilhéus do sul não perdiam a oportunidade de se gabar com os nortistas de que "*eles*" é que haviam descoberto os scorps. Loren preferiu não lembrar a eles que isto não estava estritamente de acordo com os fatos.

Foi um pequeno choque encontrar Brant novamente, embora Loren devesse ter esperado por isso, já que o outro fora parcialmente responsável pelo novo equipamento do *Calypso*. Eles se cumprimentaram com uma polidez fria, ignorando os olhares de curiosidade e divertimento dos outros passageiros. Havia poucos segredos em Thalassa e a esta altura todos já saberiam quem era o novo ocupante do quarto principal de hóspedes na casa dos Leônidas.

O pequeno trenó subaquático colocado no convés de popa teria parecido familiar a qualquer oceanógrafo dos últimos dois mil anos. Sua armação metálica carregava três câmaras de televisão, um cesto de arame trançado para conter as amostras colhidas pelo braço mecânico de controle remoto, e um arranjo de jato d'água que permitia o movimento em qualquer direção. Uma vez que fosse baixado de um dos lados do barco, o explorador-robô poderia enviar suas imagens e informações através de um cabo de fibra óptica, fino como a grafite de um lápis. A tecnologia tinha séculos de idade mas ainda era perfeitamente adequada.

Agora a linha costeira tinha finalmente desaparecido e pela primeira vez Loren se encontrava completamente cercado pela água. Ele lembrou sua ansiedade naquela primeira viagem com Brant e Kumar, quando haviam percorrido pouco mais de um quilômetro desde a praia. Desta vez, ficou satisfeito por descobrir que se sentia um pouco mais à vontade, não obstante a presença de seu rival. Talvez fosse por se encontrar num barco bem maior.

- Isso é estranho - disse Brant -, eu nunca vi alga tão a oeste.

A princípio Loren não conseguiu ver nada, então ele percebeu a mancha escura na água adiante. Alguns minutos depois o barco estava abrindo caminho através de uma massa solta de vegetação flutuante e o comandante reduziu a velocidade para o mínimo.

- Estamos quase lá, de qualquer modo - disse ele. - Não há motivo para entupir nossos hidrojatos com essa coisa. Concorda, Brant?

Brant ajustou o curso na tela de exposição e fez uma leitura.

- Sim, estamos a apenas cinquenta metros de onde perdemos o *bip*. Profundidade de 210. Vamos baixar o peixe.

- Só um minuto - disse um dos cientistas do norte. - Nós gastamos um bocado de tempo e dinheiro nesta máquina que é a única que existe no mundo. Suponha que fique emaranhada naquela maldita alga?

Houve um silêncio pensativo, e então Kumar, que estivera anormalmente calado, talvez impressionado pelo talento dos nortistas, expressou uma opinião confiante.

- Parece muito pior daqui de cima. A dez metros para baixo quase não há folhas, somente grandes talos com bastante espaço entre eles. É como uma floresta.

"Sim", pensou Loren, "uma floresta submarina, com peixes nadando entre os troncos delgados e sinuosos." Enquanto os outros cientistas olhavam a tela de vídeo principal e os múltiplos conjuntos de instrumentação, ele colocou um par de óculos de visão total, excluindo tudo de seu campo de visão, exceto a cena adiante, o robô que descia lentamente. Psicologicamente, ele não se encontrava mais no

convés do *Calypso*, as vozes de seus companheiros pareciam vir de um outro mundo que não tinha nada a ver com ele.

Era um explorador entrando num universo alienígena, sem saber o que poderia encontrar. Um universo restrito, quase monocromático, cujas únicas cores eram tons suaves de azul e verde, a visão limitada a menos de trinta metros de distância. Todo o tempo ele podia ver uma dúzia de caules delgados, sustentados a intervalos regulares por bexigas cheias de gás que os faziam flutuar. Eles se erguiam desde as profundezas sombrias para desaparecerem no "céu" luminoso acima. Algumas vezes Loren sentia como se estivesse caminhando através de um arvoredor num dia de neblina, então um cardume de peixes passava rapidamente, destruindo a ilusão.

- Duzentos e cinquenta metros - ouviu alguém dizer. - Logo veremos o fundo. Devo usar as luzes? A qualidade da imagem está piorando.

Loren quase não reparara em mudança alguma porque os controles automáticos mantiveram o brilho da imagem. Mas percebia que devia ser quase inteiramente escuro a essa profundidade, o olho humano seria virtualmente inútil.

- Não, nós não queremos perturbar nada, até que seja necessário. Enquanto a câmara estiver operando vamos usar a luz disponível.

- Lá está o fundo. A maior parte é rocha, não há muita areia.

- Naturalmente. O *Macrocystis thalassi* precisa de rochas para se agarrar. Não é como o *Sargassum* flutuante.

Loren podia perceber o que a pessoa estava dizendo. Os caules delgados terminavam numa rede de raízes, agarrando as projeções de rocha tão firmemente que nenhuma tempestade ou corrente de superfície poderia soltá-las. A analogia com uma floresta de terra firme era mais precisa do que imaginara.

Muito cautelosamente o robô-pesquisador ia abrindo caminho através da floresta submarina, soltando o cabo atrás de si. Parecia não haver perigo de ele ficar emaranhado nos caules serpenteantes que subiam para a superfície invisível, já que havia bastante espaço entre as plantas. De fato, isso parecia até deliberado.

Os cientistas, olhando para a grande tela monitora, perceberam a inacreditável verdade alguns segundos depois de Loren.

- Krakan! - sussurrou um deles. - Isto não é uma floresta natural, é uma plantação!

29. SABRA

Eles se autodenominavam Sabras, lembrando os pioneiros que, um milênio e meio antes deles, domaram uma vastidão quase tão hostil na Terra.

Os Sabras marcianos tiveram sorte num ponto: não tinham inimigos humanos para se oporem a eles, apenas o clima hostil, a atmosfera quase imperceptível, e as tempestades de areia que cobriam o planeta inteiro. Todos estes inconvenientes haviam sido superados, e se orgulhavam de dizer que ali não

tinham apenas sobrevivido, mas vencido. A citação era apenas uma entre as incontáveis coisas tomadas emprestadas à cultura da Terra. Algo que sua feroz independência raramente permitia que reconhecessem.

Por quase mil anos eles viveram na sombra de uma ilusão, quase uma religião. E, como qualquer religião, ela tinha desempenhado um papel essencial em sua sociedade. Ela lhes dera objetivos além deles mesmos e um sentido para suas vidas.

Até os cálculos provarem o contrário, eles acreditavam, ou pelo menos tiveram a esperança, que Marte pudesse escapar ao destino da Terra. Seria por pouco, é claro, a distância extra apenas reduziria a radiação em cinquenta por cento, mas isto podia ser o bastante. Protegidos pelos quilômetros de gelo ancestral existentes nos pólos, talvez os marcianos pudessem sobreviver onde os homens não poderiam. E houvera até mesmo uma fantasia, na qual apenas alguns poucos românticos realmente acreditaram, de que o derretimento das calotas polares pudesse restaurar os oceanos perdidos do planeta. E então, talvez a atmosfera se tornasse densa o bastante para que os homens pudessem andar a céu aberto livremente, usando apenas um equipamento simples de respiração e isolamento térmico.

Estas esperanças terminaram de forma cruel, assassinadas por equações implacáveis. Nenhuma habilidade ou esforço permitiria aos Sabras se salvarem. Eles também morreriam com o mundo materno, cuja suavidade tão freqüentemente fingiam desprezar.

E no entanto, agora, estendendo-se sob a *Magalhães*, havia um planeta que simbolizava todos os sonhos e esperanças da última geração de colonizadores marcianos. Enquanto Owen Fletcher olhava para baixo, em direção aos intermináveis oceanos de Thalassa, um único pensamento martelava-lhe o cérebro.

De acordo com as sondas estelares, Sagan 2 era muito semelhante a Marte e esta fora a razão principal para que ele e seus companheiros fossem selecionados para esta viagem. Mas para que retomar esta batalha, daqui a trezentos anos e a setenta e cinco anos-luz de distância, quando a vitória já se encontrava aqui e agora?

Fletcher não estava mais pensando meramente em deserção, isto significaria deixar muita coisa para trás. Seria muito fácil esconder-se em Thalassa, mas como ele se sentiria quando a *Magalhães* partisse com os últimos colegas e amigos de sua juventude?

Mais doze Sabras se encontravam em hibernação. Dos cinco despertados ele já tinha sondado cautelosamente dois, e recebido resposta favorável. Se os outros dois também concordassem com ele, poderia falar com os outros doze.

A *Magalhães* devia terminar sua jornada estelar ali, em Thalassa.

30. O FILHO DE KRAKAN

Havia muito pouca conversa a bordo, enquanto o *Calypso* retornava a Tarna fazendo uns modestos vinte nós. Seus passageiros estavam pensativos, meditando sobre as implicações daquelas imagens do leito oceânico. E Loren se encontrava ainda desligado do mundo exterior, mantendo sobre o rosto os óculos de visão total enquanto passava de novo as imagens da exploração do trenó na floresta

submarina.

Desenrolando seu cabo como uma grande aranha mecânica, o robô movera-se cautelosamente através dos grandes caules, que pareciam delgados devido ao seu enorme comprimento, mas que na realidade eram mais grossos do que o corpo de um homem. Parecia óbvio agora que eles se sucediam em colunas e fileiras muito regulares, e assim ninguém se surpreendeu quando terminaram num limite claramente definido. E então, realizando suas tarefas habituais em seu acampamento na selva, surgiram os scorps.

Fora uma medida sábia não acender os holofotes, as criaturas encontravam-se totalmente inconscientes da presença do observador silencioso, flutuando na quase escuridão, apenas alguns metros acima deles. Loren tinha visto vídeos de formigas, abelhas e cupins e a maneira pela qual os scorps agiam lembrava-lhe exatamente essas tais criaturas. À primeira vista parecia impossível acreditar que tão intrincada organização pudesse existir sem uma inteligência controladora, e no entanto seu comportamento poderia ser inteiramente automático, como no caso dos insetos da Terra.

Alguns scorps estavam cuidando dos grandes caules que subiam até a superfície captando os raios do sol invisível, outros andavam pelo fundo do mar carregando pedras, folhas e... sim, toscos mas inconfundíveis cestos e redes. Então os scorps eram construtores de ferramentas, mas até isso por si só não era prova de inteligência. Alguns ninhos de pássaros eram mais elaborados que estes artefatos um tanto toscos, aparentemente construídos com talos e folhagens da onipresente alga.

"Eu me sinto como um visitante do espaço", pensou Loren, "colocado sobre uma vila da Idade da Pedra na Terra, no momento em que o Homem descobria a agricultura. Poderia tal visitante ter avaliado corretamente a inteligência humana a partir dessa pesquisa? Ou o veredicto teria sido comportamento puramente instintivo?"

A sonda agora penetrara tanto na clareira que a floresta circundante já não era mais visível, muito embora os caules mais próximos não estivessem a mais de cinquenta metros de distância. Foi nesse momento que um dos nortistas, brincalhão, pronunciou o nome que se tornaria inevitável, mesmo nos relatórios científicos: "Centro de Scorpville."

Na falta de expressões melhores, parecia tratar-se ao mesmo tempo de uma área residencial e de negócios. Um afloramento de rochas, de uns cinco metros de altura, serpenteava através da abertura, sua face perfurada por inúmeros buracos escuros, do tamanho exato para um scorp poder passar. Embora estas pequenas cavernas fossem irregularmente espaçadas, possuíam um tamanho tão uniforme que dificilmente poderiam ser aberturas naturais. A aparência geral era a de um prédio de apartamentos projetado por algum arquiteto excêntrico.

Scorps entravam e saíam dessas aberturas como empregados de escritório numa das antigas cidades de antes da era das telecomunicações, pensou Loren. Sua atividade lhe parecia tão sem nexo quanto o comércio entre os seres humanos teria parecido para os scorps.

- Alô! - disse um dos observadores do *Calypso*. - O que é aquilo? Extrema direita, pode chegar mais perto?

Esta interrupção, vinda de fora de sua esfera de consciência, foi como um golpe, arrancando instantaneamente Loren do leito oceânico e levando-o de volta ao mundo da superfície.

Sua visão panorâmica inclinou-se abruptamente com a mudança de inclinação da sonda. Agora tornava-se novamente nivelada, flutuando lentamente em direção a uma isolada pirâmide de rochas, que, a julgar pelos dois scorps em sua base, teria uns dez metros de altura, sendo perfurada por uma única caverna servindo de entrada. Loren não viu nada de extraordinário naquilo, depois lentamente foi notando certas anormalidades, elementos que não se ajustavam inteiramente no cenário agora familiar de Scorpville.

Todos os outros scorps sempre na maior conversa. Estes dois se encontravam imóveis, exceto por um movimento contínuo de suas cabeças, de um lado para outro. E havia outra coisa.

Estes scorps eram grandes. Embora fosse difícil avaliar a escala aqui, depois que vários animais tinham passado, Loren teve certeza de que este par era quase cinquenta por cento maior que a média.

- O que eles estão fazendo? - sussurrou alguém.

- Eu lhe digo - respondeu outra voz -, eles são guardas, sentinelas.

Uma vez verbalizada, tal conclusão parecia tão óbvia que ninguém duvidou dela.

- Mas o que é que eles estão guardando?

- A rainha, se é que eles têm uma? O banco nacional de Scorpville?

- Como vamos descobrir? O trenó é grande demais para entrar lá dentro, isto se eles nos deixassem entrar.

Foi nesse ponto que a discussão se tornou acadêmica. A sonda-robô tinha flutuado agora a menos de dez metros do topo da pirâmide e o operador deu uma breve descarga de um dos jatos de controle para evitar que ela baixasse ainda mais.

O som, ou a vibração, deve ter alertado os sentinelas. Ambos se ergueram simultaneamente e Loren teve uma súbita visão de pesadelo dos aglomerados de olhos, palpos ondulantes e garras gigantescas. "Fico feliz por não estar realmente lá, embora pareça estar", ele disse para si mesmo, "e ainda bem que eles não podem nadar."

Mas, se não podiam nadar, podiam escalar. Com uma velocidade surpreendente, os scorps subiram pelo lado da pirâmide e em questão de segundos estavam em seu topo, apenas alguns metros abaixo do trenó.

- Tenho que sair daqui antes que eles saltem - disse o operador. - Aquelas pinças podem cortar nosso cabo como um pedaço de algodão.

Era muito tarde. Um scorp lançou-se do topo das rochas e segundos depois suas garras fechavam-se sobre um dos esquis do trenó.

Os reflexos do operador humano foram igualmente rápidos, além do que dispunha de uma tecnologia superior. Ao mesmo tempo, ele reverteu totalmente a força propulsora e girou o braço-robô para baixo num contra-ataque. E no que foi talvez o gesto decisivo, ligou os holofotes.

O scorp deve ter ficado totalmente cego. Suas garras se abriram num gesto quase humano de espanto e ele caiu de volta em direção ao leito marinho, antes que a mão mecânica do robô pudesse entrar em luta.

Por uma fração de segundo Loren também ficou cego, seus óculos enegrecendo inteiramente. Então os circuitos automáticos da câmara corrigiram-se para o nível de luminosidade aumentada, e ele teve uma espantosa visão em "dose" do aturdido scorp, bem antes que a criatura saísse de seu campo de visão.

De certo modo ele não ficou surpreendido ao notar que ele usava duas tiras de metal abaixo da garra direita.

Estava revendo esta última cena, enquanto o *Calypso* dirigia-se de volta a Tarna, e seus sentidos estavam ainda tão concentrados no mundo subaquático que nem sentiu a fraca onda de choque ultrapassar o barco. Foi então que se deu conta dos gritos e da confusão ao seu redor e sentiu o convés se inclinar enquanto o *Calypso* mudava subitamente de curso. Arrancou os óculos e se ergueu piscando sob a resplandecente luz do sol.

Por um instante ficou totalmente cego, então, à medida que seus olhos se ajustavam à luz, percebeu que se encontravam a apenas algumas centenas de metros da costa orlada de palmeiras da Ilha

do Sul. "Atingimos um recife", pensou ele. Brant vai escutar um bocado...

Então ele viu, subindo sobre o horizonte leste, uma coisa que nunca sonharia testemunhar no pacífico Thalassa: a nuvem em forma de cogumelo que assombrara os pesadelos dos homens durante dois mil anos.

Que é que Brant estava fazendo? Certamente ele devia estar se dirigindo para terra, ao invés disto, estava girando o *Calypso* na volta mais fechada possível, e voltando para o mar alto. Ele parecia ter assumido o comando, enquanto todo mundo no convés ficava olhando de boca aberta para o horizonte leste.

- Krakan! - sussurrou um dos cientistas do norte, e por um momento Loren pensou que ele estivesse apenas usando a exclamação banal dos lassanianos. Foi então que compreendeu, e um vasto sentimento de alívio passou por sua mente. Durou muito pouco.

- Não - exclamou Kumar, parecendo mais alarmado do que Loren julgaria possível -, não foi Krakan, foi bem mais perto. *O filho* de Krakan.

O rádio do barco emitia agora contínuos sinais de alarme, entremeados por solenes mensagens de aviso. Loren não teve tempo para registrá-las quando viu uma coisa muito estranha acontecendo com o horizonte. *Ele não se encontrava mais onde devia estar.*

Tudo era muito confuso, metade de sua mente ainda estava lá embaixo com os scorps e, mesmo agora, ele ainda continuava piscando diante da luz intensa do céu e do mar. Talvez houvesse alguma coisa errada com sua visão. Embora tivesse certeza de que o *Calypso* se encontrava agora com a quilha inteiramente nivelada, seus olhos lhe diziam que o barco mergulhava de modo abrupto para baixo.

Não, era o mar que estava se levantando com uma trovada que abafava todos os outros sons. Ele não se atrevia a estimar a altura do vagalhão que vinha ao encontro deles. Compreendia por que Brant se dirigia para águas profundas, para longe dos baixios mortíferos contra os quais a enorme onda estava a ponto de despejar sua fúria.

Uma mão gigantesca agarrou o *Calypso* e o levantou com a proa para cima, em direção ao zênite. Loren começou a escorregar convés abaixo, tentou agarrar um pontalete, não conseguiu e viu-se dentro d'água.

"Lembre-se de seu treinamento de emergência", disse para si mesmo com convicção. No mar ou no espaço os princípios são os mesmos. O perigo maior é o pânico, portanto não perca a cabeça."

Não havia perigo de afogamento, seu colete salva-vidas cuidaria de evitar isso. Mas onde estava a alavanca de inflar? Seus dedos roçaram freneticamente nas correias em sua cintura e, a despeito de toda a força de vontade, sentiu um arrepio gelado antes de encontrar a barra de metal. Ela moveu-se com facilidade e, com grande alívio, sentiu o colete se expandir ao seu redor, envolvendo-o num abraço de boas-vindas.

Agora o único perigo vinha do próprio *Calypso*, se iria desabar em sua cabeça. Onde é que ele estava?

Para sua tranqüilidade, estava bem próximo, naquele mar agitado, com uma parte da cabine do convés dentro d'água. Inacreditavelmente, a maior parte da tripulação aparentemente ainda estava a bordo. Agora estavam apontando para ele e alguém se preparava para jogar um salva-vidas.

A água estava cheia de destroços flutuantes, cadeiras, caixas, peças de equipamento, e lá ia o trenó, afundando lentamente enquanto expelia borbulhas de um tanque de flutuação danificado. "Eu espero que eles possam recuperá-lo", pensou Loren, "senão esta viagem vai ficar muito dispendiosa, e vai levar um bom tempo até que possamos estudar os scorps novamente." Sentia-se orgulhoso de si mesmo ante avaliação tão calma da situação, considerando-se as circunstâncias.

Alguma coisa roçou em sua perna direita e, num reflexo automático, tentou chutá-la. Embora

aquilo apertasse desconfortavelmente a sua pele, sentiu-se mais aborrecido do que alarmado. Estava flutuando em segurança, a onda gigante tinha passado e nada poderia feri-lo agora.

Ele chutou de novo, mais cautelosamente. Ao fazê-lo, sentiu o mesmo emaranhado na outra perna. E agora não se tratava mais de um inofensivo roçar, a despeito da flutuabilidade do colete salva-vidas, alguma coisa o puxava para o fundo.

Foi nesse momento que Loren Lorenson teve o seu primeiro momento de real pânico, quando se lembrou subitamente dos tentáculos tateantes do pólipó gigante. Entretanto, deviam ser macios, e este era obviamente algum fio no cabo. É claro! Era o cabo umbilical do trenó afundando.

Ele ainda poderia ter se soltado, se não tivesse engolido um bocado de água de uma onda inesperada. Tossindo e sufocando, tentou limpar os pulmões ao mesmo tempo que chutava o cabo.

Subitamente, aquela fronteira vital entre o ar e a água, entre a vida e a morte, encontrava-se a menos de um metro acima de sua cabeça e não havia meio de alcançá-la.

Numa hora dessas um homem não pensa em outra coisa senão em sua própria sobrevivência. Não houve lembranças, nenhum arrependimento de sua vida passada, nem mesmo um efêmero vislumbre de Mirissa.

E quando percebeu que estava tudo acabado, não sentiu medo. Seu último pensamento consciente foi um sentimento de pura raiva. Raiva de que tivesse viajado cinquenta anos-luz apenas para encontrar um fim tão trivial e tão pouco heróico.

E assim Loren Lorenson morreu pela segunda vez, nos baixios mornos do mar de Thalassa. Não tinha aprendido com a experiência, já que sua primeira morte fora muito mais suave, duzentos anos atrás.

V - A SINDROME DO *BOUNTY*

31. PETIÇÃO

Embora o comandante Sirdar Bey negasse ter um miligrama de superstição em seu corpo, ele sempre começava a se preocupar quando as coisas corriam bem demais. Até agora tudo em Thalassa parecera bom demais para ser verdade, tudo correndo de acordo com os planos mais otimistas. O escudo estava sendo construído de acordo com o cronograma e não se tinham registrado problemas que valessem a pena mencionar.

Agora, no espaço de vinte e quatro horas, tudo acontecia...

É claro que podia ter sido muito pior. O tenente-comandante Lorenson tivera uma sorte tremenda, graças àquele garoto (teriam que fazer alguma coisa por ele...). De acordo com os médicos, fora por pouco. Mais alguns minutos e o dano cerebral teria sido irreversível.

Aborrecido por ter deixado sua atenção desviar-se do problema imediato, o comandante leu a mensagem que agora conhecia de cor:

"REDE DA NAVE: SEM DATA, SEM HORA PARA: O COMANDANTE DE: ANON

"Senhor: um certo número de nós deseja fazer a seguinte proposta que apresentamos para sua mais séria consideração. Sugerimos que nossa missão termine aqui em Thalassa. Todos os seus objetivos serão realizados sem os riscos adicionais envolvidos no prosseguimento da viagem até Sagan 2."

"Reconhecemos plenamente que isto envolveria problemas com a população existente, mas acreditamos que eles possam ser solucionados com a tecnologia que possuímos. Especificamente, o uso de engenharia tectônica a fim aumentar a área disponível."

"Conforme os regulamentos, Seção 14, Parág. 24 (a), nós respeitadamente requisitamos que o Conselho da nave se reúna para discutir esta questão, assim que for possível."

- E então, comandante Malina? Embaixador Kaldor? Algum comentário?

Os dois convidados aos aposentos espaçosos mas mobiliados de modo simples do comandante olharam um para o outro. Então Kaldor deu um aceno de cabeça quase imperceptível para o segundo na linha de comando e confirmou sua abdicação quanto à iniciativa em responder, tomando outro gole deliberadamente lento do excelente vinho thalassiano que seus anfitriões haviam fornecido.

O comandante Malina, que se sentia mais à vontade com as máquinas do que com as pessoas, olhou para o formulário de computador com uma expressão tristonha.

- Pelo menos, é bem-educado.

- Assim espero - disse o comandante Bey impaciente. - Tem idéia de quem poderia tê-lo enviado?

- Nenhuma. Excluindo nós três, eu temo que tenhamos 158 suspeitos.

- Cento e cinquenta e sete - retrucou Kaldor. O tenente-comandante Lorenson tem um álibi excelente. Ele estava morto na ocasião.

- Isso não facilita nem um pouco - disse o comandante com um sorriso amarelo. - Tem alguma

teoria, doutor?

"De fato, tenho", pensou Kaldor. "Eu vivi em Marte durante dois de seus longos anos, meu palpite ficaria nos Sabras, mas é só um palpite e posso estar errado."

- Ainda não, comandante. Mas ficarei de olhos abertos. Se descobrir alguma coisa, eu lhe informarei, desde que seja possível.

Os dois oficiais o entenderam perfeitamente. Em sua função de conselheiro, Moisés Kaldor não tinha que responder nem mesmo ante o comandante. Ele era a coisa mais próxima que existia, a bordo da *Magalhães*, de um padre confessor.

- Eu presumo, Dr. Kaldor, que o senhor me informará caso venha a descobrir qualquer coisa que possa colocar em perigo esta missão.

Kaldor hesitou e então assentiu brevemente. Esperava não se ver colocado no dilema tradicional do padre que recebe a confissão de um assassino que ainda está planejando o seu crime.

"Não estou conseguindo muita ajuda", pensou o comandante com amargura. "Mas tenho confiança absoluta nestes dois homens e preciso de alguém com quem conversar, mesmo que a decisão final tenha que ser minha."

- Minha primeira pergunta é: devo responder a esta mensagem? Ou não devo tomar conhecimento dela? Ambos os movimentos seriam arriscados. Se for apenas uma sugestão casual, feita talvez por um único indivíduo num momento de perturbação psíquica, então não seria sensato levá-la a sério. Mas se vier de um grupo, então talvez o diálogo possa ajudar. Poderia até desarmar a situação e identificar as pessoas em questão. "E o que você faria com elas então?", perguntou o comandante a si mesmo. "Prenderia a ferros?"

- Eu acho que devemos falar com elas - sugeriu Kaldor. - Problemas dificilmente desaparecem quando são ignorados.

- Eu concordo - disse o comandante Malina. - Mas tenho certeza de que não é ninguém das tripulações de Propulsão e Força. Eu conheço todos eles desde que se graduaram e a alguns bem antes disso.

"Eu ficaria surpreso", pensou Kaldor. "Quem é que chega *realmente* a conhecer alguém?"

- Muito bem - disse o comandante, levantando-se - isso já está decidido. E, por via das dúvidas, acho bom recapitular um pouco de história. Eu creio que a *Magalhães* teve problemas com sua tripulação.

- De fato, teve - respondeu Kaldor. - Mas estou certo de que vocês não terão de deixar ninguém na praia.

"Ou enforcar um dos comandantes", acrescentou para si mesmo. Teria sido muita falta de tato mencionar este trecho da história.

E teria sido ainda pior lembrar ao comandante Bey algo que certamente ele não teria esquecido: que o grande navegador fora assassinado antes de completar sua missão.

Desta vez o caminho de volta à vida não fora preparado com tão cuidadosa antecedência. O segundo despertar de Loren Lorensen não fora tão confortável quanto o primeiro. De fato foi tão desagradável que ele por vezes desejou ter sido abandonado ao esquecimento.

Quando recuperou a semiconsciência, ele rapidamente a lamentou. Havia tubos descendo por sua garganta e fios ligados aos seus braços e pernas. *Fios!* Sentiu um súbito pânico ante a memória daquele mortífero arrastar para baixo, mas controlou suas emoções.

Agora havia uma outra coisa com que se preocupar. Não parecia estar respirando, não conseguia detectar nenhum movimento em seu diafragma. "Que estranho, acho que eles flanquearam o funcionamento de meus pulmões."

Uma enfermeira deve ter sido alertada pelos monitores pois subitamente houve uma voz suave junto de seu ouvido e ele sentiu uma sombra estender-se sobre suas pálpebras, ainda muito cansadas para se abrirem.

- Está se saindo muito bem, Sr. Lorensen. Não há nada com que se preocupar. Poderá ficar de pé dentro de alguns dias. Não, não tente falar.

"Eu não tinha a intenção de fazê-lo", pensou Loren. "Eu sei exatamente o que aconteceu."

Ouviu então o fraco assovio de um jato hipodérmico, um breve frio gélido em seu braço e uma vez mais o abençoado esquecimento.

A ocasião seguinte em que despertou, para seu grande alívio, tudo estava bem diferente, os tubos e fios haviam desaparecido. Embora ainda se sentisse muito fraco não havia mais desconforto. E ele se encontrava respirando novamente num ritmo firme e normal.

- Alô - disse uma forte voz masculina a alguns metros de distância. - Bem-vindo de volta.

Loren virou a cabeça em direção ao som e teve uma visão indistinta de uma figura enfaixada numa cama adjacente.

- Creio que não me reconhece, Sr. Lorensen. Tenente Bill Horton, engenheiro de comunicações e ex-surfista.

- Oh, alô Bill, o que você andou fazendo? - sussurrou Loren. Mas então a enfermeira chegou e terminou a conversa com outra hipodérmica bem posicionada.

Agora ele se sentiu perfeitamente recuperado e só queria receber permissão para se levantar. A cirurgiã-comandante Newton acreditava ser preferível deixar que seus pacientes soubessem o que estava acontecendo com eles e por quê. Mesmo que não entendessem coisa alguma, isto ajudava a mantê-los quietos, de modo que a aborrecida presença desses pacientes não afetasse em demasia o perfeito funcionamento da unidade médica.

- Você pode se *sentir* muito bem, Loren - ela disse -, mas seus pulmões ainda estão se recuperando e você deve evitar qualquer esforço até que eles tenham voltado à sua capacidade total. Se os oceanos de Thalassa fossem como os da Terra, não teria havido problema. Mas eles são muito menos salinos, são de água potável, lembra-se? E você bebeu um litro dela. Como os seus fluidos corpóreos são mais salgados que o mar, a balança isotônica foi inteiramente alterada. Por isso houve um bocado de danos às membranas, devido à pressão osmótica. Nós tivemos que realizar uma boa pesquisa em alta velocidade no computador-arquivo da nave, antes que pudéssemos cuidar de você. Afinal, afogamento não é um perigo normal no espaço.

- Eu vou ser um bom paciente - disse Loren. - E certamente aprecio tudo o que fizeram. Mas quando poderei receber visitas?

- Há uma esperando lá fora. Vocês têm quinze minutos. Depois disso a enfermeira a mandará embora.

- E não se incomode comigo - disse o tenente Horton -, eu estou dormindo profundamente.

33. MARÉS

Mirissa sentia-se claramente indisposta, sendo evidente que era tudo culpa da falha da pílula. Pelo menos tinha o consolo de saber que isto só poderia acontecer uma vez mais, quando (e se!) ela tivesse o segundo filho permitido.

Era incrível pensar que praticamente todas as gerações de mulheres, haviam sido forçadas a suportar aquele desconforto mensal durante metade de suas vidas. Seria pura coincidência, ela se perguntava, que o ciclo de fertilidade se aproximasse ao período da única Lua gigante da Terra? Imagine se funcionasse do mesmo modo em Thalassa, com seu dois satélites tão próximos! Talvez fosse ótimo que suas marés fossem quase imperceptíveis, o pensamento de ciclos menstruais de cinco e sete dias se chocando em desarmonia era tão comicamente horrível que ela não podia deixar de sorrir e sentir-se imediatamente bem melhor.

Tinha levado semanas para tomar sua decisão e ainda não contara a Loren, e muito menos a Brant, ocupado em reparar o *Calypso* na Ilha do Norte. Teria feito isto se ele não a tivesse abandonado, em seu acesso de fanfarronice e machismo, fugindo sem luta?

Não, isto não era justo, era uma reação primitiva, mesmo pré-humana. E no entanto tais instintos custavam a morrer. Loren lhe contara, em tom de quem se desculpa, das vezes em que ele e Brant tinham caçado um ao outro pelos corredores dos seus sonhos.

Ela não podia culpar Brant, devia sentir-se orgulhosa dele. Não fora covardia e sim consideração que o enviara ao norte, até que ambos pudessem decidir seus destinos.

E a decisão dela não fora tomada às pressas. Percebia agora como aquilo devia ter pairado abaixo do nível de consciência em sua mente durante semanas. A morte temporária de Loren a lembrara (como se precisasse ser lembrada!) de que logo eles se separariam para sempre. Sabia o que precisava ser feito, antes que ele partisse para as estrelas. Cada um de seus instintos dizia que era a coisa certa.

E o que Brant iria dizer? Como ele iria reagir? Este era outro dos muitos problemas a serem enfrentados.

"Eu te amo, Brant", ela sussurrou. "Eu quero que você volte e o meu segundo filho será seu. Mas não o primeiro."

34. REDE DA NAVE

"Que estranho", pensou Owen Fletcher, "que eu compartilhe do mesmo sobrenome do mais famoso amotinado de todos os tempos!" Será que eu poderia ser descendente dele? Vamos ver, são mais de dois mil anos desde que eles desembarcaram na Ilha de Pitcairn... digamos umas cem gerações para tornar o cálculo mais fácil...

Fletcher tinha um orgulho ingênuo da sua habilidade em fazer cálculos mentais que, embora elementares, surpreendiam e impressionavam uma vasta maioria. Afinal, durante séculos os homens tinham apertado botões quando confrontados com o problema de somar dois mais dois. O ato de lembrar alguns logaritmos e constantes matemáticas ajudava enormemente e tornava a sua *performance* ainda mais misteriosa para aqueles que não sabiam como era feito. É claro que ele só escolhia exemplos que sabia como calcular, e era muito raro que alguém se incomodasse em verificar suas respostas...

"Umas cem gerações atrás, portanto, é dois elevado a 100 ancestrais, log de dois é ponto três zero um zero - isto dá trinta vírgula um... Por Judas! Um milhão de milhão de milhão de milhão de *milhão* de pessoas! Alguma coisa estava errada. Nada perto deste número de gente jamais viveu na Terra desde o início dos tempos. É claro, isto pressupõe que nunca houve qualquer superposição, a árvore genealógica humana deve ser totalmente entrelaçada. De qualquer forma, depois de cem gerações todo mundo deve ter parentesco com todo mundo. Eu nunca serei capaz de provar isso, mas Fletcher Christian deve ser meu ancestral várias vezes.

"Tudo muito interessante", ele pensou, enquanto desligava a tela de exposição e os antigos registros desapareciam. "Mas eu não sou um amotinado. Eu sou uma pessoa que está fazendo um *pedido*, uma solicitação perfeitamente razoável. Karl, Ranjit, Bob, todos concordam... Werner está incerto mas não vai nos denunciar. Como eu gostaria de poder falar com os outros Sabras, e falar-lhes a respeito do mundo adorável que encontramos enquanto eles dormiam.

Enquanto isso eu tenho que responder ao comandante...

O comandante Bey achava decididamente perturbador ter que cuidar dos negócios da nave sem saber quem, ou quantos de seus tripulantes ou oficiais estariam se dirigindo a ele através do anonimato da REDE DA NAVE. Não havia modo pelo qual esses insumos não registrados pudessem ser rastreados. Seu propósito era permanecerem confidenciais e tinham sido projetados como um mecanismo de estabilização social pelos gênios há muito mortos que desenharam a *Magalhães*. Ele tinha sugestivamente falado de um rastreador ao seu engenheiro-chefe de comunicações, mas o comandante Rocklynn ficara tão chocado que imediatamente mudara de assunto.

Assim, agora ficava sondando rostos, notando expressões e inflexões de voz enquanto tentava agir como se nada houvesse acontecido. Talvez estivesse mesmo tendo uma reação exagerada e nada de importante *houvesse* acontecido. Mas temia que a semente já estivesse plantada e que fosse crescer a cada dia que a nave passasse em órbita sobre Thalassa.

Sua primeira resposta, esboçada depois de uma consulta com Malina e Kaldor, fora suficientemente amena:

DO: COMANDANTE PARA: ANON

"Em resposta à sua comunicação não datada, eu não tenho nenhuma objeção quanto às discussões ao longo das linhas que propõe, sejam elas através da REDE DA NAVE, ou formalmente, no Conselho de bordo."

Na realidade, tinha objeções muito fortes. Passara metade de sua vida adulta treinando para a terrível responsabilidade de transplantar um milhão de seres humanos através de cento e vinte e cinco anos-luz de espaço. Esta era a sua missão, e se a palavra "sagrada" tivesse algum significado para ele, ele a teria usado. Nada, exceto um dano catastrófico na nave ou a improvável descoberta de que o sol de

Sagan 2 estava a ponto de se tornar uma nova poderia afastá-lo deste objetivo.

Enquanto isso, havia uma linha de ação óbvia, talvez, como os homens de Bligh, a tripulação estivesse perdendo o moral, ou pelo menos ficando negligente. Os consertos na fábrica de gelo, depois dos pequenos danos causados pelo vagalhão, tinham levado duas vezes o tempo esperado, e isto era típico. Todo o ritmo da nave estava se atrasando e era hora de começar a estalar aquele chicote de novo.

- Joan! - disse ele para sua secretária, trinta mil quilômetros lá embaixo -, me passe o último relatório da montagem do escudo. E diga ao comandante Malina que quero discutir com ele o programa de içamento.

Não sabia se poderiam erguer mais de um floco de neve de cada vez, mas não custaria tentar.

35. CONVALESCENÇA

O tenente Horton era um companheiro divertido, mas Loren ficaria satisfeito em se livrar dele tão logo as correntes de eletrofusão tivessem soldado seus ossos quebrados. Como Loren descobrira em detalhes um tanto cansativos, o jovem engenheiro se tinha unido a um grupo de tipos peludos e grandalhões da Ilha do Norte, cujo segundo interesse principal na vida parecia ser escalar ondas verticais usando pranchas de surfe impulsionadas por microjatos. Horton tinha descoberto, da pior maneira possível, que a coisa era ainda mais perigosa do que parecia.

- Eu fico um bocado surpreso - disse Loren em certo ponto da narrativa um tanto desagradável.

- Eu teria jurado que você era noventa por cento hetero.

- Noventa e dois por cento, de acordo com o meu perfil - disse Norton alegremente -, mas gosto de checar minha calibração de tempos em tempos.

O tenente não estava apenas brincando. Em algum lugar ele tinha lido que os cem por cento eram tão raros a ponto de serem classificados como patológicos. Não que ele *realmente* acreditasse nisso, mas a questão o preocupava levemente, nas raras ocasiões em que chegava a pensar no assunto.

Agora Loren era o único paciente, e havia convencido a enfermeira lassaniana de que sua contínua presença era inteiramente desnecessária, pelo menos quando Mirissa estivesse fazendo sua visita diária. A cirurgiã-comandante Newton, que como a maioria dos médicos era embaraçosamente franca, lhe tinha dito bruscamente: — Você ainda precisa de outra semana de recuperação. Se tiver que fazer amor deixe que ela faça todo o esforço.

Ele recebera muitas visitas, é claro. E com duas exceções todas haviam sido agradáveis.

A prefeita Waldron podia intimidar sua enfermeira baixinha para que a deixasse entrar em qualquer ocasião. Felizmente suas visitas nunca coincidiram com as de Mirissa. Na primeira vez que a prefeita chegara, Loren conseguira simular encontrar-se num estado quase moribundo. Esta tática provara ser desastrosa, já que o deixou impossibilitado de defender-se de algumas úmidas carícias. A segunda visita foi precedida por um aviso dez minutos antes, e ele estava erguido sobre travesseiros e inteiramente consciente. Todavia, devido a uma estranha coincidência, um elaborado teste das funções respiratórias encontrava-se em andamento e um tubo respirador fora inserido na boca de Loren, tornando

a conversação impossível. O teste foi completado uns trinta segundos depois da saída da prefeita.

A única visita de cortesia de Brant Falconer colocara ambos sob tensão. Os dois conversaram polidamente a respeito dos scorps, dos progressos na Baía do Mangue, da usina de congelamento, da política na Ilha do Norte, em suma, qualquer coisa que não fosse Mirissa. Loren percebia que Brant estava preocupado, até mesmo embaraçado, mas a última coisa que desejava ouvir seria um pedido de desculpas. E seu visitante conseguiu formulá-lo, pouco antes de sair.

- Você sabe, Loren - disse ele relutantemente -, não havia nada que eu pudesse ter feito quanto à onda. Se tivesse mantido o curso nós teríamos nos esmagado naquele recife. Já foi suficientemente ruim o *Calypso* não ter podido alcançar águas profundas a tempo.

- Eu tenho certeza - respondeu Loren com toda a sinceridade - que ninguém teria feito melhor.

- Eu... fico contente por você ter compreendido isto. - Brant sentia-se obviamente aliviado, e Loren teve um súbito sentimento de simpatia, talvez mesmo de pena, por ele. Talvez tivesse havido críticas à sua habilidade de homem do mar, e, para alguém tão orgulhoso dela quanto Brant, isso devia ter sido intolerável.

- Soube que conseguiram resgatar o trenó.

- Sim, ele logo será consertado e estará como novo.

- Como eu.

Na breve camaradagem do riso em comum, Loren teve um súbito e irônico pensamento.

Brant devia ter desejado que Kumar fosse um pouquinho menos corajoso.

36. KILIMANJARO

Por que eu tenho sonhado com o Kilimanjaro? Era uma palavra estranha, um nome, tinha certeza, mas nome de quê?

Moisés Kaldor estava deitado, sob a luz cinzenta da aurora thalassiana, despertando lentamente para os sons de Tarna. Não que houvesse muitos sons àquela hora, um trenó de areia estava ronronando em algum lugar, seguindo em seu caminho pela praia, talvez ao encontro de algum pescador.

Kilimanjaro.

Kaldor não era homem que gostasse de se gabar, mas duvidava que algum outro homem houvesse lido tantos livros antigos e sobre tantos assuntos. Também tinha recebido vários *terabites* de implante de memória, e embora informação armazenada deste modo não fosse realmente *conhecimento*, tornava-se disponível caso se soubesse os códigos de acesso.

Era um pouco cedo para fazer tal esforço, e duvidava que o assunto fosse particularmente importante. Entretanto, havia aprendido a não subestimar os sonhos. O velho Sigmund Freud tinha marcado alguns pontos há dois mil anos. E afinal ele não seria mesmo capaz de dormir de novo...

Fechou os olhos, disparou o comando BUSCA, e esperou. Embora isto fosse pura imaginação, e o processo acontecesse num nível inteiramente inconsciente, ele podia imaginar miríades de impulsos tremulando nas profundezas de seu cérebro.

Agora alguma coisa estava acontecendo aos fosfenos que dançam interminavelmente em seus padrões aleatórios, na retina de um olho mantido apertadamente fechado. Uma janela escura havia aparecido magicamente na fraca luminescência do caos, letras iam se formando, e então lá estava:

KILIMANJARO: Montanha vulcânica, África. Altitude, 5,9 km. , Local do primeiro Elevador Espacial, Terminal Terra.

"Muito bem! E o que significava isto?" Deixou sua mente jogar com a informação escassa.

Alguma coisa relativa a um outro vulcão, Krakan, que recentemente tinha freqüentado bastante os seus pensamentos? Isto parecia um tanto exagerado, e ele não precisava de nenhuma advertência quanto à possibilidade de que aquele Krakan ou seu turbulento filho entrassem em erupção novamente.

O primeiro elevador espacial? Isto era de fato história antiga, marcando o próprio início da colonização planetária, ao virtualmente fornecer à humanidade o livre acesso ao Sistema Solar. E eles estavam empregando a mesma tecnologia aqui, usando cabos de material superforte para erguer grandes blocos de gelo até a *Magalhães*, enquanto a nave flutuava numa órbita estacionária acima do Equador.

E, no entanto, isto também estava bem distante daquela montanha africana. A conexão era muito remota, e a resposta, Kaldor tinha certeza, devia ser alguma outra coisa.

A abordagem direta havia fracassado. O único modo de encontrar o elo, se é que iria fazê-lo, seria deixar por conta do tempo, do acaso e dos misteriosos mecanismos da mente inconsciente.

Seria melhor esquecer o Kilimanjaro, até que ele escolhesse uma ocasião auspiciosa para entrar em erupção em seu cérebro.

37. IN VINO VERITAS

Depois de Mirissa, Kumar era o visitante de quem Loren mais gostava e o mais freqüente. A despeito de seu apelido, ele lembrava a Loren mais um cão fiel, ou uma mascote amistosa, do que um leão. Havia uma dúzia de cães muito bem tratados em Tarna e algum dia eles viveriam de novo também em Sagan 2, retomando sua longa amizade com o homem.

Loren sabia agora o risco que o rapaz correria naquele mar agitado. Fora bom para ambos que Kumar nunca deixasse a praia sem uma faca de mergulhador presa à perna. Ainda assim, ele passara mais de dez minutos embaixo d'água, serrando o cabo que prendia Loren. A tripulação do *Calypso* já estava certa de que ambos haviam morrido.

A despeito do laço que agora os unia, Loren achava difícil ficar muito tempo conversando com Kumar. Afinal, só existe um número limitado de maneiras de se dizer "obrigado por salvar minha vida", e suas formações eram tão diversas que eles tinham muito poucas referências em comum. Se falasse com Kumar a respeito da Terra, ou da nave, teria de explicar tudo em detalhes tão minuciosos que logo perceberia estar perdendo o seu tempo. Ao contrário da irmã, Kumar vivia no mundo da experiência imediata, somente o aqui e agora de Thalassa eram importantes para ele. "Como eu o invejo!", comentara Kaldor certa vez. "Ele é uma criatura do hoje, não assombrada pelo passado nem temerosa do futuro!"

Loren estava a ponto de pegar no sono, no que ele esperava ser sua última noite na clínica,

quando Kumar chegou, trazendo um garrafão que ergueu em triunfo.

- Adivinha.
- Não tenho idéia - disse Loren, sem muita sinceridade.
- O primeiro vinho da temporada, de Krakan. Eles dizem que vai ser um ano muito bom.
- Como sabe disso?
- Nossa família tem uma vinha há mais de cem anos. Os produtos Leão são os mais famosos do mundo.

Kumar procurou até achar dois copos e despejou doses generosas. Loren provou cautelosamente, era um pouco doce demais para o seu gosto, mas muito, muito suave.

- Como vocês o chamam? - perguntou ele.
- Krakan Especial.
- Será que devo arriscar, já que Krakan quase me matou uma vez?
- Não vai lhe dar nem mesmo uma dor de cabeça.

Loren tomou um gole mais longo e num tempo surpreendentemente curto o copo estava vazio. Em outro tempo ainda mais curto estava cheio de novo.

Parecia uma forma excelente de passar sua última noite no hospital e Loren sentiu sua gratidão natural em relação a Kumar estender-se para o mundo inteiro. Mesmo uma das visitas da prefeita teria sido bem-vinda agora.

- A propósito, como está o Brant? Não o vejo há uma semana.
- Ainda na Ilha do Norte, cuidando dos reparos de seu barco e falando com biólogos marinhos. Todo mundo está um bocado excitado quanto aos scorps. Mas ninguém é capaz de decidir o que fazer com eles. Se é que vão fazer alguma coisa.

- Sabe, eu me sinto do mesmo modo quanto a Brant.

Kumar riu.

- Não se preocupe. Ele tem uma garota na Ilha do Norte.
- Oh, e Mirissa sabe?
- É claro.
- E ela não se importa?
- Por que deveria? Brant a ama e sempre volta.

Loren processou esta informação de modo um tanto lento. Ocorreu-lhe tratar-se de uma variável nova numa equação já complexa. Será que Mirissa teria outros amantes? Desejava realmente saber? Deveria perguntar?

- De qualquer modo - continuou Kumar enquanto enchia de novo ambos os copos -, tudo o que realmente importa é que seus mapas de genes foram aprovados e eles foram registrados para ter um filho. Quando ele nascer será diferente. Então eles só precisarão um do outro. Não é a mesma coisa na Terra?

- Algumas vezes - disse Loren. "Então Kumar não sabe, o segredo ainda permanece entre nós dois."

"Pelo menos eu vou ver meu filho" - pensou Loren -, "ainda que seja por alguns meses. E então..."

Para seu horror ele sentiu as lágrimas escorrendo em sua face. Quando é que tinha chorado pela última vez? Há duzentos anos, olhando para a Terra em chamas...

- O que foi? - perguntou Kumar. - Está pensando em sua esposa? - Sua preocupação era tão genuína que Loren achou impossível ofender-se com sua falta de tato ou com a referência a um assunto que por um acordo mútuo era raramente mencionado, já que nada tinha a ver com o aqui e o agora. Duzentos anos atrás, na Terra, ou trezentos anos no futuro, em Sagan 2, estavam por demais distantes de

Thalassa, além do alcance de suas emoções, que àquela hora se encontravam bem confusas.

- Não, Kumar, eu não estava pensando em minha esposa.

- Irá... algum dia... falar com ela... a respeito de Mirissa?

- Talvez sim, talvez não. Eu realmente não sei. Sinto-me muito sonolento. Será que nós bebemos a garrafa inteira? Kumar? Kumar!

A enfermeira veio durante a noite e, contendo risadas, arrumou as cobertas de modo que não caíssem.

Loren acordou primeiro. Depois do choque inicial de reconhecimento, ele começou a rir.

- Qual foi a graça? - perguntou Kumar, saindo um tanto sonado da cama.

- Se você realmente quer saber, eu me perguntava se Mirissa ficaria com ciúmes.

Kumar sorriu sem graça.

- Eu posso estar um tanto bêbado - disse ele -, mas tenho certeza de que não aconteceu nada.

- Eu também.

E no entanto ele percebia que amava Kumar, não porque tivesse salvo sua vida ou porque fosse irmão de Mirissa, mas simplesmente por ele ser Kumar. Sexo não tinha nada a ver com isso, a própria idéia o encheria não de embaraço mas sim de vontade de rir. Era bom que fosse assim. A vida em Tarna já era suficientemente complicada.

- E você está certo - Loren acrescentou - quanto Leão Especial. Eu não estou de modo algum de ressaca. De fato me sinto maravilhosamente bem. Pode enviar algumas garrafas para a nave? Melhor ainda, algumas centenas de litros?

38. DEBATE

Era uma questão simples, mas nem por isso tinha uma resposta simples: o que iria acontecer com a disciplina a bordo da *Magalhães* se o próprio objetivo da missão da nave fosse posto em votação?

É claro que qualquer resultado não seria definitivo e ele poderia passar por cima se fosse necessário. *Teria* que fazê-lo se uma maioria decidisse (não que imaginasse isso por um momento...). Mas semelhante resultado seria psicologicamente devastador. A tripulação ficaria dividida em duas facções e tal coisa poderia levar a situações que preferia não imaginar.

E, no entanto, um comandante precisava ser firme mas não cabeçudo. Havia bastante bom senso na proposta, que tinha muitos atrativos. Afinal de contas, havia desfrutado dos benefícios da hospitalidade presidencial em pessoa e tinha a intenção de encontrar novamente aquela dama, campeã do *decatlo*. Este era um belo mundo, talvez pudessem acelerar o lento processo de formação de continentes, de modo que houvesse espaço para os milhões extras. Seria infinitamente mais fácil do que colonizar Sagan 2.

E além disso, poderiam nunca chegar a Sagan 2. Embora a confiabilidade operacional da nave fosse ainda estimada em 98%, havia perigos externos que ninguém poderia prever. Somente alguns

oficiais de maior confiança sabiam que uma seção do escudo de gelo fora perdida em algum lugar por volta do ano-luz n.º 48. Se aquele meteoro interestelar, ou o que quer que fosse, estivesse alguns metros mais perto...

Alguém tinha sugerido que a coisa pudesse ser uma antiqüíssima sonda espacial da Terra. As chances de uma coisa dessas acontecer eram literalmente astronômicas, e é claro que hipótese tão irônica jamais seria comprovada.

E agora os autores da petição se estavam chamando de Novos Thalassianos. O comandante Bey ficou pensando se isto não significaria que eles eram muitos e estavam se convertendo num movimento politicamente organizado. Se fosse assim, talvez a melhor coisa a fazer fosse levá-los a agir abertamente, revelando-se tão logo fosse possível.

A rejeição de Moisés Kaldor fora rápida e cortês.

- Não, comandante, não posso me envolver no debate, seja a favor ou contra. Se eu o fizer, a tripulação não confiará mais em minha imparcialidade. Mas estou disposto a agir como presidente, moderador, ou qualquer outro nome que vocês dêem a isso.

- Concordo - disse prontamente o comandante Bey. Isto era realmente o que ele esperava. - E quem irá apresentar as moções? Nós não podemos esperar que os Novos Thalassianos se mostrem para advogar sua causa.

- Eu gostaria que pudéssemos ter uma eleição direta, sem quaisquer discussões ou debates - lamentou o comandante Malina.

Com isto secretamente concordava o comandante Bey. Mas esta era uma sociedade democrática, de homens responsáveis e altamente educados, e os regulamentos da nave reconheciam este fato. Os Novos Thalassianos haviam requerido um conselho a fim de apresentarem seus pontos de vista. Se ele recusasse, estaria desobedecendo às suas próprias ordens de nomeação e violando a confiança que lhe fora concedida na Terra, há duzentos anos.

Não fora fácil organizar o Conselho. Como todos, sem exceção, teriam de votar, os horários de trabalho teriam que ser reorganizados e os períodos de sono interrompidos. O fato de metade da tripulação encontrar-se lá embaixo, em Thalassa, criava um outro problema que nunca havia surgido antes, o da segurança. Qualquer que fosse o resultado, era altamente indesejável que os lassanianos ouvissem o debate...

Por isso Loren Lorensen estava sozinho, com a porta de seu escritório em Tarna trancada, ao que lhe constava pela primeira vez, quando o Conselho começou. Estava usando os óculos de visão total, mas desta vez não deslizava através de uma floresta submarina. Sentia-se a bordo da *Magalhães*, na familiar sala da Assembléia, olhando para os rostos de seus colegas e, sempre que mudava o seu ponto de vista, para a tela na qual os comentários e o veredicto deles seriam exibidos. No momento, ela mostrava apenas uma breve mensagem:

PROPOSTA: Que a nave estelar *Magalhães* termine sua missão em Thalassa, já que todos os seus objetivos básicos podem ser conquistados aqui.

"Então Moisés está lá em cima na nave", pensou Loren, enquanto observava a audiência. "Eu me pergunto por que não o tenho visto ultimamente. Ele parece cansado, assim como o comandante. Talvez a coisa seja mais séria do que imaginei."

Kaldor bateu na mesa, chamando a atenção.

- Comandante, oficiais, companheiros de tripulação, embora este seja o nosso primeiro conselho, todos conhecem as regras e os procedimentos. Se desejarem falar, ergam a mão para serem reconhecidos. Se desejarem fazer uma declaração escrita, usem seus blocos-teclados, os endereços serão omitidos para garantir o anonimato. Em ambos os casos, por favor sejam tão sucintos quanto puderem.

- Se não houver perguntas, abrirei com o item 001.

Os Novos Thalassianos haviam acrescentado alguns argumentos, mas 001 ainda era essencialmente o memorando que chocara o comandante Bey há duas semanas. Desde então ele não tinha realizado nenhum progresso na identificação da autoria.

Talvez o acréscimo mais revelador ao texto original fosse a sugestão de que era *dever* de todos permanecer ali, Thalassa *precisava* deles técnica, cultural e geneticamente. Loren ficara admirado com isso, muito embora se sentisse tentado a concordar. "Em todo caso, nós devemos perguntar a opinião deles primeiro. Afinal não somos imperialistas à moda antiga, ou somos?"

Todos tiveram tempo para reler o memorando, Kaldor bateu na mesa pedindo atenção novamente.

- Ninguém pediu... hã... permissão para falar a favor da resolução, é claro que haverá oportunidade para fazê-lo depois. Assim eu peço ao tenente Elgar que apresente o argumento contrário.

Raymond Elgar era um jovem e pensativo engenheiro de comunicações, que Loren só conhecia de vista. Ele tinha certo talento musical e afirmava estar escrevendo um poema épico sobre a viagem. Quando desafiado a apresentar um único verso, invariavelmente respondia: esperem até chegarmos em Sagan 2, daqui a um ano.

Era óbvio que o tenente Elgar havia se apresentado como voluntário (se é que ele era voluntário) para este papel. Suas pretensões poéticas dificilmente lhe permitiriam fazer outra coisa, e talvez estivesse mesmo trabalhando naquele épico.

- Comandante, colegas, ouçam-me com atenção. "Essa era uma frase interessante", pensou Loren. "Eu me pergunto se é original."

- Eu creio que todos concordam, tanto de coração, como logicamente, que a idéia de permanecer em Thalassa tem muitos atrativos. Mas considerem estes aspectos: Somos apenas 161. Será que temos o direito de tomar uma decisão irrevogável em nome do milhão que ainda se encontra dormindo? E quanto aos lassanianos? Tem sido sugerido que nós os ajudaríamos se ficássemos. Mas seria verdade? Eles possuem um estilo de vida que parece se ajustar a eles perfeitamente. Considerem nossa cultura, nosso treinamento, o objetivo a que nos dedicamos há anos. Acreditam realmente que um milhão de nós poderia se tornar parte da sociedade thalassiana sem destruí-la completamente? E existe a questão do dever. Gerações de homens e mulheres se sacrificaram para tornar possível esta missão, para dar à raça humana uma oportunidade melhor de sobrevivência. Quantos sóis a mais nós atingirmos, maior garantia teremos contra um desastre. Vocês viram o que os vulcões de Thalassa podem fazer, quem sabe o que pode acontecer aqui nos séculos do porvir?

"Tem havido conversas a respeito de engenharia tectônica para criar novas terras e proporcionar espaço para o aumento da população. Devo lembrar-lhes de que mesmo na Terra, depois de milhares de anos de pesquisa e desenvolvimento, esta ainda não era uma ciência exata. Lembrem-se da Catástrofe da Placa de Nazca em 3175. Não posso imaginar nada mais irresponsável do que mexer com forças da natureza acumuladas no interior de Thalassa."

"Não há necessidade de se dizer mais nada. Só pode haver uma decisão quanto a este assunto. Devemos deixar os lassanianos entregues a seu próprio destino, temos que seguir para Sagan 2."

Loren não ficou surpreso com o crescendo de aplausos. A pergunta interessante era: quem não tinha aplaudido? Até onde ele podia julgar, a audiência parecia igualmente dividida. E é claro que algumas pessoas podiam estar aplaudindo porque admiraram a defesa muito bem feita e não necessariamente por concordarem com o orador.

- Obrigado, tenente Elgar - disse o presidente Kaldor. - Nós apreciamos especialmente a sua concisão. Agora, alguém desejaria expressar a opinião contrária?

Houve um remexer nervoso, seguido por um profundo silêncio. Pelo menos durante um minuto nada aconteceu. Então letras começaram a aparecer na tela.

002. O COMANDANTE, POR FAVOR, PODERIA FORNECER A ULTIMA ESTIMATIVA QUANTO À PROBABILIDADE DE SUCESSO DA MISSÃO?

003. POR QUE NÃO REVIVER UMA AMOSTRA REPRESENTATIVA DOS HIBERNADOS, DE MODO A CONHECER SUA OPINIÃO?

004. POR QUE NÃO PERGUNTAR AOS LASSANIANOS O QUE ELES PENSAM? O PLANETA É DELES.

Com neutralidade e discrição absolutas o computador armazenou e enumerou os impulsos dos membros do Conselho. Em dois milênios ninguém havia inventado ainda um meio melhor de fazer a amostragem da opinião de um grupo e obter um consenso. Através da nave e lá embaixo, em Thalassa, homens e mulheres estariam datilografando mensagens através dos sete botões de seus pequenos teclados para uma só mão. Talvez a habilidade que qualquer criança adquiria mais cedo fosse a capacidade para teclar todas as combinações necessárias sem nem ao menos pensar no que estava fazendo.

Loren passou os olhos pela audiência e se divertiu notando que quase todo mundo mantinha as mãos à vista. Ele não podia ver ninguém com aquele olhar distante, indicando que alguma mensagem particular estava sendo transmitida através de um teclado escondido. Mas, de algum modo, um bocado de gente estava falando.

015. E QUANTO A UM ACORDO? ALGUNS DE NÓS PODEM PREFERIR FICAR. A NAVE PODE SEGUIR VIAGEM.

Kaldor bateu na mesa pedindo atenção.

- Esta não é a resolução que estamos discutindo - disse ele -, mas está anotada.

- A resposta para Zero Zero Dois - disse o comandante Bey, quase não se lembrando de obter um sinal de permissão do presidente. - Nossa estimativa é de 98%. E não me surpreenderia se as nossas chances de alcançar Sagan 2 forem maiores do que a das Ilhas do Norte e do Sul permanecerem acima d'água.

021. DESCONTANDO KRAKAN, A RESPEITO DO QUAL OS LASSANIANOS NÃO PODEM FAZER MUTTA COISA, ELES NÃO ENFRENTAM NENHUM DESAFIO SÉRIO. TALVEZ DEVÊSSEMOS FORNECER-LHES ALGUNS. KNR.

"Este seria, vejamos... É claro, Kingsley Rasmussen." Obviamente ele não desejava permanecer incógnito, e expressava um pensamento que numa ocasião ou noutra tinha ocorrido a quase todo mundo.

022. NÓS JÁ SUGERIMOS QUE ELES RECONSTRUAM SUA ANTENA DE ESPAÇO PROFUNDO EM KRAKAN PARA MANTER CONTATO CONOSCO. RMM.

023. UM TRABALHO DE DEZ ANOS NO MÁXIMO. KNR.

- Senhores - disse Kaldor um tanto impaciente - estamos nos afastando do ponto principal.

"Será que eu teria alguma coisa com que contribuir?", perguntou-se Loren. "Não, vou ficar de fora nesse debate, já posso ver opiniões demais. Cedo ou tarde eu terei que escolher entre o dever e a felicidade. Mas não agora..."

- Eu fico surpreso - disse Kaldor, depois de perceber que mais nada aparecia na tela por quase dois minutos - ... que ninguém tenha mais nada a dizer sobre um assunto tão importante.

Ele esperou confiantemente mais um minuto.

- Muito bem. Talvez vocês prefiram continuar a discutir informalmente. Nós não receberemos os votos agora, mas durante as próximas 48 horas vocês podem registrar suas opiniões da maneira normal. Obrigado.

Ele olhou para o comandante Bey, que se levantou com uma rapidez que revelava evidente alívio.

- Obrigado, Dr. Kaldor. Conselho da nave terminado. - Então ele olhou ansiosamente para Kaldor, que estava fitando a tela como se a tivesse notado pela primeira vez.

- Está tudo bem, doutor?

- Me desculpe, comandante, estou ótimo. É que acabo de me lembrar de uma coisa importante, só isso.

E de fato havia se lembrado. Pela milésima vez, ele se admirava com o funcionamento labiríntico da mente inconsciente.

A entrada 021 tinha realizado a mágica. *Os lassanianos não enfrentam nenhum desafio sério.*

Agora sabia por que havia sonhado com o Kilimanjaro.

39. O LEOPARDO NA NEVE

"Eu sinto, Evelyn, faz tantos dias desde a última vez que falei com você. Será que isto significa que a sua imagem está se apagando em minha mente, à medida que o futuro absorve mais e mais as minhas energias?"

"Suponho que sim, e deveria apreciar isso. Agarrar-se por muito tempo ao passado é uma doença, como você tantas vezes me lembrou. Mas no íntimo ainda não consigo aceitar essa amarga verdade."

"Muita coisa aconteceu nas últimas semanas. A nave foi infectada pelo que chamamos de Síndrome do *Bounty*. Devíamos tê-la previsto, e é claro que o fizemos, mas apenas como uma piada. Agora é sério, embora por enquanto não seja sério demais, espero."

"Alguns membros da tripulação gostariam de ficar em Thalassa, e quem pode culpá-los? Eles já o admitiram com franqueza. Outros querem terminar a missão inteira aqui e esquecer Sagan 2. Nós não conhecemos a força desta facção, porque ela ainda não se revelou abertamente."

"Quarenta e oito horas depois do Conselho, tínhamos o resultado da votação. É claro que o voto foi secreto e não sabemos até onde os resultados são confiáveis. Cento e cinquenta e um votaram pelo prosseguimento, apenas seis desejavam terminar a missão aqui, e houve quatro indecisos."

"O comandante Bey está satisfeito. Ele sente que a situação está sob controle, mas vai tomar algumas precauções. E compreende que, quanto mais tempo ficarmos aqui, maior será a pressão no sentido de não partirmos. Ele não se importa com alguns desertores. 'Se eles querem abandonar a nave, eu certamente não quero ficar com eles', foi como a questão foi colocada. Mas preocupa-se com a possibilidade de a insatisfação espalhar-se pelo resto da tripulação."

"Por isso ele estava acelerando a construção do escudo. Agora que o sistema está completamente automatizado e funcionando perfeitamente, nós pretendemos fazer dois içamentos por dia em vez de um. Se funcionar, poderemos partir em quatro meses. Isto ainda não foi divulgado, e espero que não haja protestos quando for, por parte dos novos lassanianos ou de quem quer que seja."

"E agora, um outro assunto que pode ser completamente sem importância, mas que considero fascinante. Você se lembra de como costumávamos ler histórias um para o outro quando nos conhecemos? Era um modo maravilhoso de ficar sabendo como realmente as pessoas viviam e pensavam há milhares de anos, muito antes de existirem registros sensórios ou mesmo de vídeo."

"Embora não me restasse a mais leve memória consciente a respeito, uma vez você leu para mim uma história sobre uma grande montanha na África que tinha um nome estranho, Kilimanjaro. Eu procurei nos arquivos da nave e agora compreendo o que andava me assombrando."

"Parece que havia uma caverna, bem alto na montanha, acima da linha de neve. E nesta caverna encontrava-se o corpo congelado de um grande felino predador, um leopardo. Este era o mistério: ninguém jamais soube o que o leopardo estava fazendo em tal altitude, tão longe de seu território usual."

"Você sabe, Evelyn, que sempre me orgulhei (muita gente diz que me gabo) de meus poderes de intuição. Bem, parece que alguma coisa assim está acontecendo aqui."

"Não aconteceu uma, mas diversas vezes, de um grande e poderoso animal marinho ser detectado bem longe de seu habitat natural. Recentemente o primeiro espécime foi capturado. É uma espécie de crustáceo gigante, como os escorpiões do mar que um dia viveram na Terra."

"Não temos certeza se eles são inteligentes, e isto pode ser uma pergunta sem sentido. Mas certamente trata-se de animais sociais altamente organizados, com tecnologias primitivas, embora esta talvez seja uma expressão muito exagerada. Até onde pudemos sondar, eles não demonstram habilidades superiores às abelhas, formigas ou térmitas, mas sua escala de operações é diferente e muito impressionante."

"E, mais importante de tudo, descobriram o uso do metal, embora até agora pareça que o usam apenas como ornamento, e sua única fonte de suprimento é o que conseguem roubar dos lassanianos. Eles já fizeram isso várias vezes."

"Recentemente, um scorp se arrastou canal acima até o centro de nossa fábrica de gelo. Supôs-se ingenuamente que estivesse procurando comida. No entanto, há comida de sobra onde ele vive, a pelo menos cinquenta quilômetros de distância."

"Eu queria saber o que aquele scorp estava fazendo tão longe de casa, e sinto que a resposta pode ser muito importante para os lassanianos."

"Eme pergunto se vamos encontrá-la, antes de iniciarmos o longo sono até Sagan 2."

40. CONFRONTAÇÃO

No instante em que o comandante Bey entrou no escritório do presidente Farradine, notou que algo errado estava acontecendo.

Em geral, Edgar Farradine o saudava pelo seu primeiro nome e imediatamente apanhava a garrafa decorada. Desta vez não houve nenhum "Sirdar", nem vinho, mas pelo menos o presidente ofereceu uma cadeira.

- Acabo de receber algumas notícias perturbadoras, comandante Bey. Se não se importa,

gostaria que o primeiro-ministro se juntasse a nós.

Esta era a primeira vez que o comandante ouvia o presidente ir direto ao assunto, qualquer que ele fosse, e também a primeira vez que encontrava o primeiro-ministro no escritório de Farradine.

- Neste caso, senhor presidente, posso pedir ao embaixador Kaldor que se junte a nós?

O presidente hesitou por um momento e então respondeu "certamente". O comandante ficou aliviado ao notar um leve sorriso, como que em reconhecimento a esta cortesia diplomática. Os visitantes podiam ser superados em autoridade, mas não em número.

O primeiro-ministro Bergman, como o comandante Bey sabia perfeitamente bem, era na verdade a fonte do poder por trás do trono. Abaixo do primeiro-ministro estava o gabinete e abaixo do gabinete uma constituição Jefferson Mark 3. O arranjo havia funcionado bem durante os últimos séculos, mas o comandante Bey tinha o pressentimento de que estava agora a ponto de sofrer uma grande perturbação.

Kaldor foi rapidamente resgatado das mãos da Sra. Farradine, que o estava usando como cobaia para testar suas idéias quanto à redecoração da residência presidencial. O primeiro-ministro chegou alguns segundos depois, com sua habitual expressão inescrutável.

Quando todos estavam sentados, o presidente cruzou os braços e se recostou em sua cadeira giratória muito decorada, olhando com uma expressão acusadora para os visitantes.

- Comandante Bey, Dr. Kaldor, nós acabamos de receber uma informação bastante perturbadora. Gostaríamos de saber se existe algo de verdadeiro no relatório que diz que agora tencionam terminar sua missão aqui e não em Sagan 2.

O comandante Bey sentiu uma imediata sensação de alívio, seguida por um instantâneo aborrecimento. Devia ter havido uma terrível quebra de segurança, ele tinha esperanças de que os lassanianos nunca ouvissem falar na petição ao Conselho da nave, embora talvez isto fosse querer demais.

- Senhor presidente, senhor primeiro-ministro, se ouvirem tal boato, permitam-me que lhes assegure que ele não é de modo algum verdadeiro. Por que pensam que estamos içando seiscentas toneladas de gelo por dia para reconstruir nosso escudo? Iríamos nos importar com isso se estivéssemos planejando ficar aqui?

- Talvez. Se por algum motivo vocês mudaram de idéia, dificilmente iriam nos alertar a respeito suspendendo as operações.

A réplica imediata deu no comandante um choque momentâneo. Ele tinha subestimado essas pessoas amigáveis. Percebeu então que eles e seus computadores já deviam ter analisado todas as óbvias possibilidades.

- É verdade. Mas gostaria de lhes adiantar, embora seja confidencial e não tenha sido anunciado, que nós planejamos dobrar a taxa de içamento de modo a terminar o escudo mais rapidamente. Longe de ficar, nós planejamos partir mais cedo. Eu esperava informar isto aos senhores em circunstâncias mais agradáveis.

Nem mesmo o primeiro-ministro conseguiu ocultar completamente sua surpresa. O presidente sequer tentou. Antes que pudesse recuperar-se, o comandante Bey retornou ao ataque.

- E é justo, senhor presidente, que nos apresente um fundamento para a sua acusação. De outro modo, como poderemos refutá-la?

O presidente olhou para o primeiro-ministro. O primeiro-ministro olhou para os visitantes.

- Temo que isto seja impossível. Revelaria nossas fontes de informação.

- Então estamos empatados. Não seremos capazes de convencer os senhores até partirmos realmente, dentro de cento e trinta dias, de acordo com o nosso cronograma já revisado.

Houve um silêncio pensativo e um tanto sombrio, até que Kaldor disse calmamente.

- Será que eu poderia ter uma breve conversa em particular com o comandante?

- É claro.

Enquanto os dois saíam, o presidente perguntou ao primeiro-ministro:

- Será que eles estão dizendo a verdade?

- Kaldor não mentiria, estou certo disso. Mas talvez ele não conheça todos os fatos.

Não houve tempo de continuar essa discussão antes que os representantes da outra parte retornassem para enfrentar seus acusadores.

- Senhor presidente - disse o comandante -, eu e o Dr. Kaldor concordamos que há alguma coisa que devíamos contar-lhes. Esperávamos manter isso em segredo, já que se trata de algo embaraçoso e nós achávamos que a questão logo seria resolvida. É possível que estivéssemos errados a este respeito e poderemos precisar de sua ajuda.

Ele fez um breve resumo do andamento do Conselho e dos eventos que o tinham originado e concluiu:

- Se quiserem, posso lhes mostrar as gravações. Não temos nada a esconder.

- Isso não será necessário, Sirdar - disse o presidente obviamente muito aliviado. O primeiro-ministro, contudo, ainda parecia preocupado.

- Só um minuto, senhor presidente. Isto não elimina os relatórios que nós recebemos. Eles são muito convincentes, como se lembra.

- Tenho certeza de que o comandante será capaz de explicá-los.

- Somente se me disser do que se trata.

Houve outra pausa. Então o presidente moveu-se na direção da garrafa de vinho.

- Primeiro, vamos tomar um drinque - disse alegremente. - Então lhe direi como nós descobrimos.

41. CONVERSA DE TRAVESSEIRO

"Tudo andara perfeitamente bem", pensou Owen Fletcher. É claro que ele estava um pouco desapontado com a votação, embora se perguntasse com que precisão ele teria refletido a opinião a bordo da nave. Afinal, havia instruído dois de seus companheiros de conspiração para se registrarem como "nós" a fim de que a força ainda desprezível do movimento Novos Thalassianos não fosse revelada.

O que fazer a seguir era sempre um problema. Ele era engenheiro, e não um político, embora se estivesse movendo rapidamente nesta última direção. Não conseguia, entretanto, ver um modo de recrutar mais apoio sem sair da clandestinidade.

Isto lhe deixava duas opções. A primeira, e mais fácil, seria abandonar a nave e simplesmente deixar de entrar em contato, o mais próximo possível da data de lançamento, quando o comandante Bey estaria ocupado demais para caçá-lo. Mesmo que se sentisse inclinado a isso, seus amigos lassanianos

poderiam escondê-lo até a partida da *Magalhães*.

Mas isto seria uma deserção, algo nunca visto na unida comunidade dos Sabras. Ele teria abandonado seus colegas adormecidos, incluindo seus próprios irmãos. O que pensariam dele dali a três séculos, no hostil Sagan 2, quando descobrissem que poderia ter aberto as portas do Paraíso para eles, mas havia fracassado?

E agora o tempo estava se esgotando. Aquelas simulações no computador relativas às taxas de içamento só podiam ter um significado. E embora não tivesse discutido isso com seus amigos, já via agora outra linha de ação.

Mas sua mente ainda se retraía ante o termo "sabotagem".

Rose Killian nunca tinha ouvido falar de Dalila e teria ficado horrorizada se fosse comparada a ela. Era uma nortista simples e um tanto ingênua, que, como tantas jovens lassanianas ficara desarmada perante os charmosos visitantes da Terra. Seu romance com Karl Bosley não era apenas a sua primeira experiência emocional realmente profunda, era também a dele.

Ambos estavam desolados ante a necessidade de se separarem. Rose chorava no ombro de Karl, já tarde, numa noite em que ele não pôde mais suportar a infelicidade dela.

- Prometa que não contará para ninguém - disse, acariciando as mechas do cabelo dela que caíam sobre seu peito. - Eu tenho boas notícias para você. É um grande segredo que ninguém sabe ainda. A nave não vai partir. Nós vamos todos ficar aqui em Thalassa.

A surpresa quase fez Rose cair da cama.

- Não está dizendo isso só para me deixar alegre?

- Não, é verdade. Mas não diga nada a ninguém. Deve ser mantido em completo segredo.

- É claro, querido.

Mas a melhor amiga de Rose, Marion, também estava chorando por seu amor terrestre, assim ela tinha que saber...

... E Marion passou as boas novas para Pauline... que não pôde resistir em contar para Svetlana... que mencionou em segredo para Crystal.

E Crystal era a filha do presidente.

42. SOBREVIVENTE

"Isto vai ser extremamente desagradável", pensou o Capitão Bey. "Owen Fletcher é um bom homem, eu mesmo aprovei sua seleção. Como ele pode ter feito uma coisa dessas?"

Provavelmente não haveria uma explicação única. Se ele não fosse um Sabra e não estivesse apaixonado por aquela moça, poderia nunca ter acontecido. Qual era a palavra para um mais um somando mais do que dois? *Sin* e mais alguma coisa... Ah sim, sinergia. E no entanto ele não conseguia evitar o pensamento de que havia alguma coisa a mais, alguma coisa que provavelmente nunca saberia.

Lembrou-se de uma observação de Kaldor, que sempre parecia ter uma frase para cada ocasião, comentando o estado psicológico da tripulação.

- Nós somos todos aleijados, comandante, quer admitamos, quer não. Ninguém que tenha passado pelas experiências por que passamos naqueles últimos anos na Terra poderia deixar de ser afetado. E todos compartilhamos do mesmo sentimento de culpa.

- Culpa? - indagara ele, cheio de surpresa e indignação.

- Sim, mesmo que não seja nossa culpa, nós somos os sobreviventes, os *únicos* sobreviventes. E sobreviventes sempre se sentem culpados por estarem vivos.

Era uma observação perturbadora, que poderia ajudar a explicar Fletcher e muitas outras coisas.

Nós todos somos homens aleijados.

"E eu me pergunto qual será a sua ferida, Moisés Kaldor, e como você trata dela. E conheço a minha e tenho sido capaz de usá-la para o benefício de meus semelhantes. Ela me trouxe até onde estou hoje e eu posso me sentir orgulhoso disso."

"Talvez, numa época anterior, eu tivesse me tornado um ditador ou um general. Em vez disso eu fui utilmente empregado como chefe de polícia continental, general encarregado das instalações espaciais de construção e finalmente comandante de nave estelar. Minhas fantasias de poder foram sublimadas."

Caminhou para o cofre do comandante, do qual só ele tinha a chave, e introduziu a barra de metal codificada na fenda correspondente. A porta girou suavemente para revelar volumes variados de papéis, alguns troféus e medalhas, e uma pequena caixa de madeira chata com as letras S. B. gravadas em prata.

Enquanto o comandante a colocava sobre a mesa, já sentia aquela familiar excitação em suas entranhas. Abriu a tampa e olhou para o reluzente instrumento de poder repousando em seu leito de veludo.

Em outra época, sua perversão fora compartilhada por milhões. Em geral, ela era bem inofensiva e até valiosa em sociedades primitivas. E muitas vezes tinha mudado o curso da história para melhor ou para pior.

- Eu sei que você é um símbolo fálico - sussurrou o comandante -, mas também é um revólver. Eu já usei você antes e posso usá-lo de novo...

A lembrança podia não ter durado mais do que uma fração de segundo, e, no entanto, parecera cobrir anos de tempo. Ele continuava de pé, diante de sua escrivaninha, quando tudo havia acabado. Por um momento todo o cuidadoso trabalho dos psicoterapeutas estava desfeito e os portais da memória se escancaravam.

Ele olhou para o horror do passado, sentindo certa fascinação por aquelas últimas décadas turbulentas, que haviam revelado o melhor e o pior da humanidade. Lembrou-se de como dera a um jovem inspetor de polícia no Cairo a primeira ordem para atirar numa multidão revoltada. As balas deveriam ser meramente paralisantes, mas duas pessoas haviam morrido.

Contra o que eles estavam protestando? Ele nem mesmo soubera, tal era o número de movimentos políticos e religiosos naqueles últimos dias. E era também a grande era dos super criminosos, eles não tinham nada a perder e nenhum futuro pela frente, por isso estavam preparados para correr quaisquer riscos. A maioria deles era de psicopatas, mas alguns eram quase gênios. Ele lembrou-se de Joseph Kidder, que quase conseguira roubar uma nave estelar. Ninguém sabia o que acontecera com ele, e algumas vezes o comandante Bey era assombrado por uma fantasia horrível. "...Imagine só se um dos meus colonizadores em hibernação for realmente..."

A redução forçada da população, a total proibição de qualquer novo nascimento depois do ano 3600, a absoluta prioridade dada ao desenvolvimento da Propulsão Quântica e a construção de naves da classe da *Magalhães*, tudo isso, somado à consciência da destruição iminente, impusera tamanhas

tensões à sociedade terrestre que ainda parecia um milagre alguém ter sido capaz de escapar do Sistema Solar. O comandante Bey lembrava-se com admiração e gratidão daqueles que consumiram seus últimos anos numa causa cujo sucesso ou fracasso nunca viriam a conhecer.

Ainda podia ver novamente a última presidente da Terra, Elizabeth Windsor, exausta, mas orgulhosa, deixando a nave após sua visita de inspeção e retornando ao planeta que só tinha dias de vida. Ela teria menos tempo ainda, pois a bomba colocada em seu espaço-plano explodira momentos antes do pouso em Porto Canaveral.

O sangue do comandante ainda gelava ante esta lembrança. Aquela bomba fora destinada à *Magalhães* e somente um erro no ajuste de tempo salvara a nave. Ironicamente, dois cultos rivais assumiram a responsabilidade.

Jonathan Cauldwell, e seu minguante mas ainda ativo grupo de seguidores, proclamava cada vez mais desesperadamente que tudo estava bem, que Deus estava meramente testando a humanidade como fizera com Jó. A despeito de tudo que estava acontecendo ao Sol, ele logo retornaria à normalidade, e a humanidade seria salva. A menos que os descrentes da misericórdia divina provocassem a ira de Deus. Nesse caso Ele poderia mudar de idéia...

O culto da "Vontade de Deus" acreditava exatamente no oposto. O Dia do Julgamento chegara, afinal, e nenhuma tentativa devia ser feita para evitá-lo. De fato ele devia ser bem-vindo, já que depois do Julgamento aqueles que merecessem a salvação viveriam em eterna bem-aventurança.

E assim, partindo de premissas totalmente opostas, os cauldwellitas e os VDDs tinham chegado à mesma conclusão: a raça humana não devia tentar escapar de seu destino. Todas as naves estelares deviam ser destruídas.

Talvez fosse uma sorte que os dois cultos rivais se opusessem tão acirradamente, que fossem incapazes de cooperar, mesmo em direção a um objetivo que ambos compartilhavam. De fato, após a morte da presidente Windsor, essa hostilidade tornara-se violência declarada. Um rumor fora iniciado, quase que certamente pelo Departamento Mundial de Segurança, muito embora os colegas de Bey nunca tivessem admitido isso. Diziam que a bomba fora colocada pelos VDDs e seu marcador de tempo sabotado pelos cauldwellitas. E a versão exatamente oposta também era muito popular, qualquer das duas poderia ser verdadeira.

Tudo isso agora era história, conhecida apenas por um punhado de homens além dele mesmo, e logo seria esquecida. E no entanto, como era estranho que a *Magalhães* fosse ameaçada uma vez mais por sabotagem.

Diferentes dos VDDs e dos cauldwellitas, os Sabras eram altamente competentes e não tolhidos pelo fanatismo. Eles poderiam, portanto, se transformar num sério problema, mas o comandante Bey acreditava saber lidar com a situação.

"Você é um bom homem, Owen Fletcher", pensou amargamente, "mas eu já matei gente melhor no meu tempo. E quando não havia alternativa, eu usava a tortura."

Ele sentia-se orgulhoso pelo fato de nunca tê-la apreciado, e desta vez havia um jeito melhor.

43. INTERROGATÓRIO

E agora a *Magalhães* tinha um novo tripulante, despertado fora de hora e ainda se ajustando às contingências do momento, tal como Kaldor o fizera há um ano. Nada, a não ser uma emergência, justificava tal ação, mas de acordo com os registros do computador apenas o Dr. Marcos Steiner, que fora cientista-chefe do setor terrestre de investigação, possuía o conhecimento e as habilidades que eram necessárias agora.

Na Terra, seus amigos lhe tinham perguntado freqüentemente por que ele escolhera ser professor de criminologia. E ele sempre dava a mesma resposta: "A única alternativa era eu me tornar um criminoso."

Levara quase uma semana para que Steiner modificasse o equipamento encefalográfico-padrão da enfermaria e checasse os programas de computador. Enquanto isso, quatro Sabras permaneciam confinados em seus alojamentos, teimosamente recusando-se a fazer qualquer confissão de culpa.

Owen Fletcher não parecia muito feliz ao ver os preparativos reservados para ele. Havia muitas semelhanças com cadeiras elétricas e aparelhos de tortura da história sangrenta da Terra. O Dr. Steiner rapidamente o colocou à vontade, com a sintética familiaridade do bom interrogador.

- Não há nada para se alarmar, Owen, prometo-lhe que você não sentirá nada. Nem mesmo estará consciente das respostas que vai me dar, mas não terá meios de ocultar a verdade. Como é um homem inteligente, vou lhe dizer *exatamente* o que farei. Pode parecer surpreendente, mas isto me ajuda em meu trabalho. Goste ou não, sua mente inconsciente confiará em mim e irá cooperar.

"Que tolice", pensou Fletcher, "certamente ele não pensa que pode me enganar tão facilmente assim!" Todavia, não deu nenhuma resposta enquanto sentava-se na cadeira e os assistentes prendiam correias de couro frouxamente em torno da sua cintura e dos punhos. Não tentou resistir. Dois de seus ex-colegas mais volumosos permaneciam desagradavelmente ao fundo, cuidadosamente evitando encará-lo.

- Se precisar de uma bebida ou quiser ir ao toalete é só pedir. A primeira sessão vai durar exatamente uma hora, nós podemos precisar de outras mais curtas depois. Queremos deixá-lo confortável e relaxado.

Nas circunstâncias, esta era uma observação tremendamente otimista, mas ninguém pareceu achar divertido.

- Sinto que tenhamos raspado sua cabeça, mas eletrodos não se dão bem com cabelo. E você terá que ser vendado de modo que seus olhos não recebam impulsos visuais perturbadores... Agora vai começar a se sentir sonolento, mas vai continuar perfeitamente consciente... Vamos lhe fazer uma série de perguntas, cada uma delas com três respostas possíveis. Sim, não e não sei. Mas não tente responder. Seu cérebro fará isso por você e o sistema de lógica trinária do computador saberá o que está dizendo. Não existe absolutamente nenhum meio pelo qual possa mentir para nós, você pode tentar à vontade. Acredite-me, algumas das melhores mentes da Terra inventaram esta máquina, e nunca conseguiram enganá-la. Se receber respostas ambíguas, o computador simplesmente reestruturará as perguntas. Está pronto? Muito bem... Gravador em ponto alto, por favor... Verifique de novo o canal 5... programa correndo.

SEU NOME É OWEN FLETCHER... RESPONDA SIM... OU NÃO...

SEU NOME É JOHN SMITH... RESPONDA SIM... OU NÃO...

VOCÊ NASCEU NA CIDADE LOWELL, MARTE... RESPONDA SIM... OU NÃO... SEU NOME É JOHN SMITH... RESPONDA SIM... OU NÃO...

VOCÊ NASCEU EM AUCKLAND, NOVA ZELÂNDIA... RESPONDA SIM... OU NÃO... SEU NOME É OWEN FLETCHER... VOCÊ NASCEU EM 3 DE MARÇO DE 3585... VOCÊ NASCEU EM 31 DE DEZEMBRO DE 3584...

As perguntas se sucediam a intervalos tão curtos que, mesmo que não se encontrasse levemente

drogado, Fletcher não teria sido capaz de inventar respostas. Pouca importância teria se o fizesse. Em questão de minutos o computador havia estabelecido um padrão de respostas automáticas a todas as perguntas cujas respostas fossem conhecidas.

De tempos em tempos a calibração era reverificada (SEU NOME É OWEN FLETCHER... VOCÊ NASCEU NA CIDADE DO CABO, ZULULÂNDIA...). E as perguntas às vezes eram repetidas para confirmar respostas já dadas. Todo o processo era completamente automático, a partir do momento em que a constelação fisiológica das respostas SIM-NÃO fosse identificada.

Os primitivos detectores de mentira tentaram fazer isso com razoável sucesso, mas raramente com certeza absoluta. Foram necessários mais de duzentos anos para aperfeiçoar a tecnologia, e daí em diante revolucionar a prática do direito penal e civil, até o ponto em que poucos julgamentos duravam mais do que algumas horas.

Não era tanto um interrogatório, e sim uma versão computadorizada e à prova de falhas do antigo jogo "VINTE PERGUNTAS". Em princípio, qualquer informação seria rapidamente determinada por uma série de perguntas com respostas na base do SIM ou NÃO, e era surpreendente como raramente eram necessárias mais do que vinte perguntas, desde que um perito humano trabalhasse em colaboração com a máquina especializada.

Quando um Owen Fletcher meio tonto cambaleou para fora da cadeira, uma hora depois, não fazia idéia do que lhe fora perguntado e o que respondera. Estava razoavelmente confiante, entretanto, de não ter revelado nada.

Ficou meio surpreso quando o Dr. Steiner disse alegremente:

- Isso é tudo, Owen. Nós não vamos precisar de você novamente.

O professor se orgulhava do fato de nunca ter ferido ninguém, mas um bom interrogador tem que ser um pouco sádico, pelo menos no sentido psicológico. Além disso, aquilo aumentava sua reputação de infalibilidade e isto já era meio caminho andado.

Ele esperou até que Fletcher tivesse recuperado o equilíbrio e fosse escoltado de volta para a cela de detenção.

- Oh, a propósito, Owen, aquele truque com o gelo nunca teria funcionado.

Na verdade poderia, mas isso não importava. A expressão no rosto de Fletcher dava ao Dr. Steiner toda a recompensa de que ele necessitava para o exercício de suas consideráveis habilidades.

Agora ele podia voltar a dormir até Sagan 2, mas primeiro iria relaxar e aproveitar um pouco, desfrutando o máximo deste intervalo inesperado.

Amanhã daria uma olhada em Thalassa e talvez nadasse em uma daquelas lindas praias. Mas por ora iria apreciar a companhia de um antigo e amado amigo.

O livro que ele retirou respeitosamente de dentro de seu embrulho selado a vácuo não era apenas a primeira edição, era a única. Ele o abriu ao acaso, afinal, conhecia cada página de cor.

Começou a ler e, a cinqüenta anos-luz das ruínas da Terra, as neblinas rolaram uma vez mais sobre a rua Baker.

- Os interrogatórios confirmaram que apenas quatro Sabras estavam envolvidos - disse o comandante Bey. - Nós podemos ser gratos por não haver necessidade de interrogar mais ninguém.

- Ainda não entendo como eles esperavam se sair com isso - disse o comandante Malina, desanimado.

- Não creio que eles conseguissem, mas, para sorte nossa, nunca tentaram. De qualquer modo, ainda não haviam se decidido.

- O Plano A envolvia danificar o escudo. Como sabem, Fletcher fazia parte da equipe de montagem e estava trabalhando num esquema para reprogramar o último estágio no procedimento de

icamento. Se fosse permitido que um bloco de gelo colidisse a uma velocidade de apenas alguns metros por segundo, percebem o que aconteceria?

- Poderiam fazer com que parecesse um acidente, mas haveria o risco de um inquérito subsequente provar logo que não fora nada deste gênero. E mesmo que o escudo ficasse danificado, poderia ser reparado. Fletcher esperava que o atraso lhe desse tempo de conseguir outros recrutas. Ele poderia estar certo, mais um ano em Thalassa...

- O Plano B envolvia sabotar os sistemas de proteção à vida, de modo que a nave tivesse de ser evacuada. Novamente as mesmas objeções.

- O Plano C é o mais perturbador, porque teria encerrado a missão. Felizmente nenhum dos Sabras trabalhava com a Propulsão, teria sido muito difícil para eles chegar ao Impulsor...

Todos olharam, chocados, embora ninguém tanto quanto o comandante Rocklyn.

- Não teria sido tão difícil, senhor, se eles estivessem suficientemente dispostos. O grande problema teria sido conseguir alguma coisa que colocasse o Propulsor fora de ação *permanentemente* sem danificar a nave. Duvido muito que eles tivessem o conhecimento técnico necessário.

- Eles estavam trabalhando nisso - disse o comandante com uma expressão sombria. - Teremos que rever todos os nossos procedimentos de segurança. Amanhã haverá uma conferência para todos os oficiais superiores, aqui, ao meio-dia.

E então a cirurgiã-comandante Newton colocou a pergunta que todos hesitavam fazer:

- Haverá uma corte marcial, comandante?

- Não será necessário, já que os culpados foram encontrados. De acordo com o Regulamento da Nave, o único problema é a sentença.

Todos esperaram, e continuaram esperando.

- Obrigado a todos, senhoras e senhores - disse o comandante, e seus oficiais saíram em silêncio.

Sozinho em seu quarto, ele se sentiu traído e furioso. Mas pelo menos estava tudo acabado. A *Magalhães* havia atravessado a tempestade artificial.

Ou outros três Sabras talvez fossem inofensivos, mas, e quanto a Owen Fletcher?

Sua mente vagueou até o mortífero *souvenir* no cofre. Ele era o comandante: seria fácil arranjar um acidente...

Colocou de lado a fantasia. Ele nunca poderia realizá-la, é claro. De qualquer maneira, já tomara sua decisão e tinha certeza de que todos concordariam.

Alguém já dissera uma vez que para cada problema existe uma solução que é simples, atraente, e errada. Mas esta solução, ele tinha certeza, era simples, atraente e absolutamente certa.

Os Sabras queriam permanecer em Thalassa, então poderiam fazê-lo. Ele não duvidava que pudessem se tornar cidadãos valiosos, talvez precisamente os tipos esforçados e agressivos de que esta sociedade necessitava.

Como era estranho que a história estivesse repetindo a si mesma. Como Magalhães, ele iria abandonar alguns de seus homens. Mas se os estava punindo, ou recompensando, não saberia senão dentro de trezentos anos.

VI - AS FLORESTAS DO MAR

44. BOLA ESPIÃ

O Laboratório Marinho da Ilha do Norte fora bem menos entusiástico:

- Nós ainda precisamos de uma semana para reparar o *Calypso* - disse o diretor. - E tivemos sorte de encontrar o trenó. É o único que temos em Thalassa e não queremos arriscá-lo de novo.

"Eu conheço os sintomas", pensou a cientista Varley. "Mesmo nos dias finais da Terra, ainda havia diretores de laboratórios que queriam manter seu lindo equipamento imaculado pelo uso."

- A não ser que Krakan, o filho ou o pai, se comporte mal novamente, não vejo nenhum risco. E os geólogos não prometeram que ele vai ficar por mais cinquenta anos?

- Eu fiz uma pequena aposta com eles a respeito disso. Mas francamente, por que acha tão importante?

"Que visão curta!", admirou-se Varley. "Sendo o homem um físico oceanógrafo, era de se esperar que tivesse algum interesse na vida marinha. Mas talvez eu tenha julgado mal, ele pode estar me sondando..."

- Nós temos certo interesse no assunto, desde que o Dr. Lorensen foi morto, felizmente de modo não permanente. Mas, apesar disso, nós achamos os scorps fascinantes. Qualquer coisa que possamos descobrir sobre a inteligência alienígena pode ter importância vital algum dia. E para vocês mais do que para nós, já que eles estão na porta de sua casa.

- Compreendo: Talvez seja bom que ocupemos nichos ecológicos tão diferentes.

"Por quanto tempo?" - pensou a oficial de ciências. Se Moisés Kaldor estivesse certo...

- Diga-me o que faz uma bola espiã. O nome é intrigante.

- Elas foram desenvolvidas há uns dois mil anos para funções de segurança e espionagem, mas tiveram muitas outras aplicações. Algumas não eram maiores do que cabeças de alfinete, mas, a que vamos usar tem o tamanho de uma bola de futebol.

Varley espalhou os diagramas sobre a mesa do diretor.

- Esta aqui foi projetada especificamente para uso subaquático e eu fico surpresa que não esteja familiarizado com ela, já que sua data de introdução é antiga: 2045. Nós encontramos as especificações completas na Memória Técnica e alimentamos com ela o Replicador. A primeira cópia não funcionou, e ainda não sabemos por quê, mas a n.º 2 funciona perfeitamente. Aqui estão os geradores acústicos de dez megahertz. Assim, teremos uma resolução na faixa de milímetros. Dificilmente da qualidade de um vídeo, é claro, mas suficientemente boa. O processador de sinais é bem diferente. Quando a bola espiã está ligada, ele envia um único pulso, o qual constrói um holograma acústico de tudo que estiver dentro de um raio de vinte ou trinta metros. Ele transmite esta informação numa faixa estreita de duzentos quilohertz para uma bóia flutuando acima, que a retransmite para a base. A primeira imagem leva dez segundos para se formar, e então a bola espiã pulsa novamente.

“Se não houver nenhuma mudança na imagem, ela envia um sinal negativo. Mas se alguma coisa acontecer, ela transmite a informação nova, de maneira que uma imagem atualizada seja gerada.”

“O que obtemos então é um instantâneo a cada dez segundos, suficientemente bom para a maioria dos propósitos. É claro que se as coisas estiverem acontecendo muito depressa nós teremos uma imagem borrada, mas não se pode ter tudo. O sistema funciona em qualquer lugar, na escuridão total, é difícil de ser localizado, e é econômico.”

O diretor estava obviamente interessado e fazia o máximo que podia para ocultar seu entusiasmo.

- É um brinquedo muito habilidoso e pode ser útil para o nosso trabalho. Poderia nos fornecer as especificações e mais alguns modelos?

- As especificações certamente, e vamos cuidar para que suas faces se relacionem perfeitamente com o seu replicador, de modo que possam fazer quantas cópias quiserem. O primeiro modelo operacional, e talvez os dois ou três seguintes, nós tencionamos atirar em Scorpville.

- E então sentaremos e esperamos para ver o que acontece.

45. ISCA

A imagem era granulada e algumas vezes difícil de ser interpretada, a despeito do código em cores falsas revelar detalhes que o olho humano de outro modo não perceberia. Tratava-se de um panorama achatado em 360 graus do leito do mar, com uma visão distante de algas à esquerda, alguns afloramentos de rochas no centro e mais algas à direita. Embora parecesse uma fotografia estática, os números mudando no canto inferior esquerdo revelavam a passagem do tempo, e ocasionalmente a cena se modificava num súbito solavanco, quando algum movimento alterava o padrão de informação que era transmitido.

- Como podem ver - disse a comandante Varley à audiência convidada ao auditório de Terra Nova -, não havia scorps por perto quando chegamos, mas eles devem ter ouvido ou sentido a pancada quando nosso... ah... pacote pousou. Aqui está o primeiro investigador, um minuto e vinte segundos depois.

Agora a imagem estava mudando abruptamente a cada intervalo de dez segundos e mais scorps apareciam em cada cena.

- Vou congelar a imagem por aqui - disse a oficial de ciências -, de modo que possam estudar os detalhes. Estão vendo o scorp à direita? Olhem a garra esquerda, com não menos de cinco daquelas faixas de metal! E ele parece se encontrar numa posição de autoridade, pois nas outras imagens que se seguem os demais scorps saíram do seu caminho. Agora ele está examinando a misteriosa pilha de lixo que acaba de cair do céu. Esta é uma imagem particularmente nítida. Reparem como ele usa as garras e os palpos bucais juntos, um para o uso da força, outro para o trabalho de precisão. Agora está puxando pelo fio, mas nosso pequeno presente é muito pesado para arrastar. Olhem a atitude dele, eu juraria que está dando ordens, embora não tenhamos detectado nenhum sinal. Pode ser subsônico - e agora vem um

dos grandões.

A imagem mudou abruptamente, inclinando-se num ângulo louco.

- Aqui vamos nós, eles estão arrastando nosso presente e você estava certo, Dr. Kaldor, estão se dirigindo para a caverna na pirâmide de rocha. O embrulho é grande demais para entrar, exatamente como nós planejamos, é claro, e aí vem a parte interessante.

Um bocado de planejamento fora empregado no presente para os scorps. Embora ele consistisse na maior parte de sucata, esta fora cuidadosamente selecionada. Havia barras de aço, cobre, alumínio, e chumbo, ripas de madeira, tubos e folhas de plástico, pedaços de corrente de ferro, um espelho metálico, vários rolos de fio de cobre, e mostradores variados. A massa inteira pesava mais de cem quilogramas e fora cuidadosamente amarrada, de modo que só poderia ser movida como um único corpo. A bola espiã abrigava-se despercebidamente num canto, presa por quatro cabos curtos separados.

Os dois grandes scorps estavam agora atacando a pilha de sucata com determinação, e no que parecia uma ação planejada. Suas poderosas garras rapidamente rasgaram os fios que envolviam o embrulho e eles imediatamente jogaram fora as peças de madeira e plástico. Era óbvio que só estavam interessados no metal.

O espelho fez com que houvesse uma pausa. Eles o levantaram e olharam para os seus reflexos, evidentemente invisíveis na imagem acústica da bola espiã.

- Nós esperávamos que eles atacassem o espelho. Você pode começar uma boa briga colocando um espelho num aquário de peixes. Talvez eles se reconheçam. Isto parece indicar um nível razoável de inteligência.

Os scorps abandonaram o espelho e começaram a arrastar o resto dos resíduos pelo leito do mar. Nas imagens seguintes as visões estavam confusas, sem chance de definição. Quando a imagem se estabilizou de novo, mostrava uma cena completamente diferente.

- Tivemos sorte que tudo tenha funcionado exatamente como esperávamos. Eles carregaram a bola espiã para dentro da caverna protegida, mas não se trata da sala do trono da Rainha Scorp, se é que existe uma Rainha Scorp, coisa de que duvido muito... Alguém tem alguma teoria?

Houve um silêncio que se prolongou por um longo tempo enquanto a audiência observava o estranho espetáculo. Então alguém comentou:

- É uma sala de ferro-velho!

- Mas deve ter algum propósito.

- Olhe, aquilo ali é um motor de popa de dez quilowatts, alguém deve tê-lo deixado cair!

- Agora sabemos quem andou roubando correntes de âncora!

- Mas por quê? Isso não faz sentido.

- Obviamente para eles faz.

Moisés Kaldor deu o seu pigarro de chamar a atenção, que raramente deixava de funcionar.

- Isto é apenas uma teoria - começou -, mas cada vez mais os fatos parecem comprová-la. Vocês devem reparar que tudo aqui é metálico, cuidadosamente coletado de uma grande variedade de fontes....

“Agora, para uma criatura marinha inteligente o metal seria algo muito misterioso, algo inteiramente diferente de todos os outros produtos naturais do oceano. Os scorps parecem encontrar-se ainda na Idade da Pedra e não há jeito de sair dela - como nós, animais de terra firme, fizemos na Terra. Sem fogo, eles estão num beco sem saída tecnológico.”

“Creio que estamos assistindo à repetição de alguma coisa que aconteceu há muito tempo em nosso próprio mundo. Vocês sabem de onde os homens pré-históricos obtiveram suas primeiras amostras de ferro? Do espaço!”

“É possível que se surpreendam, mas o ferro puro nunca aparece na natureza, ele enferruja com

muita facilidade. A única fonte de suprimento do homem primitivo eram os meteoritos. Não é de admirar que fossem venerados, não é de admirar que os nossos ancestrais acreditassem em seres sobrenaturais que viriam de além do céu...”

“Será que a mesma história está se repetindo aqui? Eu lhes peço que considerem isto seriamente. Nós ainda não conhecemos o nível de inteligência dos scorps. Talvez eles estejam coletando metal por pura curiosidade e fascínio por suas, digamos, propriedades mágicas. Mas será que eles vão descobrir como usá-lo para outra coisa que não a ornamentação? Até onde eles poderão progredir, permanecendo debaixo d'água? E será que eles vão ficar lá?”

“Meus amigos, acho que devem aprender tudo o que puderem a respeito dos scorps. Vocês podem estar compartilhando seu planeta com outra raça inteligente. Irão cooperar ou lutar? Mesmo que não sejam realmente inteligentes, os scorps podem ser uma ameaça mortífera ou uma ferramenta útil. Talvez vocês devam cultivar a amizade deles, e a este respeito procurem na referência CULTO DA CARGA em seus bancos históricos. Eu disse C-U-L-T-O D-A C-A-R-G-A...^[5]

“Eu adoraria conhecer o próximo capítulo desta história. Será que existem filósofos scorps se reunindo agora mesmo nas florestas de algas para tecer considerações a nosso respeito? Assim, consertem por favor a sua antena de espaço profundo, de modo que possamos nos manter em contato! O computador estará esperando pelo seu relatório enquanto cuida de nós no caminho de Sagan 2.

46. O QUE QUER QUE OS DEUSES SEJAM...

- O que é Deus? - perguntou Mirissa.

Kaldor suspirou, erguendo os olhos de um mostruário secular que estava observando.

- Oh, querida, por que pergunta?

- Porque Loren disse ontem: Moisés pensa que os scorps podem estar procurando Deus.

- Ele disse? Vou falar com ele mais tarde. E você, senhorita, está me pedindo que lhe explique alguma coisa que obcecou milhões de homens durante milhares de anos e que gerou mais palavras do que qualquer outro assunto na história. De quanto tempo pode dispor esta manhã?

Mirissa riu.

- Ah, pelo menos uma hora. Não me disse uma vez que qualquer coisa realmente importante pode ser expressa em uma única frase?

- Ah, bem, eu topei com algumas frases bem longas em meu tempo. Agora, por onde devemos começar?...

Ele deixou seus olhos se desviarem para a clareira além da janela da biblioteca e para o silencioso embora pronunciado casco da Nave-mãe erguendo-se sobre ela. Ali começara a vida humana naquele planeta, e não era de admirar que o lugar tão freqüentemente lhe lembrasse um Éden. "Eu estou fazendo o papel de Serpente, a ponto de destruir sua inocência, mas não vou dizer a uma moça tão esperta como Mirissa alguma coisa que ela já não saiba ou suponha."

- O problema com a palavra Deus - iniciou calmamente - é que ela nunca significa a mesma

coisa para duas pessoas, principalmente em se tratando de filósofos. Foi por isso que ela caiu aos poucos em desuso ao longo do Terceiro Milênio, exceto como uma imprecisão, demasiado obscena em algumas culturas para ser usada polidamente. Em seu lugar surgiu toda uma constelação de palavras especializadas. Isso pelo menos evitou que as pessoas discutissem sobre propósitos conflitantes, algo que tinha causado noventa por cento dos problemas no passado.

“O Deus pessoal, algumas vezes chamado de Deus Um, passou a ser chamado de Alfa. Era a entidade hipotética que se supunha zelar pelas questões da vida diária de cada indivíduo e cada animal, recompensando o bem e punindo o mal, geralmente numa existência após a morte, vagamente descrita. Adorava-se Alfa, rezava-se a ele, realizavam-se elaboradas cerimônias religiosas, e imensas igrejas eram erguidas em seu louvor...”

“Depois havia o Deus que criara o universo e que poderia ou não ter alguma coisa a ver com ele após a criação. Este era Ômega. Na ocasião em que terminaram de dissecar Deus, os filósofos tinham usado todas as outras vinte e poucas letras do alfabeto grego, além de Alfa e Ômega, mas esses dois bastam por hoje. Eu suponho que pelo menos dez bilhões de homens-anos já foram gastos discutindo-os.”

“Alfa estava intimamente ligado à religião e isto provocou sua queda. Ele poderia continuar popular, até a destruição da Terra, se as miríades de religiões não se tivessem abandonado à própria sorte, simplesmente porque cada uma afirmava possuir a Única e Verdadeira Verdade. Desse iodo, elas tinham que destruir suas rivais, o que significava não apenas todas as outras religiões, mas os dissidentes dentro de cada fé.”

“É claro que estou simplificando bastante, homens bons e mulheres boas freqüentemente transcenderam suas crenças, sendo possível que a religião fosse algo *essencial* para as primeiras sociedades humanas. Sem sanções sobrenaturais para contê-los, os homens poderiam ter-se organizado a nível maior do que unidades tribais. Somente quando a religião corrompeu-se com o poder e os privilégios é que se tornou uma força essencialmente anti-social, e o grande bem que havia feito foi eclipsado por males maiores.”

“Você nunca ouviu falar, eu espero, na Inquisição, na caça às bruxas ou nas guerras santas. Acreditaria que mesmo na era espacial havia nações onde crianças poderiam ser oficialmente executadas, porque seus *pais* eram adeptos de um ramo herético da modalidade de Alfa oficialmente aceita? Você se impressiona, mas essas coisas, e outras piores, ainda aconteciam enquanto nossos ancestrais estavam começando a explorar o Sistema Solar.”

“Felizmente para a humanidade, Alfa saiu de cena mais ou menos graciosamente no início do Terceiro Milênio. Morto por um fascinante desenvolvimento chamado Teologia Estatística. Quanto tempo ainda nos resta? Parece que Bobby está ficando impaciente.”

Mirissa olhou para a grande janela panorâmica. O cavalo mastigava a grama em torno da base da Nave-mãe, e parecia perfeitamente tranqüilo.

- Ele não irá embora enquanto houver alguma coisa para comer aqui. O que era a Teologia Estatística?

- Foi o assalto final sobre a questão do mal, que se tornou moda com o surgimento de um culto extremamente excêntrico, autodenominado Neo-Maniches, não sei por que motivo, em torno de ano 2050. Por acaso tratava-se da primeira "religião orbital" e embora todas as outras se tivessem utilizado dos satélites de comunicações para propagar sua doutrina, os NMs dependiam exclusivamente deles. Eles não possuíam outro lugar de reunião a não ser a tela de TV. A despeito de sua dependência da tecnologia, sua tradição era realmente muito antiga. Eles acreditavam que Alfa existia, mas era intrinsecamente mau e que o destino final da humanidade seria enfrentá-lo e destruí-lo.

“Em apoio de sua fé, reuniram um imenso conjunto de fatos horrendos extraídos da história e da

zoologia. E creio que eles devem ter sido uma gente bem doentia, porque pareciam experimentar um prazer mórbido ao coletar tal material.”

“Por exemplo, uma prova favorita da existência de Alfa era o que eles chamavam de "Argumento do Projeto". Nós agora sabemos ser inteiramente falso, mas os NMs faziam parecer totalmente convincente e irrefutável.”

“Tome por exemplo um sistema lindamente planejado - o exemplo favorito deles era um relógio digital. Então deve haver um projetista, um criador por trás dele. Portanto, basta olhar para o mundo ao nosso redor. E o faziam com um sentimento de vingança. Seu campo favorito era a parasitologia, e neste ponto vocês de Thalassa têm muita sorte. Eu não vou aborrecê-la descrevendo os métodos incrivelmente engenhosos e as adaptações através das quais inúmeras criaturas costumavam invadir outros organismos, humanos principalmente, para nutrir-se deles, em geral até serem destruídos. Mencionei apenas o bichinho de estimação dos NMs, a mosca *ichneu-mon*.^[6]”

“Esta agradável criatura colocava seus ovos em outros insetos, depois de paralisá-los, de modo que quando suas larvas arrebentassem a casca, tivessem um abundante suprimento de carne viva fresca.”

“Os NMs podiam continuar durante horas nesse argumento, expondo as maravilhas da natureza como prova de que Alfa, se não era basicamente mau, era inteiramente indiferente às noções humanas de moralidade e bondade. Não se preocupe, eu não posso imitá-los e não irei fazê-lo. Mas posso mencionar outra de suas provas favoritas, o "Argumento da Catástrofe". Um exemplo típico que podia ser multiplicado incontáveis vezes: os adoradores de Alfa se reúnem para pedir-lhe ajuda diante do perigo e são todos mortos pelo desabamento de seu refúgio, quando a maioria poderia ter se salvado se tivesse ficado em casa.”

“E novamente os NMs reuniam volumes e volumes enumerando horrores tais como incêndios em hospitais e asilos para velhos, escolas de crianças engolfadas por terremotos ou vulcões, ou ondas sísmicas destruindo cidades, a lista é interminável.”

“É claro que os adoradores rivais de Alfa não ficavam quietos diante disso. Eles coletavam um igual número de exemplos contrários, das coisas maravilhosas que haviam acontecido para salvar devotos crédulos de catástrofes.”

“De várias formas, este debate prosseguiu por vários milhares de anos. Então, por volta do século XXI, as novas tecnologias da informação e os métodos de análise estatística, bem como um conhecimento mais amplo da teoria das probabilidades, permitiram que a questão fosse resolvida.”

“Transcorreram algumas décadas até que as respostas surgissem, e mais algumas antes que fossem aceitas por quase todos os homens inteligentes. Coisas ruins haviam acontecido com tanta frequência quanto coisas boas, e como há muito se suspeitara, o universo simplesmente obedecia às leis da probabilidade matemática. Certamente não havia nenhum indício de qualquer intervenção sobrenatural, fosse para o bem ou para o mal.”

“Assim, o problema do Mal nunca existira realmente. Esperar que o universo fosse benevolente, seria como imaginar que alguém pudesse vencer *sempre* num jogo de pura sorte. Alguns adeptos tentaram salvar a situação proclamando a religião de Alfa, o Indiferente, usando a curva em forma de sino da distribuição normal como símbolo de sua fé. Desnecessário dizer que uma divindade tão abstrata não inspirou muita devoção.”

“E já que estamos falando da matemática, essa ciência deu outro golpe devastador em Alfa no século XXI (ou terá sido no XXII?). Um homem brilhante, chamado Kurt Deusan, provou que existiam certos limites absolutamente fundamentais ao conhecimento e, portanto, que a idéia de um ser onisciente, uma das definições de Alfa, seria logicamente absurda. Esta descoberta chegou até nós em uma daquelas

piadas inesquecivelmente ruins: Deusan Anula Deus. E os estudantes costumavam pichar os muros com as letras D. A. D., e, é claro, havia versões dizendo: Deus Anula Deusan!”

“Mas voltando ao Alfa, ele tinha desaparecido das preocupações humanas por volta da metade do milênio. Praticamente todos os homens conscientes haviam finalmente passado a concordar com o severo veredicto do grande filósofo Lucrécio: todas as religiões são fundamentalmente imorais porque as superstições que espalham provocam mais mal do que bem. E, no entanto, algumas das antigas fés conseguiram sobreviver, embora sob formas drasticamente alteradas, até o fim da Terra. Os Mórmons dos Últimos Dias e As Filhas do Profeta chegaram mesmo a construir naves semeadoras próprias. Eu freqüentemente me pergunto o que terá acontecido com elas.”

“Com Alfa desacreditado, restou Ômega, o Criador de tudo. Não é fácil abandonar ômega, o universo exige certa explicação. Ou não? Existe uma antiga piada filosófica que é muito mais sutil do que parece. Pergunta: por que o Universo está aqui? Resposta: onde mais ele poderia estar? E eu creio que isto é bastante por hoje.”

- Obrigado, Moisés - respondeu Mirissa, parecendo levemente surpresa. - Você disse tudo isso antes, não?

- É claro que disse, muitas vezes. E prometa-me uma coisa.

- O que é?

- Não acredite em *nada* do que eu lhe disse só porque eu disse. Nenhum problema filosófico jamais é resolvido, Ômega ainda está por aí, e às vezes eu me pergunto quanto a Alfa...

VII - ENQUANTO AS CENTELHAS SOBEM

47. ASCENSÃO

Seu nome era Carina, e tinha dezoito anos. Embora fosse a primeira noite que saía no barco de Kumar, não era de modo algum a primeira vez que se abandonava nos seus braços. Ela desfrutava, de fato, o disputado privilégio de ser a sua garota favorita.

Havia duas horas que o sol se pusera, mas a lua interna, tão mais brilhante e mais próxima que a Lua perdida da Terra, estava quase cheia, e a praia, meio quilômetro além, parecia banhada em sua luz gélida e azulada. Uma pequena fogueira queimava logo após a linha de palmeiras, onde uma festa continuava e o fraco som de música podia ser ouvido de tempos em tempos, erguendo-se sobre o suave murmúrio do propulsor a jato, que operava em sua força mínima. Kumar já alcançara seu objetivo principal e não tinha muita pressa de ir a qualquer outro lugar. Apesar disso, como bom marinheiro que era, ocasionalmente deixava os braços da moça para dizer algumas palavras de instrução ao piloto automático e fazer um rápido exame do horizonte.

"Kumar falara a verdade", pensou Carina extasiada. Havia alguma coisa bastante erótica no ritmo suave e regular de um barco ao sabor das ondas, principalmente quando amplificado pela cama inflável onde se deitavam. Depois disso, será que ela voltaria a se contentar com o amor feito em terra firme?

E Kumar, ao contrário de outros jovens tarnianos, era surpreendentemente carinhoso e atencioso. Ele não era daqueles homens que se preocupam unicamente com sua própria satisfação, seu prazer não era completo a menos que fosse compartilhado. "Enquanto ele está dentro de mim", pensou Carina, "eu me sinto como se fosse a única mulher em sua vida, mesmo sabendo perfeitamente que isso não é verdade."

Carina tinha á vaga impressão de que continuavam a afastar-se do vilarejo, mas não se importava. Ela queria que aquele momento durasse para sempre e não se importaria se o barco estivesse se dirigindo a toda velocidade para o mar aberto, sem nenhuma terra à frente até que circunavessem o globo. Kumar sabia o que estava fazendo, em todos os sentidos. Parte do prazer de Carina vinha da confiança total que ele inspirava. Em seus braços ela não tinha problemas nem preocupações, o futuro não existia, apenas o presente, destituído de tempo.

E, no entanto, o tempo passava, e agora a lua interna estava muito mais alta no céu. No período posterior à paixão, seus lábios ainda exploravam languidamente os territórios do amor quando o pulsar dos hidrojetos cessou e o barco flutuou até parar.

- Aqui estamos - disse Kumar, com um tom de excitação na voz.

E onde pode ser *aqui*, pensou Carina preguiçosamente, enquanto os dois se separavam, rolando para fora da cama. Parecia que tinham transcorrido horas desde a última vez em que ela se importara em olhar para a linha costeira... mesmo presumindo que ainda estivesse à vista.

Ela se levantou lentamente, firmando-se contra o suave ondular do barco, e olhou para um país

de fadas que há não muito tempo fora um sinistro pântano batizado de forma auspiciosa, mas pouco realista, Baía dos Manguezais.

Esta não era, evidentemente, a primeira vez que se via diante de tecnologia tão avançada. A usina de fusão e o Replicador principal na ilha do Norte eram maiores e muito mais impressionantes. Mas ver esse labirinto brilhantemente iluminado de encanamentos e tanques de armazenagem, com guindastes e mecanismos de transporte, toda essa agitada mistura de estaleiro e usina química, guiando silenciosa e eficientemente sob as estrelas, sem nenhum ser humano à vista, era um verdadeiro choque visual e psicológico.

Houve um súbito esguicho, assustador no completo silêncio da noite, quando Kumar lançou a âncora.

- Vamos - disse ele com um jeito malicioso. - Quero mostrar-lhe algo.

- Não é perigoso?

- Claro que não, eu já estive aqui várias vezes.

"E nenhuma vez sozinho", pensou Carina. Mas ele já tinha saltado pela borda do barco antes que pudesse fazer qualquer comentário.

A água chegava mais ou menos até a cintura e ainda conservava tanto calor do dia que chegava a dar uma desagradável sensação de tepidez. Quando Carina e Kumar caminharam para a praia de mãos dadas, era refrescante sentir a brisa fria da noite em seus corpos. Eles emergiram da água ondulante como um novo Adão e uma nova Eva que tivessem recebido as chaves de um Éden mecanizado.

- Não se preocupe! - disse Kumar. - Eu sei andar por aqui. O Dr. Lorensen me explicou tudo. Mas achei alguma coisa que tenho certeza que ele não sabe.

Ambos caminharam ao longo de uma linha de encanamentos pesadamente isolados, erguidos a um metro do solo e agora, pela primeira vez, Carina podia ouvir o som distinto do pulsar das bombas, forçando o fluido de refrigeração através do labirinto de encanamentos e trocadores de calor que os circundavam.

Daí a pouco eles chegaram ao famoso tanque onde o scorp fora encontrado. Muito pouca água era agora visível. A superfície encontrava-se quase inteiramente coberta por uma massa de algas emaranhadas. Não havia répteis em Thalassa, mas os caules grossos e flexíveis lembraram a Carina cobras entrelaçadas.

Eles caminharam ao longo de uma série de aquedutos e pequenas comportas, todas elas fechadas naquele momento, até alcançarem uma ampla área aberta, bem distante da fábrica principal. Enquanto deixavam o complexo central, Kumar acenou alegremente para as lentes de uma câmara apontada. Mais tarde ninguém conseguiu descobrir por que ela fora desligada naquele momento crucial.

- São tanques de congelamento - disse Kumar. - Seiscentas toneladas em cada um. Noventa e cinco por cento água, cinco por cento alga. Qual foi a graça?

- Não tem graça nenhuma, mas é muito estranho - respondeu Carina, ainda sorrindo. - Pense nisso, eles estão carregando parte de nossa floresta oceânica daqui até as estrelas. Quem imaginaria uma coisa dessas! Mas não foi por isso que me trouxe aqui.

- Não - concordou suavemente Kumar. - Olhe...

A princípio ela não podia ver o que ele estava apontando. Foi aí que sua mente interpretou a imagem que tremulava no limite de sua visão, e ela compreendeu.

Era um milagre muito antigo, é claro. Os homens haviam feito tais coisas em muitos lugares, por mais de mil anos, mas testemunhar algo assim com seus próprios olhos não era apenas de perder o fôlego. Era apavorante.

Agora que ambos se aproximavam dos últimos tanques, ela podia ver mais claramente. Uma

fina linha de luz que não devia ter mais do que alguns centímetros de largura!

Subindo em linha reta em direção às estrelas, tão retilínea e precisa quanto um raio laser. Seus olhos a seguiram até ela se estreitar na invisibilidade, desafiando-os a determinar o ponto exato de seu desaparecimento. E seu olhar deslocava-se para cima, até alcançar o zênite e a única estrela parada, imóvel lá em cima, enquanto suas companheiras mais tênues marchavam continuamente em direção ao oeste. Como alguma aranha cósmica a *Magalhães* baixara um fio de teia e logo estaria içando a presa desejada lá embaixo.

Agora que estavam junto do bloco de gelo, Carina teve mais uma surpresa. A superfície estava coberta por uma camada cintilante de folha dourada, lembrando-lhe os presentes dados às crianças em seus aniversários ou na Festa Anual do Pouso.

- Isolamento - explicou Kumar. - E trata-se realmente de ouro com aproximadamente dois átomos de espessura. Sem ele, metade do gelo derreteria de novo antes de chegar ao escudo.

Isolamento ou não, Carina sentiu o açoite do frio em seus pés descalços quando Kumar a ergueu por cima da placa gelada. Eles alcançaram seu centro em doze passos e lá, cintilando com um curioso brilho não metálico, estava a fita que se estendia até as estrelas, pelo menos trinta mil quilômetros até a órbita estacionária onde a *Magalhães* por ora se encontrava.

Ela terminava num tambor cilíndrico crivado de instrumentos e jatos de controle, que servia claramente como um gancho de guindaste móvel e inteligente, dirigindo-se para sua carga depois de uma longa descida através da atmosfera. Todo o arranjo parecia surpreendentemente simples e não-sofisticado, desapontador como costumam ser os produtos de tecnologias maduras e avançadas.

Carina tremeu subitamente, e não era do frio abaixo de seus pés descalços, algo que agora quase não sentia.

- Tem certeza de que é seguro? - perguntou ansiosa.

- É claro, eles sempre içam pontualmente à meia-noite e ainda faltam horas. É uma visão maravilhosa, mas não creio que ficaremos até tão tarde.

Agora Kumar se ajoelhava, colocando o ouvido de encontro àquela fita incrível que unia um planeta a uma nave. (Se ela se partisse, Carina se perguntou ansiosamente, será que ambos voariam um para cada lado?)

- Escute - ele sussurrou.

Ela não sabia o que esperar. Algumas vezes, anos depois, quando conseguia, ela às vezes tentava lembrar a magia daquele momento. Nunca pôde ter certeza de que fora bem-sucedida.

A princípio, era como se estivesse ouvindo a nota mais aguda de uma gigantesca harpa, cujas cordas tivessem sido estendidas entre dois mundos. Sentiu calafrios na espinha e os pequenos pêlos de sua nuca se eriçaram na resposta imemorial de um medo forjado nas florestas primitivas da Terra. Então, à medida que se acostumava àquilo, percebia todo um espectro de tons mutáveis ao fundo, cobrindo o campo da audição até os próprios limites da percepção auditiva, e sem dúvida indo bem além. Eles se tornavam indistintos, misturando-se uns aos outros, tão inconstantes e no entanto continuamente repetidos como os sons do mar.

E quanto mais ela ouvia, mais se lembrava do interminável bater das ondas em uma praia desolada. Sentia estar ouvindo o oceano do espaço arremetendo contra as praias de todos os seus mundos, um som aterrorizante em sua futilidade sem sentido, enquanto reverberava através do doloroso vazio do universo.

Agora percebia outros elementos nessa sinfonia imensamente complexa. Havia toques súbitos e sonoros, como se dedos gigantesco estivessem beliscando a faixa em algum ponto ao longo de seus milhares de quilômetros de retesamento. (Meteoritos? Certamente que não. Talvez alguma descarga

elétrica na fervilhante ionosfera de Thalassa.) Seria apenas sua imaginação, alguma coisa criada por seus próprios temores inconscientes? Parecia que, de tempos em tempos, ela ouvia um uivo fraco de vozes demoníacas ou os gritos fantasmagóricos de todas as crianças doentes e famintas que haviam morrido na Terra durante os Séculos de Pesadelo.

E, de repente, ela não pôde mais suportar aquilo.

- Eu estou com medo, Kumar - sussurrou ela, puxando seu ombro. - Vamos embora.

Mas Kumar ainda estava perdido nas estrelas, a boca meio aberta enquanto pressionava a cabeça de encontro à fita ressonante, hipnotizado por seu canto de sereia. Não reparou quando Carina, assustada e furiosa, caminhou com força sobre o gelo coberto de folha metálica e foi esperá-lo sob o calor familiar da terra seca.

Mas agora ele havia percebido algo mais, uma série de notas crescentes que pareciam estar pedindo sua atenção. Era como uma Fanfarra para Cordas, se é que alguém poderia imaginar tal coisa, e parecia indescritivelmente triste e distante. Mas estava se aproximando cada vez mais, tornando-se mais alta. Era o som mais emocionante que Kumar já tinha ouvido, e o manteve paralisado de espanto e admiração. Podia quase imaginar que *alguma coisa* descia correndo ao longo da fita em direção a ele...

Alguns segundos mais tarde ele percebeu a verdade quando o primeiro choque da onda precursora o lançou achatado em cima da folha dourada e o bloco de gelo se mexeu embaixo dele. E então, pela última vez, Kumar Leônidas olhou para a frágil beleza de seu mundo adormecido, e para o rosto erguido da garota que se lembraria desse instante até o último de seus dias.

Já era tarde demais para saltar. E assim o Pequeno Leão subiu para as estrelas silenciosas, nu e sozinho.

48. DECISÃO

O comandante Bey tinha problemas mais graves e ficou muito satisfeito de poder passar adiante aquela tarefa. De qualquer jeito, nenhum emissário teria sido mais adequado do que Loren Lorensen.

Ele não conhecia os velhos Leônidas antes, e temia esse encontro. Embora Mirissa se tivesse oferecido para acompanhá-lo, preferiu ir sozinho.

Os lassanianos reverenciavam os velhos e faziam tudo o que fosse possível para seu conforto e felicidade. Lal e Nikri Leônidas viviam em uma das pequenas e auto-suficientes colônias-retiros ao longo da costa sul da ilha. Eles possuíam um chalé de seis aposentos, com todos os equipamentos concebíveis para poupar trabalho, incluindo o único robô caseiro de utilidade geral que Loren já tinha visto na Ilha do Sul. Pela cronologia terrestre ele lhes daria pouco menos de 70 anos.

Depois dos polidos cumprimentos iniciais, eles se sentaram na varanda voltada para o mar, enquanto o robô andava à volta trazendo bebidas e pratos de frutas variadas. Loren forçou-se a comer alguma coisa e então encheu-se de coragem para realizar a tarefa mais difícil de sua vida.

- Kumar... - O nome ficou preso em sua garganta e ele teve que começar de novo. - Kumar ainda está na nave. Devo-lhe a minha vida, ele arriscou a sua para salvar a minha. Podem entender como me

sinto a respeito disso... Eu faria qualquer coisa...

Uma vez mais teve que se esforçar para recuperar o controle. Então, tentando ser tão sucinto e científico quanto possível, como a cirurgiã-comandante Newton em seu relatório, ele fez outra tentativa.

- Seu corpo não foi muito prejudicado, porque a dê-compressão foi lenta e o congelamento quase imediato. Mas é claro que ele está clinicamente morto, exatamente como eu estava há algumas semanas... Contudo, os dois casos são bem diferentes. Meu corpo foi recuperado antes que houvesse tempo para danos cerebrais, e assim a ressuscitação foi um processo simples e direto. Passaram-se horas antes que eles recuperassem Kumar. Fisicamente seu cérebro não apresentava danos, mas não existe qualquer traço de atividade. Mesmo assim a ressuscitação *poderia* ser possível com uma tecnologia extremamente avançada. De acordo com nossos registros, que cobrem toda a história da ciência médica da Terra, isso já foi feito antes, em casos similares, com um índice de sucesso de sessenta por cento.

“E isto nos coloca num dilema que o comandante Bey me pediu que explicasse a vocês com franqueza. Nós não temos o conhecimento nem o equipamento para realizar tal operação. Mas podemos vir a ter dentro de trezentos anos...”

“Existe uma dúzia de especialistas em cérebro entre os cem médicos hibernando a bordo da nave. Existem técnicos que podem montar e operar cada tipo concebível de equipamento cirúrgico e de manutenção da vida. Tudo que a Terra já possui será nosso de novo, logo após chegarmos em Sagan 2.”

Fez uma pausa para deixar que percebessem as implicações. O robô aproveitou o momento inoportuno para oferecer seus serviços, ele acenou para que fosse embora.

- Nós desejaríamos, não, ficaríamos felizes, pois levar Kumar conosco é o mínimo que podemos fazer. Embora não possamos lhes prometer, um dia ele pode voltar a viver. Nós gostaríamos que pensassem sobre isto, e há muito tempo para fazê-lo, até que decidam.

O velho casal olhou um para o outro durante um longo e silencioso momento, enquanto Loren fitava o mar. Como tudo era quieto e pacífico por aqui! Ele ficaria feliz em passar sua velhice neste lugar, sendo visitado de tempos em tempos pelos filhos e netos...

Como tanta coisa em Tarna, isto aqui podia ser a Terra. Talvez, devido ao planejamento deliberado, não houvesse vegetação lassaniana para ver em parte alguma, todas as árvores eram surpreendentemente familiares.

E, no entanto, faltava alguma coisa essencial, e ele percebeu que isto o vinha intrigando há longo tempo, desde que aterrissara neste planeta. Subitamente, naquele momento de tristeza, aquilo disparou uma memória, e Loren soube o que tinha perdido.

Não havia gaivotas girando no ar, enchendo-o com o mais triste e mais evocativo de todos os sons da Terra.

Lal Leônidas e sua esposa ainda não haviam trocado uma palavra, e no entanto, de algum modo, Loren sabia que eles tinham tomado uma decisão.

- Nós agradecemos sua oferta, comandante Lorensen, por favor transmita os nossos agradecimentos ao comandante Bey. Mas não precisamos de nenhum tempo para uma decisão. O que quer que aconteça, Kumar estará perdido para nós, para sempre. Mesmo que tivesse sucesso, e como disse, não há garantia nenhuma a esse respeito, ele iria despertar num mundo estranho, sabendo que nunca veria seu lar e que todos aqueles a quem amara estariam mortos há séculos. Embora a intenção de vocês seja a melhor possível, isto não seria bom para ele. Sabemos o que ele teria desejado, e o que deve ser feito. Devolvam-no para nós. Ele retornará ao mar que tanto amou.

Não havia nada mais para ser dito. Loren sentiu ao mesmo tempo uma tristeza predominante e um grande alívio.

Tinha cumprido o seu dever. Esta era a decisão pela qual esperava.

49. FOGO NO RECIFE

Agora o pequeno caíque nunca seria terminado, contudo, faria a sua primeira e última viagem.

Até o poente ele permanecera na beira d'água, tocado pelas ondas suaves daquele mar sem marés. Loren sentira-se sensibilizado, mas não surpreso, pelo número de pessoas que vieram apresentar seus últimos cumprimentos. Toda Tarna estava ali, mas também vieram muitos da Ilha do Sul e mesmo da Ilha do Norte. Embora alguns talvez tivessem vindo atraídos por uma curiosidade mórbida, já que o mundo inteiro ficara chocado com o acidente singularmente espetacular, Loren nunca vira tão genuína demonstração de tristeza. Ele não percebera que os lassanianos eram capazes de sentir emoções tão profundas, e sua mente saboreou uma vez mais a frase que Mirissa tinha encontrado, pesquisando o "Arquivo" em busca de consolo: "Pequeno amigo de todo mundo." Sua origem se perdera, e ninguém podia supor qual o estudioso, há muito morto, e em que século, a salvara para as eras do porvir.

Depois de abraçar a ambos com muda simpatia, Loren deixou Mirissa e Brant com a família Leônidas, recebendo os parentes numerosos de ambas as ilhas. Não queria encontrar nenhum estranho, pois sabia o que muitos deles ainda deviam estar pensando: "Ele salvou você mas você não conseguiu salvá-lo." Este era um peso que carregaria para o resto da vida.

Mordeu o lábio para conter lágrimas que não eram adequadas para um oficial superior da maior nave estelar já construída, sentindo um dos mecanismos de defesa da mente vir em seu socorro. Em momentos de tristeza profunda, algumas vezes o único meio de evitar a perda de controle é evocar uma imagem bizarra ou mesmo cômica das profundezas da memória.

Sim, o universo tinha um estranho senso de humor. Loren foi quase forçado a suprimir um sorriso. Gomo Kumar teria apreciado esta peça que o universo lhe pregara.

- Não se surpreenda - advertia a comandante Newton enquanto abria a porta do necrotério da nave e um sopro de ar gelado, com cheiro de formol, se espalhava ao encontro deles. - Acontece com mais freqüência do que se supõe. Algumas vezes é um derradeiro espasmo, quase como uma tentativa inconsciente de desafiar a morte. Desta vez foi provavelmente causado pela perda da pressão externa, e o subsequente congelamento.

Se não fossem os cristais de gelo delineando a musculatura deste esplêndido corpo jovem, Loren julgaria que Kumar não estava simplesmente dormindo, mas antes perdido no êxtase de sonhos. Pois na morte, o Pequeno Leão estava ainda mais viril do que tinha sido em vida.

O sol desaparecera além das colinas do leste e a fria brisa do cair da tarde soprava do mar. Sem provocar quase nenhuma ondulação, o caíque deslizou na água, arrastado por Brant e três dos amigos mais chegados de Kumar. Pela última vez Loren vislumbrou o rosto pacífico do garoto a quem ele devia sua vida.

Pouco choro havia ocorrido até aquela hora, mas enquanto os quatro nadadores empurravam o barco lentamente, para longe da praia, um grande gemido de lamentação surgiu da multidão reunida. Loren não pôde conter as lágrimas e não se importou mais que as vissem.

Movendo-se de modo firme e vigoroso, sob o impulso poderoso de suas quatro escoltas, o pequeno caíque dirigiu-se para o recife. A rápida noite thalassiana já descia enquanto a embarcação passava entre as duas bóias que piscavam marcando o canal para o mar aberto. Desapareceu entre elas e por um momento ficou oculta pela linha branca das ondas espumando preguiçosas de encontro ao recife externo.

Os lamentos cessaram enquanto todos se mantinham na expectativa. Então houve um súbito clarão de luz contra o céu escurecido, uma coluna de chamas ergueu-se do mar. Queimou de modo claro e violento, quase sem produzir fumaça e quanto tempo durou Loren nunca soube, pois o tempo cessara em Tarna. Depois, abruptamente, as chamas desabaram, uma coroa de fogo mergulhando de volta ao mar. Tudo foi escuridão, mas só por um momento.

Enquanto o fogo e a água se encontravam, um esguicho de centelhas ergueu-se no céu. A maioria das cinzas caíam de volta no mar, mas outras continuaram se erguendo, até se perderem de vista.

E assim, pela segunda vez, Kumar Leônidas ascendia ao encontro das estrelas.

VIII - AS CANÇÕES DA TERRA DISTANTE

50. ESCUDO DE GELO

A subida do último floco de neve deveria ter sido uma ocasião alegre, mas foi apenas o motivo de uma triste satisfação. Trinta mil quilômetros acima de Thalassa, o último hexágono de gelo era conduzido para sua posição, e o escudo estava completo.

Pela primeira vez em quase dois anos a propulsão quântica foi ativada, embora em sua força mínima. A *Magalhães* soltou-se de sua órbita estacionária, acelerando para testar a integridade e o equilíbrio do *iceberg* artificial que deveria carregar para as estrelas. Não houve problemas, o trabalho fora bem feito. Isto representou um grande alívio para o comandante Bey, que nunca conseguira esquecer-se de que Owen Fletcher (agora sob estrita vigilância na Ilha do Norte) fora um dos principais arquitetos do escudo. E ele imaginava o que Fletcher e os outros Sabras estariam pensando durante a cerimônia de inauguração.

Ela começou com uma retrospectiva em vídeo, mostrando a construção da usina de congelamento e a ascensão do primeiro floco de neve. Então seguiu-se um fascinante bale espacial acelerado, mostrando os grandes blocos de gelo sendo manobrados no lugar e encaixados no escudo sempre crescente. A sequência começava em tempo real, e acelerava-se rapidamente até que as últimas seções estivessem sendo montadas no ritmo de uma a cada dois ou três segundos. O mais famoso compositor de Thalassa escrevera um animado número musical, começando com uma lenta pavana e culminando numa polca de tirar o fôlego. Por fim, a velocidade diminuía de novo até retornar ao normal no instante em que o último bloco de gelo era guiado para a sua posição.

Mais tarde o ponto de vista mudava para uma câmara ao vivo, flutuando no espaço um quilômetro à frente da *Magalhães*, que orbitava à sombra do planeta. O grande guarda-sol que protegia o gelo durante o dia fora afastado, de modo que o escudo inteiro tornava-se visível pela primeira vez.

O imenso disco verde-branco brilhava friamente sob os holofotes e logo estaria bem mais frio, enquanto se afastava na direção dos poucos graus acima de zero absoluto da noite galáctica. Lá, ele seria aquecido apenas pela luz de fundo das estrelas, a radiação drenada da nave e a rara descarga ocasional de energia da poeira impactando.

A câmara flutuou lentamente através do *iceberg* artificial, sob o acompanhamento da voz inconfundível de Moisés Kaldor.

- Povo de Thalassa, nós lhes agradecemos a sua dádiva. Atrás desse escudo de gelo, esperamos viajar em segurança até o mundo que nos espera, a setenta e cinco anos luz daqui, dentro de trezentos anos. Se tudo correr bem, nós ainda estaremos carregando pelo menos vinte mil toneladas de gelo quando chegarmos a Sagan 2. Deixaremos que tombe sobre o planeta, e o calor dessa reentrada a transformará na primeira chuva que esse mundo frígido já conheceu. E, por um pequeno intervalo de tempo, antes de congelar de novo, ela será a precursora dos oceanos ainda não nascidos. Um dia nossos descendentes

irão conhecer mares como os seus, embora não tão amplos nem tão fundos. A água dos dois mundos se misturará, trazendo a vida para o nosso novo lar. E nós lembraremos de vocês, com amor e gratidão.

51. RELÍQUIA

- É tão bonito - disse Mirissa, com reverência. - Agora entendo por que o ouro era tão valorizado na Terra.

- O ouro era o dado menos importante - respondeu Kaldor, enquanto tirava o sino brilhante de dentro de sua caixa revestida de veludo. - Tem alguma idéia do que seja isto?

- Obviamente uma obra de arte. Mas deve ser alguma coisa mais do que isso, para tê-la carregado por cinquenta anos-luz.

- Você tem razão, é claro. É o modelo exato de um templo com mais de cem metros de altura. Originalmente havia mais sete desses cofrezinhos, todos de forma idêntica, encaixando-se um no outro. Este era o mais interior de todos, contendo a própria Relíquia. Ela me foi dada por alguns amigos antigos e muito queridos, em minha última noite na Terra. "Todas as coisas são transitórias", eles me lembraram. "Mas nós temos guardado isto por mais de quatro mil anos. Leve-a para as estrelas com as nossas bênçãos." Mesmo que eu não partilhasse de sua fé, como poderia ter recusado esse presente inestimável? E agora eu o deixo aqui, onde os homens pisaram pela primeira vez neste planeta. Outro presente da Terra, talvez o último.

- Não diga isso - pediu Mirissa. - Vocês deixaram tantos presentes que nunca seremos capazes de contá-los.

Kaldor sorriu pensativamente e não respondeu por um momento. Deixou que seus olhos se voltassem para a paisagem familiar através da janela da biblioteca. Ele fora feliz ali, traçando a história de Thalassa e aprendendo muita coisa que poderia ser de inestimável valor quando a nova colonização fosse iniciada em Sagan 2.

"Adeus, velha Nave-mãe", pensou. "Você cumpriu sua missão. Nós temos ainda um longo caminho para seguir, que a *Magalhães* possa nos servir tão fielmente quanto você serviu as pessoas que aprendemos a amar."

- Eu tenho certeza que seus amigos teriam aprovado. Eu cumpri o meu dever. A Relíquia estará segura aqui, mais segura no Museu da Terra do que a bordo da nave. Afinal podemos não chegar a Sagan 2.

- É claro que chegarão. Mas você ainda não me disse o que há dentro deste sétimo cofre.

- É tudo o que resta de um dos maiores homens que já viveram, ele foi o fundador da única religião não manchada pelo sangue. E eu tenho certeza de que teria se divertido se soubesse que, quarenta séculos depois de sua morte, um de seus dentes seria carregado para as estrelas.

52. AS CANÇÕES DA TERRA DISTANTE

Era o tempo de transição, de separações tão derradeiras quanto a morte. E, no entanto, apesar de todas as lágrimas derramadas em Thalassa, bem como na nave, havia também um sentimento de alívio. Embora as coisas nunca fossem as mesmas de novo, a vida agora poderia retornar ao normal. Os visitantes eram como convidados que, embora bem-vindos, tinham ficado tempo demais. Era hora de partir.

Até mesmo o presidente Farradine admitia isso, e abandonara seu sonho de realizar uma Olimpíada Interestelar. Ele tinha um grande consolo: as unidades de congelamento da Baía dos Manguezais estavam sendo transferidas para a Ilha do Norte e o primeiro [rinque de](#) patinação de Thalassa estaria pronto durante os Jogos. Se os competidores estariam preparados era outra questão, mas muitos jovens lassanianos passavam horas arregalando os olhos diante das grandes *performances* do passado, sem acreditar no que viam.

Enquanto isso, todos assentiam em que alguma cerimônia de despedida devia ser organizada para marcar a partida da *Magalhães*. Infelizmente, poucos concordavam quanto à forma que ela deveria ter. Houve inumeráveis festas particulares, que exigiram um considerável esforço físico e mental de todos os envolvidos, mas nenhuma comemoração oficial ou pública.

A prefeita Waldron, clamando prioridade em nome de Tarna, sentia que a cerimônia devia ser realizada no local do Primeiro Pouso. Edgar Farradine argumentava em favor do palácio presidencial, a despeito de suas dimensões modestas. Alguns engraçadinhos sugeriram Krakan como um meio-termo, afirmando que suas famosas vinhas seriam um lugar apropriado para os brindes de despedida. A questão ainda não tinha sido resolvida quando a TBC (Thalassa Broadcasting Corporation), uma das burocracias mais arrojadas do planeta, silenciosamente esvaziou a idéia inteira.

O concerto de despedida seria lembrado e tocado pelas futuras gerações. Não havia vídeo para distrair os sentidos, somente música e a mais breve das narrações. A herança de dois mil anos fora rebuscada para lembrar o passado e dar esperança ao futuro. Não era apenas um Réquiem, mas também uma Berceuse.

Ainda parecia um milagre que depois da arte ter atingido a perfeição tecnológica, os compositores de música ainda encontrassem alguma coisa nova para dizer. Por dois mil anos a eletrônica lhe dera o controle completo de cada um dos sons percebido pelo ouvido humano, e talvez todas as suas possibilidades tivessem sido exauridas há muito tempo.

De fato, tinha havido um século de *bips*, piados e arrotos eletrônicos antes que os compositores tivessem dominado seus recursos agora infinitos e pudessem, uma vez mais, unir com sucesso arte e tecnologia. Ninguém havia ainda superado Beethoven ou Bach, mas alguns tinham chegado perto.

Para as legiões de ouvintes, o concerto era uma lembrança das coisas que eles nunca conheceriam, coisas que tinham pertencido somente à Terra. O lento bater de poderosos sinos, subindo como fumaça invisível das antigas agulhas das catedrais, o cantar de pacientes barqueiros em idiomas agora perdidos para sempre, remando contra a maré para alcançar o lar na última luz do dia. As canções de exércitos marchando para batalhas que o Tempo destituíra de toda dor e maldade. A elas se misturava o murmúrio de dez milhões de vozes, enquanto as maiores cidades do homem despertavam para saudar a

alvorada, a fria dança da Aurora polar ondulando sobre mares intermináveis de gelo, o rugido de motores poderosos subindo na estrada para as estrelas. Durante toda a noite ouviu-se a música saindo da escuridão, canções da Terra distante transportadas através dos anos-luz.

E, para concluí-las, os produtores haviam selecionado o último grande trabalho da tradição sinfônica. Escrita nos anos em que Thalassa perdera o contato com a Terra, ela era totalmente nova para a audiência. E, no entanto, o seu tema oceânico a tornava particularmente apropriada para essa ocasião, e seu impacto sobre os ouvintes fora tudo que o compositor há muito morto teria desejado.

"... Quando compus o 'Lamento por Atlântida', há quase trinta anos, eu não tinha imagens específicas em minha mente. Estava preocupado apenas com reações emotivas, não com cenas explícitas. Eu queria que a minha música transmitisse um sentimento de mistério, de tristeza e de uma perda terrível. Eu não estava tentando pintar um retrato sonoro de ruínas de cidades cheias de peixes. Mas alguma coisa estranha acontece agora, sempre que eu ouço o *lento lúgubre* - como agora mentalmente faço...

"Ele começa no Compasso 136, quando uma série de cordas, descendo até o registro mais baixo do órgão, encontram pela primeira vez a ária sem palavras da soprano, erguendo-se cada vez mais das profundezas... Você sabe, é claro, que baseei este tema nas canções das grandes baleias, aqueles poderosos menestréis do mar com quem estabelecemos a paz quando era muito tarde, tarde demais... Eu o compus para Olga Kondrashin e hoje em dia ninguém mais pode cantar aquela passagem sem ajuda eletrônica..."

"Quando a linha vocal começa, é como se eu estivesse contemplando alguma coisa que existisse realmente. Estou no meio da praça numa grande cidade, uma praça quase tão grande quanto a de São Marcos ou de São Pedro. Tudo a minha volta são prédios em ruínas, como templos gregos, com estátuas tombadas envoltas em algas marinhas, folhagens verdes ondulando lentamente, para a frente e para trás. Tudo parcialmente coberto por uma espessa camada de lodo."

"A praça a princípio parece vazia, então, observo algo *perturbador*. Não me pergunte por quê, é sempre uma surpresa, estou sempre vendo aquilo pela primeira vez."

"Existe um pequeno monte no centro da praça, com um padrão de linhas se irradiando a partir dele. Eu me pergunto se são muros arruinados parcialmente enterrados no lodo. Mas o arranjo não faz sentido, e então percebo que o monte está *pulsando*."

"E um momento depois eu noto dois imensos olhos que não piscam a me fitar."

"E isso é tudo, nada acontece. Nada aconteceu aqui por seis mil anos, desde aquela noite em que a barreira de terra cedeu e o mar se derramou através das Colunas de Hércules."

"O *lento* é o meu movimento favorito, mas eu não podia terminar a sinfonia em semelhante clima de tragédia e desespero. Daí o *finale*, 'Ressurreição'."

"Eu sei, é claro, que a Atlântida de Platão nunca existiu realmente. E por essa mesma razão ela não pode morrer nunca. Vai ser sempre um ideal, um sonho de perfeição, um motivo para inspirar os homens de todas as eras do porvir. É por isso que a sinfonia termina com esta marcha triunfal em direção ao futuro."

"Eu sei que a interpretação popular da marcha é de uma nova Atlântida emergindo das ondas. Isto é um pouco óbvio demais. Para mim, o *finale* representa a conquista do espaço. Depois que o terminei, demorei para me livrar daquele tema final. Aquelas malditas quinze notas ficavam martelando em meu cérebro noite e dia..."

"Atualmente o 'Lamento' existe bem independente de mim, adquiriu vida própria. E mesmo quando a Terra tiver desaparecido, continuará acelerando em direção à Galáxia de Andrômeda, impulsionado pelos cinquenta mil *megawatts* do transmissor de Espaço Profundo na Cratera Tsiolkovski."

"E algum dia, talvez daqui a séculos ou milênios, ela será lembrada e entendida."

Memórias ditadas - Sergei Di Pietro (3411 - 3509)

53. A MÁSCARA DOURADA

- Nós sempre fingimos que ela não existia - disse Mirissa. - Mas queria vê-la agora - só uma vez.

Loren ficou em silêncio por um tempo e respondeu:

- Você sabe que o comandante Bey nunca admitiu nenhum visitante.

É claro que ela sabia disso, e também entendia as razões. Embora a princípio houvesse gerado algum ressentimento, todos em Thalassa compreendiam agora que a pequena tripulação de *Magalhães* era muito atarefada para servir de guia turístico ou atendente para os imprevisíveis quinze por cento que enjoariam nas seções de gravidade zero da nave. Até mesmo o presidente Farradine recebera um polido não.

- Eu falei com Moisés e ele conversou com o comandante. Está tudo arranjado. Mas isso deve ser mantido em segredo até que a nave tenha partido.

Loren olhou para ela admirado e sorriu. Mirissa era sempre surpreendente, isto era parte da atração que ela exercia. Percebeu, com uma pontada de tristeza, que ninguém mais em Thalassa tinha direito a esse privilégio, o irmão dela era o único lassaniano que fizera esta jornada. O comandante Bey era um homem justo, pronto a modificar as regras se necessário. E uma vez que a nave tivesse partido, dali a três dias, isso não teria mais nenhuma importância.

- Suponha que você sinta enjôo no espaço.

- Eu nunca enjoei no mar.

- Isso não prova nada.

- Já falei com a comandante Newton. Ela me deu uma probabilidade de sucesso de 95%. E sugeri que eu vá na nave-auxiliar da meia-noite, quando não haverá nenhum residente local nas imediações.

- Você pensou em tudo, não? - disse Loren francamente admirado. - Eu encontrarei você na plataforma número dois, quinze minutos antes da meia-noite. - Ele fez uma pausa e então acrescentou com dificuldade: - Eu não vou descer outra vez. Por favor, diga adeus ao Brant por mim.

Seria um suplício que ele não conseguiria enfrentar. De fato, não colocara os pés na residência dos Leônidas desde que Kumar fizera sua última viagem e Brant retornara para consolar Mirissa. Já era quase como se Loren nunca tivesse penetrado em suas vidas.

E estava abandonando a deles inexoravelmente, pois agora podia olhar para Mirissa com amor mas sem desejo. Uma emoção mais profunda, uma das piores mágoas que já conhecera ocupava agora a sua mente.

Ele tinha desejado e esperado, pensando em ver seu filho, mas a nova data de partida da *Magalhães* tornava isso impossível. Embora tivesse ouvido as batidas do coração do filho misturadas com as da mãe, nunca seguraria aquela criança em seus braços.

A nave auxiliar rumou para o local de encontro, no lado diurno do planeta, de modo que a *Magalhães* ainda se encontrava a cem quilômetros de distância quando Mirissa a viu. E mesmo conhecendo suas reais dimensões, ela lhe pareceu um brinquedo de criança, cintilando na luz do sol.

De uma distância de dez quilômetros não lhe parecia maior. Seu cérebro e seus olhos insistiam que aqueles círculos escuros, em torno da seção central, eram apenas vigias. Só quando o interminável casco curvo da nave elevou-se ao lado dela, sua mente admitiu que eles eram as comportas de acoplamento e entrada de carga, e a nave auxiliar estava a ponto de penetrar numa delas.

Loren olhou ansioso para Mirissa quando ela soltou o cinto de segurança. Este era o momento perigoso, quando pela primeira vez, livre de qualquer contenção, o passageiro superconfiante percebia repentinamente que a gravidade zero não era tão agradável quanto parecia. Mas Mirissa parecia inteiramente à vontade enquanto flutuava através da comporta, impulsionada por suaves empurrões de Loren.

- Felizmente não há necessidade de ir à seção "G-I", assim você evita o problema de se readaptar duas vezes. Não terá que preocupar-se com a gravidade novamente, até que estejamos de volta ao solo.

"Seria interessante", pensou Mirissa, "poder visitar os alojamentos na seção giratória da nave", mas isso teria exigido intermináveis conversações educadas e contatos pessoais, que eram a última coisa que desejava agora. Estava satisfeita que o comandante Bey ainda estivesse em *Thalassa*, não haveria necessidade nem mesmo de uma visita cortês de agradecimento.

Quando deixaram a câmara de ar, entraram por um corredor tubular, que parecia estender-se ao longo de todo o comprimento da nave. Num dos lados havia uma escada de mão, no outro, duas fileiras de laços flexíveis, convenientes para mãos ou pés, deslizavam lentamente em ambas as direções, ao longo de fendas paralelas.

- Este não é um lugar muito bom para se estar quando aceleramos - explicou Loren. - Ele se torna então um poço vertical com dois quilômetros de profundidade. É aí que você precisa realmente da escada e dos corrimãos. Você só tem que segurar aquele laço e ele fará o resto.

Eles flutuaram sem esforço, sendo arrastados por várias centenas de metros, passaram em seguida para um corredor em ângulo reto com o primeiro.

- Solte o laço - disse Loren, depois de percorrerem algumas dúzias de metros. - Eu quero lhe mostrar uma coisa.

Mirissa soltou seu apoio e eles flutuaram até parar ao lado de uma longa e estreita janela colocada num dos lados do túnel. Ela olhou através do vidro espesso para uma caverna de metal, imensa e brilhantemente iluminada. Embora houvesse esquecido sua localização, calculava que esta câmara cilíndrica devia abranger toda a largura da nave e que por isso aquela barra central devia se encontrar ao longo de seu eixo.

- A propulsão quântica - disse Loren orgulhosamente.

Ele nem mesmo tentou dar nomes às formas de cristal metal encoberto, aos arcobotantes de curioso formato projetando-se das paredes da câmara. As constelações de luzes e a esfera de um negro total, ainda que sem detalhes, de algum modo pareciam estar girando... Depois de algum tempo Loren disse:

- A maior conquista do gênio humano. A última dádiva da Terra a seus filhos. Um dia ela nos tornará senhores da Galáxia.

Havia uma arrogância nestas palavras que fez Mirissa estremecer. Este era o velho Loren falando como antigamente, antes de ser amolecido por Thalassa. "Assim seja", ela pensou, "uma parte dele mudou para sempre."

- Você acha - ela perguntou suavemente - que a Galáxia chegará pelo menos a se dar conta?

Entretanto, estava impressionada, e olhou por um longo tempo para as formas imensas e sem significado que transportaram Loren através dos anos-luz. Não sabia se devia abençoá-las, pelo que tinham lhe trazido, ou amaldiçoá-las, pelo que logo levariam embora.

Loren a conduziu uma vez mais pelo labirinto, cada vez mais para dentro da *Magalhães*. Nem uma vez eles depararam com outra pessoa, o que era um indicador do tamanho da nave e da escassez de sua tripulação.

- Estamos quase lá - disse Loren, numa voz agora baixa e solene. - E este é o Guardião.

Tomada completamente de surpresa, Mirissa flutuou em direção ao rosto dourado, olhando para ela de dentro de um nicho, até estar quase a ponto de colidir com ele. Estendeu a mão e sentiu o metal frio. Então era real, e não um holograma como tinha imaginado a princípio.

- O que, ou melhor, quem é ele? - sussurrou ela.

- Nós temos muitos dos maiores tesouros de arte da Terra a bordo - disse Loren com um orgulho triste. - Este é um dos mais famosos. Foi um rei que morreu muito jovem, quando ainda era menino.

A voz de Loren se apagou enquanto ambos compartilhavam do mesmo pensamento. Mirissa teve que piscar os olhos, contendo as lágrimas, antes que pudesse ler a inscrição abaixo da máscara.

TUTANKAMON

1361 -1353 a.C.

(Vale dos Reis, Egito, 1922 d.C.)

Sim, ele tinha quase exatamente a mesma idade de Kumar. O rosto dourado olhava para eles através dos milênios e dos anos-luz, a face de um jovem deus em sua plenitude.

Ali havia poder e confiança, mas não ainda a arrogância ou a crueldade que os anos perdidos lhe teriam dado.

- Por que aqui? - perguntou Mirissa, já adivinhando a resposta.

- Parecia um símbolo apropriado. Os egípcios acreditavam que se suas cerimônias fossem realizadas corretamente os mortos existiriam de novo em algum lugar após a morte. Pura superstição, é claro. No entanto, aqui nós a tornamos real.

"Mas não do jeito que eu queria", pensou Mirissa tristemente. Enquanto olhava para os olhos do rei, negros como a noite, fitando-a através de sua incorruptível máscara de ouro, era difícil acreditar que esta era apenas uma maravilhosa obra de arte e não uma pessoa viva.

Não conseguia afastar os olhos daquele olhar calmo, e ao mesmo tempo tão hipnótico, a atravessar os séculos. Uma vez mais ela estendeu a mão e acariciou a face dourada. O metal precioso a fez lembrar-se subitamente de um poema que encontrara no Arquivo do Primeiro Pousa, quando colocara o computador a vasculhar a literatura do passado em busca de palavras de consolo. A maior parte das centenas de versos tinha sido inadequada, mas estes de "Autor desconhecido - (18007-2100)" eram perfeitamente adequados:

Eles levam de volta para o criador os homens criados, Os rapazes que vão morrer em sua glória e nunca serão velhos.

Loren esperou pacientemente os pensamentos de Mirissa seguirem o seu curso. Então,

introduziu um cartão numa fenda quase invisível ao lado da máscara mortuária e uma porta circular abriu-se silenciosamente.

Era estranho encontrar um guarda-roupa cheio de pesadas peles dentro de uma espaçonave, mas Mirissa podia compreender a necessidade delas. A temperatura já tinha descido vários graus e ela tremia com o frio ao qual não estava acostumada.

Loren ajudou-a a vestir um termotraje, não sem dificuldade na ausência de gravidade, e eles flutuaram em direção a um círculo de vidro embaçado na parede oposta da pequena câmara. A tampa de cristal girou em direção a eles como o vidro de um relógio se abrindo, e uma descarga de ar gélido, tal como Mirissa nunca imaginara, e muito menos experimentara, os atingiu. Etéreos fios de umidade se condensaram no ar congelante, dançando ao redor deles como fantasmas. Ela olhou para Loren como se estivesse a ponto de dizer: certamente não espera que eu *entre* aí.

Ele a segurou pelo braço, tranquilizador, e disse:

- Não se preocupe, o traje irá protegê-la e depois de alguns minutos você nem notará o frio em seu rosto.

Ela achou difícil acreditar, mas ele estava certo. Enquanto o seguia através do alçapão, respirando a princípio cautelosamente, ela se surpreendia ao considerar a experiência nem um pouco desagradável. De fato, era positivamente estimulante, e pela primeira vez podia entender por que pessoas haviam viajado de boa vontade para as regiões polares da Terra.

Podia facilmente imaginar-se lá, pessoalmente, já que parecia estar flutuando num universo gelado e branco como à neve. Tudo em volta dela eram favos cintilantes que podiam ser feitos de gelo a formar milhares de células hexagonais. Era quase como um modelo em tamanho reduzido do escudo da *Magalhães*, exceto que aqui as unidades mediam apenas um metro de largura e eram presas umas às outras por aglomerados de encanamentos e feixes de fios.

E ali estavam, dormindo à sua volta, centenas de milhares de colonos, para quem a Terra ainda constituía, na verdade, uma recordação de ontem. "O que sonhariam eles", ela se perguntou, "a menos da metade da duração de seu sono de quinhentos anos?" Será que o cérebro realmente produziria sonhos nessa terra de ninguém entre a vida e a morte? De acordo com Loren, não, mas quem poderia realmente ter certeza?

Mirissa vira vídeos de abelhas alvoroçadas em suas misteriosas tarefas no interior de uma colméia. Sentia-se como uma abelha humana enquanto seguia Loren, mão ante mão, ao longo do gradeado de trilhos que entrecruzavam a face da gigantesca colméia. Estava agora inteiramente à vontade na gravidade zero e não mais consciente do frio penetrante. De fato, mal sentia o próprio corpo e algumas vezes tinha que se convencer de que isto não era um sonho do qual logo despertaria.

As células não tinham nomes mas eram todas identificadas por um código alfanumérico. Loren seguiu infalivelmente para a H-354. Ao tocar num botão, um casulo hexagonal de metal e vidro deslizou para fora sobre trilhos telescópicos, para revelar a mulher dormindo em seu interior.

Ela não era bonita, embora fosse injusto julgar qualquer mulher sem o glorioso adorno de seus cabelos. A pele era de uma cor que Mirissa nunca vira e sabia que se tornara muito rara na Terra: um preto tão escuro que chegava a ter um tom de azul. E era tão lisa e sem marcas que Mirissa não pôde resistir a uma ponta de inveja. Na sua mente veio a imagem de corpos entrelaçados, ébano e marfim, uma imagem instantânea que sabia que a perseguiria pelos anos a frente.

Olhou de novo para o rosto. Mesmo após este descanso de séculos de duração, mostrava determinação e inteligência. "Teríamos sido amigas?", se perguntou Mirissa. "Duvido. Somos muito parecidas."

"Então você é Kitani, e está levando o primeiro filho de Loren para as estrelas. Mas será que

vai ser mesmo o primeiro, já que vai nascer séculos depois do meu? Primeiro ou segundo, eu lhe desejo felicidades..."

Sentia dormência, mas não só por causa do frio, quando a porta de cristal se fechou atrás deles. Loren a guiou com carinho de volta pelo corredor, passando pelo Guardião.

Uma vez mais seus dedos roçaram a face do menino de ouro imortal. Num momento de espanto sentiu calor no toque, então percebeu que seu corpo ainda se estava ajustando à temperatura normal.

Isso duraria apenas alguns minutos, mas quanto tempo levaria até que se derretesse todo o gelo em seu coração?

54. DESPEDIDA

"Esta é a última vez que falo com você, Evelyn, antes que o meu longo sono se inicie. Ainda estou em Thalassa, mas a nave auxiliar estará me conduzindo à *Magalhães* dentro de alguns minutos. Não há mais nada para fazer até a queda planetária, daqui a trezentos anos."

"Eu sinto uma grande tristeza, pois acabo de dizer adeus à minha amiga mais querida por aqui, Mirissa Leônidas. Como você teria gostado de conhecê-la! Ela é talvez a pessoa mais inteligente que encontrei em Thalassa e nós tivemos muitas conversas, embora eu tema que algumas tenham sido mais monólogos. Algo por que você freqüentemente me censurava."

"Ela me perguntou a respeito de Deus, é claro, porém, creio que sua pergunta mais sagaz foi uma que fui inteiramente incapaz de responder."

"Logo depois de seu amado irmão caçula ter morrido, ela me perguntou: qual é a finalidade do sofrimento? Será que serve a alguma função biológica?"

"Como é estranho que eu nunca tivesse pensado seriamente nisso! Pode-se imaginar uma espécie inteligente vivendo perfeitamente bem, na qual os mortos não são lembrados com emoção, se é que são lembrados. Seria uma sociedade totalmente inumana, mas poderia ser tão bem-sucedida quanto a das formigas e cupins da Terra."

"Poderia a tristeza e a mágoa serem subprodutos acidentais ou mesmo patológicos do amor, o qual possui evidentemente uma função biológica? Trata-se de um pensamento estranho e perturbador. E, no entanto, são nossas emoções que nos tornam humanos, quem iria abandoná-las, mesmo sabendo que cada novo amor é outro refém a ser tomado por aquele par de terroristas, o Tempo e o Destino?"

"Ela freqüentemente conversava comigo a seu respeito, Evelyn. Ficava intrigada que um homem pudesse amar apenas uma mulher em toda a sua vida e não procurar outra depois que ela se foi. Uma vez brinquei com ela dizendo-lhe que fidelidade era algo quase tão desconhecido dos lassanianos quanto o ciúme, e ela respondeu que eles haviam lucrado com a perda de ambos."

"Estão me chamando, a nave auxiliar está esperando. Agora devo dizer adeus a Thalassa para sempre. E a sua imagem também está começando a se apagar. Embora eu seja bom para dar conselhos aos outros, talvez tenha me apegado a minha tristeza durante tempo demais, e isso não serve de modo algum à sua lembrança."

"Thalassa ajudou a me curar. Agora eu posso me sentir alegre por tê-la conhecido, em vez de chorar porque a perdi."

"Uma calma estranha tomou conta de mim. E pela primeira vez sinto que compreendo realmente os conceitos de Desapego de meus velhos amigos Budistas e até mesmo a idéia do Nirvana."

"Se eu não despertar de novo em Sagan 2, assim seja. Meu trabalho por aqui terminou e eu me sinto satisfeito."

55. PARTIDA

O trimarã alcançou a extremidade do banco de algas um pouco antes da meia-noite e Brant ancorou numa profundidade de trinta metros. Iria começar a lançar as bolas espiãs na primeira luz da aurora, até que a cerca entre Scorpville e a Ilha do Sul estivesse pronta. Uma vez montada, todas as idas e vindas seriam vigiadas, e se os scorps por acaso encontrassem uma das bolas espiãs e a levassem como troféu, tanto melhor. Ela continuaria a operar, sem dúvida fornecendo informação mais útil do que quando em mar aberto.

Por ora não havia nada a fazer, exceto deitar de costas no barco que balançava suavemente e ouvir a música suave da Rádio Tarna, excepcionalmente suave esta noite. De tempos em tempos havia um comunicado, uma mensagem de boa sorte ou um poema em honra aos visitantes. Devia haver muito pouca gente dormindo em ambas as ilhas, esta noite. Mirissa imaginou por um momento os pensamentos que estariam passando pela mente de Owen Fletcher e de seus companheiros de exílio, abandonados num mundo estranho pelo resto de suas vidas. A última vez que os vira, no programa de vídeo do Norte, não pareciam infelizes e discutiam alegremente as oportunidades locais de negócios.

Brant estava tão quieto que se poderia achar que adormecera, não fosse pela maneira com que segurava sua mão, com a força de sempre. Os dois estavam deitados lado a lado, olhando para as estrelas. Ele tinha mudado bem mais do que ela, estava mais paciente e mais atencioso. E o que era melhor, já tinha aceito a criança com palavras cuja gentileza a levava às lágrimas: "Ela terá dois pais."

Agora a Rádio Tarna estava fazendo uma última, inteiramente desnecessária, contagem regressiva, a primeira que os lassanianos já tinham ouvido, sem contar as gravações históricas do passado. "Será que veremos realmente alguma coisa?" - perguntou-se Mirissa. A *Magalhães* está do outro lado, flutuando ao meio-dia sobre o hemisfério oceânico. Nós temos toda a espessura do planeta entre nós.

- ... Zero... - disse a Rádio Tarna, e instantaneamente foi apagada por um rugido de estática. Brant estendeu a mão para o controle de volume e havia quase conseguido abafar o som quando o céu entrou em erupção.

O horizonte inteiro estava envolto em chamas. Norte, sul, leste ou oeste, não havia diferença. Longas faixas de fogo saíam do oceano, estendendo-se meio caminho em direção ao zênite. Era uma exibição de aurora como Thalassa nunca testemunhara antes, e nunca veria de novo.

Uma visão linda, que enchia de espanto. Agora Mirissa entendia por que a *Magalhães* fora

colocado do outro lado do mundo. E no entanto isto não era a propulsão quântica, mas simplesmente as energias liberadas por ela sendo absorvidas inofensivamente na ionosfera. Loren falara algo incompreensível a respeito de ondas de choque superespaciais, acrescentando que nem mesmo os inventores da propulsão haviam compreendido este fenômeno.

Pensou brevemente em como os scorp receberiam estes fogos de artifício celestiais. Algum traço desta fúria actínica devia estar se filtrando pelas florestas de algas, para iluminar os caminhos de suas cidades submersas.

Talvez fosse imaginação, mas os fachos multicoloridos radiantes, que formavam uma coroa de luz envolvendo o mundo, pareciam estar se movendo lentamente através do céu. A fonte de sua energia ganhava velocidade, acelerando ao longo de sua órbita enquanto deixava Thalassa para sempre. Passaram-se vários minutos antes que ela pudesse ter certeza do movimento, ao mesmo tempo, a intensidade do espetáculo já diminuía consideravelmente.

Então, abruptamente, ele cessou. A Rádio Tarna voltou ao ar um tanto sem fôlego.

- ... tudo de acordo com o planejado... a nave agora está sendo reorientada... Outros fenômenos semelhantes mais tarde, mas não tão espetaculares... Todos os estágios da partida inicial serão do outro lado do planeta, mas poderemos ver a *Magalhães* diretamente dentro de três dias, quando ela estiver deixando o sistema.

Mirissa quase não ouvia as palavras enquanto olhava para o céu ao qual as estrelas agora retornavam. Um céu que ela nunca poderia olhar de novo sem se lembrar de Loren. Sentia-se vazia de toda emoção agora, e se tivesse lágrimas, elas viriam depois.

Sentiu os braços de Brant à sua volta e agradeceu o conforto que eles representavam contra a solidão do espaço. Era a este lugar que ela pertencia, seu coração não fugiria de novo, pois afinal compreendera que, se havia amado Loren por sua força, amara Brant por sua fraqueza.

"Adeus, Loren", sussurrou ela, "seja feliz nesse mundo distante que você e seus filhos vão conquistar para a humanidade. Mas pense em mim algumas vezes, eu que fiquei trezentos anos atrás de você na estrada que parte da Terra."

Enquanto acariciava-lhe o cabelo com desajeitada ternura, Brant desejava ter palavras para confortá-la, e contudo sabia que o silêncio era melhor. Não tinha nenhum sentimento de vitória, embora Mirissa fosse sua uma vez mais, sabia que seu antigo e indolente companheirismo fora perdido para sempre. E por todos os dias de sua vida, Brant sabia, o fantasma de Loren estaria entre eles, o fantasma de um homem que não teria envelhecido nem um dia, quando eles fossem pó levado pelos ventos.

Quando, três dias depois, a *Magalhães* alçou-se sobre o horizonte ocidental, era uma estrela brilhante demais para ser vista a olho nu, muito embora a propulsão quântica tivesse sido cuidadosamente alinhada a fim de que a maior parte de seu escape de radiação não atingisse Thalassa.

Semana após semana, mês após mês, ela foi lentamente se apagando, embora mesmo nas ocasiões em que se deslocava pelo céu diurno ainda fosse fácil de encontrar quando se sabia ao certo para onde olhar. Durante a noite, por anos, ela foi freqüentemente a mais brilhante de todas as estrelas.

Mirissa a viu pela última vez um pouco antes da sua visão falhar. Por alguns dias a propulsão quântica, agora tornada inofensiva pela distância, devia ter sido apontada diretamente para Thalassa.

Encontrava-se então a quinze anos-luz de distância, mas seus netos não tinham dificuldade em apontar a estrela azul de terceira grandeza que brilhava sobre as torres de vigília da barreira eletrificada anti-scorp.

56. ABAIXO DA INTERFACE

Eles ainda não eram inteligentes, mas possuíam a curiosidade que constituía o primeiro passo ao longo da estrada interminável.

Como muitos dos crustáceos que um dia tinham florescido nos oceanos da Terra, podiam sobreviver fora d'água por períodos indefinidos. Até os últimos séculos, contudo, houvera pouco incentivo em fazê-lo, com as grandes florestas de algas provendo todas as suas necessidades. As folhas longas e delgadas forneciam alimentos, e os talos resistentes eram a matéria-prima para seus artefatos primitivos.

Eles possuíam apenas dois inimigos naturais. Um era um imenso peixe do mar profundo, felizmente muito raro, pouco mais do que um par de mandíbulas vorazes ligadas a um estômago nunca satisfeito. O outro era uma venenosa geléia pulsante, forma móvel dos gigantes pólipos que algumas vezes cobriam o leito marinho com a morte, deixando um deserto descorado em sua esteira.

À parte excursões esporádicas através da interface ar-água, os scorps poderiam muito bem passar sua existência inteira no mar, perfeitamente adaptados ao seu ambiente. Diferentes das formigas e cupins, eles ainda não haviam penetrado num dos becos sem saída da evolução. Ainda podiam responder à mudança.

E a mudança, embora ocorrendo ainda numa pequena escala, havia de fato chegado àquele mundo oceânico. Coisas maravilhosas vinham caindo do céu. E de onde elas vinham devia existir mais. Quando estivessem prontos, os scorps sairiam em busca delas.

Não havia nenhuma pressa particular no universo atemporal do mar thalassiano. Muitos anos ainda se passariam antes que eles fizessem seu primeiro assalto sobre aquele elemento alienígena, do qual seus batedores haviam contado tão estranhos relatos.

Eles jamais poderiam adivinhar que outros batedores estivessem falando sobre eles, e quando avançaram, não poderiam ter escolhido uma ocasião pior.

Tiveram a má sorte de emergir em terra firme exatamente durante o segundo mandato, inconstitucional, mas extremamente competente, do presidente Owen Fletcher.

IX SAGAN 2

57. AS VOZES DO TEMPO

A nave estelar *Magalhães* ainda se encontrava a apenas algumas horas-luz de distância quando Kumar Lorensen nasceu, mas seu pai ainda dormia, e só iria receber a notícia trezentos anos depois.

Ele chorou ao pensar que seu sono sem sonhos tinha abrangido toda a vida de seu primeiro filho. Quando conseguia enfrentar o suplício, ele observava os registros que aguardavam por ele nos bancos de memória. Poderia então ver seu filho crescer até se tornar adulto, e ouvir sua voz enviando saudações através dos séculos. Saudações que jamais poderia responder.

E veria também (não havia meio de evitar) o lento envelhecer da mulher há muito morta, que ele tivera em seus braços há apenas uma semana atrás. Seu último adeus lhe chegava de lábios há muito transformados em pó.

A tristeza, embora profunda, logo passaria. A luz de um novo sol enchia o céu adiante, logo haveria outro nascimento, num mundo que já arrastava a nave estelar *Magalhães* para sua órbita final.

Um dia toda a dor cessaria, mas nunca a lembrança.

CRONOLOGIA (ANOS TERRESTRES)

1956 Detecção do neutrino

1967 Anomalia nos neutrinos solares descoberta.

2000 Destino do sol confirmado

2100 Sondas interestelares

2200

2300 Robôs semeadores projetados

2400 Semeadura iniciada

2500 (Embriões)

2600 (Código DNA)

2751 Semeadora parte para Thalassa

2800

2900

2999 Último milênio

3000 Thalassa

3100

3109 Primeiro pouso

3200

Senhores

Nascimento da nação

100

3300

dos últimos

Contato com a Terra

200

3400

Dias

Mt. Krakān em erupção

300

3600

Êxodo final

Contato perdido

300

3617

Nave estelar Magalhães

Stasis

3620
Fim da Terra

3827
Magalhães chega

718

3829
Magalhães parte

720

4135
Sagan 2

1026

NOTA BIBLIOGRÁFICA

A primeira versão deste romance, um conto de 12.500 palavras, foi escrita entre fevereiro e abril de 1957 e posteriormente publicada na Revista IF (EUA) de junho de 1958 e na *Science Fantasy* (Reino Unido) em junho de 1959. Ela pode ser mais facilmente localizada em minhas antologias da Harcourt Brace, Javanovich, *O outro lado do céu* (1958) e *Do oceano e das estrelas* (1962).

Em 1979 eu transformei o tema numa curta sinopse de filme, publicada na revista *OMNI* (v. 3, n.º 12, 1980). Esta sinopse foi publicada em minha antologia ilustrada *O sentinela* (Byron Preiss/Berkley, 1984), juntamente com uma introdução explicando sua origem e o modo inesperado pelo qual ela levou à criação e filmagem de 2070: *Odisséia no espaço II*.

Este romance, a terceira e última versão da história, foi iniciado em maio de 1983 e terminado em junho de 1985.

1.º de julho de 1985 Colombo, Sri Lanka.

AGRADECIMENTOS

A primeira sugestão de que as energias do vácuo poderiam ser usadas para propulsão parece ter sido feita por Shinichi Seike em 1969. ("Veículo espacial elétrico quântico", 8.º Simpósio sobre Ciência e Tecnologia Espacial em Tóquio.)

Dez anos depois, H.D. Froning, da McDonnell Douglas Astronautics, apresentou a idéia na conferência de estudos interestelares da Sociedade Interplanetária Britânica (Londres, setembro de 1969), seguindo-se dois trabalhos: "Exigências propulsivas para um Ramjato interestelar quântico" (*JBIS*, v. 33, 1980) e "Investigação de um Ramjato quântico para vôo interestelar" (*AIAA* 81-1534, 1981.)

Ignorando-se os incontáveis inventores de "propulsões espaciais" não específicas, a primeira pessoa a ter usado a idéia em ficção parece ter sido o Dr. Charles Sheffield, cientista-chefe da Earth Satellite Corporation. Ele discute a base teórica para a propulsão quântica em seu romance *As crônicas de McAndrew* (revista *Analog*, 1981, Tor, 1983) chamando-a de "propulsor a energia de vácuo".

Um cálculo reconhecidamente ingênuo de Richard Feynman sugere que cada centímetro de vácuo contém energia bastante para ferver todos os oceanos da Terra. Outra estimativa, por John Wheeler, fornece um valor 79 ordens de grandeza *maior*. Quando dois dos maiores físicos do mundo divergem numa pequena questão de 79 zeros, pode-se desculpar um certo ceticismo da parte do resto de nós. Entretanto, é interessante imaginar que o vácuo dentro de uma lâmpada comum contém energia suficiente para destruir a Galáxia, e talvez com um pequeno esforço extra, o Cosmos.

No que se espera seja um artigo histórico ("Extraíndo energia elétrica do vácuo por coesão de condutores laminados", *Revista de Física*, v. 30 B, p. 1700-1702, agosto 1984), o Dr. Robert L. Forward, dos Laboratórios de Pesquisa Hughes, demonstrou que pelo menos uma diminuta fração desta energia pode ser aproveitada. Se ela puder ser controlada com finalidades propulsoras por alguém além dos escritores de ficção científica, os problemas referentes meramente à engenharia do vôo interestelar ou mesmo intergaláctico seriam resolvidos.

Mas talvez não. Eu sou extremamente grato ao Dr. Alan Bond por sua detalhada análise matemática do escudo necessário para a missão descrita neste romance, e por sugerir que um cone rombudo seria a forma mais vantajosa. Pode-se revelar que o fator de limitação de altas velocidades em vôos interestelares não seja a energia e sim a ablação da massa do escudo por grãos de areia e sua evaporação por prótons.

A história e a teoria do "elevador espacial" podem ser encontradas em meu discurso ao Congresso da Federação Internacional de Astronáutica em Munique, 1979: "O Elevador Espacial: Uma idéia imaginativa ou a chave para o Universo?" (Reimpresso em *Avanço da tecnologia espacial nas aplicações voltadas para a Terra*, v. 1, n.º 1, 1981, pp. 39-48 e *Ascensão à órbita*, John Wiley, 1984). Também desenvolvi a idéia no romance *As fontes do paraíso* (Del Rey, Gollancz, 1978).

Os primeiros experimentos neste sentido, envolvendo cargas sendo baixadas até a atmosfera desde o ônibus espacial, penduradas em linhas de cem quilômetros de comprimento, deverão ter começado quando este romance estiver sendo publicado.

Minhas desculpas a Jim Ballard e J. T. Frazer por roubar o título de seus livros bem diferentes para o meu capítulo final.

Minha gratidão especial ao Diyawadane Nilame e seus assistentes do Templo do Dente, em

Kandy, por gentilmente me convidarem à Câmara da Relíquia, numa era de agitações.

SOBRE O AUTOR



Arthur C. Clarke nasceu em Minehead, Somerset, Inglaterra, em 1917, e se graduou no *Kings College* de Londres, onde obteve honras de primeira classe em Física e Matemática. Foi presidente da Sociedade Interplanetária Britânica, membro da Academia de Astronáutica da Sociedade Astronômica Real e muitas outras organizações científicas. Como oficial da RAF durante a Segunda Guerra Mundial, foi encarregado dos primeiros radares de orientação de pousos durante sua fase experimental. Seu único romance de não-ficção científica, *Glide Path*, baseia-se nesta experiência.

Autor de cinquenta livros, alguns com mais de vinte milhões de cópias impressas, em mais de trinta idiomas, recebeu inúmeros prêmios, incluindo o Prêmio Kalinga de 1961, o prêmio científico da AAAS Westinghouse, o Prêmio Bradford Washburn e os prêmios Hugo, Nebula e John W9 Campbell, tendo ganho estes três últimos por seu romance *Encontro com Rama*.

Em 1968 dividiu com Stanley Kubrick uma indicação para o Oscar pelo roteiro de *2001: Uma odisséia no espaço*, e sua série de TV, *O mundo misterioso de Arthur C. Clarke*, tem sido exibida em muitos países. Uniu-se a Walter Cronkite durante a cobertura dos vôos Apolló pela rede de televisão CBS.

Sua invenção do satélite de comunicações em 1945 trouxe-lhe inúmeras honras, tais como o Marconi International Fellowship em 1982, a medalha de ouro do Instituto Franklin, o professorado Vikran Sarabhai no Laboratório de Pesquisas Físicas de Ahmedabad, e o título de Membro do King's College de Londres. O presidente de Sri Lanka o nomeou recentemente reitor da Universidade de Moratuwa, perto de Colombo.

- ^[1] No jargão da ficção científica o termo *space-opera* (ópera espacial) não costuma ser traduzido. Ele se refere a histórias de aventuras mirabolantes no espaço, no estilo de *Guerra nas estrelas*. (N. do T.)
- ^[2] Clarke aqui faz uma referência ao relógio dos teóricos do apocalipse nuclear, no qual meia-noite representa o fim do mundo. (N. do T.)
- ^[3] A versão de 1962, com Marlon Brando, chamou-se "*O grande motim*", já a de 1984, com Mel Gibson, foi "*The Bounty*". É impossível dizer qual delas os personagens do livro viram. (N. do T.)
- ^[4] Contato com inteligências extraterrenas. (N. do T.)
- ^[5] Referência aos nativos da Indonésia que adoraram os aviões e os produtos levados pelos americanos durante a Segunda Guerra Mundial. Consideravam-nos produtos dos deuses. (N. do T.)
- ^[6] Marimbondo-caçador, no Brasil. (N. do T.)